



UNIVERSIDADE
ESTADUAL de LONDRINA

ISABELA RODRIGUES VIEIRA

1, 2, 3, 4, 5, 1.000, BOLSONARO É O MITO DO BRASIL?
A (DES)CONSTRUÇÃO DO *MITO* SALVADOR EM CHARGES
ANTI-BOLSONARO



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

CENTRO DE LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

ISABELA RODRIGUES VIEIRA

1, 2, 3, 4, 5, 1.000, BOLSONARO É O MITO DO BRASIL?
A (DES)CONSTRUÇÃO DO *MITO* SALVADOR EM CHARGES
ANTI-BOLSONARO

Londrina

2026

ISABELA RODRIGUES VIEIRA

1, 2, 3, 4, 5, 1.000, BOLSONARO É O MITO DO BRASIL?

A (DES)CONSTRUÇÃO DO *MITO* SALVADOR EM CHARGES ANTI-BOLSONARO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Área de concentração: Estudos da Linguagem

Linha de pesquisa: Estudos do Texto/Discurso

Orientadora: Profa. Dra. Isabel Cristina Cordeiro

Coorientador: Prof. Dr. Paulo Eduardo Ramos

Londrina

2026

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

VIEIRA, Isabela Rodrigues.

1, 2, 3, 4, 5, 1.000, Bolsonaro é o mito do Brasil? : A (des)construção do mito salvador em charges anti-Bolsonaro / Isabela Rodrigues VIEIRA. - Londrina, 2026.
267 f.

Orientador: Isabel Cristina Cordeiro.

Coorientador: Paulo Ramos.

Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2026.

Inclui bibliografia.

1. Charge - Tese. 2. Discurso - Tese. 3. Governo Bolsonaro - Tese. I. Cordeiro, Isabel Cristina . II. Ramos, Paulo. III. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. IV. Título.

CDU 8

1, 2, 3, 4, 5, 1.000, BOLSONARO É O MITO DO BRASIL?

A (DES)CONSTRUÇÃO DO *MITO* SALVADOR EM CHARGES ANTI-BOLSONARO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Área de concentração: Estudos da Linguagem

Linha de pesquisa: Estudos do Texto/Discurso

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Isabel Cristina Cordeiro
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Coorientador: Prof. Dr. Paulo Eduardo Ramos
Universidade Federal de São Paulo - Unifesp

Prof. Dr. João Marcos Mateus Kogawa
Universidade Federal de São Paulo - Unifesp

Prof. Dra. Eveline Coelho Cardoso
Universidade do Estado do Rio de Janeiro –
UERJ

Prof. Dra. Maria Isabel Borges
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof. Dra. Rosemeri Passos Baltazar Machado
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, ____ de _____ de 2026.

Ao meu pai, que me ajudava nas tarefas escolares, que me conduzia a todos os lugares onde eu desejava estar, que me presenteou com minha primeira história em quadrinhos e que sempre carregou orgulho no olhar.

À sua memória e ao seu amor constante, dedico este trabalho, que só foi possível graças à sua presença, ao seu incentivo e à certeza de que você nunca me deixou desistir.

AGRADECIMENTOS

No primeiro ano de mestrado, o professor Sandro Luis Silva, de metodologia, nos disse que o processo de pesquisa é solitário, pois exige de nós uma dedicação e um tempo que, nem sempre, é fácil de conceber. Todavia, apesar de, realmente, existir essa solidão, há aqueles que compartilharam esses quatro anos ao meu lado.

Primeiramente, gostaria de agradecer à professora Isabel, minha querida orientadora, por ter acreditado em mim e em minha pesquisa. Muito obrigada pelas considerações, pelo cuidado e pelo apoio. Paulo, meu coorientador, é até difícil encontrar palavras para expressar minha gratidão. Aprendi muito mais do que pesquisar contigo. Você me ensinou, mesmo que de forma indireta, a ser uma pessoa e uma professora melhor. Obrigada por, antes mesmo de minha aprovação, ter aceitado continuar a me orientar.

Aos membros da banca. Ao João, pela generosidade nas correções, pelos ensinamentos e por, desde as aulas no mestrado, despertar em mim um interesse ainda maior por esta área. À Eveline, pela leitura atenta e pelas valiosas contribuições, as quais foram fundamentais para aprimorar a minha tese. À Rose, por ser exemplo de profissional e por ser inspiração constante de mulher e de pesquisadora. Por fim, e não menos importante, à Bel, a quem devo de maneira especial este percurso. Agradeço por ter insistido em mim e por me mostrar um caminho que, até então, não imaginava ser possível. Obrigada.

À minha mãe, Sonia, por sempre rezar por mim. Por seu amor, por seu cuidado diário em cada detalhe. Obrigada por ser luz nos meus dias escuros. Amo você.

Ao meu pai, Jamil, que me fazia assistir à novela para “relaxar a cabeça”, que salvava notícias as quais poderiam me ajudar na “tarefa do doutorado”. Obrigada pelos conselhos, pelas broncas e pelos incontáveis cafés. Onde quer que esteja, estará para sempre em meu coração.

Ao meu irmão, Leonardo. Você é a minha maior inspiração. Obrigada por me ensinar a persistir e a ter confiança em quem sou.

Ao meu namorado, amigo, parceiro de pesquisa, de trabalho e de tantas outras caminhadas da vida, Rodolfo. Tudo o que eu poderia escrever parece pequeno diante do que sinto. Registro aqui apenas minha profunda gratidão por te ter ao meu lado. Compartilhar a vida contigo já é, por si só, motivo suficiente para agradecer: você torna tudo mais leve, mais prazeroso e mais aconchegante. Obrigada.

À minha dupla de estudos, Carla. Obrigada por, desde a graduação, se fazer presente nos melhores e nos piores momentos (não só da academia). Obrigada por ser o meu alicerce emocional e por caminhar comigo em cada etapa desta jornada.

À Naibi e à Maitê, um agradecimento especial. Mesmo sem estarem diretamente envolvidas, vocês foram cruciais para que esta pesquisa se concretizasse. Obrigada pelas conversas, pelos desabafos, pelas risadas e por me ensinarem, todos os dias, a ter paciência.

Por fim, gostaria de agradecer à minha irmã do coração, Maria Vitória. Saiba que você é a minha *pessoa*. Obrigada por ser quem é.

*Ai do pastor imprestável! Ai do pastor que
abandona o rebanho que lhe foi confiado!
Que a espada da justiça fira o seu braço,
e fure o seu olho direito! Eis que seu
braço secará por inteiro, e o seu olho
direito ficará completamente em trevas!*

Zacarias, 11:17

VIEIRA, Isabela Rodrigues. **1, 2, 3, 4, 5, 1.000, Bolsonaro é o mito do Brasil? A (des)construção do *mito* salvador em charges anti-bolsonaro.** 267 folhas. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2026.

RESUMO

Durante as eleições presidenciais de 2018, os apoiadores do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro passaram a chamá-lo de *mito*, como uma figura que pudesse salvar o Brasil, especificamente, do Partido dos Trabalhadores. Para a Análise do Discurso de linha francesa, nenhum processo discursivo é neutro, logo percebemos que há uma construção ideológica de como a figura de Bolsonaro é retratada pelo meio social, principalmente por parte de seus seguidores. Afinal, para eles, o *mito* é visto como *messias*, um ser salvacionista. Dessa forma notamos que há vestígios do *ethos* do discurso pastoral. Nesse viés, podemos trazer o conceito de Foucault (2014) sobre poder pastoral, o qual determina que o pastor deve conhecer o seu rebanho e se sacrificar por ele com o intuito de salvá-lo. Ao associarmos, por sua vez, esse conceito dado pelo autor, com o discurso proferido pelos apoiadores de Bolsonaro, desde o processo eleitoral de 2018, vemos que as instâncias ideológicas que atravessam a palavra *mito* se referem a essa ideia de poder pastoral. Charaudeau (2008) nos mostra que o *ethos* – imagem do sujeito dentro do meio social – pode ser dividido, basicamente, em uma identidade discursiva e uma identidade social. A social é, para o teórico, aquela em que o sujeito tenta a todo custo mascarar o seu discurso predominante, algo comum na política. Nesse contexto, os candidatos buscam convencer a população de que o seu discurso é o mais próximo da verdade. Para isso, acabam mascarando, forçando uma imagem que, nem sempre, é a que condiz com o seu discurso dominante, ou seja, com sua identidade discursiva. Atrelado a esses elementos, podemos relembrar o *slogan* de campanha de Bolsonaro, o qual unia o discurso religioso ao político: “Deus acima de tudo, Brasil acima de todos”. Dessa forma, podemos questionar: será que Bolsonaro compartilhava, de fato, com os dizeres cristãos ou apenas estava tentando vender uma imagem de *messias*? Será que essa imagem de salvador permaneceu durante todo o seu governo? Será que esse discurso foi o responsável por determinar o *ethos* de Bolsonaro como mito? Pensando nesses questionamentos, a presente tese tem como objetivo geral analisar como se dá a (des)construção do mito/do messias em charges brasileiras anti-Bolsonaro durante todo o processo de governo presidencial, entre 2018 e início de 2023, por meio das formações discursivas e ideológicas propostas pela Análise do Discurso de linha francesa. Como há muitas charges que foram publicadas ao longo desses cinco anos e meio, precisamos criar um processo metodológico a fim de delimitar o *corpus*. Assim, o nosso primeiro passo foi o de definir uma Formação Discursiva específica. Como foco da tese era o de analisar a convergência e a divergência do *ethos* de Bolsonaro, entendemos que seria relevante apresentar charges que fossem anti-Bolsonaro. Dessa maneira, o segundo passo foi o de restringi-lo um pouco mais. Logo, partimos de séries enunciativas que abordassem os discursos polêmicos que envolveram a imagem de Bolsonaro. Afinal, gostaríamos de entender se a imagem construída no período eleitoral se manteve a mesma após eleito. Ao todo, são quatro séries: *Deus, pátria, família*; *Ele deu uma facada e girou*; *Pintou um clima*; *O 08 de janeiro se configura como um golpe de Estado? Eu acho que não*. Para cada série, selecionamos quatro charges que não fossem do mesmo autor, pois queríamos diversos olhares para verificar o processo da materialização do discurso. Para isso, utilizamos Pêcheux (1988; 2014), Foucault (2014; 2016) e Courtine (2014) para refletirmos sobre os conceitos centrais da AD francesa; Barthes (2002) e Miguel (1998) para compreendermos a percepção de mito nos estudos da linguagem; Teixeira (2005) e Possenti (2018) para conceitualizarmos o humor; Romualdo (2000), Riani-Costa (2001), Ramos (2016) e Miani (2023) para embasar a análise crítica dos quadrinhos; Charaudeau (2008), Maingueneau (2008) e Amossy (2015) para definirmos o *ethos* discursivo.

Palavras-chave: Mito. Bolsonarismo. Materialização discursiva. Discurso pastoral. Charge.

VIEIRA, Isabela Rodrigues. 1, 2, 3, 4, 5, 1.000, Is Bolsonaro Brazil's myth? The (de)construction of the savior myth in anti-Bolsonaro political cartoons. 267 pages. Doctoral Dissertation (Doctorate in Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2026.

ABSTRACT

During the 2018 Brazilian presidential elections, supporters of former president Jair Messias Bolsonaro began referring to him as a “myth,” portraying him as a figure capable of saving Brazil, particularly from the Workers’ Party (Partido dos Trabalhadores). Within the framework of French Discourse Analysis, no discursive process is neutral; thus, it becomes evident that there is an ideological construction shaping how Bolsonaro’s figure is represented in the social sphere, especially by his followers. For them, the “myth” is perceived as a messianic, salvific being. In this sense, traces of the ethos of pastoral discourse can be identified. Drawing on Foucault’s (2014) concept of pastoral power—according to which the pastor must know his flock and sacrifice himself in order to save it—we argue that the ideological instances traversing the word “myth” in the discourse of Bolsonaro’s supporters since the 2018 electoral process evoke this notion of pastoral authority. Charaudeau (2008) posits that ethos—the image of the subject within the social sphere—may be broadly divided into discursive identity and social identity. The latter, according to the author, refers to the subject’s attempt to mask their predominant discourse, a common practice in political contexts. In this scenario, candidates seek to persuade the population that their discourse is the closest to truth. To do so, they often construct and project an image that does not necessarily correspond to their dominant discourse, that is, to their discursive identity. Closely related to these elements is Bolsonaro’s campaign slogan, which intertwined religious and political discourse: “God above all, Brazil above everyone.” This raises several questions: Did Bolsonaro genuinely share Christian principles, or was he merely attempting to construct and market a messianic image? Did this image of savior persist throughout his administration? Was this discourse responsible for shaping Bolsonaro’s ethos as a “myth”? In light of these questions, the general objective of this dissertation is To analyze how the myth/messiah is (de)constructed in Brazilian anti-Bolsonaro political cartoons throughout the entire presidential term, from 2018 to early 2023, through the discursive and ideological formations proposed by the French tradition of Discourse Analysis. Given the large number of cartoons published over this five-and-a-half-year period, it was necessary to establish a methodological procedure to delimit the corpus. The first step consisted of defining a specific Discursive Formation. Since the focus of the study is the convergence and divergence of Bolsonaro’s ethos, we selected cartoons explicitly critical of him. The second step involved further restricting the corpus by organizing it into enunciative series addressing controversial discourses associated with Bolsonaro’s public image. Our aim was to understand whether the image constructed during the electoral period remained consistent after his election. Four enunciative series were established: “God, fatherland, family”; “He stabbed and twisted”; “There was a vibe”; and “Is January 8 configured as a coup d’état? I don’t think so.” For each series, four cartoons by different authors were selected in order to ensure diverse perspectives and to examine the processes through which discourse is materialized. The theoretical framework draws on Pêcheux (1988; 2014), Foucault (2014; 2016), and Courtine (2014) to discuss central concepts of French Discourse Analysis; Barthes (2002) and Miguel (1998) to address the notion of myth in language studies; Teixeira (2005) and Possenti (2018) to conceptualize humor; Romualdo (2000), Riani-Costa (2001), Ramos (2016), and Miani (2023) to ground the critical analysis of comics; and Charaudeau (2008), Maingueneau (2008), and Amossy (2015) to define discursive ethos.

Keywords: Myth. Bolsonarism. Discursive materialization. Pastoral discourse. Political cartoon.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Manifestantes pedem por intervenção militar após eleição de 2022	23
Figura 2 – Manifestantes pedem por voto impresso após eleição de 2022.....	23
Figura 3 – Manifestantes oram por conta do resultado da eleição de 2022	24
Figura 4 - Facada de Bolsonaro	37
Figura 5 - Infográfico sobre a saúde de Bolsonaro	39
Figura 6 – Procurador Delton Dallagnol mostrando o <i>Power Point</i> de acusação de Lula	57
Figura 7 – <i>Power Point</i> apresentado no processo de investigação do Lava Jato	58
Figura 8 - Publicação do Instituto Lula	59
Figura 9 – <i>Power Point</i> de Lula livre	60
Figura 10 - Slogan de campanha - Bolsonaro	63
Figura 11 - <i>Fake news</i> divulgadas pelo <i>whatsapp</i>	68
Figura 12 – Caricatura de Psy feita por Anthony Geoffray	78
Figura 13 - Psy em <i>Gangnam Style</i>	79
Figura 14 – Caricatura de Dilma Rousseff feita por Amarildo	79
Figura 15 - Dilma Rousseff.....	80
Figura 16 – Cena <i>Vingadores</i>	90
Figura 17 - Exemplo de cartum	91
Figura 18 - Página da Folha de S. Paulo	108
Figura 19 - Repercussão da charge nas redes sociais I	110
Figura 20 - Repercussão da charge nas redes sociais I	111
Figura 21 - Repercussão da charge nas redes sociais III	112
Figura 22 - Explicação de Jean Galvão	114
Figura 23 – Manifestações Bolsonaristas I	122
Figura 24 - Manifestações Bolsonaristas II	123
Figura 25 - Manifestações Bolsonaristas III	123
Figura 26 - Manifestações Bolsonaristas IV	124
Figura 27 – Chamada para a Retomada do Poder	125
Figura 28 – A liberdade guiando o povo, Delacroix.....	128
Figura 29 – Triângulo	160
Figura 30 – Triângulo adaptado.....	165
Figura 31 – Manifestação de 2013	194
Figura 32 - Manifestações de 2020	194
Figura 33 -Tradução de <i>Demolidor</i>	197
Figura 34 - Arma gigante durante a Marcha para Jesus	200
Figura 35 - Facada	225
Figura 36 - Brinquedo de corda	251

LISTA DE CHARGES

Charge 1 – Charge censurada em 2020.....	83
Charge 2 – Charge continuada de Gilmar	86
Charge 3 – Charge continuada de Cristiano Siqueira	87
Charge 4 – Texto de humor	99
Charge 5 – Humor como crítica I	102
Charge 6 – Humor como crítica II	103
Charge 7 – Humor como crítica III	104
Charge 8 – Humor como crítica IV.....	105
Charge 9 – Charge polêmica e condenada pelo público.....	109
Charge 10 – Manifestação do dia 08 de janeiro.....	121
Charge 11 – Exemplo de recuperação discursiva na charge	131
Charge 12 – Exemplo de construção do sujeito discursivo na charge	137
Charge 13 – Exemplo dos conceitos de esquecimento e de Relação de Força	141
Charge 14 – O Sujeito e o Outro exemplificados na charge	145
Charge 16 – Coronavírus, vacina, CPI e Bolsonaro	155
Charge 17 – Poder pastoral.....	163
Charge 18 – Materialização do discurso de bem	175
Charge 19 – 80 tiros	181
Charge 20 – Significante, significado e signo	185
Charge 21 – Eleições 2018	189
Charge 22 - Cores como efeito de sentido	192
Charge 23 - Exemplo de pré-construído	199
Charge 24 - Explicação na charge.....	201
Charge 25 - Série enunciativa I – Deus, pátria e família I	205
Charge 26 - Charge modificada para análise.....	207
Charge 27 - Série enunciativa I – Deus, pátria e família II	209
Charge 28 - Charge alterada para análise II.....	211
Charge 29 - Série enunciativa I – Deus, pátria e família III	213
Charge 30 - Charge adaptada para análise III	216
Charge 31 - Série enunciativa I – Deus, pátria e família IV.....	221
Charge 32 - Charge modificada para análise IV	223
Charge 33 - Série enunciativa II - Facada I	226
Charge 34 - Recorte da charge	228
Charge 35 - Recorte e modificação da charge para análise	229
Charge 36 - Série enunciativa II - Facada II	230
Charge 37 - Série enunciativa II - Facada IV	233
Charge 38 - Série enunciativa II - Facada V	235
Charge 39 - Charge modificada para análise.....	237
Charge 40 - Charge modificada para análise II.....	239
Charge 41 - Série enunciativa IV - Pintou um clima I.....	240
Charge 42 - Série enunciativa IV - Pintou um clima.....	241

Charge 43 - Série enunciativa IV - Pintou um clima III	242
Charge 44 - Série enunciativa IV - Pintou um clima IV	243
Charge 45 - Série enunciativa VI - Ato golpista? I	247
Charge 46 - Série enunciativa VI - Ato golpista? II	250
Charge 47 - Série enunciativa VI - Ato golpista? III	253
Charge 48 - Série enunciativa VI - Ato golpista?	254

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Séries enunciativas	35
Tabela 2 – Série enunciativa: Deus, pátria e família	41
Tabela 3 - Série enunciativa: <i>Ele deu uma facada e girou</i>	42
Tabela 6 - Série enunciativa; <i>Pintou um clima</i>	43
Tabela 8 - Série enunciativa: <i>O 8 de janeiro preenche os requisitos para um golpe de Estado? Eu acho que não</i>	44
Tabela 9 - Plano de Segurança Pública - PT (2003 - 2015)	61
Tabela 10 – Diagnóstico Nacional realizado pelo IDEIA Big Data em 2018	66
Tabela 11 - Semelhanças e diferenças entre cartum, charge e caricatura	95
Tabela 12 – Comparação do porte de arma antes e durante governo Bolsonaro... ..	179
Tabela 13 – Mudança do porte de arma durante o governo Lula	183
Tabela 14 – Concepção de Barthes	187

LISTA DE INFOGRÁFICOS

Infográfico 1 – Perfil do eleitorado de Bolsonaro	72
Infográfico 2 – Perfil do eleitorado de Bolsonaro II	73
Infográfico 3 - Perfil do eleitorado de Bolsonaro III	74
Infográfico 4 - Perfil do eleitorado de Bolsonaro IV	75

MAPA METODOLÓGICO

Mapa metodológico 1 – Processo de análise.....	46
Mapa metodológico 2 - Processo de análise.....	46

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	17
CAPÍTULO I - MITO, MESSIAS, SALVACIONISTA: CONSTRUÇÃO OU DESCONSTRUÇÃO DO MITO?	32
1.1 PROCESSOS METODOLÓGICOS	33
1.2 O GOVERNO BOLSONARO.....	48
PARTE I - CONSTRUÇÃO DO MITO	76
CAPÍTULO II - HUMOR, RISO E CRÍTICA: LINGUAGEM E O DISCURSO DAS CHARGES	77
2.1 A CONSTRUÇÃO DA CHARGE	77
2.2 CHARGE E DISCURSO HUMORÍSTICO	96
PARTE II - (DES)CONSTRUÇÃO DO MITO.....	118
CAPÍTULO III - MITO, MESSIAS: AS POSIÇÕES-SUJEITO	119
3.1 IDEOLOGIA E SUJEITO.....	121
3.2 CONSTITUIÇÃO DO ETHOS DISCURSIVO.....	143
3.3 PODER, DIREITO E VERDADE	152
CAPÍTULO IV - A MATERIALIDADE DISCURSIVA E A CONSTRUÇÃO DO MITO....	167
4.1 O MITO ELEITORAL X O MITO ELEITO.....	167
4.2 O MITO EM BOLSONARO.....	184
4.3 AS CORES, A MEMÓRIA DISCURSIVA E O PRÉ-CONSTRUÍDO.....	190
PARTE III - BOLSONARO É O MESSIAS DO BRASIL?	203
CAPÍTULO V - MITO SALVADOR?	204
5.1 SÉRIE ENUNCIATIVA I: <i>DEUS, PÁTRIA E FAMÍLIA</i>	204
5.2 SÉRIE ENUNCIATIVA: <i>ELE DEU UMA FACADA E RODOU</i>	225
5.3 SÉRIE ENUNCIATIVA IV: <i>PINTOU UM CLIMA</i>	239
5.4 SÉRIE ENUNCIATIVA VI: <i>O 8 DE JANEIRO PREENCHE OS REQUISITOS PARA UM GOLPE DE ESTADO? EU ACHO QUE NÃO</i>	246
CONCLUSÃO.....	257
REFERÊNCIAS	261

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“Parto dos gritos de ‘mito’ da massa embrutecida para interpretar Bolsonaro como uma criatura mitológica feita de todos os nossos crimes. Ele é rigorosamente isto. Se fôssemos enumerar todas as violências que constituíram e constituem o que chamamos de Brasil, elas estão todas representadas e atualizadas em Bolsonaro.”

Eliane Brum

Ao longo do processo eleitoral de 2018, o então candidato à presidência, Jair Messias Bolsonaro, obteve apoio de diversos brasileiros. Esses apoiadores – os quais ficaram conhecidos, posteriormente, como bolsonaristas¹ - passaram a chamar o candidato de *mito* e isso se tornou uma espécie de grito, de aclamação, que o seguiu em suas aparições públicas. Aliás, há registros de que, ainda como deputado federal do Rio de Janeiro, ao desembarcar no Japão em fevereiro de 2018, ter sido ovacionado por um grupo de brasileiros que o aguardavam em Hamamatsu. “O deputado foi recebido com um coro que gritava ‘mito’ e ‘1, 2, 3, 4, 5, 1000, queremos Bolsonaro como presidente do Brasil’” (Poder 360, 2018, [p.i.]). Na ocasião, o deputado federal Onyx Lorenzoni, o qual integrava a comitiva de Bolsonaro, ainda relatou que “os brasileiros se manifestaram com muito carinho, com muita esperança a respeito da futura candidatura dele e pedindo para que ele arrume o Brasil” (Poder 360, 2018, [p.i.]).

Segundo Santos (2017, [p.i.]), “Messias é o nome do meio de Jair Bolsonaro. Mas o termo poderia ser escrito entre aspas, qualificando o sentimento que muitos apoiadores têm em relação a ele”. Ao partirmos da concepção de que não existe uma neutralidade discursiva, notamos que Bolsonaro é visto e representado por seus seguidores, como se fosse, de fato, um messias da nação, o mito que poderia “salvar” o Brasil.

Na Análise do Discurso (AD) de linha francesa, arcabouço teórico que pautará esta tese, Pêcheux (1988) nos traz a concepção das instâncias ideológicas, as quais são responsáveis por determinar o que pode e deve ser pensado dentro de uma

¹ No Datafolha de 2022, o termo foi usado para designar a parte radical e extrema da direita. Aqui, usamos o termo para nos referirmos aos apoiadores de Bolsonaro durante as eleições de 2018 e de 2022.

conjuntura dada, configurando, assim, uma Formação Ideológica (FI). Ao refletirmos sobre a ação dos apoiadores, a palavra *mito* remete a uma Formação Discursiva (FD), entendida como aquilo que pode e deve ser dito, afinal ela irá refletir e determinar um efeito de sentido. Nesse caso, tem-se a percepção ideológica religiosa de uma figura salvacionista.

Foucault (1999) propõe os conceitos de poder, de direito e de efeitos de verdade, os quais funcionam como um triângulo. O poder está atrelado ao direito pela maneira como a sociedade é colocada e movimentada, assim, se há algum líder, haverá os seus “súditos”, aqueles que o seguem. Já o poder e os efeitos de verdade funcionam a partir das instituições, seja pelos discursos que são obrigados a (re)produzir, seja por movimentos em que se tornam vitimados sem a devida consciência. Afinal:

para assinalar simplesmente, não o próprio mecanismo da relação entre poder, direito e verdade, mas a intensidade da relação e sua constância, digamos isto: somos forçados a produzir a verdade pelo poder que exige essa verdade e que necessita dela para funcionar, temos de dizer a verdade, somos coagidos, somos condenados, a confessar a verdade ou encontrá-la (Foucault, 1999, p. 29).

O poder, dessa forma, é visto como decorrente de ações sobre ações. Foucault (1999) apresenta, ainda, a concepção do poder disciplinar para substituir o poder pastoral, o religioso. Esse poder determina que o pastor deve conhecer o seu rebanho e se sacrificar por ele com o intuito de salvá-lo. Ao recuperarmos o discurso dos apoiadores de Bolsonaro durante o processo eleitoral, as instâncias ideológicas que atravessam a palavra *mito* remetem para esse poder pastoral, pois dele emerge, discursivamente, um messias. Paralelamente, o discurso do próprio Bolsonaro também traz esse valor de ser visto como salvador. Em sua própria campanha, já era possível vermos as palavras “Deus acima de tudo” e, ainda, falas constantes fazendo referência às passagens bíblicas, como “e conheci a verdade, e a verdade vos libertará”, presente no versículo 8:32 de João. Podemos, inclusive, pensar que um dos motivos da associação de *mito* como salvador, como messias, se dá por grande parte de seus apoiadores não só partilharem de uma mesma Formação Discursiva (compartilharem os mesmos dizeres), mas por serem, majoritariamente, evangélicos, católicos. Ou seja, esses seguidores, os bolsonaristas, são cristãos. Logo, quando uma figura política traz a religião como foco de seus dizeres, ele acaba “ganhando” essa parcela da sociedade a qual possui os mesmos pensamentos, a mesma

idealização de como deve ser regido o Brasil. Nesse caso, partindo dessa concepção, eles desejavam que o nosso país tivesse um Messias, em letra maiúscula, simbolizando a ideia de um Salvador, tal qual a figura divina.

Já em 2019, quando Jair Messias Bolsonaro assume a presidência em janeiro, essa instância só aumenta por parte de seus seguidores. Dessa maneira, percebemos que a construção ideológica de mito continuou após o candidato ser eleito presidente. Assim, durante o governo Bolsonaro, em março de 2020, a pandemia do novo coronavírus teve início no Brasil, tendo a primeira morte, segundo o *site* oficial do Governo (Gov.br), no dia 17 de março. Para interromper a propagação do vírus, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou estado máximo de emergência e, dentre as recomendações exigidas, uma foi a de manter o isolamento social. Nas primeiras semanas de Covid-19 no país, houve muitas incertezas em relação à real necessidade desse isolamento.

Nesse período, o presidente Bolsonaro procurava minimizar a doença, referindo-se a ela como sendo “fantasia” (dia 10 de março), uma “histeria” equivocada (dia 17 de março) e uma “gripezinha” (dia 20 de março) (Congresso em Foco, 2020). Ademais, enquanto governadores e Ministério da Saúde defendiam a reclusão social e reafirmavam a importância de se manter em casa para evitar o contágio, Bolsonaro sinalizava um posicionamento contrário em atos e em falas. Um exemplo é a sua participação em mais de um encontro com os apoiadores, sem o uso de máscara facial de proteção, além de demonstrar ser conivente com aglomerações públicas. De acordo com a *CNN Brasil*, em maio de 2020, o ex-presidente e a sua filha mais nova, Laura, desceram a rampa do planalto, sem máscara, para acenar para os manifestantes que estavam criticando o Supremo Tribunal Federal (STF) e o congresso². Durante a fala, Bolsonaro ainda afirmou que “sabemos os efeitos do vírus, mas infelizmente muitos serão infectados e perderão suas vidas também, mas é uma realidade que temos que enfrentar” (CNN Brasil, 2020, [p.i]).

Antes dessa ocasião, no dia 29 de março de 2020 (mês em que a OMS fez o alerta sobre a pandemia e solicitou que a população ficasse em quarentena), as principais redes sociais excluíram postagens de Bolsonaro, as quais mostravam o então representante do país conversando com vendedor ambulante, indo ao mercado,

² Tal ato aconteceu um dia após o depoimento do ex-ministro Sérgio Moro à Polícia Federal. Segundo o G1 (2020, [p.i.]), “o depoimento do ex-ministro foi motivado por inquérito aberto pelo ministro Celso de Mello, do Supremo Tribunal Federal (STF), a pedido da Procuradoria Geral da República, a fim de apurar se Bolsonaro tentou interferir politicamente na Polícia Federal”.

o que causava aglomeração, assim foi contra as orientações de autoridade de saúde (CNN Brasil, 2020, [p.i.]). Ainda de acordo com a *CNN Brasil*, Bolsonaro, ao longo dos vídeos, defendia que as pessoas deveriam voltar ao trabalho e cita a medicação hidroxicloroquina como um possível tratamento para a doença, no entanto os estudos não mostravam uma eficácia para a Covid-19. Um dos motivos principais para a exclusão dos vídeos foi o fato de as redes *Instagram*, *Twitter* e *Facebook* entenderem “que o conteúdo veiculado violou termos de uso dos serviços, que proíbem publicações contrárias à saúde pública ou que coloquem em risco as pessoas” (CNN Brasil, 2020, [p.i.]).

Segundo os dados da OMS, publicados no *site* oficial do Governo (Gov.br), em outubro de 2020, já havia registros de mais de 43 milhões de casos e 1,2 milhão de mortes pela Covid-19 no mundo. Desses, o Brasil registrou 182 mil óbitos confirmados, superado, apenas, pelos Estados Unidos. Ao final de 2020, a possibilidade de vacina passou a ser uma realidade. Dentre os pesquisadores, o Instituto Butantan produziu, em parceria com o laboratório chinês Sinovac, a CoronaVac, que obteve a compra negada por Bolsonaro. De acordo com a *CNN Brasil*, o presidente respondeu, inclusive, a um comentário na rede social *Facebook* de uma seguidora confirmando e afirmando a não compra da vacina advinda da China: “Presidente, a China é uma ditadura, não compre essa vacina, por favor. Eu só tenho 17 anos e quero ter um futuro, mas sem interferência da ditadura chinesa”, escreveu o seguidor. Bolsonaro respondeu: “não será comprada” (CNN Brasil, 2020, [p.i.]).

Além da CoronaVac, conforme Guedes (2021), em agosto de 2020, o laboratório Pfizer fez uma oferta ao governo brasileiro, colocando à disposição cerca de 70 milhões de doses para serem entregues em dezembro daquele mesmo ano. Além dessa tentativa, o ex-secretário de comunicação, Fabio Wajngarten, afirmou que ignorava as propostas, assim como foi feito com a do Butantan. A negociação formal também foi ignorada pelo presidente e pelo Ministro da Economia, Paulo Guedes. De forma geral:

O governo brasileiro recusou onze ofertas formais de fornecimento de vacinas contra a Covid. O método do Ministério da Saúde para dizer não sempre foi o de ignorar as propostas. O número leva em conta apenas os episódios em que há comprovação documental da omissão governamental e já é de conhecimento dos senadores que vão compor a CPI. O placar deve crescer ao longo das investigações, já que um dos objetivos da comissão é apontar no relatório final o número de vezes em que o governo disse não à única solução para prevenir a doença (Guedes, 2021, [p.i.]).

O governo não só negou a vacina, como também, em diversos pronunciamentos, mostrou-se contrário ao processo de vacinação. Dentre os comentários emitidos por Jair Messias Bolsonaro, podemos destacar os mais polêmicos que repercutiram de forma negativa no meio social (Lopes, 2022, [p.i.]):

- “Como sempre, eu nunca fugi da verdade, eu te digo: eu não vou tomar vacina. E ponto final. Se alguém acha que a minha vida está em risco, o problema é meu. E ponto final” (15 dez. 2020);
- “Se você virar um jacaré, problema de você. Se você virar super-homem, se nascer barba em alguma mulher aí ou algum homem começar a falar fino, eles não vão ter nada a ver com isso. O que é pior: mexer no sistema imunológico das pessoas. Como é que você pode obrigar alguém a tomar uma vacina que não se completou a terceira fase ainda, que está na experimental?” (17 dez. 2020);
- “Eu tive a melhor vacina: o vírus” (23 dez. 2020);
- “Vocês sabem quantos por cento da população vai tomar vacina? Pelo o que eu sei, menos da metade vai tomar” (7 jan. 2021);
- “Quando eu falei do remédio lá atrás, levei pancada. Nego bateu em mim até não querer mais. Entrou na pilha da vacina. O cara que entra na pilha da vacina, só a vacina, é um idiota útil. Nós devemos ter várias opções” (11 fev. 2021);
- “E eu pergunto: a vacina tem comprovação científica ou está em estado experimental ainda? Está [em estado] experimental. Nunca vi ninguém morrer por tomar hidroxiclороquina, em especial na região amazônica” (09 jun. 2021).

Como Bolsonaro assume uma posição de sujeito de superioridade no país, por ocupar o cargo de presidência, notamos que há uma problemática nas falas por dois fatores: primeiro, como a população, assumindo o papel de inferioridade, devido às relações de poder, irá contrariar essa figura? Segundo, como foi a aceitação de tais enunciados por parte dos apoiadores? Logo, essas falas reforçam tanto a relação de poder do presidente na sociedade que determina quando e como a sociedade receberá os cuidados contra a doença, assim como gera uma verdade em seu discurso ao ponto de os seus seguidores a verem como algo inquestionável, como

algo que deve ser seguido, sem hesitar e sem questionar. O que reforça, uma vez mais, o discurso religioso. Afinal, seguindo os princípios de Foucault (1999), nesse tipo de discurso, a fala que é vista como única, verdadeira e inquestionável é a do messias. E esse mesmo processo acontece por parte dos bolsonaristas³ em relação ao presidente.

Fora de um contexto pandêmico, em 2022, ocorreu uma nova eleição. Dentre os candidatos à presidência, destacaremos dois nomes que foram os pontos centrais de discussão e a divisão de dois polos discursivos que se materializaram dentro da sociedade. Pêcheux (1988) diz que, quando nos determinamos, automaticamente, determinamos o outro. Logo, se há os apoiadores de Bolsonaro, também há a oposição que foi construída e nomeada pelo meio social como a esquerda. Pensando nisso, a dualidade da política e da sociedade se deu por meio de duas figuras: o, até então, ex-presidente Luíz Inácio Lula da Silva⁴ e o presidente Jair Messias Bolsonaro.

Os dois candidatos ficaram à frente no primeiro turno e disputaram juntos o segundo. Obtendo a vitória com 50,90% dos votos válidos, Lula assume o cargo de presidente da República em janeiro de 2023. Apesar da decisão da maioria, apoiadores de Bolsonaro não aceitaram o resultado e tomaram as ruas, bloqueando rodovias federais com o intuito de cancelar o resultado eleitoral. Segundo Junqueira (2022), passadas quase vinte e quatro horas, o ministro do Supremo Tribunal Federal Alexandre de Moraes determinou o desbloqueio das rodovias. Porém, mesmo com tal determinação, as rodovias seguiram paralisadas. Além disso, como uma forma de protestar e de repudiar o resultado, os manifestantes passaram a exigir a volta da intervenção militar no país, conforme ilustram as Figura 1, 2 e 3:

³ Para este trabalho, adotamos o termo bolsonaristas ao invés de direita ou extrema-direita, uma vez que, conforme os estudos de Pêcheux, formou-se uma verdade discursiva no meio social que determina esses grupos serem intitulados, automaticamente, dessa forma.

⁴ Lula ocupou o cargo de presidente do Brasil pela primeira vez em 2003 e foi reeleito em 2007. Já em 2023, assumiu novamente o posto.

Figura 1 – Manifestantes pedem por intervenção militar após eleição de 2022



Fonte: O Tempo, 2022.⁵

Figura 2 – Manifestantes pedem por voto impresso após eleição de 2022



Fonte: O Tempo, 2022.⁶

⁵ Disponível em: <https://www.otempo.com.br/brasil/no-feriado-da-proclamacao-manifestantes-pedem-intervencao-no-qg-de-brasil-1.2766573>

⁶ Disponível em: <https://www.otempo.com.br/brasil/no-feriado-da-proclamacao-manifestantes-pedem-intervencao-no-qg-de-brasil-1.2766573>

Figura 3 – Manifestantes oram por conta do resultado da eleição de 2022



Fonte: O Tempo, 2022⁷.

As três figuras mostram discursos advindos da figura de Bolsonaro. A primeira reforça a manifestação favorável de Bolsonaro em relação à Ditadura Militar⁸ que, em suas falas, reforça como uma ação positiva na sociedade. A segunda mostra o flerte do presidente com os Estados Unidos ao trazer a frase “S.O.S *armed forces*”, como também enfatiza as suas falas que, diversas vezes, afirmavam uma fraude eleitoral no Brasil por meio das urnas eletrônicas e, inclusive, mencionou em vários momentos a volta do voto impresso. A terceira, por sua vez, mostra mais uma vez o discurso religioso presente e associado com a sua figura de governante. É como se fossem uma única coisa: governo e religião. Como vemos de forma nítida em seu *slogan* de campanha: “Deus acima de tudo, Brasil acima de todos”. Aliás, que o catolicismo – religião defendida por Jair Bolsonaro – e que o evangélico – apoiada por Michelle Bolsonaro, Damares Alves e Silas Malafaia⁹ - fossem associados ao governo bolsonarista. Logo, os dois discursos se tornaram um, reforçando, novamente, o discurso pastoral do messias e dos súditos.

⁷ Disponível em: <https://www.otempo.com.br/brasil/no-feriado-da-proclamacao-manifestantes-pedem-intervencao-no-qg-de-brasil-1.2766573>

⁸ O período ditatorial do Brasil ocorreu entre 1964 e 1985 foi marcado por um governo autoritário, o qual teve início no dia 31 de março de 1964 após um golpe de Estado, que depôs João Goulart. O momento histórico, por sua vez, caracterizou-se por tortura, por violência física e mental (que levou a morte milhares de brasileiros), por censura e por suspensão de direitos políticos.

⁹ Michelle Bolsonaro é esposa de Jair Bolsonaro; Damares Alves era Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos entre 2019 e 2022; Silas Malafaia foi um grande aliado de Bolsonaro durante o seu governo. Segundo *CNN Brasil*, em 2025, organizou manifestação em defesa da anistia e conta o STF.

Ao considerarmos, então, os contextos do processo eleitoral de 2018, o mandato de Bolsonaro, a pandemia e a eleição de 2022, e a fim de compreendermos a forma como se dá, discursivamente, o processo de construção da figura de mito do ex-presidente Bolsonaro, partiremos da concepção de Pêcheux (1988), que mostra a impossibilidade de existir um sujeito sem ideologia, ou uma ideologia sem sujeito, pois sempre haverá uma interpelação e uma constituição sócio-histórica. Logo, consideramos que todo sujeito é atravessado por uma ideologia e, a partir dela, constitui-se o sujeito discursivo e ideológico por meio de um contexto sócio-histórico dado, o qual chamaremos de Condições de Produção (CPs). Ao olharmos para o contexto eleitoral, são as instâncias ideológicas que atravessavam o meio social que determinaram Bolsonaro como mito. No entanto, será que, ao longo de seu mandato, por outros contextos, ao mudarmos as CPs, a forma de representar e de ressignificar o mito permanece?

De acordo com Amossy (2015), o *ethos* é responsável pela imagem que o receptor (quem recebe o discurso) cria do sujeito devido às instâncias ideológicas e ao contexto sócio-histórico. Dessa forma, quando pensamos na figura de Bolsonaro, vemos que há dois possíveis *ethos*: a de Salvador e a de Genocida. Os que veem o ex-presidente pelo olhar de Salvador são os seus apoiadores, aqueles que, de fato, depositaram toda a sua fé para que pudesse salvar o Brasil da corrupção e do Partido dos Trabalhadores. Por outro lado, os que o veem como Genocida, o enxergam como a figura presidencial que foi responsável pela morte de diversos brasileiros ao longo de seu mandato. Assim sendo, vemos que a construção e a determinação do *ethos* depende de vários fatores. Depende da FD e da FI do sujeito, depende de uma Condição de Produção... Logo, podemos, também, questionar se a concepção do *ethos* em Bolsonaro permanece a mesma ao longo dos anos.

É inegável que estamos cercados por notícias e por reportagens que retratam os acontecimentos da sociedade, desde um acidente no trânsito a uma pandemia mundial, por exemplo. Dentro desse meio, temos a charge - que será lida aqui como um dos gêneros das histórias em quadrinhos, conforme defende Ramos (2016) -, a qual podemos definir como “um desenho humorístico sobre o fato real ocorrido recentemente na política, economia, sociedade, esportes etc.” (Riani-Costa, 2001, p. 47). Assim, esse gênero recria um fato, uma notícia, de forma ficcional. De acordo com Ramos (2016), os políticos costumam ser uma grande fonte de inspiração para os cartunistas e não é à toa que esses quadrinhos tendem a aparecer, nos jornais,

nas sessões de política ou de opinião. É necessário, ainda, considerarmos que, apesar de o jornal impresso e o *on-line* serem um lugar em que esse texto comumente aparece, atualmente, as redes sociais também são uma forma de propagá-las.

Como foi dito, o ex-presidente Bolsonaro, em seus pronunciamentos e em suas ações, demonstrou posicionamentos contrários a essa relação de salvador. Por conta disso, diversas charges recriaram a postura de Bolsonaro ao longo de seu mandato. Deste modo, para a tese, pretendemos entender como a (des)construção do mito é formada durante todo o seu período como presidente, a fim de perceber se há uma mudança na forma como é vista/representada a figura presidencial. O intuito da pesquisa é, então, analisar as possíveis mudanças discursivas e ideológicas dentro de diversas Condições de Produção.

Por se tratar de um assunto que faz parte e determina diversos aspectos do funcionamento da sociedade, já existem estudos na área das ciências humanas que abordam a figura de Bolsonaro e do seu governo. Mas, nos estudos linguísticos, há poucas dissertações e teses que trabalham com essa temática: materialidade do discurso de Bolsonaro em charges.

Mesmo sendo poucas, iremos mencionar três pesquisas produzidas nos programas de Letras nas universidades brasileiras. A primeira é uma dissertação que foi intitulada como *O bolsonarismo da esfera pública: uma análise foucaultiana sobre os conceitos de pós-verdade, fake news e discurso de ódio presentes nas falas de Bolsonaro* (2020), de Cris Guimarães Cirino Silva, da Universidade Federal do Amazonas. A proposta era, a partir da Análise do Discurso de linha francesa, especificamente os estudos de Foucault, refletir como se constituem os discursos de ódio, *fake news* e pós-verdade nos enunciados produzidos por Jair Messias Bolsonaro durante os anos de 2013 e 2019. Para realizar a análise, Silva utilizou, principalmente, as redes sociais para verificar a regularidade discursiva. Em suas considerações finais, a autora diz que não foi possível, de fato, chegar a uma conclusão, pois o discurso “é a linguagem que desliza, que altera sentidos, que produz significados, que apreende ideologias” (Silva, 2020, p. 111). Logo, notamos a importância de uma continuidade dos estudos linguísticos a respeito desse tema.

A segunda dissertação é da Universidade Federal Rural de Pernambuco, com o título *A reprodução discursiva do poder e o contradiscurso: o “cidadão de bem” em discursos do presidente da República e de antibolsonaristas* (2021), de Dayane Raphaëlle de Souza. A pesquisa visou averiguar como a representação social do

“cidadão de bem” – presente no discurso eleitoral de 2018 – é (re)produzida na figura de representante da República. Além, é claro, de como isso se materializou dentro da sociedade. Afinal, como já foi dito, há os apoiadores que seguiram fielmente as falas de Bolsonaro e a oposição que era contra esses dizeres. Souza (2021), inclusive, afirma que tal discurso do “cidadão de bem” determinou, dentro do meio social, pelo grupo bolsonarista, quem eram as pessoas consideradas boas e as ruins. Para fundamentar e realizar a análise, a autora utilizou os Estudos Críticos do Discurso propostos por Van Dijk. Nas considerações, Souza (2021) percebeu que, dentro do discurso presidencial, prevalece:

[...] a vitimização do cidadão de bem e a reiteração das forças militares como primordiais para a segurança da sociedade, a despeito de crescente necessidade de reflexão acerca dos excessos policiais. Nesse discurso, porém, as Forças Armadas não recebem apoio dos Três Poderes para o exercício eficiente de sua função. Já no discurso de oposição, são classes assalariadas e de trabalho informal que ganham destaque, estas, inferiorizadas pelo cidadão de bem, que as agride verbal e fisicamente (Souza, 2021, p. 90).

Ademais, a autora enfatiza a repetição de um discurso heroico, como se a figura presidencial fosse salvar o país de alguma situação, no caso, como foi dito nos pronunciamentos de Bolsonaro, salvar do Partido dos Trabalhadores (PT) que já estava no cargo de representante da República desde 2003. Atrelado a isso, “em seus textos escritos, agentes de Segurança Pública e o próprio presidente agem em defesa do cidadão de bem, enquanto extragrupos e participantes de extragrupos regularmente desempenham papel de ameaça” (Souza, 2021, p. 90), mostrando, novamente, a constância da divisão ideológica social de quem é do “bem” e do “mal” pelas escolhas políticas.

Por fim, temos a pesquisa *Ideologia, história e relações discursivas: uma análise do discurso de posse presidencial de Jair Bolsonaro* (2020), de Jessica Dametta Cruz, da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Por intermédio da teoria da Análise do Discurso, visou, pela Semântica Argumentativa, analisar o discurso de posse presidencial com o intuito de verificar os mecanismos de elaboração do *ethos* dentro daquela fala. De maneira geral, a autora percebeu que há uma certa polarização discursiva que emerge na forma como é vista a figura do presidente: ora como salvacionista, ora como oposto disso. Já em sua conclusão, perceberemos uma semelhança com o que foi apresentado no trabalho de Souza (2021).

Enfatiza-se a soberania da nação, da qual fazem parte somente aqueles indivíduos cujos interesses coincidam com os interesses do Presidente e, em um sentido mais amplo, com a visão de uma direita idealizada. Isso porque os valores e princípios do presidente, nesse contexto, expressam os valores e princípios do povo e representam a vontade universal do homem (Cruz, 2020, p. 84).

Assim, percebemos, pelas pesquisas listadas, que há uma regularidade nas falas de Bolsonaro, desde o seu processo eleitoral à sua posse no cargo de presidente da construção de ser o salvador, bem como o de separar a sociedade como alguém “correto”, desde que siga o que foi dito por ele. Novamente, mostrando-nos o quão forte é o discurso pastoral nas falas e na postura da figura presidencial. Sabemos que há pesquisas que já abordam sobre a percepção de mito em Bolsonaro, no entanto o nosso olhar para essa concepção pode contribuir para a área acadêmica, pois, assim como as que já existem, a nossa também pode trazer um impacto na sociedade. Afinal, buscamos mostrar e refletir sobre acontecimentos que fazem parte da nossa história.

A partir disso, na presente tese, temos como objetivo geral:

- analisar como se dá a (des)construção do mito/do messias em charges brasileiras anti-Bolsonaro durante todo o processo de governo presidencial, entre 2018 e início de 2023, por meio das formações discursivas e ideológicas propostas pela Análise do Discurso de linha francesa.

De forma geral, a pesquisa busca responder, principalmente, a algumas questões:

- I. de que maneira as relações de poder, propostas por Foucault (2014; 2016), materializam-se discursivamente na figura de Jair Bolsonaro a partir da charge?
- II. como se dão as concepções de mito para a Análise do Discurso, discutidas por Barthes (2002), e como se relacionam com a figura do presidente?
- III. como a linguagem dos quadrinhos, proposta por Romualdo (2000), por Riani-Costa (2001), por Ramos (2016) e por Miani (2023), contribui para a construção da materialidade discursiva do ser mito?

Para analisarmos a materialidade discursiva presente nas charges e como elas (des)constroem a figura do mito/do messias do presidente, estabelecemos os seguintes objetivos específicos:

- a) verificar as regularidades discursivas nas charges e como elas (re)produzem diferentes efeitos de sentido;
- b) analisar se o *ethos* discursivo de Bolsonaro permanece o mesmo ao longo dos anos de seu mandato e como isso se materializa nas charges;
- c) sistematizar como a linguagem dos quadrinhos contribui para o entendimento da charge e de que maneira se relaciona com a Análise do Discurso.

De modo geral, a pesquisa busca analisar e compreender o processo de desconstrução de mito/de messias na figura de Bolsonaro. Portanto, temos como hipótese que as Condições de Produção determinam diferentes atravessamentos e constituições de sujeito a partir de uma Formação Discursiva em comum: a antibolsonarista (anti-Bolsonaro). Por conta disso, existiria um novo olhar para esse mito/messias, algo que fugiria da concepção religiosa e do poder pastoral.

Para a análise, selecionamos dezesseis charges que estão vinculadas ao período de governo Bolsonaro, com início no processo eleitoral (2018), uma vez que, assim como mencionado, foi o momento em que já havia indícios de associar a figura de Bolsonaro como mito/messias. Até início do ano de 2023, ano que não foi reeleito como presidente do Brasil e, por conta disso, houve uma manifestação relevante para a nossa pesquisa por parte dos apoiadores, os quais invadiram e banalizaram o Planalto. Dessa forma, serão cinco anos e meio em que a sociedade teve a imagem de Bolsonaro associada com a de representante da República. É essencial traçarmos essa linearidade a fim de percebermos como se deram mudanças na construção e na desconstrução de mito/de messias. Como há muitas charges que atravessam esses cinco anos e meio, partimos de séries enunciativas: “Deus, pátria e família”, “Ele deu a facada e girou”, “Pintou um clima” e “O 8 de janeiro preenche os requisitos para um golpe de Estado? Eu acho que não”.

A seleção se deu a partir dos pontos centrais e considerados polêmicos pelo meio social que envolviam a figura de Bolsonaro. Além disso, são situações que

atravessaram todos os anos de governo, algo que, ao nosso olhar, era pertinente para a tese. Afinal, não queríamos analisar o mito como messias *apenas* no contexto de 2019, por exemplo, quando foi eleito. Pelo contrário. O nosso propósito era o de ver se esse mito permanecia o mesmo durante todo o seu governo. Começando pelas eleições de 2018, atravessando um contexto de pandemia, de muitas mortes, de revolta social e de um novo processo eleitoral. De modo geral, destacamos, ainda que partimos de uma Formação Discursiva contra Bolsonaro. Assim, todas as charges presentes na tese são de vieses discursivos que não compartilham do mesmo pensamento do ex-presidente. Em primeira instância, consideramos trazer charges que fossem tanto pró, quanto contra. Contudo, vimos, com o andar da pesquisa, que esse percurso não nos levaria ao objetivo central da tese. Por conta disso, realizamos ajustes na seleção do *corpus*, a partir dessa delimitação de FD.

Com o intuito de atingirmos tais objetivos, a pesquisa foi dividida em três partes: *Construção do Mito*, *(Des)construção do Mito* e *Desconstrução ou Construção do Mito*? O motivo da separação se deu a partir das charges que complementam a presente pesquisa. Afinal, além das charges que compuseram o nosso *corpus*, optamos por trazer outros gêneros quadrinísticos ao longo de toda a pesquisa, a fim de exemplificar os elementos teóricos. Ademais, essas charges também realizaram, de certa forma, o processo de construir e de desconstruir a figura do mito. Seja por conta dos diferentes atravessamentos discursivos, seja pela divergência do *ethos*.

Antes dessa divisão, porém, após esse capítulo introdutório, temos o Capítulo I, *Mito, messias, salvacionista: construção ou desconstrução do mito?* que abordou os processos metodológicos, o passo a passo para realizarmos o recorte do *corpus*, bem como as justificativas de escolha das charges que aparecem ao longo de toda a tese. Na sequência, falamos sobre o Governo Bolsonaro, sobre a carreira militar e elencamos os possíveis motivos que o fizeram chegar ao cargo de Representante da República. Na primeira parte, o Capítulo II, *Humor, riso e crítica: a linguagem e o discurso das charges*, trouxemos as características da charge, a diferença entre alguns gêneros quadrinísticos pertinentes para o nosso trabalho, além de uma discussão sobre o que entendemos como humor e como ele está relacionado dentro da charge. A segunda parte, por sua vez, inicia-se com o Capítulo III, *Mito, messias: as posições de sujeito em Bolsonaro*. Nele, apresentamos os conceitos bases da Análise do Discurso (AD) de linha francesa e, na sequência, no Capítulo IV, *A materialidade discursiva e a construção do mito*, fazemos a ligação das duas teorias:

a linguagem crítica dos quadrinhos com a AD francesa. Por fim, na última parte, o Capítulo V, *O mito é messias ou é genocida*, temos a análise das charges.

CAPÍTULO I

MITO, MESSIAS, SALVACIONISTA:

CONSTRUÇÃO OU DESCONSTRUÇÃO DO MITO?

Eu sou o bom-pastor. Conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas conhecem a mim, como o meu Pai me conhece e eu conheço o Pai. Dou a minha vida pelas minhas ovelhas

São João, 10: 14-15

Para traçarmos a metodologia desta pesquisa, partimos do princípio de que, dentro dos estudos voltados para a Análise do Discurso de cunho francês, não há, de fato, uma forma metodológica pronta e, conseqüentemente, não existe um modelo pré-definido que pode ser aplicado. Assim, cabe ao autor, ao longo de sua pesquisa, desenvolver uma maneira de realizar a análise do seu *corpus* a partir, é claro, de seu objeto de pesquisa e da teoria adotada. Por isso, este capítulo apresentará os critérios adotados para a seleção das charges e como se deu a análise. Portanto, o presente capítulo foi dividido em dois. Primeiramente, faremos a apresentação de como se deu a escolha das charges, como foi o processo da análise e o porquê da aparição de outras ao longo da tese. O segundo subcapítulo, por sua vez, consiste em falar sobre a trajetória política de Bolsonaro. Afinal, como o nosso objetivo é o de (des)construir a percepção de mito visto como messias, como salvador, precisamos, antes de tudo, compreender de onde veio essa concepção e se ela já existia antes dele, de fato, ocupar o cargo de presidente. Além disso, assim como falamos de forma breve na introdução, há vários atravessamentos discursivos que vão contra esse olhar de salvacionista. Por isso, é mais do que necessário revisitarmos alguns momentos importantes da nossa história e da vida do ex-presidente.

1.1 PROCESSOS METODOLÓGICOS

Conforme Ramos (2016) e Riani-Costa (2001), as charges são textos críticos e tendencialmente humorísticos que abordam aspectos da sociedade a partir de uma situação específica. Por conta dessa característica, é comum aparecerem as figuras políticas nesse gênero. Dessa forma, desde o processo eleitoral de 2018, é perceptível que há a materialização dos discursos que envolvem a figura de Bolsonaro e, também, há a própria figura de Bolsonaro. Em outras palavras, desde 2018, tem-se a presença de charges que abordam tanto os enunciados proferidos pelo ex-presidente, como a representação imagética dele por meio de caricaturas, as quais apresentam traços que nos fazem associá-los com a sua imagem. Além desses dois vieses, também é perceptível a existência de charges que abordam os acontecimentos sociais que perpassam o governo Bolsonaro, como a questão da troca de ministros da educação e da saúde, dos casos envolvendo a busca pelo assassinato de Marielle Franco¹⁰, das *fakes news*, dentre outros.

Por conta da quantidade de charges que foram publicadas em cinco anos e meio que envolvem o governo (do processo eleitoral de 2018 a início de 2023 com a manifestação após eleição de Lula), de forma geral, torna-se inviável realizarmos uma análise de todas. Consequentemente, foi necessário fazer um recorte temático sobre o conteúdo presente nesse gênero. Para isso, o primeiro passo para a delimitação se deu em relação à temática. Assim, a fim de atingirmos o objetivo geral da pesquisa, decidimos por realizar o processo de série enunciativa. Segundo Courtine (2014, p. 132), podemos pensar na série como “um conjunto de *rituais* determinados que fazem parte das circunstâncias enunciativas dessa produção, no sentido de que esse conjunto produz a *representação imaginária*, a partir da qual se concebe a fala para os sujeitos concretos que vivem a situação”. Partindo desse pressuposto, o nosso primeiro passo foi definir uma Formação Discursiva (FD) “geral”. No caso, precisávamos pensar: “escolheremos charges que são pró ou contra a figura de Bolsonaro?” “Trabalharemos com os dois campos?” A princípio, realmente, optamos

¹⁰ Marielle Franco foi vereadora do Rio Janeiro, ativista e socióloga. Foi executada, junto de seu motorista, no dia 14 de março de 2018, a tiros, sendo configurado como um crime político e ataque à democracia. Em 2026, o Sistema Tribunal Federal condenou, de acordo com BBC Brasil (2026, p.i.), “Domingos Brazão; o ex-deputado federal Chiquinho Brazão, irmão de Domingos; o ex-chefe da Polícia Civil do Rio de Janeiro Rivaldo Barbosa; o major da Polícia Militar Ronald Alves de Paula; e o ex-policial militar Robson Calixto, assessor de Domingos”.

por dividir a tese em duas Formações Discursivas: uma anti-Bolsonaro e uma pró-Bolsonaro. Todavia, percebemos que por esse caminho não conseguiríamos chegar ao nosso objetivo. Por isso, optamos por seguir uma FD: a anti-Bolsonaro.

A decisão se deu pelo número de charges que compõem/atravessam esse campo discursivo. Notamos, pois, que os gêneros acabavam sendo de um mesmo autor, algo que não gostaríamos de limitar. Afinal, apesar de a AD francesa não levar em consideração a presença de quem produz o discurso, mas sim a sua materialidade, vimos que ficarmos “presos” a um chargista limitaria a nossa análise e o nosso objetivo, uma vez que queremos ver todo o processo de construção e de desconstrução da figura de Bolsonaro associada como mito e salvador.

Logo, optamos por definir uma FD: anti-Bolsonaro. A partir dela, pensamos na sequência discursiva apontada por Courtine (2014). Para isso, consideramos as falas polêmicas proferidas ou que envolvessem, de forma direta, devido ao seu posicionamento, a sua imagem. Portanto, decidimos por olhar, conferir e escolher discursos que foram repetidos, que marcaram e que definiram a forma sujeito de Bolsonaro. Em outras palavras, que tiveram a *representação imaginária*, conforme dito por Courtine (2014). Dessa forma, para atingirmos o objetivo desta pesquisa, resolvemos considerar os seguintes anos:

- 2018: ano eleitoral em que Bolsonaro se candidatou ao cargo de representante da República;
- 2019: primeiro ano de governo Bolsonaro;
- 2020: ano de pandemia da Covid-19
- 2021: ainda se configura como contexto pandêmico, aumento do número de mortes e início das vacinas;
- 2022: derrota de Bolsonaro para a reeleição do cargo;
- Início de 2023: ato do dia 08 de janeiro – marco importante na nossa história e que, apesar de não ter mais Bolsonaro como presidente, a ação aconteceu por vestígios de seus atos discursivos¹¹.

Por termos incontáveis charges que foram publicadas ao longo desses cinco anos e um mês, resolvemos, então, por, assim como dito antes, fazer uma seleção de falas polêmicas proferidas por Bolsonaro e por atravessamentos que materializaram

¹¹ Consideramos como um marco importante por ter sido um ato que feriu a democracia brasileira.

os bolsonaristas (apoiadores de Bolsonaro). A tabela a seguir, por sua vez, ilustra os discursos escolhidos e os seus respectivos motivos:

Tabela 1 – Séries enunciativas

Séries enunciativas
Discurso 1: Deus, pátria e família Consideramos, aqui, charges que tivessem o mesmo atravessamento do ideário de Bolsonaro. Vale ressaltar que tal discurso foi parte de campanha eleitoral e que formou uma representação imaginária da figura do ex-presidente e de seus apoiadores.
Discurso 2: <i>Ele deu uma facada e rodou</i> A segunda série enunciativa gira em torno da facada que Bolsonaro levou em 2018 durante o processo eleitoral. Tal ato não só teve uma repercussão nas eleições em que Bolsonaro assumiu o cargo, mas até hoje há discussões sobre a veracidade.
Discurso 3: <i>Pintou um clima</i> Durante uma entrevista em um <i>podcast</i>, em 2022, Bolsonaro relatou uma situação em que, enquanto passeava de moto, avistou três, quatro meninas venezuelanas ente 14 e 15 anos e afirmou ter “pintado um clima”, por isso pediu para entrar. “Eu pergunto: meninas bonitinhas de 14, 15 anos, se arrumando no sábado para quê? Ganhar a vida” (Bolsonaro, 2022, [p.i.]).
Discurso 7: <i>O 8 de janeiro preenche os requisitos para um golpe de Estado? Eu acho que não</i> Após as eleições de 2022, em 2023, com Lula assumindo o cargo de presidente, os apoiadores de Bolsonaro invadiram Congresso Nacional, o Palácio do Planalto e o Supremo Tribunal Federal (STF). Vale ressaltar que Bolsonaro, desde o resultado das primeiras, questionou os resultados eleitorais, afirmando ser uma fraude.

Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Há séries que serão de um ano específico, outras poderão ter charges de diferentes anos. A escolha dos enunciados se deu por meio da repercussão social, que acabou moldando uma representação imaginária de como seria a figura de Bolsonaro. Em “Deus, pátria e família”, assim como ilustrado na tabela, foi uma repetição constante ao longo de todo o governo. Isso é notório desde o processo

eleitoral de 2018, em que o slogan já apresentava um “flerte” com os ideais advindos do cristianismo como parte de campanha política. Tal associação ficou marcada não apenas em Bolsonaro, mas também em seus apoiadores. Por conta disso, criou-se a concepção de “cidadão de bem”. Podemos entender essa expressão adjetiva como aqueles que compartilham do mesmo atravessamento discursivo de Bolsonaro. Esse grupo também é considerado como parte do molde de família constituído, ideologicamente, pelos princípios cristãos: pai, mãe e filhos.

Já a segunda série trata de um acontecimento nas eleições de 2018. No dia 06 de setembro de 2018, de acordo com *G1*, durante ato de campanha em Juiz de Fora, “o candidato teve lesões nos intestinos delgado e grosso e passou por uma cirurgia que durou cerca de 2 horas e terminou por volta das 19h40”. “Inicialmente, um de seus filhos, o deputado estadual Flávio Bolsonaro, tinha afirmado que o ferimento era superficial, mas exame indicou a suspeita de uma lesão no fígado” (*G1*, 2025, [p.i.]), conforme mostram as imagens a seguir:

Figura 4 - Facada de Bolsonaro



Fonte: G1, 2018 [p.i.].

O ato repercutiu em toda a mídia e, de certa forma, foi um momento crucial para determinar o resultado das eleições, algo que abordaremos com mais profundidade no próximo subcapítulo. Segundo Teixeira (2025, [p.i.]), “de 16h às 18h do dia 6 setembro, o volume de referências a Bolsonaro chegou a 808,4 mil – alta de 2.500% em comparação com a hora anterior [...]. O tópico chegou aos *trending topics*¹² de 12 países. Ainda com base nesse portal, as *hashtags* mais utilizadas foram: #bolsonaropresidente17, #bolsonaro, #urgente e #forçabolsonaro. É necessário,

¹² *Trending topics* é quando uma informação viraliza mundialmente na plataforma X.

ainda, ressaltar que, após esse acontecimento, houve uma dualidade de narrativas: os apoiadores passam a lamentar o fato, a pedir orações por Bolsonaro e, principalmente, a culpar a esquerda; já a oposição, chegou a lamentar o ocorrido, mas passaram a acreditar fielmente que isso alavancou o favoritismo pelo até então candidato.

Por conta da facada, Bolsonaro foi afastado dos debates, incluindo no segundo turno com Fernando Haddad, do Partido dos Trabalhadores, o qual era seu forte oponente. Conforme Teixeira (2025, [p.i.]), o pesquisador da Universidade de São Paulo, Caio Barbosa, “entende que o episódio que consolidou Bolsonaro como candidato antissistema aos olhos do eleitorado. A interpretação, segundo ele, assumiu contornos ‘quase messinânicos’”.

Além de trazer essa questão da concepção de salvador – algo que iremos discutir posteriormente -, a facada continua sendo usada como ponto “favorável” para promover uma benevolência em relação à imagem de Bolsonaro, como se ele fosse visto como uma vítima. Tanto é que, mesmo após sete anos, o ato ainda é colocado como pauta para discussão, assim como é ilustrado a imagem:

Figura 5 - Infográfico sobre a saúde de Bolsonaro



Fonte: Poder 360, 2025, [p.i.].

Dessa forma, tanto o primeiro enunciado “Deus, pátria e família” quanto o segundo “Ele deu a facada e girou” são cruciais para compreendermos como se dá o processo de construção de mito como messias. Uma vez que, nos dois, as Condições de Produção determinaram essa imagem de Bolsonaro como messias/salvador.

O terceiro, “Pintou um clima”, ocorreu em 2022, ano de eleição, em que Bolsonaro estava tentando ser reeleito. Na ocasião, ele foi convidado para participar de um *podcast* e relatou o caso de quando avistou meninas venezuelanas em São Sebastião.

“Eu estava em Brasília, na comunidade de São Sebastião, se eu não me engano, em um sábado, de moto. Parei a moto em uma esquina,

tirei o capacete e olhei umas menininhas. Três, quatro. Bonitas. De 14, 15 anos. Arrumadinhas, num sábado, em uma comunidade. E vi que eram meio parecidas. Pintou um clima, voltei. Posso entrar na sua casa? Entrei. Tinha umas 15, 20 meninas, sábado de manhã, se arrumando, todas venezuelanas. E eu pergunto: meninas bonitinhas de 14, 15 anos, se arrumando no sábado para quê? Ganhar a vida”, contou Bolsonaro” (Richter, 2025, [p.i.]).

Assim como apontado anteriormente, não é a primeira vez que Bolsonaro profere discursos desvalorizando a mulher, a colocando como objeto. É o caso da filha, ao alegar que “teve uma fraquejada”, justificando o fato de ter tido uma mulher, ao invés de outro homem. O caso em questão, das venezuelanas, foi levado para a justiça, que entendeu a fala como “sofrimento e assédio”, tanto para as adolescentes quanto para a família, conforme Richter:

“A frase pintou um clima em referência a adolescentes, somada à inferência direta e maliciosa de que ganhar a vida se refere à exploração sexual ou à prostituição, objetifica as jovens, as sexualiza e insinua, de maneira inaceitável, uma situação de vulnerabilidade e disponibilidade sexual. Tal abordagem é, de modo flagrante, misógina, por vincular a aparência física feminina a uma conotação sexual pejorativa, e aporofóbica, ao associar a condição social de migrantes e a penúria econômica à suposta necessidade de prostituição”, diz trecho da decisão (Richter, 2025, [p.i.]).

Logo, o processo da desconstrução do mito torna-se mais evidente. Por fim, a última série gira em torno de um acontecimento específico, o ato de 08 de janeiro de 2023. Com o resultado das eleições de 2022, elegendo Luís Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores, como novo Representante da República, diversos apoiadores de Bolsonaro foram às ruas manifestar seu descontentamento por, uma vez mais, estarem fadados ao que consideram como o “maligno”, como o “culpado” pela decadência do Brasil. Após a posse de Lula, bolsonaristas invadiram e depredaram o Palácio do Planalto, o Congresso e o Supremo Tribunal Federal. “Repetindo acusações de Bolsonaro contra a confiabilidade das urnas eletrônicas, eles questionavam a legitimidade da eleição presidencial e pediam ‘intervenção militar’ em faixas” (Schreiber, 2024, [p.i.]). Dessa forma, vemos, aqui, como por parte dos apoiadores a ideia e a percepção de mito como salvador é tão forte que resolveram “se vingar”, buscando formas de recuperar o messias. Por conseguinte, compreendemos que esse ato é importantíssimo para entendermos como, apesar de os bolsonaristas verem Bolsonaro como messias, ainda ocorre a quebra de salvador.

Pois, novamente, podemos trazer o seguinte questionamento: como o extremismo faz parte de um discurso pastoral? Messiânico? Portanto, essa série visa compreendermos como se dá esse processo de desconstrução por meio dos apoiadores que repetem e reproduzem os mesmos dizeres de Bolsonaro.

A partir de cada enunciado de base, então, selecionamos charges que atravessassem esse discurso. Selecionamos quatro para cada série. Não focamos em um cartunista em específico, nem em uma plataforma em particular. Apenas buscamos aqueles trabalhos que fossem anti-Bolsonaro e que se enquadrassem no enunciado dado. Por sua vez, as tabelas a seguir mostram as informações gerais das charges selecionadas:

Tabela 2 – Série enunciativa: Deus, pátria e família

SÉRIE ENUNCIATIVA: Deus, pátria e família		
Chargista	Data de publicação	Local de publicação
Bruno Struzani	25 jun 2019	Página do <i>Instagram</i>
Toni D'Agostinho	14 maio 2020	Página do <i>Instagram</i>
Gilmar	24 jun 2021	Página do <i>Instagram</i>
Quinho	13 ago 2022	Página do <i>Instagram</i>

Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Grande parte foi retirada da plataforma do *Instagram*, pois, ao pesquisarmos o enunciado em questão, não encontramos um jornal em particular que publicou a charge. A parte interessante, aqui, são as mudanças dos anos. Como falado anteriormente, como foi parte de um slogan de campanha e uma concepção que girou e que determinou a posição de Bolsonaro, tal enunciado se propagou e se manifestou em diversos contextos ao longo do governo.

Tabela 3 - Série enunciativa: *Ele deu uma facada e girou*

SÉRIE ENUNCIATIVA: <i>Ele deu uma facada e rodou</i>		
Chargista	Data de publicação	Local de publicação
Santiago	18 set 2018	Brasil de Fato
João Montanaro	10 set 2018	Folha de S. Paulo
Renato Machado	15 set 2018	Folha de S. Paulo
Gilmar	16 abr 2021	Rádio Peão

Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Apesar de repetir, aqui, o local de publicação, isso não interfere no nosso resultado. Afinal, quando estávamos pesquisando e realizando o recorte do *corpus*, o nosso foco foi o de evitar a repetição, dentro de uma série, de quem produziu para que não ficasse apenas em um único olhar, a fim de que pudéssemos ter diferentes materialidades discursivas. Já a data de publicação é próxima, com exceção da última, devido ao enunciado de base.

Tabela 4 - Série enunciativa; *Pintou um clima*

SÉRIE ENUNCIATIVA: <i>Pintou um clima</i>		
Chargista	Data de publicação	Local de publicação
Quinho	15 out 2022	Perfil do <i>Instagram</i>
Bruno Struzani	16 out 2022	Perfil do <i>Instagram</i>
Triscila Oliveira e Leandro Assis	19 out 2022	Folha de S. Paulo
João Montanaro	17 out 2022	Folha de S. Paulo

Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Nessas séries, temos datas próximas de publicação devido ao enunciado de base que ocorreu em um contexto em específico. Porém, também entendemos que, nos dois casos, foram momentos cruciais para a quebra da percepção de mito como messias dentro dessa FD anti-Bolsonaro.

Tabela 5 - Série enunciativa: *O 8 de janeiro preenche os requisitos para um golpe de Estado? Eu acho que não*

SÉRIE ENUNCIATIVA: <i>O 8 de janeiro preenche os requisitos para um golpe de Estado? Eu acho que não</i>		
Chargista	Data de publicação	Local de publicação
Nando Motta	08 jan 2023	Perfil do <i>Instagram</i>
Clayton	09 jan 2023	O Povo
Helô D'Angelo	08 jan 2023	Perfil do X e do <i>Bluesky</i>
Renato Machado	08 jan 2023	Perfil do <i>Instagram</i>

Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Esta série, como apontado, é a única que não se passa ao longo do governo Bolsonaro, mas ela é vestígio ainda desse momento.

Em suma, um aspecto importante para a seleção se deu a partir de dois critérios elencados por Courtine:

Evitar separar *materialidade da língua* (um ou vários funcionamentos formais determinados) e *materialidade do discurso* (um conjunto de processos identificáveis no *corpus* discursivo), ao passo que uma tal separação é amplamente difundida em AD, sob a forma de uma dissociação forma do discurso/conteúdo do discurso;
Adotar, assim, a perspectiva do *funcionamento* de uma estrutura de língua, em discurso, como base de definição das entradas de um tratamento em AD. Essa perspectiva parece-nos preferível à posição que consiste numa determinação estatística como critério de seleção dos temas de discurso. Todo levantamento estatístico, por mais cuidadoso que seja, não pode evitar fazer da definição das entradas de um tratamento uma fase de *demografia discursiva* que ignora toda consideração do funcionamento do discurso (Courtine, 2014, p. 159).

Dessa forma, partimos de um enunciado de base para formar a série enunciativa. Assim como já foi abordado anteriormente, desde o processo eleitoral, há menções e associações de Jair Messias Bolsonaro com a denominação de *mito* e,

em alguns casos, como *messias*, os quais remetem diretamente para um discurso pastoral, como é definido por Foucault (1999). Durante a pandemia de Coronavírus, por exemplo, ao ser questionado pelo constante aumento no número de mortes, o ex-presidente fez um trocadilho com o seu sobrenome Messias, em que diz: “eu sou o Messias, mas não faço milagre”, trazendo-nos, assim, três aspectos importantes:

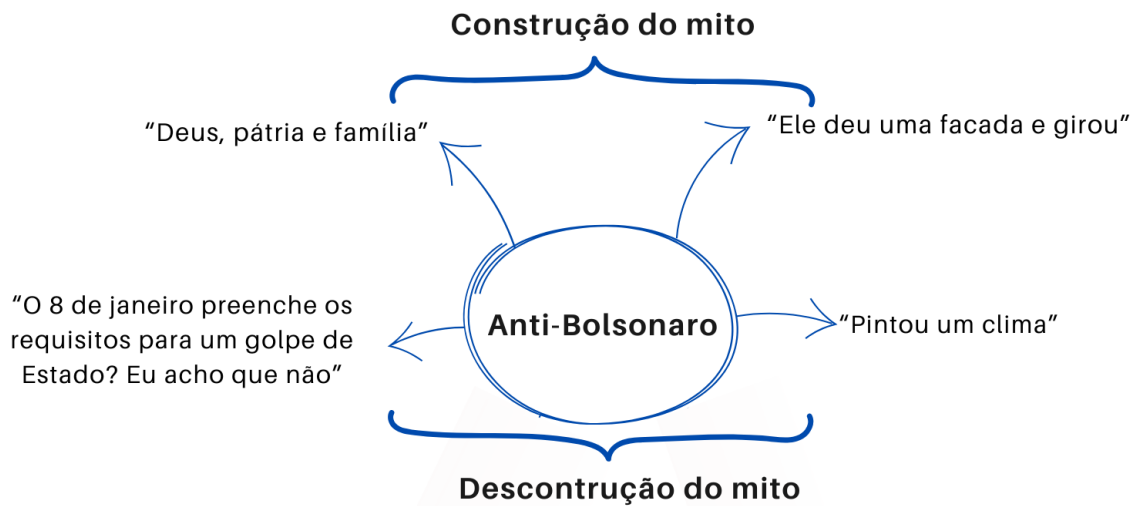
- A presença de um discurso pastoral;
- A associação de sua imagem com a de um messias;
- A materialização do mito.

Ao olharmos para o discurso religioso, especificamente o cristianismo – a religião predominante no Brasil –, a Bíblia traz, em vários momentos, a presença da palavra messias, como é o caso da seguinte passagem de João 4:26: “assegurou-lhe Jesus: ‘eu, que te falo, sou Messias’”. Desse modo, ao compararmos os dois enunciados, percebemos, além da repetição da palavra, a ênfase, a carga semântica e, conseqüentemente, os efeitos de sentido que ela traz. Dessa forma, em ambos, há a crença de um ser capaz de guiar o povo ao “paraíso”, à salvação. Por sua vez, como o nosso objetivo é o de ver a construção e a desconstrução, as charges que compõem o *corpus* não necessariamente terão partes da Bíblia ou farão menção direta ao discurso pastoral. No entanto, não deixaremos de levar esse processo discursivo ao longo da análise. Assim sendo, para a escolha, partimos de dois pontos centrais:

- FD: anti-Bolsonaro;
- Enunciado de base da série enunciativa.

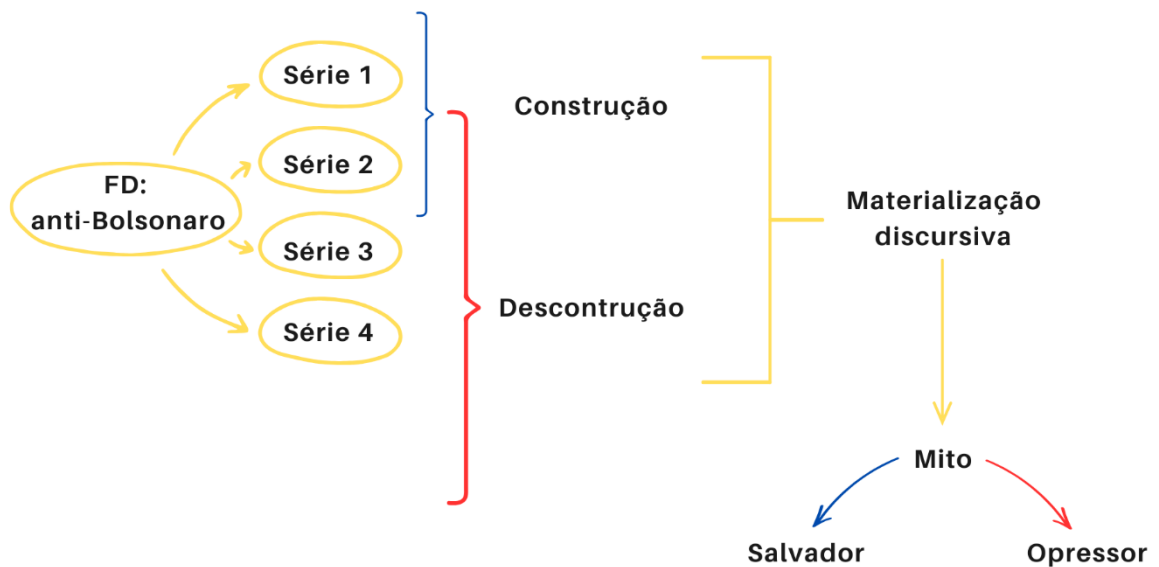
Para a análise, portanto, partiremos dos seguintes processos:

Mapa metodológico 1 – Processo de análise



Fonte: Elaborado pela autora.

Mapa metodológico 2 - Processo de análise



Fonte: Elaborado pela autora.

Atrelado a esse processo e à base teórica, teremos as seguintes categorias de análise:

- Memória discursiva: jogo entre a memória e a atualidade;
- Pré-construído: admissão inconsciente de verdade;
- Poder, direito e efeitos de verdade: tríade proposta por Foucault;
- Relações de poder: posições de sujeito no meio social;
- Cores: elementos da charge que irão materializar as outras categorias elencadas.

Portanto, por meio dessa metodologia, será possível atingir o objetivo geral de entender como se dá a (des)construção do mito/do messias em charges brasileiras anti-Bolsonaro durante todo o processo de governo presidencial, entre 2018 e início de 2023, por meio das formações discursivas e ideológicas propostas pela Análise do Discurso de linha francesa. Afinal:

A ordem do discurso não subordina a ideologia à língua, nem a língua à ideologia; o discurso materializa o contato entre o ideológico e o linguístico, na medida em que ele “representa, no interior do funcionamento da língua, os efeitos da luta ideológica (e em que), inversamente, manifesta a existência da materialidade linguística no interior da ideologia” (Pêcheux, 1979, p. 04).

Para isso, pretendemos nos pautar nas teorias da Análise do Discurso de linha francesa e da análise crítica dos quadrinhos. Ademais, ao longo da tese, teremos as aparições de outras charges que não fazem parte do nosso *corpus*, além de imagens e de trechos de notícias. O intuito de apresentar esses outros recortes é o de, além de exemplificar a teoria, trazer credibilidade e de comprovar a nossa fala. As charges, de forma mais específica, são para mostrar como se dá a materialidade desses discursos dentro do gênero quadrinístico. Assim, quando estivermos na análise, dentro da série enunciativa, os conceitos da AD francesa, o real, o ficcional dado na charge irão estabelecer um melhor diálogo e, por fim, poderemos chegar ao nosso objetivo.

Por fim, para promover uma leitura mais fluida e já realizarmos, desde o início, uma discussão e uma crítica ao processo de construção e de (des)construção do mito como salvador, a presente tese foi dividida em três partes:

Parte I: a construção do mito. Aqui, apresentamos a teoria da linguagem crítica dos quadrinhos e traremos charges que fazem, justamente, ainda dentro da FD anti-Bolsonaro, o processo de construir o mito como messias. Já pensando na relação de em que ponto se inicia a desconstrução.

Parte II: a desconstrução do mito. Nessa, trazemos os conceitos base da Análise do Discurso de linha francesa e, posteriormente, a junção com a linguagem dos quadrinhos. As charges que compõem esse lado já são pensadas quando a desconstrução fica em maior evidência.

Parte III: construção ou desconstrução. Por fim, essa parte consiste no capítulo de análise. Por sua vez, já teremos a apresentação das charges que compõem o *corpus* de pesquisa.

1.2 O GOVERNO BOLSONARO

Para apresentarmos os conceitos adotados para esta pesquisa, é necessário realizarmos uma breve retomada e uma contextualização sobre todo o processo de governo do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, a fim de auxiliar na compreensão de como se deu, pela história, o processo de construção da figura do mito como messias, salvador.

Antes ainda de falarmos sobre o processo eleitoral de 2018, é preciso voltarmos no tempo e recuperarmos toda a trajetória política de Bolsonaro. De acordo com Carvalho (2019), Jair Messias nasceu em 21 de março de 1955 em Glicério, mas foi registrado em Campinas, pois, para os costumes da época, só teria futuro se tivesse a certidão em uma grande cidade. O autor traz algumas referências retiradas da biografia feita por Flávio Bolsonaro, *Jair Messias Bolsonaro: Mito ou verdade*. Nela, é apresentado que Percy Geraldo, um dentista, ao levar a família para a cidade de Ribeira, foi processado e preso por exercício ilegal da profissão, sendo considerado como parte de uma “perseguição política”. Assim, vemos como o filho tenta já criar um perfil vítima para a família, desde o seu avô. Além da apresentação desse fato, Carvalho mostra que Flávio Bolsonaro:

Na insistência em criar, de trás para a frente, uma versão para o conservadorismo puro-sangue da família, como se Bolsonaro fosse predestinado, o livro coloca dona Olinda e seus filhos na “Marcha da família com Deus pela liberdade”, manifestação de apoio à movimentação civil-militar que em 31 de março de 1964 derrubou o presidente eleito João Goulart por meio de um golpe, instalando a ditadura que durou 21 anos. Mesmo que tivessem participado, o que é muito improvável, que importância teria isso tanto tempo depois? (Carvalho, 2019, p. 15).

Dessa forma, percebemos que, na biografia, feita pelo filho, já há uma tentativa de mostrar/de convencer o povo de que não só Bolsonaro, mas toda a sua família já carregava e vivia o discurso religioso, como se estivessem, como dito por Carvalho, predestinados a serem o salvador. Nesse caso, mostrando que, desde novo, Bolsonaro, junto de Deus, buscou formas de combater o “mal” na polícia brasileira.

Em uma entrevista publicada, originalmente, na seção *Quando eu tinha a sua idade*, na *Folhateen*, caderno da *Folha de S. Paulo* voltado ao público jovem, realizada por Anna Virginia Balloussier com Jair Bolsonaro aos 56 anos de idade, quando ocupava o cargo de Deputado Federal, o ex-presidente traz a seguinte fala:

Naquela época, existia respeito. Os filhos chamavam o pai de senhor. A gente se borrava de medo, porque todo mundo apanhava em casa. O irmão mais velho, o Guido, era o disciplinador, o capataz. Pegava o fio de ferro e dava lambada nos irmãos. Sem problema nenhum, ninguém sofreu bullying. Minha mãe, basicamente, era aquela chocadeira: um filho atrás do outro. Foram três homens e três mulheres (Folha de S. Paulo, 2018, [p.i.]).

Nessa fala, vemos, novamente, a ideia de recuperar um discurso conservador, algo que foi crucial no processo eleitoral de 2018. Afinal, ao pensarmos nos preceitos religiosos, há uma verdade discursiva que determina alguns princípios: o homem como provedor, como figura de autoridade (“os filhos chamavam o pai de senhor”), a relação do filho mais velho como sucessor do pai (“era o disciplinador”), a figura da mulher, além de submissa, vista apenas como papel de gerar (“era aquela chocadeira”).

Ainda na entrevista dada à Boloussier, Bolsonaro diz que conheceu o Exército “porque Lamarca¹³ [militar desertor antiditadura] passou pela minha cidade, atirou em oito policiais militares e ferir um civil. Ele se refugiou lá perto de Eldorado Paulista (SP)” (Folha de S. Paulo, 2018 [p.i.]). Na biografia, de acordo com Carvalho (2019), a narrativa permanece a mesma e ainda traz um complemento dessa versão:

“Nessa época Bolsonaro tinha quinze anos de idade e, como conhecedor das matas do Vale do Ribeira, aproximou-se dos militares do Exército oferecendo-se para colaborar com informações sobre a região na captura do terrorista Lamarca. Foi assim que conheceu e se encantou pelo Exército Brasileiro, quando sentiu tocar no seu coração a vontade de servir ao seu país” (Carvalho, 2019, p. 18).

Novamente, vemos o quanto há uma certa romantização na forma como são relatados os acontecimentos que antecedem a carreira militar de Bolsonaro. E, o mais importante: como essas versões, tanto a da entrevista de Bolsonaro quanto a da biografia feita por seu filho, reforçam essa ideia de mito como salvador. Nesse caso, vemos a figura de um garoto que foi em busca de salvar o Brasil do Lamarca, um desertor do Exército que, ao invés de continuar lutando pelo bem dos militares e ser contra a desordem da população, passou a lutar pela oposição, por aqueles que

¹³ Carlos Lamarca foi capitão do Exército Brasileiro que desertou em 1969 para se tornar um dos principais nomes na luta armada contra a ditadura militar no Brasil. Foi também líder da Vanguarda Popular Revolucionária em algumas ações, como assalto a bancos e sequestro do embaixador suíço com o objetivo de libertar presos políticos. Porém, foi morto durante uma emboscada na Bahia em 1971, tornando-se, assim, um símbolo de resistência.

estavam sofrendo com a Ditadura Militar. Comprovando essa narrativa fantasiosa, Carvalho apresenta a versão do pai, o qual adicionou, segundo o autor, um novo detalhe que não traz nenhum tipo de legitimidade: “Não por acaso, a base de guerrilha de Lamarca foi escolhida próxima à fazenda da família Paiva. Eles tinham os mesmos ideias” (Carvalho, 2019, p. 18). Geraldo Bolsonaro, pai de Jair Messias, traz, então, uma referência à família de Rubens Paiva, ex-deputado que foi assassinado pela repressão e que nunca teve o corpo encontrado. Carvalho (2019) afirma que, de fato, Paiva possuía uma fazenda em Eldorado, porém nenhuma das outras informações possui veracidade. Afinal, até pode ser que Bolsonaro, um garoto, tenha dado algum tipo de informação aos oficiais do Exército, mas:

[...] foram dicas inúteis, pois àquela altura Lamarca já furara o cerco; ele só seria capturado mais de um ano depois, na Bahia. Também nos documentos oficiais do Exército sobre o episódio – chamado de Operação Registro – não há indicação, muito menos nominal, de que os militares que caçavam Lamarca em Eldorado tenham recebido qualquer ajuda de populares (Carvalho, 2019, p. 18).

Bolsonaro recontou essa história em diversas ocasiões, como em 2017, durante uma entrevista com Rubens Valente, em 2018, durante campanha eleitoral, no programa *Roda Viva*, e, mesmo assim, não há nenhum documento que comprove essa narrativa (Carvalho, 2018).

Novamente, a partir da biografia de Flávio Bolsonaro, Carvalho (2019) nos mostra que o ex-presidente fez os exames para a Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCex) e, em 1973, seu nome aparece na lista dos aprovados no *Diário da Noite*. Contudo, “apesar de ‘tocado o coração’ e ‘com vontade de servir o país’, Jair Messias ‘não havia se dado conta da importância de sua conquista’. Preferiu participar de um torneio regional de futebol como goleiro do Madureira, time de Eldorado” (Carvalho, 2019, p. 19). Notamos como as versões da biografia acabam tendendo não só para um lado romântico da possibilidade de carreira de Bolsonaro na vida militar, mas como volta para esse discurso messiânico. Em que “sente no coração”, mas não se “dá conta da importância”, podendo ser associado com a concepção e a visão da vida missionária de um padre, de um pastor, de uma freira. Pois, dentro do meio social, há essa verdade discursiva de que para se tornar uma figura religiosa é necessário receber um sinal divino e, principalmente, aceitá-lo.

Ainda na biografia feita por Flávio Bolsonaro, é descrito que foi o pai quem “forçou” Bolsonaro a abandonar o futebol e ir para EsPCEx. No entanto, logo no

começo, “se deu conta de que havia procurado a escola errada. ‘Como já possuía o científico, deveria ter prestado concurso para a Aman, e não para EsPCex’” (Carvalho, 2019, p. 20). Por sua vez, Flávio Bolsonaro descreve que seu pai descobriu que passou na Aman na véspera por meio de uma ligação na única cabine telefônica da cidade de Eldorado. “Casualmente, ele estava por perto. ‘A operadora da central chamou-o para atender uma ligação’. [...] Flávio registra: ‘O menino pobre, bom filho, estudioso e trabalhador havia conseguido uma façanha de orgulhar a família inteira’” (Carvalho, 2019, p. 21). Dessa forma, percebemos, mais uma vez, a associação da concepção de mito como pré-destinado a ser o messias da população, começando por seu chamado para a carreira militar, mesmo que de forma “despretensiosa”, ao contar que descobriu por acaso seu aceite na escola militar e reforçando o discurso de vir de uma família sem condições, sendo, assim, nessa ocasião, o salvador de sua família, porque daria um nome e um orgulho para a família Bolsonaro.

Jair Bolsonaro foi efetivado na Aman, instituição de ensino superior responsável por formar oficiais de carreira do Exército Brasileiro, localizado no Rio de Janeiro, em 10 de março de 1974. No mesmo ano, no dia 24 de agosto, recebeu o espadim de Caxias, tornando-se cadete. Fez parte da turma Tiradentes, composta por 427 alunos, e foi declarado aspirante a oficial de artilharia em dezembro de 1977 (Carvalho, 2019).

“Documentos de sua vida militar – as folhas de alterações, disponíveis no processo julgado pelo STM – mostram que seu número de cadete foi 531. Nome de guerra, Bolsonaro. Seu apelido, segundo o livro de Flávio, era ‘Cavalão’, devido à sua boa saúde e força física” (Carvalho, 2019, p.23). Percebemos, aqui, como, novamente, a biografia tenta se referir ao ex-presidente como uma figura de superioridade, forte e respeitada. Flávio Bolsonaro, por sua vez, reforça entre um momento e outro o quanto seu pai possuía uma saúde exemplar durante os anos da Aman, evidenciado “suas qualidades de atleta e desportista, quando mercê de seu esforço próprio e competindo com atletas mais experimentados conseguiu o terceiro lugar individual na Navamaer/76, na difícil modalidade que é o pentatlo militar” (Carvalho, 2019, p. 26). Podemos relacionar essas falas em uma outra situação da nossa história, em que Bolsonaro, durante a pandemia de Covid-19, em 2020, volta com esse discurso sobre o seu histórico de atleta. Na época em questão, o ex-presidente, durante um pronunciamento na TV aberta sobre coronavírus, disse que:

No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou

seria, quanto muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão (Bolsonaro, 2020, [p.i.]).

Portanto, vemos como essa repetição discursiva tenta criar no imaginário social a percepção de Bolsonaro como um ser invencível, independentemente da situação. Seja na Aman, seja no contexto pandêmico. Bolsonaro concluiu o curso em 1978 e, na sequência, serviu como oficial subalterno no 21º Grupo de Artilharia de Campanha em São Cristóvão, no Rio de Janeiro. Na sua ficha, conforme aponta Carvalho (2019), assumiu as funções de encarregado da seção de pessoal, chefe da seção mobilizadora e oficial de ligação do grupo. Nesse ano, Flávio Bolsonaro registra que seu pai salvou Negão Celso de um acidente durante a travessia por uma corda sobre uma lagoa. Ele “afundou como um martelo e ficou no fundo, impossibilitando que o barco o amparasse. Rapidamente, Bolsonaro arrancou a gandola, os coturnos e, em poucos segundos, pulou na água para resgatá-lo”. Mais uma vez, vemos como a narrativa de Flávio traz a construção da imagem do pai como, de fato, um salvador. Na entrevista dada à Balloussier, Bolsonaro diz o seguinte sobre o caso:

E teve o caso do negão Celso. Em 1978, tinha um exercício em que passávamos por uma corda em cima de uma lagoa. Mas o sargento balançou a corda, e o recruta Celso catapum dentro d'água! Agarrei o negão no fundo. Tirei ele pra fora, porque estava morrendo afogado. Eu era um atleta, um cavalo. Depois me contaram: “O soldado Celso é boiola!”. Começou a brincadeira em cima de mim: só tirei o negão para fazer boca a boca. Se fosse racista, eu teria pulado? (Folha de S. Paulo, 2018, [p.i.]).

Ao contrário da fala heroica dada na versão de Flávio de Bolsonaro, na do próprio Bolsonaro já vemos alguns enunciados polêmicos e importantes de serem considerados:

1. “Eu era um atleta, um cavalo”: aqui, vemos como se dá o reforço da ideia de sua capacidade física, de realmente exaltar a sua forma para ser e para agir como salvador;
2. “O soldado Cesar é boiola”: nessa construção, apesar de ser polêmica, preconceituosa e ter sido supostamente dita por outros, temos traços de um discurso conservador e cristão, o qual prega a ideia de homem apenas poder se relacionar com mulher;

3. “Se fosse racista, eu teria pulado”: mais uma vez, há traços preconceituosos e é um enunciado comum de pessoas que tentam “se defender” de ações racistas.

Logo, é possível notarmos como esses três enunciados, juntos, produzem um efeito de sentido significativo. Mesmo não sendo romantizado, como a versão de Flávio, Bolsonaro procurar trazer uma visão de herói, de salvador; de alguém que não teve nenhum tipo de preconceito, pelo contrário, que acolheu seu colega, *apesar de ser supostamente gay e de ser negro*, trazendo a percepção de que esses dois fatores são negativos. No entanto, como ele é um ser bom, resolveu ajudá-lo, como se seguisse a concepção do ajudar sem olhar a quem.

Segundo Carvalho (2019), essa ação o condecorou com a Medalha do Pacificador com palma, por um ato de bravura, em 05 de dezembro de 2018, logo após ser eleito presidente do Brasil. Vale destacar aqui que Bolsonaro, de acordo com o autor, requereu a homenagem por volta de 2012, quando foi acusado de racismo. Com essa colocação, notamos o quanto aquele discurso foi, de fato, uma tentativa de “se proteger”. Não só isso, mas a própria ação de salvar o colega e de receber a homenagem, não foi só uma tentativa de apagamento de uma visão preconceituosa que envolvia sua imagem, mas de enfatizar o fato de ele ser um herói.

Já em 1979, Bolsonaro pede transferência para Nioaque, no Mato Grosso do Sul, para o 9º GAC. Na despedida, o coronel Nivaldo Pinheiro Pinto faz um registro das qualidades de Bolsonaro ao desempenhar suas funções na unidade. Por conta disso, Carvalho (2019, p. 37) traz o seguinte questionamento: “por que um oficial com todas essas qualificações quis se transferir para Nioaque”. No livro de Flávio Bolsonaro, apenas é mencionado que o pai serviu por essa região entre os anos de 1979 e 1981. Mas, uma informação fundamental dessa época é que Bolsonaro alegou, em mais de uma fala, que atuou, nessa região, na parte de plantio de arroz. No entanto, o coronel reserva Ney Almério Diniz, conforme Carvalho (2019), em seu depoimento em 1987, ao ser questionado sobre a função de Bolsonaro, disse que ele não havia realizado tal atividade.

Já em 2018, quando Bolsonaro já havia sido eleito como presidente, saiu a seguinte reportagem pelo G1:

“Nós plantamos arroz, só que na época deu uma chuarada, não deu para colher, e perdemos o arroz. Então, ele ‘fez a terra’ de novo e

plantou melancia, bastante mesmo. A melancia deu bem, colheu bem, comemos muita melancia na época”, diverte-se José, que cuidava da lavoura.

O lado atleta é uma das principais recordações dos colegas: “Quando não tinha ninguém para treinar, ele ia fazer exercício sozinho”, conta o militar da reserva Patrício de Lima. Alaércio Miranda, também militar da reserva, relembra os treinos: “A gente fazia corridas em volta do quartel, era aproximadamente uns 5km, e o tenente Bolsonaro passava pela gente” (Naujorks; Prado; Matiello, 2018, [s.p.]).

Carvalho (2019), por sua vez, aponta que é necessário ter cautela sobre alguns dos registros dessa fase de Bolsonaro. Ele ainda tece outros elogios que o ex-presidente recebeu nessa época de seus superiores. Alguns, mais uma vez, reforçando a sua qualidade física. Em 1982, voltou para o Rio de Janeiro, fez o curso de instrutor na Escola de Educação Física do Exército e passou a fazer parte do 8º Grupo de Artilharia de Campanha Paraquedista. Em março de 1983, Bolsonaro completou dez anos de carreira militar. Segundo Carvalho (2019), foi um ano agitado para o ex-presidente, pois fez viagens como instrutor físico, ficou em quinto lugar no curso de mestre de saltos, torceu o joelho direito... Porém, algo que mais chama a atenção nesse ano é o registro feito pelo coronel Pellegrino: “Deu mostras de imaturidade ao ser atraído por empreendimento de ‘garimpo de ouro’. Necessita ser colocado em funções que exijam esforço e dedicação, a fim de reorientar sua carreira. Deu demonstrações de excessiva ambição em realizar-se financeira e economicamente” (Carvalho, 2019, p. 42). Ainda naquele ano, por sua vez, o coronel faz uma nova anotação, realizando elogios em relação ao planejamento de treinamento físico de sua tropa. Quatro anos depois, Pellegrino foi testemunha contra Bolsonaro.

Aos 28 anos, Bolsonaro foi promovido para Capitão. Em 1985, fez curso de mergulho autônomo, no Grupamento de Busca e Salvamento do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro. No ano de 1986, Jair Bolsonaro assina um artigo, *O salário está baixo*, na seção *Ponto de Vista* da revista *Veja*, que já se tornara a de maior nome e de alcance nacional. Carvalho (2019) afirma ser bem improvável que Bolsonaro tenha, de fato, escrito tal texto. Nele, Bolsonaro dizia:

[...] tê-lo escrito ‘em nome da verdade’. A mentira, segundo ele, estava em notícias da imprensa sobre o desligamento de dezenas de cadetes da Academia Militar das Agulhas Negras – de onde saíra havia quase dez anos – “por homossexualismo, consumo de drogas e uma suposta falta de vocação para a carreira”. Admitiu que esses fatores existiam, residualmente, mas que o motivo de fundo era outro: “Mais de 90%

das evasões se deram devido à crise financeira que assola a massa dos oficiais e sargentos do Exército brasileiro”. [...] “Como capitão do Exército brasileiro, da ativa, sou obrigado pela minha consciência a confessar que a tropa vive uma situação crítica no que se refere a vencimentos”. [...] Sou um cidadão brasileiro cumpridor dos meus deveres, patriota e portador de uma excelente folha de serviços. Apesar disso, não consigo sonhar com as necessidades mínimas que uma pessoa do meu nível cultural e social poderia almejar. Amo o Brasil e não sofro de nenhum desvio vocacional. Brasil acima de tudo (Carvalho, 2019, p. 49).

Carvalho (2019) diz que, após a publicação, foi um “Deus nos acuda”. Saiu nota no *Jornal do Brasil*, falando sobre a reação do comandante do Exército, posteriormente saiu a punição de Bolsonaro no boletim interno. O autor, ainda, ironiza o fato de alguém com um boletim praticamente impecável e repleto de elogios receber, nesse momento, uma punição, a qual dizia que o Capitão possuía uma excessiva ambição, como no caso do garimpo, por elaborar um texto e publicá-lo sem a devida autorização, e por ter sido indiscreto em relação aos assuntos do governo.

O autor nos mostra que o embasamento para tal ato se deu a partir de seis artigos do Regulamento Disciplinar do Exército. No boletim, havia a nota de que Bolsonaro cumpriria pena por quinze dias e que não sofreria uma maior punição por ter sido a primeira punição oficial. “Segundo a revista, o preso havia recebido cerca de 150 telegramas de solidariedade assinados por oficiais da ativa e da reserva, disparados de todas as regiões do país” (Carvalho, 2019, p. 52).

Percebemos, por meio dessas ações, que a construção de Bolsonaro como mito associado à concepção de messias como salvador, não se gerou nas eleições de 2018. Pelo contrário. Mesmo que por outros nomes – no caso, as atribuições de funções da carreira militar –, já se tinha essa percepção de que o ex-presidente era um salvador. Seja por meio dos elogios em sua ficha, seja ao ser criticado por suas ambições, seja pelo artigo na revista, seja pela punição. Em cada uma dessas situações, ele foi colocado e visto em uma posição de prestígio, de alguém que faria a diferença pelo país.

De acordo com Moura e Corbellini (2019), antes mesmo do início das campanhas eleitorais de 2018, já existia, no Brasil, a “rivalidade” política entre os dois grandes partidos que, desde 1994, eram os protagonistas das eleições, o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). Por conta disso – dentre outros fatores que serão mencionados –, existia uma certa fragilidade na

candidatura de Bolsonaro, aliás, “a história talvez revele que nem mesmo o próprio Bolsonaro acreditava nesse desfecho” (Moura; Corbellini, 2019, p. 22).

Ainda com base nos autores, tratava-se de um candidato *outsider* que:

[...] com menos de dez segundos de tempo de televisão na propaganda oficial, sem estrutura partidária sólida que lhe garantisse palanques fortes nos estados e que, ao longo de sua carreira, colecionou manifestações no mínimo polêmicas e com alto potencial destruidor para uma carreira política: defendeu publicamente a tortura e a ditadura militar, disse que o ex-presidente Fernando Henrique merecia ser “fuzilado”, chamou uma jornalista de vagabunda, falou a uma deputada federal que não a estupraria porque não merecia e afirmou que negros quilombolas não servem nem para procriar, além de colecionar frases criticadas pelo sentido homofóbico. Bolsonaro usou e abusou, em sua trajetória pública, de todo o enxoval politicamente incorreto (Moura; Corbellini, 2019, p. 22).

Luís Inácio Lula da Silva estava preso¹⁴, assim, o PT apostava em Fernando Haddad para chegar ao segundo turno e vencer Geraldo Alckmin, que, até o momento, estava com uma base bem consolidada, algo que garantia um bom tempo do horário eleitoral. Todavia, no meio de tudo isso, no dia 06 de setembro de 2018, Bolsonaro é vítima de um possível atentado, sendo esfaqueado no abdômen. De acordo com o *site* G1, o até então candidato à presidência, Jair Bolsonaro, levou uma facada durante a campanha em Juiz de Fora, Minas Gerais. Ao ser atendido pelos médicos, alegou-se que estava com a pressão baixa devido à perda de sangue. Esse fato, por sua vez, foi relevante para mudar o cenário eleitoral, pois gerou uma comoção imediata entre a população.

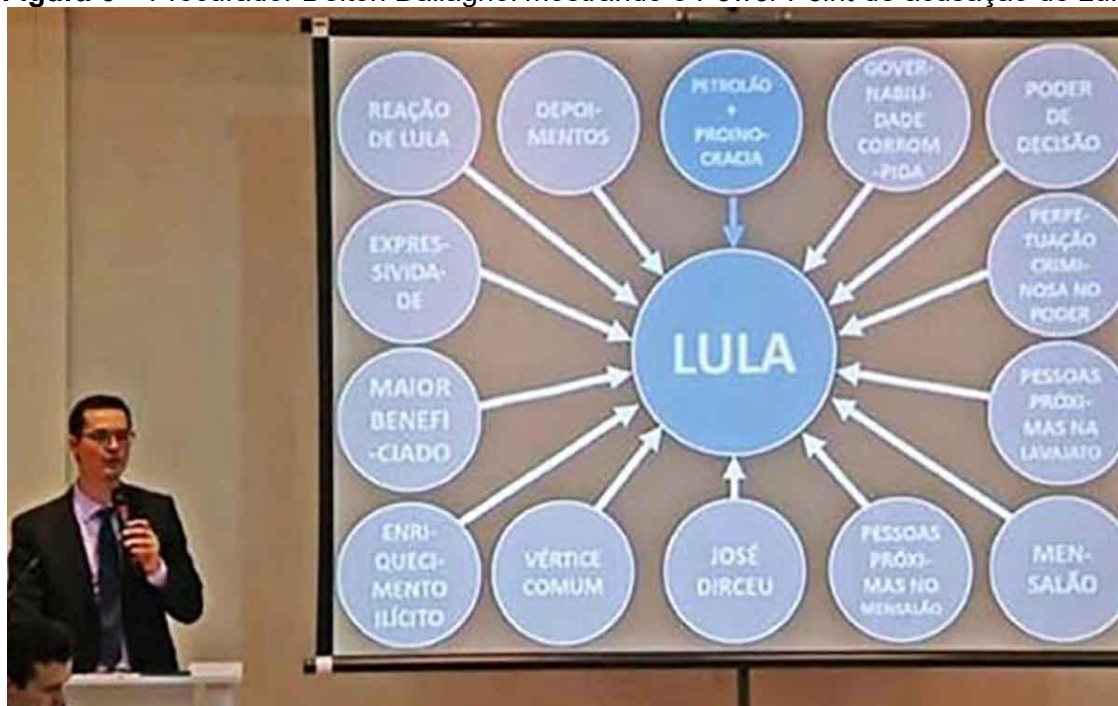
Para Moura e para Corbellini (2019), na história, é impossível trabalharmos com a configuração do “e se”. E se Bolsonaro não tivesse levado a facada, será que teria sido eleito? Mesmo não podendo trabalhar com a ideia da possibilidade, é fato que a facada foi um potencializador para mudar o rumo das eleições de 2018. Atrelado a isso, outros fatores já estavam direcionando para uma possível vitória de Bolsonaro.

Em primeiro plano, temos a desmoralização das chamadas “elites políticas” com o Lava Jato. Ela teve início em 2014 e foi considerada pela imprensa, na época, como a maior operação de investigação contra corrupção. Segundo a *CNN Brasil* (2025, [p.i.]), “a força-tarefa cumpriu mais de mil mandatos de busca e apreensão, prisão temporária, prisão preventiva e conduta coercitiva, e descobriu um

¹⁴ Lula foi preso devido às acusações sobre a Lava Jato, a qual será abordada um pouco mais adiante.

megaesquema de corrupção na Petrobras envolvendo políticos de diferentes partidos e outras empresas públicas e privadas”. O nome veio do local que mais movimentou o processo ilegal de lavagem de dinheiro, um lava jato e posto de gasolina em Brasília. Ainda com base no *site* de notícias, a priori, Lula, em 2015, participou das investigações como informante, porém, posteriormente, foi um dos principais alvos da investigação, sendo, inclusive, condenado por lavagem de dinheiro por meio de um imóvel no Guarujá e por um sítio em Atibaia. Na época em questão, durante o processo, circulou o *slide* com as possíveis acusações contra o petista, conforme mostram as Figuras a seguir:

Figura 6 – Procurador Delton Dallagnol mostrando o *Power Point* de acusação de Lula



Fonte: Poder 360, 2025.¹⁵

¹⁵ Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/lula-lembra-do-aniversario-do-powerpoint-de-dallagnol-19-vitorias-na-justica/>

Figura 7 – Power Point apresentado no processo de investigação do Lava Jato



Fonte: G1, 2025.¹⁶

Lula ficou preso de abril de 2018 a novembro de 2019. Por conta disso, não pôde concorrer ao cargo de presidente em 2018. De acordo com a *CNN Brasil* (2025), em 2021, o Lava Jato foi encerrado e o Supremo Tribunal Federal acabou retirando todas as acusações contra Lula, uma vez que, conforme diz a notícia, não teve os seus direitos respeitados. Em 2021, na conta oficial do X (antigo *Twitter*), a página “Instituto Lula” refez o *Power Point* indicando as dezenove acusações como “vitórias”, conforme ilustra a próxima Figura:

¹⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/05/17/apos-cassacao-de-dallagnol-secom-de-lula-faz-post-sobre-acoes-de-governo-com-imagem-alusiva-ao-powerpoint-da-lava-jato.ghtml>

Figura 8 - Publicação do Instituto Lula

Fonte: Página do X de Instituto Lula, 2025.¹⁷

Além da postagem, recuperando o mesmo discurso, também tivemos charges que materializaram esse acontecimento, como a de Quinho:

¹⁷ Disponível em: < https://x.com/inst_lula/status/1437759870393098240?ref_src=twsrc%5Etfw >

Figura 9 – Power Point de Lula livre



Fonte: Quinho, 2021, [p.i.].¹⁸

A charge de Quinho, publicada em março de 2021, traz um molde parecido com a do *PowerPoint*, o qual condenava Lula. Aqui, por sua vez, ao invés das acusações, temos, em diversas línguas, a palavra “livre”. Algo importante também de considerarmos é a própria cor: o uso do vermelho, que ficou determinado, pelo social, como pertencente não só ao PT, mas à esquerda, elemento que discutiremos mais adiante. Além dessa adaptação, também tivemos outros chargistas que replicaram e reproduziram esse formato, mas trazendo a figura de Bolsonaro com as suas respectivas acusações. É claro que, para chegarmos a esse ponto, precisamos, ainda, aprofundarmos um pouco mais sobre como se deu a construção de mito como messias e como um candidato visto como *outsider* conquistou a posição de presidente do Brasil.

Assim sendo, além da condenação do petista, a crise na segurança pública foi um outro fato que contribuiu para essa construção de mito de Bolsonaro. Conforme *Folha de S. Paulo*, durante o primeiro ano de governo, em 2003, Lula lançou o Projeto Segurança Pública para o Brasil e, com a ajuda de especialistas, criou o Sistema Único de Segurança Pública, seguindo os mesmos moldes do Sistema Único de Saúde. Porém, acabou sendo “deixada de lado”, pois não obteve sucesso no

¹⁸ Disponível em: <https://www.instagram.com/quinho_cartum/>

Congresso. O problema, de acordo com a notícia, é a área da saúde possui uma linha bem definida do que deve ser seguido, por isso torna-se difícil não existir uma continuidade, já a área da segurança segue outro caminho. “Por exemplo: o Fundo Nacional de Segurança Pública não tem fonte de receita definida e pode ser contingenciado. Enquanto em 2007 ele executou R\$1,47 bilhão, em 2016 foram R\$314 milhões” (Folha de S. Paulo, 2025, [p.i.]). Percebemos, assim, que houve um declínio no direcionamento de verba para a segurança. Ademais, podemos observar, com mais detalhes, como ocorreu o plano de segurança pública nos anos de governo do PT (Lula e Dilma) na tabela a seguir:

Tabela 6 - Plano de Segurança Pública - PT (2003 - 2015)

Plano de Segurança Pública			
Lula 2003	Lula 2007	Dilma 2012	Dilma 2015
Projeto Segurança Pública para o Brasil Feito com pesquisadores da área, abordava circunstâncias históricas, condições institucionais e relações sociais violentas; incentivava o policiamento comunitário e propunha a integração da inteligência das polícias Estruturação da Força Nacional	Programa Nacional de Segurança com Cidadania; Articular ações de prevenção e repressão do crime em regiões metropolitanas, estabelecendo políticas sociais e ações de proteção às vítimas. Foco em jovens, pobres e egressos de prisões	Brasil Mais Seguro; Redução da criminalidade violenta, com melhoria das investigações, do controle de armas e combate a grupos de extermínio; centrado no Nordeste	Plano Nacional de Redução de Homicídios; Meta de reduzir homicídios dolosos. Foco é atuar nas áreas com índices mais altos, articular Estados e demais Poderes numa política de combate a homicídios e mobilizar a sociedade; > Não saiu do papel

Fonte: Adaptado de *Folha de S. Paulo*, 2025.¹⁹

Nota-se, por sua vez, que houve uma instabilidade no plano ao longo do último mandato de Dilma Rousseff, que não conseguiu executá-lo devido ao processo de *impeachment* que sofreu em 2016. Temer (vice-presidente de Dilma, ocupando o cargo devido ao *impeachment*), em 2018, assina o decreto de intervenção federal na segurança do Rio de Janeiro. Segundo Mazui, Caram e Castilhos (2018):

¹⁹ Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/02/planos-de-seguranca-publica-sao-engavetados-a-cada-novo-governo-federal.shtml> >

"Não podemos aceitar passivamente a morte de inocentes, e é intolerável que estejamos enterrando pais e mães de família, trabalhadores, policiais, jovens e crianças, e vendo bairros inteiros sitiados, escolas sob a mira de fuzis e avenidas transformadas em trincheiras", disse Temer. Por isso, chega, basta. Nós não vamos aceitar que matem nosso presente nem continuem a assassinar o nosso futuro", concluiu (Mazui; Caram; Castilhos, 2018, [p.i.]).

Atrelado a isso, Moura e Coberllini (2019) afirmam que a decisão de Temer foi quase que um dos pontos determinantes para a "revolta" e para a insatisfação da população em relação à segurança. Não por serem contra uma possível intervenção militar, mas por acreditarem que não é somente o Rio de Janeiro que "merece" esse tratamento. Logo após esse acontecimento, segundo os autores, a pesquisa do IDEIA Big Data "indicou que 71% dos entrevistados de Pernambuco acreditavam que 'seu estado merece intervenção militar'". Portanto, segurança pública passou a ser um tema crítico para eleição presidencial.

Dessa forma, Bolsonaro consolidou a sua fidelização de votos. De acordo com Moura e Coberllini (2019), não se tratava da adesão a um plano, nem de apresentar uma experiência de Bolsonaro para cuidar dessa agenda, "mas de uma resposta aderente dos eleitores à relevância que ele dá ao tema, à atitude de enfrentamento que corporifica, inclusive no gestual da 'arma', que se tornaria um dos símbolos de sua campanha" (Moura; Coberllini, 2019, p. 68). Os autores, ainda, comprovam tal afirmação por meio de falas de possíveis eleitores/apoiadores de Bolsonaro, os quais demonstravam concordar com o posicionamento do candidato contra a "bandidagem" (termo utilizado pelo Bolsonaro para se referir ao crime), conforme podemos ver na sequência:

- "Esse aí [Bolsonaro] dá pancada com a bala." (Eleitor do Rio de Janeiro, classe C, 29 anos)
- Pra ele, se tem que matar, mata. Por isso o povo está atrás dele. Ele é escrachado no que pensa." (Eleitor de Pernambuco, classe D, 39 anos)
- "Jair Bolsonaro vai descer a borrachada nesses vagabundos aí." (Eleitor de Minas Gerais, classe B, 28 anos)
- "Quem de fato quer segurança e não quer que a polícia se imponha não quer mudança nenhuma, quer a mesmice." (Eleitor do DF, classe B, 41 anos)
- Ele [Bolsonaro] é o único que pode combater essa roubalheira nas ruas, esses bandidos armados, essa cachorrada que tá acontecendo." (Eleitor de São Paulo, classe C, 30 anos) (Moura; Coberllini, 2019, p. 69)

Notamos, dessa forma, que o caso da segurança pública foi um acúmulo de situações, não um fato isolado. No entanto, precisamos levar em consideração o

discurso em comum nas falas: Bolsonaro seria o “milagre”, seria o responsável para tirar o Brasil dessa violência por meio de violência, como é colocado na fala “se tem que matar, mata”. No caso, a resposta seria condenar com a morte os que são considerados parte da “bandidagem”. Algo necessário e importante de enfatizarmos é o símbolo que ficou associado como parte da campanha eleitoral de Bolsonaro: a arma, representada por meio dos dados, conforme é ilustrado na próxima Figura:

Figura 10 - Slogan de campanha - Bolsonaro



Fonte: Gazeta do Povo, 2018.²⁰

Em terceiro, o grande aumento das redes sociais, principalmente do *Whatsapp*, como uma plataforma primordial para os meios de comunicação, seja para trocar conversas cotidianas, seja para compartilhar notícias, imagens, áudios, enfim. E o mais importante: em 2018, foi a plataforma mais utilizada para realizar a campanha eleitoral, que formou “um ‘subsolo’ no processo eleitoral de alta mobilização emocional e de cristalização de preconceitos e de preferências. Um universo com circulação frenética de informação e onde muito facilmente se perdia a noção que distingue falso e verdadeiro” (Moura; Coberllini, 2019, p. 26). É claro que isso ainda é um assunto que merece muito estudo, mas é perceptível que a forma como a massificação de informações transmitidas ao longo do processo eleitoral de 2018 pelo *Whatsapp* foi um fator crucial para deslegitimar mais o PT, conseqüentemente, trazer uma queda

²⁰ Disponível em: < <https://www.gazetadopovo.com.br/politica/republica/eleicoes-2018/ol-de-lula-virou-revolver-na-campanha-de-bolsonaro-6q0ymd5tsvj2uzp9z84fma3v/> >

de Fernando Haddad em suas campanhas eleitorais, além de tornar Bolsonaro, o *outsider*, como um dos favoritos para assumir o cargo, conforme é mencionado por Moura e por Coberllini (2019). Afinal, a plataforma acabou sendo um recurso para divulgar todos os erros e as polêmicas que envolviam a imagem de qualquer político associado ao Partido dos Trabalhadores. Por ser uma mídia social, o processo de divulgação é rápido e, muitas vezes, não atravessa a checagem de fatos e, por sua vez, acabou permitindo a circulação de notícias falsas, que abordaremos um pouco mais adiante.

A grande questão é: “uma eleição se ganha na mesa de bar, no almoço de família, na conversa no trabalho (e, agora, nos grupos de *Whatsapp*). A arte de uma campanha está em contagiar e em armar o eleitor de seu candidato com os argumentos para conquistar outros eleitores nesses ambientes” (Moura; Coberllini, 2019, p. 29). Em suma, em qualquer contexto social, para se ter a atenção de alguém ou, realmente, para se conquistar alguém, o diferencial está nos detalhes. Está no compartilhar pequenos momentos do cotidiano. É fato que as redes sociais acabam, de uma certa maneira, fazendo, justamente, esse papel de aproximar as pessoas, de fazê-las sentirem-se próximas.

Fora de um campo político, podemos mencionar os próprios *influencers*, os quais, ao postarem/compartilharem momentos de sua vida cotidiana, acabam criando uma certa proximidade com o seu público e isso gera uma espécie de empatia, de carinho, como se a pessoa fosse parte do seu círculo social. Podemos ver que um processo similar aconteceu durante a campanha eleitoral. Assistir às *lives*, ver as postagens no *Twitter* e, o essencial, receber mensagens no *Whatsapp*, que, geralmente, é algo mais pessoal. Essa aproximação, essa pessoalidade, de uma certa forma, criou uma imagem de alguém, de um candidato acessível.

De acordo com o *site* do G1 (2018), Carlos Bolsonaro (segundo filho de Jair Bolsonaro) disse que, por serem mais novos, tiveram um sentimento de que a internet seria um recurso diferente no campo político. Na época da eleição de 2018, Bolsonaro tinha quase 18 milhões de seguidores nas quatro principais redes sociais. Por meio dessas plataformas, postava vídeos e textos todos os dias. “No primeiro turno, ele tinha 8 segundos na televisão. Na internet, tinha todo o tempo do mundo. ‘Nós vamos estabelecer uma rotina. Todo dia até o final das eleições, às 20h, até as 20h20, nós vamos fazer uma *live*’ (G1, 2018, [p.i.]).

Ademais, um outro ponto importante são as eleições de 2018, pois foi, de forma geral, uma grande manifestação “do contra”, “do basta”:

talvez seja a expressão que mais resume a energia nuclear do voto em Bolsonaro, gesto que unifica os variados antissentimentos que sustentaram sua vitória e que não estavam muito preocupados com o “pra frente”. A grande questão para os eleitores de Bolsonaro era estabelecer uma linha de corte com o “para trás” (Moura; Coberllini, 2019, p. 29)

O maior fator foi o cansaço. O cansaço por parte da população em relação à corrupção, aos políticos. Assim, para Moura e para Coberllini (2019), as plataformas não foram importantes, nem decisivas, tampouco as promessas. Pelo contrário. O ato central foi o de votar “contra”. E, nesse caso, o votar contra o PT. Contudo, a tabela a seguir irá nos mostrar que esse cansaço não foi o único fator, mas as mídias sociais também foram consideráveis na campanha de Bolsonaro e o auxiliaram nessa construção de voto.

Uma pesquisa realizada pelo Instituto IDEIA Big Data é mostrado alguns dados relevantes sobre a opinião e o posicionamento dos eleitores, que já davam alguns sinais acerca do resultado da eleição, conforme ilustra a tabela a seguir:

Tabela 7 – Diagnóstico Nacional realizado pelo IDEIA Big Data em 2018

Diagnóstico Nacional		
Segurança pública	Saúde	Favorável à intervenção militar
45,2%	12,7%	71% (em Pernambuco)*
"O que mais envergonha o Brasil?"		
72%: a corrupção e os políticos mentirosos	3%: a saúde pública	1,8%: as desigualdades sociais
"Em quem deseja votar?"		"Em quem não quer votar?"
52,8%: alguém fora da política		57%: nunca em um candidato do PT
"Qual é o peso do <i>whatsapp</i> como plataforma de comunicação?"		
75,4%: receberam informações políticas pelo aplicativo		36,1%: passou essas informações adiante

* Quando Rio de Janeiro recebeu os militares, Pernambuco questionou o motivo de não terem a intervenção militar.

Fonte: A partir de Moura e Coberlini, 2019, elaborado pela autora, 2023, [p.i.].

A primeira parte nos mostra quais eram as maiores preocupações dos eleitores em relação à situação do país. Das respostas, percebemos que a questão da saúde foi a menos comentada, mostrando-nos uma certa irrelevância por parte dos entrevistados. Mas, uma das que chamam mais a atenção é o fato de 71% dos eleitores, de Pernambuco, após o Rio de Janeiro ter recebido uma intervenção militar, pedir, justamente, a presença desses militares em seu estado, algo que já traz um “flerte” com a proposta de governo de Bolsonaro. Porém, apesar disso, ao olharmos a apuração dos votos em Pernambuco, percebemos que Fernando Haddad recebeu mais, sendo 48,87% no primeiro turno e 66,50% no segundo. Assim, temos como hipótese de que o estado, na verdade, prezava mais pela questão da segurança pública, não necessariamente uma administração feita e tomada pelos militares. Há,

na verdade, uma crença de que o que poderia resolver a situação era a presença de militares. Algo que, ressalta-se, ainda prevalece na sociedade atual.

Ao serem questionados sobre o que sentem mais vergonha, por sua vez, percebemos que é a própria questão da corrupção. Esse dado é importante para reforçarmos a ideia de que um dos possíveis motivos centrais para a vitória de Bolsonaro é o “chega”, ou seja, o cansaço, o esgotamento por parte da população. E isso é enfatizado nas próximas perguntas, tanto sobre em quem votariam quanto em quem não votariam. Voltamos, uma vez mais, para a questão de ser alguém *outsider* e, principalmente, alguém que não é/faz parte do PT. Logo, foi importante o alto índice de compartilhamento de informações políticas pelo *Whatsapp*.

Dentre elas, a mais aparente que foi, inclusive, mostrada por Jair Bolsonaro durante o *Jornal Nacional*, principal telejornal da TV Globo, no dia 28 de agosto de 2018, em que afirmou que tal material era parte de um *Kit Gay*, o qual seria distribuído nas escolas durante um possível governo petista. Por sua vez, ressaltamos que essa informação, como já foi divulgada em 2018, é falsa, pois o livro nunca foi divulgado, nem existiu um *Kit Gay*. Além dessa, foi enviado um vídeo mostrando uma mamadeira com um bico remetendo a um pênis, apelidado como “mamadeira de piroca”. Além da imagem, divulgaram um texto alegando que pessoas associadas ao PT teriam distribuído nas escolas e nas creches de São Paulo por ordem de Fernando Haddad, quando era prefeito. Contudo, a mamadeira divulgada é um objeto vendido em *sex shops*. Ainda envolvendo Haddad, enviaram uma frase atrelando a sua imagem, afirmando que a criança, ao completar cinco anos, torna-se propriedade do Estado e, a partir disso, cabe a ela decidir se será menina ou menino. Além do candidato Haddad, a sua vice, Manuella D’Ávila, também foi alvo de *fake news*, tendo, na verdade, uma imagem refeita por *photoshop*, alterando a frase de sua camiseta de “rebele-se” por “Jesus é travesti”, conforme ilustram as imagens a seguir:

Figura 11 - Fake news divulgadas pelo whatsapp



Fonte: *Brasil de Fato*, 2019, [p.i.].²¹

²¹ Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/04/01/neste-1o-de-abril-relembre-nove-fake-news-que-marcaram-o-cenario-politico-do-brasil>

Assim sendo, mesmo que as mídias sociais não tenham sido o ápice e o “causador” de ter tornado Bolsonaro presidente, é inegável o quanto isso auxiliou em seu processo eleitoral, assim como apontaram Moura e Coberllini (2019). Afinal, trata-se de uma soma de fatores. O esgotamento por parte da população de políticos, por ter o PT há tanto tempo no poder, por questões polêmicas envolvendo o PT e atos de corrupção, pelo próprio ex-presidente ter sido, na época, condenado à prisão por supostos atos corruptos. Cada um desses elementos somados com o compartilhamento, com a propagação dessas informações, acabou contribuindo, de forma significativa, para tornar Bolsonaro eleito. Contudo, é importante frisarmos que é necessário um estudo maior acerca de como as redes sociais interferiram nesse processo eleitoral.

Voltando para as possíveis hipóteses do que pode ter levado à vitória de Bolsonaro, de acordo com Moura e Coberllini (2019) e conforme aponta a tabela, houve uma mudança no quesito “tema” de preocupação social. Pensando, mesmo que de forma breve neste momento nos conceitos advindos da Análise do Discurso, as instâncias ideológicas determinam as formas como as imagens e as concepções sociais devem ser vistas e pensadas. Assim sendo, por conta dessas instâncias, espera-se que um representante – ou um candidato a um cargo importante na sociedade – tenha comportamentos específicos, como um bom conhecimento nas diferentes esferas, como economia, educação, saúde, entre outras. Além, é claro, de ter uma boa articulação na questão da comunicação, seja por expressões corporais, seja por ter um bom domínio das normas da língua formal, como a questão da concordância, das conjugações verbais. Se levássemos essas instâncias ideológicas em consideração, era esperado que Jair Bolsonaro não fosse considerado como um candidato em potencial, pois, o candidato, ao ser questionado sobre economia, por exemplo, alegava não entender do assunto, e que o responsável por cuidar dessa questão, em seu possível governo, seria Paulo Guedes (ex-ministro da Economia). E esse “jogar para o outro” ocorreu em diversos temas sociais.

Em entrevista à *GloboNews*, segundo Moura e Coberllini (2019), era notória a discrepância dos pensamentos entre Guedes e Bolsonaro, mas, ao ser indagado sobre isso, disse que “é como um casamento, vai ter que chegar num acordo” (Bolsonaro, 2018, [p.i.]). O mesmo processo aconteceu quando perguntaram sobre a redução dos impostos, a relação comercial da China, a reforma da presidência, dentre outros. Ademais, ainda na entrevista, também foi abordado sobre a promessa de

Bolsonaro ser algo “novo”. Como ser “novo” se já “acumulava sete mandatos consecutivos no Congresso e que, nesse tempo, sua produtividade legislativa havia sido baixíssima, de que passara por nove partidos diferentes, inclusive alguns envolvidos em alguns escândalos de corrupção” (Moura; Coberllini, 2019, p. 57), além de que os seus filhos também eram parte do parlamento, por conseguinte havia um certo “familiarismo político”. Fora a denúncia por receber auxílio à moradia mesmo tendo um imóvel próprio.

São importantes essas afirmações para compreendermos que, apesar da promessa de ser algo novo na política, na verdade, Bolsonaro estava moldado nos campos mais tradicionais da política brasileira, ou seja, não havia nada de novo, pois era apenas uma repetição do que a sociedade já viu e viveu por muitos anos com os mais conservadores²². Porém, ao contrário do que era esperado pela mídia, mesmo com as falas consideradas problemáticas, os eleitores ouviam e assimilavam aquele processo discursivo como uma forma de romper com os aspectos sociais que estavam acontecendo dentro do meio social. Bolsonaro poderia ser, realmente, a figura que eles tanto desejavam para voltar a ter um Brasil com preceitos, de fato, relacionados ao tradicional. Assim sendo:

Por trás de movimentos erráticos que apresentavam um zigue-zague discursivo e da distração diversionista que as frases mais explosivas ou estapafúrdias geravam junto ao sistema político e aos formadores de opinião, a campanha de Jair Bolsonaro, como qualquer campanha tradicional, tinha um discurso central, um posicionamento definido, um motivador fundamental com o qual buscava o voto, e soube manter o foco nessa mensagem (Moura; Coberllini, 2019, p. 58).

Ressalta-se, ainda, que, nessa entrevista, Bolsonaro finaliza a sua campanha com os seguintes dizeres:

Vamos juntos mudar esse ciclo, mas, para tanto, precisamos eleger um presidente da República honesto, que tenha Deus no coração, patriota, que respeite a família, que trate com consideração as crianças em sala de aula, que jogue pesado no tocante à insegurança do nosso Brasil (...). Nós no Brasil temos tudo para sermos uma grande nação, só falta essa união entre nós (Bolsonaro, 2018, [p.i.]).

²² Segundo o Dicionário de Política (1998, p. 252), “conservadorismo designa ideias e atitudes que visam à manutenção do sistema político existente e dos seus modos de funcionamento, apresentando-se como contraparte das forças inovadoras”.

Ao olharmos para tal fala, percebemos que há, assim como em qualquer campanha eleitoral, um processo/uma tentativa de convencimento do outro de que o seu dizer é o mais correto e o que merece destaque diante dos outros. Porém, assim como já foi dito, Bolsonaro, antes de ser anunciado como um possível candidato à Presidência da República, já colecionava inúmeras polêmicas. Mas, apesar disso, a sua maior base discursiva era, justamente, algo que estava em auge nas mídias, principalmente após a prisão de Lula, a corrupção. Em suma, a imagem do partido estava associada/ligada a essas ações, logo, como mencionado, Bolsonaro conseguiu um destaque por ser o contrário do que estava, até então, no poder. Ademais, vale enfatizar, uma vez mais, a questão das redes sociais. Além do *Whatsapp*, o *Twitter* foi uma outra ferramenta bastante utilizada por Bolsonaro (não só durante a campanha), principalmente para conduzir e para reforçar os seus posicionamentos, bem como o de tentar convencer o outro, no caso a população, de que ele era a melhor opção diante de todos os problemas que, no momento, perpassavam o PT: “‘A escolha é dos senhores: ser governado por alguém ficha limpa ou pau-mandado de preso por corrupção’ (08/10/2018). ‘Calma que tua hora vai chegar, marmita de corrupto preso’ (Em resposta a Haddad; 11/10/2018)” (Moura; Coberllini, 2019, p. 61).

Além desses pontos, um que é importante – principalmente para esta pesquisa – é o fato de Bolsonaro ter conciliado todos os discursos políticos com o religioso, tanto é, de uma certa forma, encaixou o nome de Deus como parte de seu *slogan*: “Deus acima de tudo, Brasil acima de todos”.

Os infográficos, a seguir, ilustram a pesquisa realizada pelo Data Folha antes do segundo turno das eleições de 2018, mostrando o perfil do eleitorado de Bolsonaro a partir da religião dos brasileiros:

Infográfico 1 – Perfil do eleitorado de Bolsonaro

RELIGIÃO: católica

Em %

**Jair
Bolsonaro**
PSL

**Fernando
Haddad**
PT

Em branco/
nulo/ nenhum

Não sabe



Fonte: Datafolha



Infográfico elaborado em: 18/10/2018

Fonte: G1, 2018.²³

²³ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/03/pesquisa-datafolha-veja-perfil-dos-eleitores-de-cada-candidato-a-presidente-por-sexo-idade-escolaridade-renda-e-regiao.ghtml>

Infográfico 2 – Perfil do eleitorado de Bolsonaro II

RELIGIÃO: evangélica

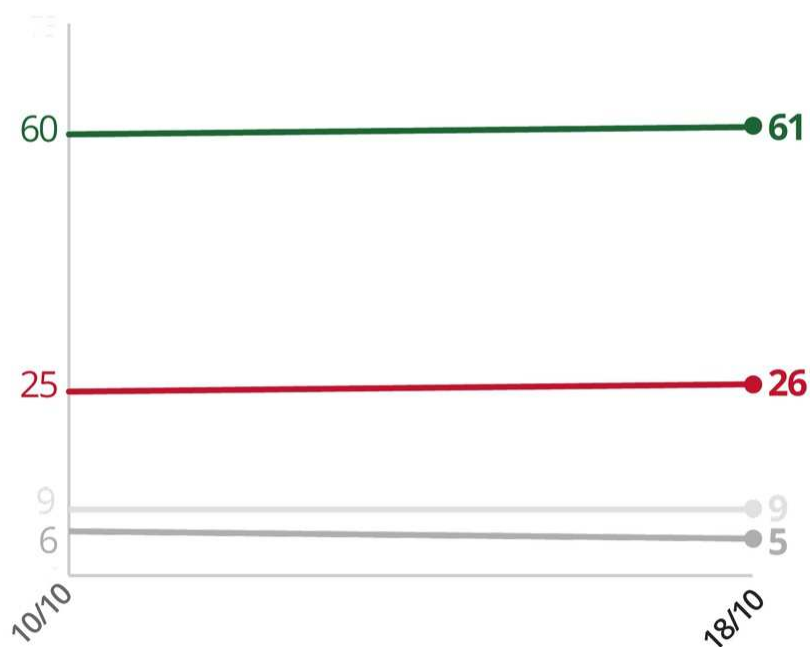
Em %

**Jair
Bolsonaro**
PSL

**Fernando
Haddad**
PT

Em branco/
nulo/ nenhum

Não sabe



Fonte: Datafolha



Infográfico elaborado em: 18/10/2018

Fonte: G1, 2018.²⁴

²⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/03/pesquisa-datafolha-veja-perfil-dos-eleitores-de-cada-candidato-a-presidente-por-sexo-idade-escolaridade-renda-e-regiao.ghtml>

Infográfico 3 - Perfil do eleitorado de Bolsonaro III

RELIGIÃO: espírita kardecista, espiritualista

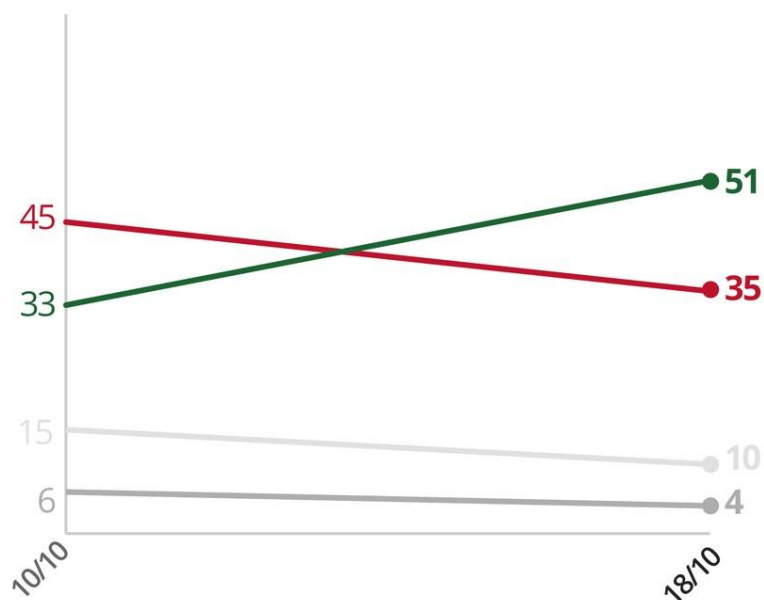
Em %

**Jair
Bolsonaro**
PSL

**Fernando
Haddad**
PT

Em branco/
nulo/ nenhum

Não sabe



Fonte: Datafolha



Infográfico elaborado em: 18/10/2018

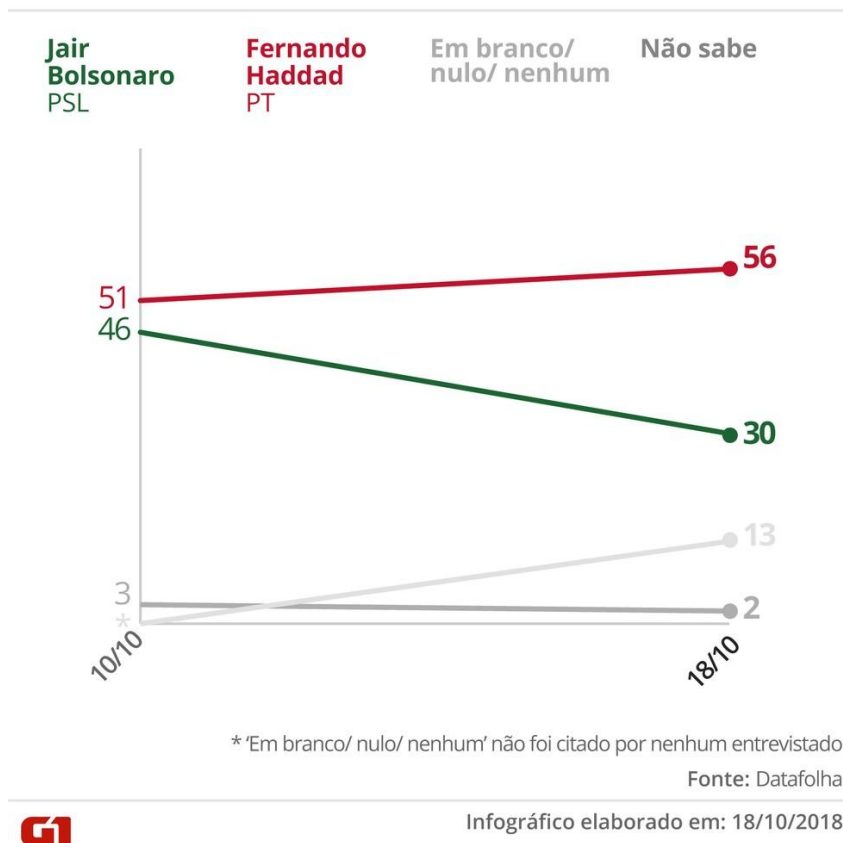
Fonte: G1, 2018.²⁵

²⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/03/pesquisa-datafolha-veja-perfil-dos-eleitores-de-cada-candidato-a-presidente-por-sexo-idade-escolaridade-renda-e-regiao.ghtml>

Infográfico 4 - Perfil do eleitorado de Bolsonaro IV

RELIGIÃO: umbanda, candomblé ou outras religiões afro-brasileiras

Em %



Fonte: G1, 2018.²⁶

Nos textos, são mostrados o quanto o fato da religião foi crucial para determinar o voto. É fato que vivemos em um país cristão, por conseguinte, ao trazer esse apelo, mostra que o seu governo estaria alinhado com os próprios preceitos religiosos. Por conta disso, seria contra todas as outras imagens e ideologias as quais estavam vinculadas – determinadas pelo meio social e pelas *fakes news* – ao PT, como o *kit gay*, a ideologia de gênero, a própria questão das manifestações feministas, entre outros. Em suma, percebemos que não foi apenas um fato isolado que construiu a narrativa de Bolsonaro, nem apenas um fator que foi decisivo para a sua vitória. Foram diversos fatores somados que, por sua vez, escreveram uma narrativa de um político, de um candidato que seria próximo da população, alguém que poderia “salvar” a população da corrupção, principalmente do PT.

²⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/03/pesquisa-datafolha-veja-perfil-dos-eleitores-de-cada-candidato-a-presidente-por-sexo-idade-escolaridade-renda-e-regiao.ghtml>

PARTE I

CONSTRUÇÃO DO MITO

“Peço ao bom Deus que nos dê sabedoria e que abençoe esta grande nação: Brasil acima de tudo e Deus acima de todos”

Bolsonaro em 2019 durante a posse de presidente

CAPÍTULO II

HUMOR, RISO E CRÍTICA:

A LINGUAGEM E O DISCURSO DAS CHARGES

*“Não se entreguem mais a esses brutos...
Homens que os desprezam, os exploram,
tratam vocês como gado.”*

O Grande Ditador, 1940.

De acordo com Romualdo (2000, p. 19), “a charge é um tipo de texto que atrai o leitor, pois, enquanto imagem, é de rápida leitura, transmitindo múltiplas informações de forma condensada”. Além disso, uma característica importante desse gênero é o fato de ele, por meio do humor, realizar uma crítica sobre algum fato social, o qual pode envolver a política, a religião, o esporte, a economia, entre outros. Atrelado a isso, ainda com base no autor, é necessário enfatizarmos que a charge não é um texto isolado. Assim, o discurso materializado ali pode aparecer em forma de outros textos, como a notícia.

2.1 A CONSTRUÇÃO DA CHARGE

Partindo dos pressupostos teóricos de Miani (2023), a partir do século XIX, os estudos voltados para o humor gráfico possuíam uma certa confusão ao tentarem definir a caricatura, pois, na época, a caracterizavam como, hoje, entendemos a charge. Cagnin ([s.d]), por sua vez, nos mostra que, na verdade, apenas em países cuja língua é o português associam a palavra caricatura com “cara” e, por conta disso, existe essa problemática de realizar o pressuposto de que esse gênero trata de uma representação humorística do rosto de alguém, a fim de enfatizar traços característicos e marcantes de uma pessoa, principalmente os defeitos, para que possa construir o riso e, ainda com base em Cagnin ([s.d]), promover a sátira, bem como o deboche.

Miani (2023), então, promove a discussão da origem de caricatura, a qual vem do italiano “caricare”, cujo significado é o de “pôr, ou impor um grande peso sobre alguma coisa, pessoa ou animal; significa também exagerar, aumentar de coisas e

atos além da medida” (Miani, 2023, p. 13). Em suma, podemos entender que a caricatura está associada ao ato de, por meio do exagero, enfatizar os traços de uma pessoa, fazer rir, conforme ilustram as imagens a seguir:

Figura 12 – Caricatura de Psy feita por Anthony Geoffroy



Anthony Geoffroy / Facebook: Anthony-Geoffroy / Creative Commons

Fonte: *Arte Ref*, 2023, [p.i.]²⁷

²⁷ Disponível em: <https://arteref.com/arte/as-25-caricaturas-geniais-de-pessoas-famosas/>

Figura 13 - Psy em Gangnam Style



Fonte: *Discover Music*, 2025, [p.i.].²⁸

Figura 14 – Caricatura de Dilma Rousseff feita por Amarildo



Fonte: *Blog do Amarildo*, 2012, [p.i.].²⁹

²⁸ Disponível em: <https://www.udiscovermusic.com/stories/psy-gangnam-style-song-video/>

²⁹ Disponível em: <https://amarildocharge.blogspot.com/2012/04/dilma-caricatura.html>

Figura 15 - Dilma Rousseff



Fonte: *Forbes*, 2025, [p.i.].³⁰

Em ambas as caricaturas, percebemos que não há, necessariamente, uma crítica de um fato social, mas representações das feições dessas pessoas de forma enfática. Em Psy (Figura 13), por exemplo, há um exagero em relação ao tamanho de suas bochechas, já em Dilma (Figura 15), o destaque está em seus dentes. Além disso, também é perceptível outros traços importantes para remeter às pessoas retratadas. Psy está com os trajes de seu vídeo clipe mais acessado no *YouTube*, *Gangnam Style*. É possível vermos isso pelo terno, pelos sapatos, pelos óculos e, até mesmo, pela sua postura, a qual remete a coreografia da música. Dilma, por sua vez, está vestindo vermelho e o fundo de sua imagem também está em vermelho, algo que reforça o partido político ao qual pertence, no caso, o Partido dos Trabalhadores.

Dessa forma, nesta tese, entenderemos a caricatura como:

[...] a representação caricata ou deformada de traços fisionômicos ou característicos de uma personalidade e como sendo aquele desenho que explora os detalhes anatômicos de um determinado rosto de um corpo, de maneira exagerada, enfatizando o que há ou pode haver de grotesco na pessoa (Miani, 2023, p.13).

³⁰ Disponível em: <https://forbes.com.br/geral/2016/04/a-ascensao-e-a-queda-de-dilma-rousseff-segundo-as-paginas-da-forbes/>

Tendo isso em mente, além de adotarmos termos diferentes para caricatura e para charge, partiremos do princípio de que a charge pertence às histórias em quadrinhos, pois estas, segundo Ramos (2019), tratam-se de um hipergênero que abriga diferentes gêneros, como as tiras, o cartum, a charge, por possuírem características em comum, como as vinhetas, a presença de personagens, os balões, entre outros elementos, no entanto cada um é um gênero por apresentarem elementos distintos. Como é o caso da tira cômica, que tem como finalidade a construção de uma narrativa e a quebra da expectativa ao final, o que gera o humor. A charge, por sua vez, possui outros elementos, os quais serão discutidos e apresentados ao longo desta seção. A caricatura, por outro lado, não consideramos como parte de um subgênero dos quadrinhos. Entendemos a sua relevância no mundo das artes, mas, ao nosso olhar, ela é parte de um outro gênero discursivo, o qual é nosso foco de pesquisa.

Em suma, seguiremos o caminho de que as charges, de forma mais ampla, “assumem a qualidade de uma prática ideológica e, por sua vez, política, seja pela temática ou mesmo pela estrutura de linguagem” (Miani, 2023, p. 17). Segundo Miani (2023), as histórias em quadrinhos podem passar uma impressão de serem simplistas, mas, se formos considerar os conceitos da AD, podemos afirmar que nenhum tipo de processo discursivo é considerado “inocente”, muito menos neutro, pois somos o tempo todo atravessados por instâncias ideológicas as quais são responsáveis por determinar e constituir o sujeito discursivo. E é por isso que é fundamental recuperar o contexto sócio-histórico que envolve a produção dos textos, pois o contexto em si também é crucial para esse processo de construção e de determinação de sentidos. Além disso:

[...] as histórias em quadrinhos se complexificaram e passaram a ocupar múltiplos espaços e a cumprir diferentes funções nas sociedades contemporâneas. Rompendo a censura, as perseguições e os ranços discriminatórios sofridos ao longo de várias décadas, principalmente, em meados do século passado, as histórias em quadrinhos conquistaram seu legítimo valor na ordem social e passaram a cumprir além do propósito do entretenimento, funções formativas e educativas, bem como se consolidaram como ilustre expressão artística e como efetiva estratégia política (Miani, 2023, p.17).

Assim sendo, ressalta-se, mais uma vez, a importância do contexto para a produção e para a constituição de efeitos de sentido, porque, ao analisar um texto de

forma isolada, não é possível compreender todos os atravessamentos discursivos presentes. Ademais, Miani (2023) menciona dois tópicos interessantes de observarmos: censura e estratégia política. Se formos traçar um paralelo entre essa menção com a temática desta pesquisa, não precisamos, na verdade, ir tão longe, basta voltarmos para o segundo ano do governo Bolsonaro como representante da república em 2020, ano esse que foi marcado pela progressão da pandemia do coronavírus pelo mundo todo.

No dia 11 de junho de 2022, Bolsonaro fez um pedido aos seus apoiadores, por meio das redes sociais, para que filmassem o interior dos hospitais públicos, a fim de que pudessem confirmar se, de fato, os leitos de emergência estavam ocupados. Nesse mês, o Brasil atingia a maior média, até então, no número de mortes, obtendo 125 mil, ou seja, 4.190 a cada 24 horas, conforme ilustram os dados apresentados pelo Ministério da Saúde.

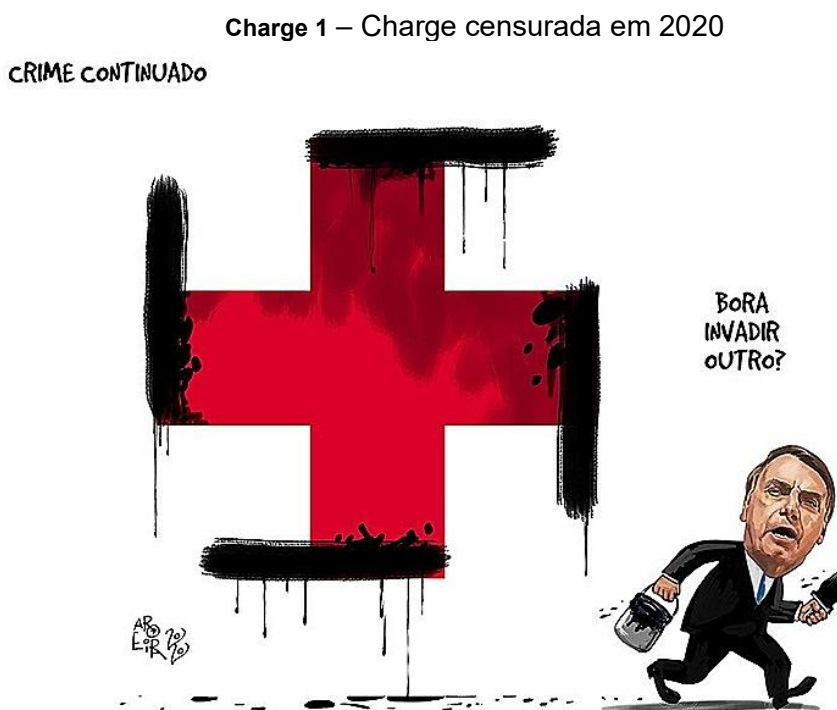
Contudo, apesar do número alarmante, o então presidente solicitou que, caso tenha “hospital de campanha perto de você, hospital público, arranja uma maneira de entrar e filmar. Muita gente está fazendo isso e mais gente tem que fazer para mostrar se os leitos estão ocupados ou não. Se os gastos são compatíveis ou não. Isso nos ajuda” (Folha de S. Paulo, 2020, [p.i.]). Não obstante, cinco deputados estaduais chegaram a realmente invadir as instalações de um hospital, a fim de cumprir às ordens dadas por Bolsonaro.

De acordo com *a Folha de S. Paulo* (2020), o processo de entrada em qualquer tipo de unidade de saúde sem autorização prévia não é permitido, pois pode constranger os pacientes e, conseqüentemente, colocar o visitante em risco de uma possível contaminação, ainda mais durante o auge da pandemia no país. Além, é claro, de ser considerado uma invasão.

Apesar de todas as orientações e de todos os alertas dados pela Organização Mundial de Saúde, Bolsonaro questionava sobre o número de mortos informados, uma vez que acreditava ser “invenção” do próprio hospital ao preencher o formulário de óbito, pois “tem um ganho político dos caras. Só pode ser isso. Aproveitando as pessoas que falecem para ter um ganho político. E para culpar o governo federal”, disse. ‘Pode ser que eu esteja equivocado, mas, na totalidade ou em grande parte, ninguém perdeu a vida por falta de respirador ou de UTI’” (Folha de S. Paulo, 2020, [p.i.]). É importante, ainda, lembrarmos que, na época, por conta do alto número de

contágios, os hospitais estavam lotados e, muitas vezes, sem ocupação para novos pacientes.

Dentro desse contexto social – assim como qualquer outro –, as charges estavam alinhadas aos acontecimentos recentes da sociedade, nesse caso, grande parte dos textos gráficos publicados faziam referência à pandemia. Assim, no dia 14 de junho de 2020, Renato Aroeira fez a seguinte publicação:



Fonte: *Brasil de Fato*, 2024.³¹

A charge de Aroeira foi publicada, originalmente, pelo *Portal Brasil 247*, em junho de 2020. Nela, é possível identificarmos a figura de Bolsonaro por meio de sua representação caricata que, assim como já foi dito, parte-se da ênfase das características da pessoa. Aqui, é perceptível, pelo cabelo penteado de lado, a expressão fácil, além do uso do terno. Nas mãos da personagem, por sua vez, há a presença de uma lata de tinta respingando, dando a sensação, pela forma como foi apresentada as pernas, o tronco e a sombra, de que está em movimento. Apesar de termos a presença de uma personagem no texto, o foco, na verdade, está no símbolo, o qual domina quase todo o espaço da charge. Há, ainda, duas cores: o vermelho e o preto. O símbolo central representa a própria cruz vermelha, algo relativo à saúde,

³¹ Disponível em: < <https://www.brasildefato.com.br/2020/12/31/relembre-as-charges-que-marcaram-2020-no-brasil> >

aos hospitais. Nas pontas, no entanto, pela tinta preta, forma-se a suástica, remetendo ao discurso nazista.

A crítica central, então, se dá pela associação da figura presidencial com o discurso nazista, uma vez que, assim como na Segunda Guerra Mundial, houve alguém/um responsável pelo número de mortes da população de forma “intencional”. No caso de Bolsonaro, a responsabilidade sobressai, nesse contexto, ao solicitar a invasão dos hospitais, na descrença de que o vírus estava se propagando e, realmente, causando a constância do número de mortos pelo descaso com a população.

Antes de falarmos sobre a censura, é preciso retomarmos a concepção e a característica central de uma charge: trata-se, segundo Ramos (2016, p. 21), “de um texto de humor que aborda algum fato ou tema ligado ao noticiário. De certa forma, ela recria o fato de forma ficcional, estabelecendo com a notícia uma relação intertextual”. Se puxarmos, ainda, pelo ponto de vista da AD francesa, vemos que a charge, na verdade, materializa um discurso e as construções de sentido se dão nesse jogo entre o passado e a atualidade, a qual chamaremos de memória discursiva. Dessa forma, a mudança de símbolos é uma prática comum na nossa história, como ocorria na Segunda Guerra Mundial. Segundo Tchakotine (2002, p. 485), “a suástica, nada tendo esta a ver com o nacional-socialismo e as teorias de um Hitler que, propagandista esperto, simplesmente adotou para seu movimento, devido à sua simplicidade, à sua fácil reprodução”. Assim sendo, a charge não só recupera o discurso nazista, como nos mostra que o que ocorre nesse texto nada mais é do que um ato que já ocorreu e que continuará acontecendo na sociedade: mudanças de símbolos. Todavia, é inegável que a história também determinou que a suástica possui e traz um teor negativo. Logo, quando a charge traz esse símbolo, é estabelecida uma criticidade em relação à situação precária da sociedade brasileira vivenciada em meio a uma calamidade pública.

Porém, assim como dito por Miani (2023), há uma carga ideológica presente como em qualquer outro texto. Nesse caso, o processo se dá pela parte imagética, ao transformar a cruz vermelha no símbolo nazista que carrega todo um processo discursivo gera uma repercussão negativa em uma parte da sociedade. Ao trazer a figura de Bolsonaro ao lado de tal símbolo há a associação direta de sua postura com o discurso nazista. Além disso, a fala “bora invadir outro” contribui de forma direta para

essa construção e efeito de sentido, funcionando como um interdependente na materialização discursiva presente na charge.

Por conta dessas instâncias ideológicas, André Mendonça, então Ministro da Justiça, fez a solicitação à Polícia Federal e ao Ministério Público de uma investigação sobre a charge de Aroeira publicada, originalmente, pelo *Portal Brasil* 247. Nas redes sociais, de acordo com *Brasil de Fato* (2023 [p.i.]), o ministro publicou uma parte do inquérito: “o pedido de investigação leva em conta a lei [de Segurança Nacional] que trata dos crimes contra a segurança nacional, a ordem política e social, em especial seu art. 26”. Caso fosse aprovada, o chargista cumpriria a reclusão de um a quatro anos. Ainda por meio de uma rede social, o jornalista Ricardo Noblat³² fez uma postagem respondendo à Secretaria da Comunicação, dizendo que “definitivamente, a SECOM da Presidência da República virou mais um canal do ódio. Isso é desvio de função. Configura crime de improbidade administrativa. Seu responsável deveria ser intimado a se explicar”.

Ademais, diversos chargistas produziram uma *Carta aberta em defesa da liberdade artística e ao direito ao humor*, a qual foi assinada pela Associação dos Cartunistas do Brasil, pela Associação dos Quadrinhistas e Caracaturistas do Estado de São Paulo, pelo Instituto Memorial das Artes Gráficas do Brasil e pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo. Nela, os autores fazem a seguinte indagação:

O desprezo pela democracia dos nossos governantes chega ao ponto do próprio presidente da República, Jair Bolsonaro, por meio do seu ministro da Justiça, André Mendonça, solicitar à Polícia Federal e ao Ministério Público abertura de investigação sobre uma charge de autoria de Aroeira. A imagem, uma clara alusão a ausência de políticas sanitárias em plena pandemia causada pelo vírus da Covid-19, mostra uma cruz vermelha (símbolo da saúde) transformada em uma suástica pelas mãos autoritárias do presidente. [...] O Brasil está se tornando um país onde o humor passa a ser censurado como nos piores períodos da ditadura. O que é mais estarrecedor; uma charge ou pessoas atirando fogos sobre o STF? Esta uma ação que, sim, mereceria a atenção do Ministro da Justiça (Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo, 2020, [p.i.]).

Além da carta, houve um movimento nas redes sociais por meio da *hashtag* “somos todos Aroeira”, em que diversos chargistas recriaram a charge original.

³² Noblat havia compartilhado a charge no *Twitter* e também recebeu o processo.

Estima-se, por sua vez, que mais de 150 cartunistas³³ participaram do movimento. Dentre as publicadas, para exemplificar, apresentaremos a de Gilmar, publicada em 16 de junho de 2020, um dia após a solicitação do ministro, e a de Cristiano Siqueira (que assina como Cris Vector), do dia 17.

Charge 2 – Charge continuada de Gilmar



Fonte: Rádio Peão Brasil, 2020.³⁴

³³ Trata-se, aqui, de uma estimativa, pois não há um número exato da quantidade de charges continuadas.

³⁴ Disponível em: < <https://radiopeaobrasil.com.br/charge-do-gilmar-188/> >

Charge 3 – Charge continuada de Cristiano Siqueira



Fonte: Instagram de Cristiano Siqueira, 2024.³⁵

É notório que ambas seguem o tema central da de Aroeira, mas com alguns elementos distintos. A começar pela mudança da legenda “crime continuado” para “charge continuada”, nome do movimento criado pelos cartunistas. Ademais, há a menção da *hashtag* “somos todos Aroeira”, expressando apoio, devido à tentativa de censura. Além disso, devemos enfatizar que há uma retomada, em todas, da prática de pichação. Reforçando, assim, o pressuposto de Tchakotine (2002) ao nos falar sobre o processo de mudanças de símbolos para alterar e produzir determinados sentidos. Além da parte escrita, na de Gilmar, percebemos o acréscimo da faixa presidencial na personagem, uma vez que, na original, é possível, como já dito, identificar a figura de Bolsonaro pelo traço caricato, no entanto, aqui, a personagem é construída como remete-se à morte. Contudo, ainda há características que fazem uma associação ao ex-presidente, como as sobrancelhas grossas e o cabelo penteado de lado. Como o discurso central da charge é a mudança do símbolo, percebemos que ao ter a aparição da morte dada pelo rosto ser a de um cadáver, a ênfase na questão

³⁵ Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/CBhZIMwFQAS/> >

da responsabilidade dos mortos pela Covid-19. Logo, há a recuperação de outro discurso.

Já na de Siqueira, as mãos da personagem, ao invés de carregarem o pote de tinta, fazem o símbolo da arma, um traço marcante durante todo o governo Bolsonaro, assim, remetendo, também, a um outro processo discursivo. Nesse caso, ao do ex-presidente ser a favor do porte de armas, algo que foi enfatizado em diversos momentos durante a sua campanha eleitoral, bem como ao longo de seu governo. De todo modo, também reforça a ideia de violência contra o outro e a concepção de morte. Ademais, a vestimenta remete à roupa de um palhaço, pelas mangas serem de babado e pela presença de luvas, algo típico do circense. Tem-se, assim, mais um processo discursivo distinto. Por fim, ao contrário da charge original, aqui, o corpo da personagem também é construído como uma suástica, reforçando mais ainda a concepção e a associação do governo Bolsonaro com o nazismo.

Dessa forma, percebemos que, apesar de as duas charges fazerem referência a um texto específico, cada uma, dada a instância ideológica que determina e atravessa cada Sujeito, materializa novos discursos. Assim, muito mais do que termos uma relação intertextual, como apontado por Ramos (2016). Ou, partindo dos preceitos da AD, as charges são caracterizadas por apresentarem um processo interdiscursivo.

De acordo com Pêcheux (1988), o interdiscurso pode ser entendido como o ato complexo dominante das Formações Discursivas, responsável por determinar as regras dos processos discursivos, bem como de estabelecer uma relação entre eles, em que irão, posteriormente, a partir das Condições de Produção, emergir a memória discursiva. Em paralelo, é o interdiscurso que realiza o funcionamento da ideologia, consequentemente, faz a interpelação do indivíduo em Sujeito. Em outras palavras, é a parte responsável por constituir o discurso de um Sujeito e atravessá-lo em outros discursos a partir da conjuntura dada.

Nesse caso, o pré-construído presente nas duas charges analisadas se dá pela charge de Aroeira que acabou sendo censurada. Isso ocorreu por conta do discurso dominante: o anti-bolsonarismo com o de luta. No entanto, cada uma perpassa e interpela o indivíduo Bolsonaro em um Sujeito Bolsonaro distinto. Na primeira, temos o atravessamento de um discurso da morte, o qual é materializado pela construção da personagem, assim, trata-se de um Sujeito constituído além do nazismo e do bolsonarismo, trata-se do próprio Anjo da Morte, o qual só conseguimos perceber

dadas as instâncias ideológicas, ou, sendo mais específico, pelo interdiscurso presente. Na segunda, por outro lado, há dois sujeitos construídos em um só: o palhaço e o nazista. Assim, é por meio do interdiscurso que deixamos de lado a pessoa Bolsonaro para falarmos sobre o discurso, sobre o Sujeito construído e determinado por diferentes interpelações e atravessamentos discursivos.

Logo, quando Miani (2023) nos mostra que é primordial recuperarmos o contexto sócio-histórico para a compreensão da charge, ou que as HQs possuem uma carga ideológica, na verdade, podemos afirmar que esse gênero, assim como qualquer outro, deve ser analisado considerando as suas Condições de Produção. Contudo, na charge, objeto desta pesquisa, precisamos averiguar os seus processos interdiscursivos, por ser uma das características constituintes de seu gênero.

Ademais, voltando para as duas palavras utilizadas por Miani (2023), “censura” e “estratégia política”, é possível concluirmos que:

- Primeiro: a censura não é algo que *já* aconteceu envolvendo as histórias em quadrinhos. É algo que *acontece* com as HQs. Logo, não podemos afirmar ou mensurar como uma situação isolada e concluída, pois se trata de uma situação sócio-histórica determinada. Algo que, infelizmente, ocorre de forma recorrente, envolvendo os diferentes gêneros quadrinísticos, como é o caso dos *Vingadores: a cruzada das crianças*, durante a Bienal do Livro no Rio de Janeiro em 2019, por, segundo o ex-prefeito Marcelo Crivella, apresentar conteúdo sexual para menores. O conteúdo, em questão, é o de dois rapazes trocarem carícias e beijos, conforme ilustra a imagem a seguir:

Figura 16 – Cena Vingadores



Fonte: Folha de S. Paulo, 2019.³⁶

- Segundo: a estratégia política deve ser lida, não como uma vertente de envolver questões voltadas para o governo, por exemplo, mas como algo que atravessa, de fato, as questões sociais. Logo, para a construção e a produção de sentido, é necessário que a HQ, independentemente de seu gênero, seja lida, inserida e considerada a partir das suas Condições de Produção.

Portanto, assim como aponta Romualdo (2000), mesmo a charge sendo um texto que chama mais a atenção dentro do jornal, por conta de seu humor, ela não deve ser lida de forma isolada, sem considerar o seu contexto, “que não aparecem só no jornal, mas também fora dele” (Romualdo, 2000, p. 18). Dessa forma, a charge carrega uma construção de sentido que não está totalmente pronta e dada, pelo contrário. Ela exige que o sujeito seja capaz de materializar esses sentidos, por meio dos seus atravessamentos discursivos e, principalmente, pelas formações ideológicas, as quais irão determinar, ali, o que pode e deve ser imaginado. Aliás, mais do que isso. A FI será responsável por determinar a forma como as imagens sociais foram materializadas em um texto chágico.

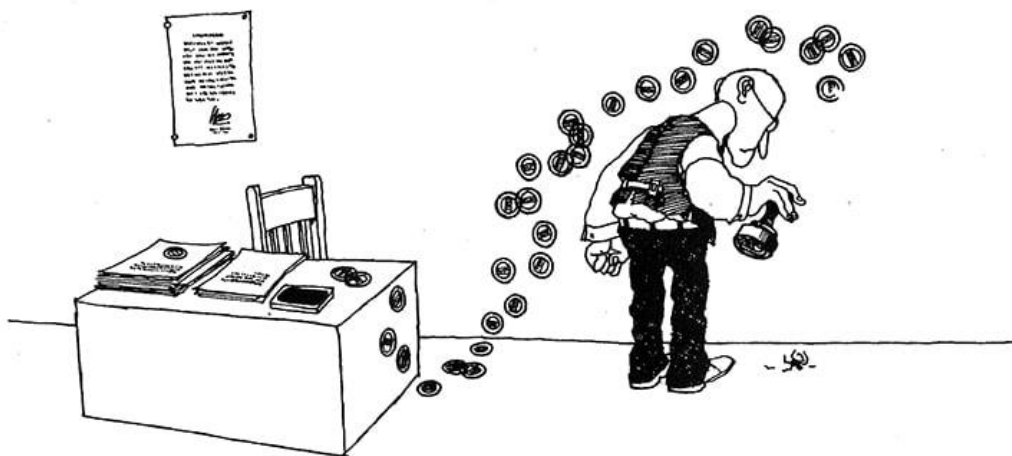
Antes de trazermos uma definição e uma explicação mais específica sobre charge, é necessário realizar uma distinção entre cartum e charge. Segundo Romualdo (2000), o *Dicionário da Comunicação* traz a concepção de que o cartum tem o objetivo de provocar o riso, sendo, inclusive, uma das manifestações da

³⁶ Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/09/marcelo-crivella-manda-censurar-gibis-dos-vingadores-na-bienal-do-livro-no-rio.shtml> >

caricatura ao provocar esse riso por meio de uma crítica mordaz, de uma ironia e, principalmente, ao retratar as fraquezas, os hábitos e os costumes do ser humano. Já Riani-Costa (2001) nos mostra que o termo “cartum”, como parte de um humor gráfico, tem uma essência totalmente brasileira, pois nas demais línguas não há o mesmo sentido. No inglês, por exemplo, de onde a palavra se originou, tem-se a concepção de ser um cartão; desenho para ser produzido em um cartão. De acordo com o autor, a primeira aparição que se tem do termo cartum – no sentido abrigado – foi em 1964, em uma edição da revista *Pererê*, com a publicação de Ziraldo.

Riani-Costa (2001) ainda nos fala que o cartum é comumente confundido com a charge devido à sua semelhança visual, como ilustra a Figura a seguir:

Figura 17 - Exemplo de cartum



Fonte: *O Plural*, 2025, [p.i.].³⁷

O cartum de Quino, apesar de lembrar uma charge, por conta do quadro, a presença de um personagem, a construção de um espaço e de um tempo – ao contrário da charge de Aroreira, por exemplo –, não precisa da recuperação de um contexto sócio-histórico factual para termos a construção de sentido. Porém, assim como qualquer outro texto, a interpretação, bem como a essa determinação do

³⁷ Disponível em: <https://www.plural.jor.br/obrigado-quino/>

sentido, se dá por meio das Formações Discursivas, da Formação Ideológica, do pré-construído e da memória discursiva do Sujeito. Apesar de a narrativa acontecer em apenas um quadro, é possível recuperarmos, pela construção do espaço, que se trata de um escritório, devido à mesa com papéis, o carimbo, os trajes da personagem – que trazem à memória a ideia de um trabalho formal, o qual exige esse tipo de vestimenta. Nela, percebemos que há várias marcações de carimbo fora do papel, passando pela mesa, subindo pela parede, até que esse caminho para. Compreendemos que quem fez tal ação foi a própria personagem, por ela estar com o objeto em sua mão. Ao chão, por sua vez, observamos a presença de uma aranha com as patas para cima, trazendo, assim, a concepção de que estaria morta. O funcionamento e a produção de sentido, então, depende do Sujeito. No caso, o Sujeito é atravessado por uma FD específica, o trabalho de escritório, em que o indivíduo costuma preencher documentos, carimbar, fazer processos burocráticos gerais. Essa “definição” foi dada e determinada pela própria construção social e histórica, mas não precisamos saber exatamente o ano de publicação, muito menos o momento em que ocorreu a criação desse cartum para a produção do riso e para compreender que Quino está estabelecendo um diálogo do cotidiano do ser humano dentro da história em quadrinhos.

Logo, ainda com base em Riani-Costa (2001), no cartum, a demarcação de contexto ocorre de forma diferente, pois a sua compressão não depende de um tempo específico, por isso a sua leitura pode ser feita em diferentes épocas e, mesmo assim, gerar uma produção de sentido. Além disso, não há a presença de uma personalidade real, uma figura pública, alguém que é de fácil reconhecimento. Para o autor, boa parte dos cartuns também não costumam ter a presença de balões de fala, assim é constituído pela linguagem não verbal. É claro que, como Riani-Costa (2001) apontou, é uma boa parte, pois não podemos generalizar essa questão.

Conforme Romualdo (2000), a palavra charge vem do francês *charger*, que significa carregar; exagerar. Para ele, com base no *Dicionário da Comunicação*, charge é uma espécie de cartum, mas com o intuito de estabelecer uma crítica, por meio do humor, de um acontecimento e/ou de um fato específico. Por isso, inclusive, que esse tipo de texto aparece, comumente, na área de opinião do jornal. Assim, a charge busca retratar um momento e “ir direto onde estão centrados a atenção e o interesse do público leitor” (Romualdo, 2000, p. 32).

Podemos, ainda, complementar tal definição a partir dos preceitos de Riani-Costa (2001, p. 28), o qual diz que a especificidade desse gênero é “retratar fatos atuais e específicos, como escândalos políticos, embates entre grupos e acontecimentos divulgados diariamente pela mídia”. O autor menciona também as palavras de Propp, que retrata sobre como as normas sociais acabam mudando com o passar do tempo. Logo, podemos voltar para a percepção do quanto são importantes as Condições de Produção em um texto. Afinal, a charge que foi produzida, por exemplo, em 2016, possuía uma carga ideológica específica referente àquela Condição de Produção. Se esse mesmo texto fosse lido hoje, além de ser necessário recuperar a CP da época, é provável que haja outras condições que atravessaram aquela mesma charge, podendo, inclusive, ter materializações discursivas distintas. Por conta disso, Riani-Costa (2001, p. 28) nos mostra que a charge, ao contrário do cartum, “perde” uma parte da sua força com o passar do tempo. E isso também pode ocorrer se esse texto for lido por diferentes culturas/sociedades, pois o “seu conteúdo diz respeito a determinados valores, dentro de um contexto específico e da época que foram elaborados”.

Atrelado a isso, para pensarmos em uma maneira de diferenciarmos os três gêneros – cartum, charge e caricatura –, Romualdo (2000) menciona a ocasião em que Chico Caruso – desenhista desses três gêneros textuais – foi ao programa do *Domingão do Faustão* em 1994 e fez uma diferenciação entre caricatura, cartum e charge, fazendo uma apologia à fotografia:

Caruso apresentou o cartum como uma máquina fotográfica focada no infinito. A possibilidade de compreensão do cartum, pelo fato de focar uma realidade genérica, é muito maior. Em contrapartida, a charge focaliza uma determinada realidade, geralmente política, fazendo uma síntese de um fato político. Somente os que conhecem essa realidade entendem a charge. Já a caricatura focaliza um elemento dessa determinada realidade focada pela charge (Romualdo, 2000, p. 32).

Assim, a charge precisa estar associada a uma Condição de Produção previamente estabelecida para a compreensão, além, é claro, que o Sujeito precisa estar atravessado pelas FDs que irão estabelecer o sentido. Porém, algo importante que precisamos enfatizar quanto a isso é o fato de que, como cada Sujeito possui uma Formação Discursiva específica, a forma como irá receber tal discurso pode mudar. Como Romualdo (2000) afirma, esse texto comumente tece críticas a um momento social, muitas vezes trazendo discursos políticos. Então, digamos que o Sujeito

compartilhe da mesma FD do cartunista, tenha os mesmos atravessamentos da crítica presente, a forma como a mensagem será recebida é diferente daquele que tem outra FD. Sabemos que, para a Análise do Discurso, não devemos considerar o autor, mas, nesse caso, apenas ilustramos a questão do cartunista para realizar uma exemplificação de como se dá o processo de aceitação e de não aceitação de um determinado texto. É a partir dessa questão que, muitas vezes, há os dissensos e as críticas a uma charge, como ocorreu com a de Aroeira, gerando, nesse caso, a censura.

No entanto, não podemos deixar de levar em consideração também as Condições de Produção do momento em que a charge é produzida para despertar essas desavenças. Tanto em 2019 quanto nos anos que se seguiram, houve polaridade política bem-marcada. Logo, quando o texto faz uma crítica materializando a figura de Bolsonaro como um nazista, alguém que é materializado como o responsável pela morte de milhares de pessoas, apenas enfatiza tal polaridade. Afinal, os que compartilham da mesma instância ideológica e aceitam os discursos produzidos advindos do bolsonarismo sentiram-se agredidos por esse texto. Já os que são constituídos por uma outra instância, podem ter aceitado a materialidade daquele discurso de forma diferente, como se fosse, realmente, uma concretização de todos os acontecimentos que envolviam a figura de Bolsonaro. Desde a quantidade de mortos pela Covid-19 ao fato de não acreditar que os hospitais estavam cheios e sem condições de receber mais doentes.

Romualdo (2000, p. 32), então, define a charge “como um texto visual humorístico que critica uma personagem, fato ou acontecimento político específico” e, por conta disso, há uma limitação específica do tempo, algo que não acontece no cartum. A tabela, a seguir, ilustra as semelhanças e as diferenças entre os três gêneros analisados: cartum, charge e caricatura, a partir da teoria de Teixeira (2005):

Tabela 8 - Semelhanças e diferenças entre cartum, charge e caricatura

Gêneros
Caricatura
“Dos três gêneros gráficos que se apropriam da realidade para expressá-la através do traço de humor, a caricatura é a mais ousada, pois mexe nas superfícies anatômicas do sujeito real para reproduzi-las em profundidade, como exterioridades de sua identidade” (Teixeira, 2005, p. 101).
Cartum
“Dos três gêneros gráficos que se apropriam da realidade para expressá-la através do traço de humor, o cartum é o mais livre e criativo, e também o mais anárquico, porque é aquele que explora e vai fundo no delírio de ser, como fonte de consciência individual e como objeto de comportamento social” (Teixeira, 2005, p. 118).
Charge
“Dos três gêneros gráficos que se apropriam da realidade para expressá-la através do traço de humor, a charge é o mais sofisticado, pois conta e resume histórias reais de modos e maneiras convincentemente irreais” (Teixeira, 2005, p. 91).

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos conceitos de Teixeira (2005).

Para Teixeira (2005), vemos que os três textos compartilham de algo em comum: possuem traços do humor. No entanto, a caricatura – além de ressaltarmos que não faz parte do gênero quadrinístico – tem como objetivo ressaltar as características físicas de uma pessoa real, como observamos em Psy e em Dilma. O cartum, por sua vez, assim como charge possuem traços mais similares por fazerem parte das histórias em quadrinhos. No entanto, o cartum é definido como *anárquico*, assim, entendemos que ele não está relacionado, necessariamente, a aspectos políticos, pois pode trazer situações do nosso cotidiano, como vimos no trabalho de Quino. Por fim, a charge é conceituada como a mais *sofisticada*, devido a sua complexidade. Como pontuamos, ela faz o processo de transformar um acontecimento real em algo ficcional, elemento esse que estamos analisando ao longo da tese, a fim de verificar se o *ethos* presente em Bolsonaro permanece o mesmo com o passar dos anos de seu governo.

De forma geral, o cartum e a charge compartilham de características em comum, pois, como afirma Ramos (2019), são parte do hipergênero história em quadrinhos, por isso possuem personagens, marcação de espaço e de tempo,

construção de narrativa... No entanto, mesmo compartilhando de algumas características, também há traços específicos, o que os fazem ser gêneros discursivos diferentes. No entanto, há um outro fator que precisamos levar em consideração. O fato de a charge e a caricatura serem textos diferentes não anula a questão de poderem estar juntas. Afinal, como a caricatura traz traços exagerados de uma figura, as personagens retratadas nas charges possuem traços caricatas. Principalmente para que haja a construção de uma crítica envolvendo aquela figura, até porque a característica central da charge é a de materializar, de forma ficcional, um fato que ocorreu na sociedade. Riani-Costa (2001, p. 30) ainda destaca que “da mesma maneira que na charge, se exige um conhecimento prévio por parte do receptor em relação ao retratado, caso contrário seu sentido fica enfraquecido”. Assim como falamos que a charge exige um atravessamento específico do Sujeito em relação ao discurso produzido, a caricatura também possui esse fator. A construção de sentido depende exclusivamente das formações discursivas e ideológicas de cada Sujeito. E, assim como já foi dito, é isso que irá determinar, também, as diferentes formas de receber e de materializar o discurso dado.

2.2 CHARGE E DISCURSO HUMORÍSTICO

Segundo Teixeira (2005), o riso é visto, pelo meio social, como uma atitude infantil e/ou natural, sendo relacionado como uma falta de maturidade do ser humano. “Esse riso que desajeitadamente esboçamos nos coloca diante de uma incômoda subjetividade, nos remete a uma fase ultrapassada de nossas vidas – sabe-se lá a que preço – e nos devolve essa criança que inexoravelmente somos, mas que racionalmente negamos” (Teixeira, 2005, p. 34). Assim, é como se o humor nos levasse para a infância, todavia, pelas construções sociais e pelas próprias instâncias sociais que determinaram que isso é considerado “errado”, a cultura critica esse lado criança que já fomos. Logo, “de modo esquemático, pode-se dizer que, para as teorias clássicas, o sério e a gravidade coincidem com a verdade, de modo que não-sério (o espaço do riso) é o não-verdadeiro” (Alberti, 1999, p. 197).

Por sua vez, é notório que há uma pré-determinação social de que o sério é bem-visto, está associado, pela instância ideológica, com a boa conduta, como se fosse uma condição para o ser e para o lugar ser visto com confiança e com credibilidade. Como afirma o autor, é uma condição para estabelecer a verdade. Por isso que, dentro da sociedade, o humor é relacionado como algo negativo, algo que é

feito, apenas, para provocar um riso momentâneo. Em outras palavras, espera-se do humor apenas um escape para os momentos da rotina do indivíduo, como um alívio do dia a dia, mas não é esperado que ele possa estar relacionado com a incorporação de um novo conhecimento.

Em outras épocas, o humor era visto como algo marginal, sendo colocado à parte social, como os loucos. Afinal, ele produzia a desordem da razão. Já, hoje, “não há lei que não se exerça em detrimento do humor, e não há riso que não quebre alguma lei” (Teixeira, 2005, p. 40). Em suma, mesmo tendo novas significações, o humor ainda é tratado com um certo preconceito, justamente por realizar a quebra da razão do indivíduo e das ordens sociais. Nos shows de humor (*stand-up*), os humoristas tecem diversas críticas por meio de textos que buscam provocar o riso, seja a partir de costumes dos seres humanos, seja a partir de temas mais polêmicos, como política, religião, questões raciais, entre outros.

Assim como já falamos, as Condições de Produção, bem como a aceitação do sujeito, são essenciais para a produção de sentido. Nesse caso, ela será fundamental para provocar o riso. Se o humorista, por exemplo, realiza uma piada falando sobre uma determinada classe social, o sujeito, para ter esse processo de aceitabilidade, também precisa compartilhar desse atravessamento discursivo. Caso contrário, pode ser mal-visto e/ou interpretado. E é justamente nesse ponto que pode ocorrer a censura.

Em 2022, durante a cerimônia do Oscar, Chris Rock realizava o seu show, ao apresentar sobre a categoria de “Melhor Documentário”, tecendo comentários sobre os próprios convidados/os concorrentes – algo comum nesses tipos de evento -, a fim de estabelecer um vínculo com a plateia. Segundo o *G1*, Rock já havia feito piadas envolvendo outros convidados e o clima, até então, estava em harmonia. Contudo, ao final, referindo-se a Jada Pinkett Smith, diz “Jada, eu amo você. G.I Jane 2, mal posso esperar para ver”, fazendo uma referência ao filme *G.I Jane*, de 1997, cuja protagonista, interpretada por Demi Moore, é careca. Porém, Jada Smith, que estava com a cabeça raspada, possui alopecia, condição essa que a fez perder o cabelo.

Em um primeiro momento, a plateia, assim como Will Smith – marido de Jada -, parece aceitar e receber bem a piada, contudo, na sequência, o ator se encaminha até o palco e agride o apresentador. Os espectadores ficaram sem reação, pois não se sabia, ao certo, se fazia parte do espetáculo ou se, de fato, era real. Ao pegarmos esse acontecimento, percebemos que o riso, de fato, ocorreu de forma natural, mas

também foi atribuído como algo fora da razão e teve como consequência a agressão. O humor, nessas Condições de Produção, foi, mais uma vez, visto como algo negativo. Assim sendo, podemos questionar: será que o humor, ali, não ocorreu devido à piada envolver a condição de Jada Smith ou pelo contexto em que ela foi produzida? Estamos falando, por sua vez, de uma das maiores premiações de Hollywood, a qual se espera, inclusive, uma boa conduta dos envolvidos.

No Brasil, também há diversos relatos de humoristas que já sofreram ameaças e processos. Em maio de 2025, Afonso Padilha, em seu canal do *YouTube*, relata sobre o dia que fez uma piada sobre Balneário Camboriú na própria cidade. A prefeita, Juliana Pavam, em suas redes sociais, fez um vídeo reagindo ao texto humorístico de Padilha. Tal ação, por sua vez, resultou em ameaças a Padilha, que precisou cancelar os shows que ainda aconteceriam na cidade. Tanto nesse caso quanto no de Rock, notamos que o humorista foi recebido com um teor negativo devido às Condições de Produção. Ou, ainda, porque o Sujeito não compartilhava dos mesmos atravessamentos discursivos da figura Padilha.

Dessa forma, como a charge compartilha e possui traços do humor, envolvendo, inclusive, figuras reais e situações políticas, é comum vermos esse embate entre Sujeitos com atravessamentos distintos. Para Teixeira (2005, p. 73), a charge tem o humor como um principal elemento e, ao mesmo tempo, é o seu instrumento singular, pois “é através dele que a charge transforma a notícia numa *consciência* sobre ela”. Assim, esse tipo de texto materializa o discurso e é por meio dessa materialização que ocorre tanto o humor, quanto os efeitos de sentidos.

Ainda com base no autor, a charge:

- “reproduz a realidade independentemente da razão;
- produz uma verdade independente da realidade;
- incorpora o humor como linguagem que produz uma verdade cujo *sentido* está fora da realidade e além da razão” (Teixeira, 2005, p. 74).

Logo, do mesmo modo como ocorre no *stand-up*, a charge traz o humor sem, necessariamente, se preocupar com a pré-determinação social do que é visto como “certo” ou “errado” em uma Condição de Produção. Além disso, a charge sempre constituirá uma verdade social, devido às instâncias ideológicas que são responsáveis por determinar os diferentes sentidos, não levando em consideração a razão, a

realidade como ela é. Por isso que, muitas vezes, há traços ficcionais na charge e a possibilidade de mais de um discurso, assim como podemos observar na charge a seguir:

Charge 4 – Texto de humor



Fonte: Marco Jacobsen, 2025.³⁸

A charge Marco Jacobsen foi publicada em 19 de julho de 2025, pela *Folha de Londrina*, um dia após uma ação da Polícia Federal de busca e de apreensão de Jair Messias Bolsonaro. A decisão foi tomada por Alexandre de Moraes, ministro do Supremo Tribunal Federal, após o ex-presidente confessar “de forma ‘consciente e voluntária’ uma tentativa de extorsão contra a justiça brasileira e agiu com o filho Eduardo para ‘interferir no curso de processos judiciais’” (G1, 2025, [p.i.]. De acordo com *Brasil de Fato* (2025), Bolsonaro está com o uso da tornozeleira eletrônica e deve permanecer em domicílio das sete horas da noite às sete horas da manhã. Ademais, por decisão do Supremo Tribunal Federal, está proibido de usar qualquer rede social, de se comunicar com os investigadores e com os diplomatas, bem como de estabelecer aproximação com a embaixada. Na charge em questão, vemos a figura caricata de Bolsonaro, a qual percebemos pelo trejeito do cabelo e pela camiseta com as cores verde e amarela, semelhantes às da Seleção Brasileira – usada pelos seus

³⁸ Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/charge/charge-19072025-3274865e.html?d=1>

apoiadores. Em uma forma maior, vemos a tornozeleira eletrônica com a seguinte sequência numérica “18072025”, a qual funciona como uma espécie de identificação. Contudo, aqui, pela própria Condição de Produção, remete-se ao dia em que Bolsonaro foi apreendido e recebeu tal objeto. Além dessa sequência, temos a presença do “22” na parte de trás de sua camiseta, nos remetendo ao número do Partido Liberal que Bolsonaro pertencia e o levou ao cargo de presidente.

Algo importante de notarmos é a forma como a personagem está construída em relação ao objeto. A figura do ex-presidente aparece muito menor se comparada com a tornozeleira. Foucault nos fala sobre as relações de poder, as quais são responsáveis por determinar a forma como a sociedade é movimentada. Assim, sempre haverá um ser “superior” e um “inferior”. Na imagem, notamos que há a materialização desse discurso pela forma como a personagem e o objeto aparecem. Além disso, a charge não traz nenhum fundo (cor, objetos, personagens), nem mesmo falas para a personagem, o que também constitui o silêncio, aqui, nesse contexto, como a perda de sua posição social. Bolsonaro, até então, ainda era visto como esse ser de superioridade, principalmente pelos seus apoiadores, e, mesmo não ocupando mais o cargo de Presidente da República, constantemente proferia discursos e ações como se ainda ocupasse tal cargo, estabelecendo, assim, uma luta por poder com o atual presidente Lula.

Nessa charge, então, percebemos que há uma quebra da forma como a figura de Bolsonaro era retratada, por exemplo, nas charges que analisamos de 2019, ano em que era presidente. As que já foram analisadas, o ex-presidente, mesmo que estivesse sendo associado como culpado de alguma ação, ainda era colocado em uma posição de superioridade, muitas vezes ocupando grande parte do espaço e sendo visto como o foco. Todavia, aqui, vemos o processo contrário. A personagem ocupa uma nova posição social e um novo atravessamento discursivo, e, por consequência, assumisse duas novas posições de Sujeito: a de Inferior e a de Preso.

Ao termos essa materialização, notamos, justamente, a quebra da razão, a qual também é possível percebermos devido ao tamanho diminuto de Bolsonaro em relação à tornozeleira. Aliás, para Teixeira (2005), se esse texto tivesse a obrigação com a razão, haveria uma restrição do campo de significado, bem como empobreceria a experiência humana. Por isso, a charge:

aciona um mecanismo que produz sentido e verdade *na* imaginação e, através dela, articula seu discurso na fronteira da realidade, pelas

bordas da razão. Ela constrói um personagem cuja identidade é produto de um distanciamento crítico, um *estranhamento* entre ele e o sujeito do qual deriva. Seu defeito é reproduzir esse sujeito real num personagem fictício – entretanto, plausível e verídico -, revelando, pelo sentido, uma verdade sobre ele, desvinculada de qualquer traço de racionalidade (Teixeira, 2005, p. 75).

A partir da concepção de Teixeira (2005), voltamos, mais uma vez, ao objetivo desta tese, a qual visa analisar *o discurso*, esse *estranhamento* entre o ser real e o fictício. Em outras palavras, o nosso intuito é compreender como se dá a materialidade de um discurso, não a pessoa Bolsonaro. Contudo, assim como já foi dito, pela característica da charge, é importante retomarmos e traçarmos um paralelo com a realidade, a fim de entender o contexto da época para não perder o sentido. No entanto, é crucial reforçarmos a ideia de que a charge constrói o sentido por meio dessa “quebra” do real para a personagem, mas que, ao mesmo tempo, compartilham de uma identidade em comum. Ou, como Teixeira (2005) conceitua, produzir *identidade por diferença*.

Conforme Riani-Costa (2001), diversos teóricos do campo dos estudos da linguagem afirmam que o humor carrega um tom crítico. Além disso, ainda com base em Riani-Costa, o enunciador reproduz em seu discurso, de forma inconsciente, elementos de uma formação discursiva dominante, a qual pode reforçar elementos de dominação. Novamente, não estamos levando em consideração o autor, mas a forma como se dá a materialização do discurso. Assim, leremos o “enunciador” como o discurso central. No caso da charge de Jacobsen, tem-se como FD principal o discurso prisional. Todavia, ali, também há o atravessamento de um discurso bolsonarista e de oposição a ele.

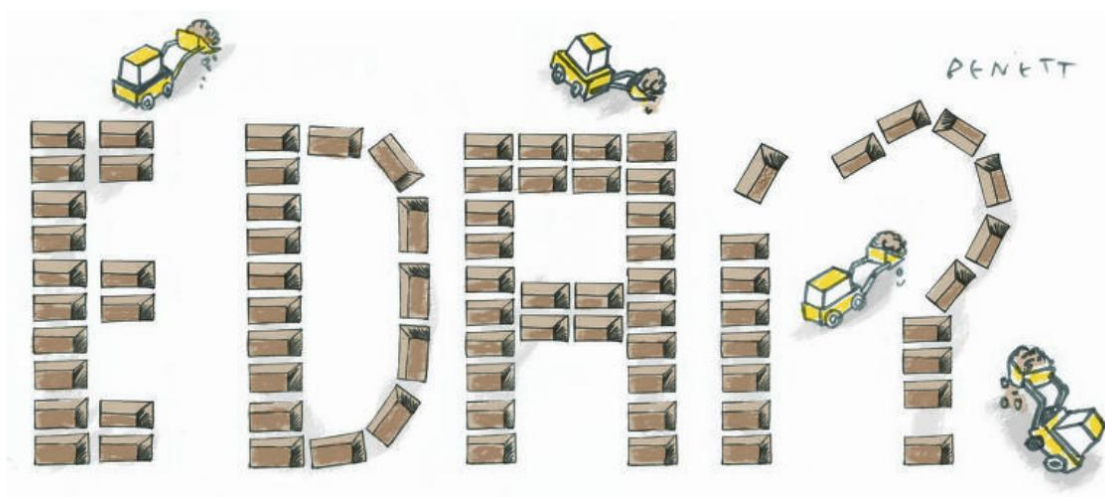
O discurso prisional se faz presente pela tornazeleira; o bolsonarista pela própria figura de Bolsonaro que, inclusive, aparece com um semblante triste; já o de oposição a ele pelo contraste de tamanho entre a personagem e o objeto. No caso do humor, é notório que, na charge, ele não ocorre, necessariamente, para causar o riso, é feito para estabelecer uma crítica social, nesse caso sobre o fato de o ex-presidente ter sido apreendido pela PF e condenado pelo STF.

Riani-Costa (2001) ainda nos diz sobre a importância dessa “denúncia” social, porque o silêncio, o ato de não questionar, só dá força para aqueles que estão em posição de poder dentro da sociedade e enfraquece o senso crítico das pessoas, algo que, inclusive, é primordial dentro de uma democracia. Um ponto a aprofundarmos um pouco mais é o fato de o humor não, necessariamente, ter como intuito o riso.

Afinal, o ato de rir, assim como já falamos, pode ser algo natural do ser humano, aliás, para Riani-Costa (2001), é o ridículo que costuma provocar o riso, como alguém acabar tropeçando e gerar uma crise de riso no outro, mas o *humor* nem sempre irá fazer o sujeito *rir*. Logo, nesta tese, entendemos que o humor é uma manifestação crítica, uma forma de materializar, na verdade, a crítica de um acontecimento social.

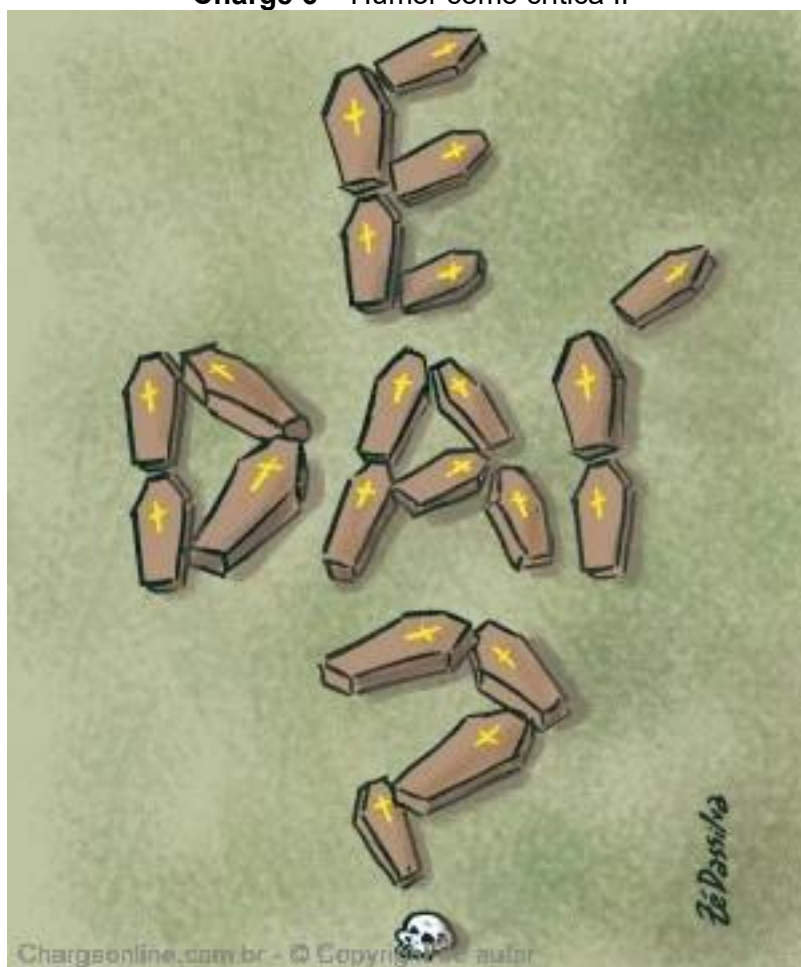
Ainda com base em Riani-Costa (2001), uma das estruturas mais tradicionais de se construir um texto de humor é a famosa ruptura (a quebra de expectativa), algo que temos nas tiras cômicas, por exemplo. Na charge, por sua vez, a ruptura pode ocorrer de diferentes formas, como trazer a fala proferida por uma pessoa real, mas colocada de uma outra maneira, trazendo outros discursos para realizar essa quebra, como podemos ver nas figuras a seguir:

Charge 5 – Humor como crítica I



Fonte: Benett, 2020.³⁹

³⁹ <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1662736807401492-charges-abril-2020>

Charge 6 – Humor como crítica II

Fonte: Zé Dossilva, 2020, [p.i.].⁴⁰

⁴⁰ Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/especiais/charges-ze-dassilva>

Charge 7 – Humor como crítica III

Fonte: Duke, 2020.⁴¹

⁴¹ O chargista teve a sua conta hackeada por volta de 2020. Por conta disso, grande parte de suas postagens foram excluídas. Ainda é possível encontrar a imagem em alguns *sites*. Porém, a que está presente na tese foi salva na época de publicação, mas não temos mais acesso ao hiperlink de acesso.

Charge 8 – Humor como crítica IV



Fonte: Toni D'Agostinho, 2020, [p.i.]⁴²

A primeira charge foi produzida por Benett, a segunda por Zé Dassilva, a terceira por Duke e a última por Toni D'Agostinho em abril de 2020. Na época, o Brasil atingiu a marca de 474 mortes em 24 horas por Covid-19 conforme indicam os dados oficiais do Ministério da Saúde. Segundo a *BBC News Brasil* (2025), Bolsonaro, ao ser questionado sobre o recorde do número de mortos (um pouco mais de cinco mil) pelo vírus, surpreendeu jornalistas e população ao dizer “E daí? Lamento. Eu sou o Messias, mas não faço milagres”. As charges, por sua vez, materializam a fala do ex-presidente, uma figura real e uma fala que, de fato aconteceu, por meio da ruptura. Rompe-se, dessa forma, o real com o ficcional:

- Real: E daí;
- Ficção: os túmulos formarem a frase;
- Ficção: o cadáver sendo o ponto de interrogação;
- Ficção: a figura presidencial em cima de um amontoado de cadáveres;

⁴² Disponível em: <https://www.instagram.com/tonidagostinho/>

- Ficção: a figura presidencial com a mão escorrendo sangue;
- Ficção: a figura presidencial em cima dos túmulos;
- Ficção⁴³: a figura presidencial fazendo xixi nos túmulos.

As quatro charges atravessam a mesma Condição de Produção e, por isso, possuem um efeito de sentido semelhante: mostrar o descaso de Bolsonaro diante do número de mortos. Isso se dá não necessariamente pela parte real (a fala), mas pela parte ficcional, a qual irá materializar o discurso que aconteceu como forma de crítica a ação do ex-presidente.

Os trabalhos de Benett e de Dassilva são semelhantes ao retratarem a parte real por meio de túmulos. Dessa maneira, vemos que a fala de Bolsonaro carrega, por trás, um afastamento, um distanciamento entre a figura presidencial – o Messias que não faz milagres – dos que sofreram as consequências desse descaso, da falta de postura como presidente e, até mesmo, se formos levar em consideração o discurso bolsonarista, a de *salvador*.

Já as de Duke e de D'Asgotinho trazem a figura de Bolsonaro acima dos mortos, como se mostrasse o tom de superioridade do presidente diante dos mortos. Seja por meio do cadáver, seja por meio dos túmulos. A diferença entre elas, mas, é a de Duke traz Bolsonaro como o causador das mortes (o sangue escorrendo de suas mãos) e de D'Agostinho, mais uma vez, materializa o descaso do ex-presidente diante da população, mostrando desrespeito ao urinar nos mortos.

Além disso, a ruptura, aqui, é diferente da tira cômica. Enquanto na tira o objetivo é provocar o riso, aqui ela ocorre para causar o desconforto, para chocar, para gerar o estranhamento. E é nesse ponto que ocorre o humor, bem como a materialização do discurso, cumprindo, assim, o objetivo da charge.

De acordo com Possenti (2018), precisamos pensar no campo do humor como se partisse de um conjunto de regras que os indivíduos e as instituições seguem. Dessa forma, o autor reafirma a ideia central da Análise do Discurso de linha francesa: “a impossibilidade de considerar que um discurso, bem como certas práticas a ele relacionadas, são ações ou decisões de um indivíduo – um sujeito, um pesquisador, um autor” (Possenti, 2018, p. 16). Assim sendo, como qualquer campo do discurso,

⁴³ A ficção aqui deve ser lida não como sentido mentiroso ou fantasioso, mas como um elemento que foi criado na charge. Assim, não é o *literal*. Na charge de D'Agostinho, por exemplo, Bolsonaro não fez *literalmente* xixi nos túmulos, por isso se trata de um elemento *ficcional*, pois a ação de descaso foi recriada dessa forma na charge.

não podemos considerar a presença de quem produziu, pois, segundo Possenti (2018), teríamos também que pensar nas condições que atravessam a produção de uma pessoa, como o ato de bater o ponto no local de trabalho, o fato de realizar aquele texto seguindo as instruções de um terceiro (o chefe, o jornal, a revista...). Por isso, entendemos que o humor, da mesma forma que outros discursos, pertencem a um campo específico, o qual perpassa por formações discursivas que serão responsáveis, então, por determinar os possíveis efeitos de sentido.

O autor promove uma discussão sobre o humor científico, relatando que, *a priori*, acreditava não existir. Para isso, traz o exemplo da falta de piadas referentes ao descobrimento do Brasil. Porém, após algumas investigações, percebeu que, na verdade, há temas que são relevantes para a produção de humor e outros não. Seguindo essa linha, Possenti (2018) traz alguns cartuns – todos relacionados à proposta do científico – para exemplificar o humor dentro da ciência. O que nos importa, mas, da explicação do autor é o que ele aborda sobre a questão do exagero, o qual fará parte do campo do humor.

Associando com a charge, podemos entender que o humor nesse gênero não está presente ali para promover o riso, mas o seu exagero acaba por produzir o incômodo, o que gera, em muitos casos, a crítica de uma situação social. Nem todos os acontecimentos, como abordado por Possenti (2018), serão retratados. Logo, podemos questionar: quais são os relevantes? Vemos que, normalmente, são os que acabam repercutindo dentro do meio social, seja algo negativo, como a pandemia com o crescente aumento dos casos e do número de mortes, seja positivo, como o início da vacinação.

Além dessas questões, Possenti (2018) também apresenta sobre como o ato de rir é reprovado pela sociedade, sendo visto como um ato grosseiro, rude e deselegante – assim como já apontamos. Para ele, isso se dá devido ao “politicamente correto, segundo o qual determinados textos humorísticos agrediram grupos étnicos, religiosos, minoritários (já marginalizados) ou invadiram a zona imoral” (Possenti, 2018, p. 104). Ou seja, voltamos para a ideia de repudiar, de condenar alguns discursos devido ao contexto em que o texto foi inserido, como falamos ao trazer os casos de Afonso Padilha e de Chris Rock. No entanto, é preciso ressaltar que isso não acontece apenas em gêneros “falados” – no caso, em que se usa da oralidade -, mas também em outros, como a charge. Abordamos, anteriormente, alguns casos de censura por parte do governo. No entanto, também é preciso ressaltar que a

condenação também ocorre por parte de quem recebe. É o que aconteceu em 2025 com uma charge de Jean Galvão publicada pela *Folha de S. Paulo* sobre as enchentes de Santa Catarina, conforme mostram as imagens a seguir:

Figura 18 - Página da Folha de S. Paulo



Fonte: Portal 360, [p.i.], 2025.⁴⁴

⁴⁴ Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/politicos-criticam-charge-publicada-na-folha-sobre-o-rs/>

Charge 9 – Charge polêmica e condenada pelo público

Fonte: *Circuito Mato Grosso*, [p.i.], 2025.⁴⁵

A charge de Galvão foi publicada, originalmente, pela Folha de S. Paulo logo após as enchentes de Santa Catarina, sendo considerada uma tragédia ocasionada pelas chuvas, uma vez que deixou milhares de pessoas desabrigadas, além das mortes. Ao olharmos para esse texto, vemos a feição de tristeza de todos os personagens ao passo que o cenário também já desperta o contexto: alagamento, desabrigo... Junto disso, temos a seguinte fala da menina: “não chora, vai alagar ainda mais”. Pelo pré-construído, entendemos que qualquer gota a mais pode piorar a situação. Inclusive, isso é reforçado pelo pai preocupado, olhando o céu. Tanto em busca por ajuda, quanto por novas nuvens. Em nossa concepção, a charge não traz nada do que uma reflexão sobre o ocorrido. Podemos até aprofundar mais a questão do choro, de não poder haver um espaço ali para a tristeza, pois há outros fatores mais importantes que devem ser levados em consideração/como uma preocupação.

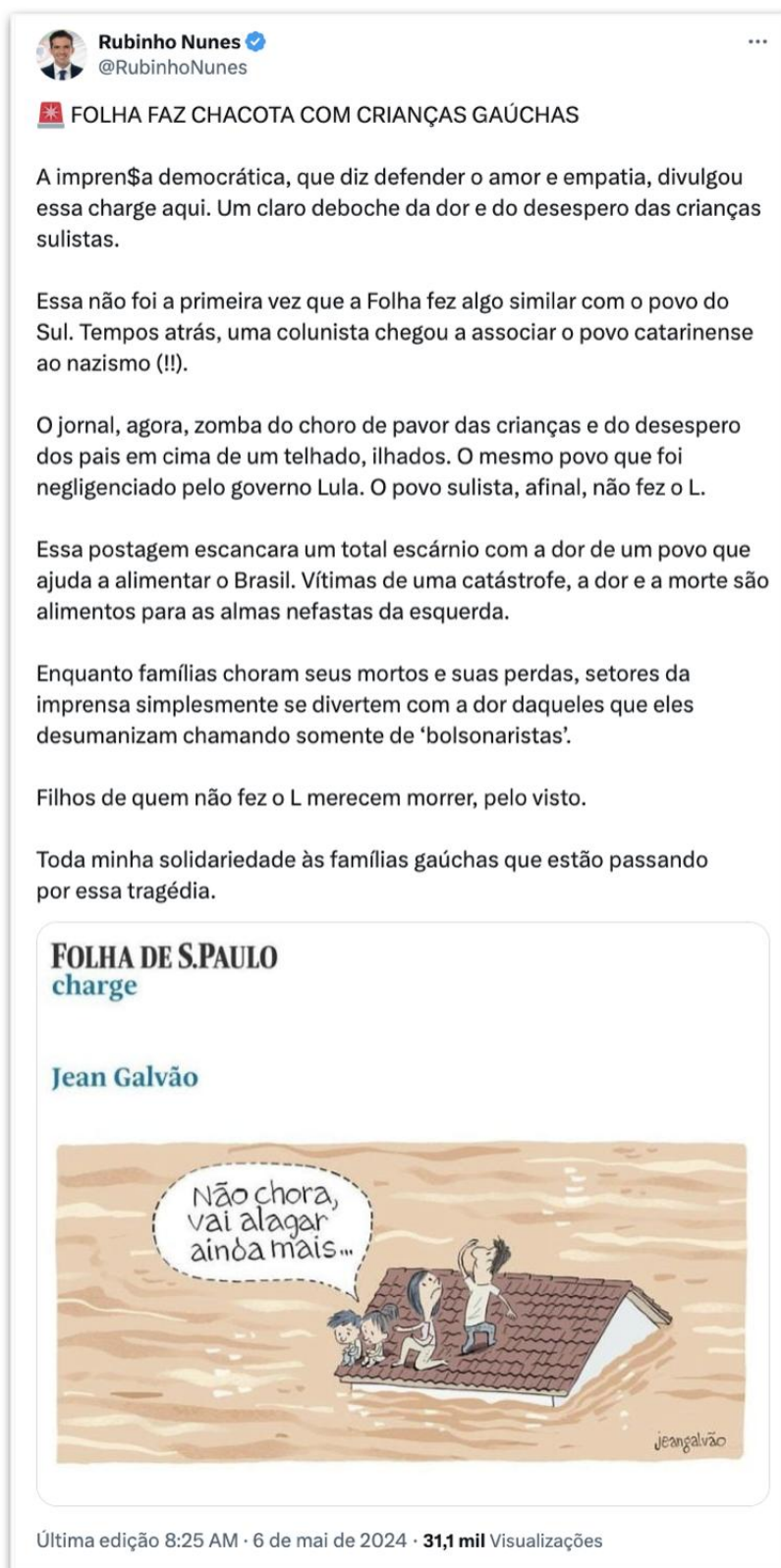
Contudo, nem todos receberam essa mensagem da mesma forma, o que causou uma certa polêmica nas redes sociais, conforme ilustram as próximas figuras:

⁴⁵ Disponível em: <https://circuitomt.com.br/folha-de-sao-paulo-publica-charge-debochando-de-vitimas-de-tragedia-no-rs/>

Figura 19 - Repercussão da charge nas redes sociais I

Fonte: Portal 360, [p.i.], 2025.⁴⁶

⁴⁶ Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/politicos-criticam-charge-publicada-na-folha-sobre-o-rs/>

Figura 20 - Repercussão da charge nas redes sociais II

Fonte: Portal 360, [p.i.], 2025.⁴⁷

⁴⁷ Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/politicos-criticam-charge-publicada-na-folha-sobre-o-rs/>

Figura 21 - Repercussão da charge nas redes sociais III



Fonte: Portal 360, [p.i.], 2025.⁴⁸

⁴⁸ Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/politicos-criticam-charge-publicada-na-folha-sobre-o-rs/>

Pelos comentários, notamos que a charge “furou a bolha”, ou, como diz os preceitos da AD, atravessou e teve contato com uma formação discursiva diferente da que o trabalho pertence. Aliás, mais do que a FD, tem-se também instâncias ideológicas divergentes, o que acabou por gerar o conflito nas redes sociais. Isso fica nítido quando vemos, na Figura 20, os seguintes dizeres: “enquanto famílias choram seus mortos e suas perdas, setores da imprensa simplesmente se divertem com a dor daqueles que eles desumanizam chamando somente de ‘**bolsonaristas**’. Filhos de quem fazem o ‘L’ **merecem morrer**, pelo visto” (destaques feitos por nós). É necessário dividirmos em algumas partes para compreendermos o todo.

1. “Setores da imprensa”: criou-se uma verdade no meio social de que a mídia tende a favorecer um lado político, no caso a ideia da direita e da esquerda. No caso desse comentário, entendemos que o Sujeito associa a Folha de S. Paulo como pertencente à esquerda por “desumanizar” a direita, especificamente os apoiadores de Bolsonaro (bolsonaristas).

Um pouco antes, o Sujeito também condena essa mídia, alegando que houve outros momentos em que o jornal desdenhou de situações que envolvessem a região Sul, assim como o governo Lula. Ainda partindo das concepções da Formação Ideológica, também se criou a verdade de que essa região é associada/ligada à ala conservadora.

2. “Merecem morrer”: por conta dessa verdade, o discurso traz a palavra “merecem”, trazendo o efeito de que quem é apoiador de Bolsonaro pode morrer. Assim, se fosse o contrário, se fosse um apoiador de Lula, não ocorreria esse “descaso” com a população, muito menos uma charge com esse teor, com um “mau gosto”.

A polêmica foi tão grande e tomou tanta proporção que Jean Galvão postou uma nota em seu perfil do *Instagram*, fazendo uma explicação sobre a sua charge, como mostra a figura a seguir:

Figura 22 - Explicação de Jean Galvão

Sobre a charge do RS

A você, que foi ofendido pela a charge que publiquei na Folha sobre a situação no Rio Grande do Sul, peço desculpas. Entendo sua genuína indignação.

A charge não teve o efeito que eu pretendia, isso significa que em alguma medida, falhei na comunicação do desenho.

Vou explicar em detalhes nas telas seguintes. Se você não quiser arrastar para o lado e ficar só nesta tela, mais uma vez, minhas sinceras desculpas.

Geralmente, nós cartunistas, não gostamos de explicar a própria charge. Quero fazer o contrário aqui, explicando:

Charge não se resume a piada, charge não é deboche, não é meme. A natureza primeira da charge é provocar a reflexão.

Para isso, na maioria das vezes, usamos humor, mas nem sempre é o caso.

A charge em questão é séria e triste.
Uma família desabrigada, sobre o teto de
sua casa alagada. A mãe cuida das
crianças e olhar para o céu, assim como
o pai, que procura ajuda.
Duas crianças observam o rio de lama. A
menina cochicha para o irmão, não
querendo ser ouvida por mais ninguém.
“Não chora, vai alagar ainda mais.”

As expressões dos pais são sérias e as
das crianças, tristes.
Aqui dou voz à inocência da menina, que
entende que cada gota a mais que cai do
céu fará o nível da água subir. Até uma
gota de lágrima.

Ao mesmo tempo, tentei mostrar que, se
esse choro pudesse ser medido, as
lágrimas dela seriam muito mais
volumosas do que qualquer quantidade
de chuva que caiu sobre o Rio Grande do
Sul, tamanha a dor que estão passando.

Fonte: *Portal 360*, [p.i.], 2025.⁴⁹

⁴⁹ Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/politicos-criticam-charge-publicada-na-folha-sobre-o-rs/>

Dessa forma, vemos que a explicação ocorreu porque houve uma quebra na produção do efeito de sentido, mas, ao contrário do que ilustramos com a situação de Padilha e de Rock, aqui, o “problema” não foi só a Condição de Produção, mas também o embate entre duas formações discursivas: a pró-Bolsonaro e a anti-Bolsonaro. Mesmo que nesse caso a charge não tivesse uma ligação direta com a figura de Bolsonaro, o local de publicação desencadeou isso. Logo, vemos que o humor ainda é visto com um teor negativo pela sociedade. Mesmo que a ideia não seja provocar o riso, as formações ideológicas e discursivas que determinam um Sujeito ainda são responsáveis por gerar tais polêmicas dentro do meio social.

De acordo com Possenti (2018):

Muitos (adeptos da razão e da argumentação racional) esperariam que as polêmicas se resolvessem pela apresentação de argumentos racionais, objetivos, que determinariam que houvesse um vencedor. Ou seja, consideram que os contendores estão dispostos a mudar de posição diante de fatos ou de argumentos convincentes. É possível que este tipo de desfecho ocorra nas controvérsias entre teorias científicas (ver Dascal 1994), mas é improvável quando se trata de discursos ideológicos ou cujo ingrediente ideológico é crucial (como é o caso dos discursos sobre interrupção de gravidez ou clonagem) (Possenti, 2018, p. 105).

Ou, ainda, nesse caso, sobre posições políticas. Atrelado a isso, Possenti (2018) aborda sobre as polêmicas que envolvem especificamente o campo do humor. Para isso, ele parte de dois semas (unidade mínima de significação): liberdade – em que o humor deve ser livre -; e limite – em que o humor deve ter uma limitação. Ademais, Possenti (2018) afirma que os defensores da *liberdade* entendem que qualquer restrição ao discurso é parte de uma *censura*, não como limite (como é colocado o outro sema). Já os que leem como *limite*, veem o outro lado como *abuso*, e é onde entrariam as falas “grosseria”, “falta de senso”, ou, como vimos nos comentários da postagem da charge “cadê a noção”, “chacota”, “canalha” e “péssimo gosto”.

Assim como falamos, Possenti (2018) também parte da concepção de haver duas formações discursivas: esquerda e direita. Bobbio, Matteucci e Pasquino (1994) conceitua a *esquerda* como parte dos discursos que defendem a justiça e a igualdade; já a *direita*, como ordem e diferença. No caso, aqui, podemos enquadrar que os que defendem a *liberdade* são pertencentes à esquerda, pois pregam a ideia de igualdade social, como se todos tivessem o direito de ir e de vir, de falar sem ter qualquer tipo

de retaliação. Já os que pregam/defendem o *limite*, como partes da direita, uma vez que estão associados com a ordem social. Dessa forma, tudo que sai do politicamente correto, entraria em conflito com essa ordem. Contudo, vemos que essa prática e essa concepção, na verdade, principalmente as relacionadas à direita, só são aplicadas quando o outro (esquerda) “ataca”. Em outras palavras, podemos levantar o seguinte questionamento: se fosse o contrário, se fosse uma charge cuja formação discursiva partisse da direita, será que teria o mesmo efeito de sentido? A mesma polêmica? Assim, vemos que a discussão sobre o limite e a liberdade do humor se dá como uma disputa de poder. Um se procura ser a verdade social e tentando impor que o outro é incorreto.

Portanto, partiremos das seguintes concepções:

1. O humor é parte de um campo discursivo, logo há um sistema de regras que irão determinar os seus efeitos;
2. As Condições de Produção são cruciais para entendermos quando há a quebra do humor e, conseqüentemente, gera o processo da *censura* e/ou da retaliação;
3. O humor não está associado ao *risível*. O riso é uma condição humana, já o humor pode ou não provocar tal ato;
4. O humor deve ser lido e entendido como um campo que visa promover a crítica, a reflexão e, em alguns casos, a quebra da expectativa diante de uma situação social plausível e que deve ser comentada;
5. O humor é uma disputa de poder.

Nesta tese, não partiremos da percepção de que o humor deve ter limite. Ele, em suas CPs e FDs, será fator crucial para promover os diferentes efeitos de sentido, mesmo que seja considerado e visto como polêmico.

PARTE II

(DES)CONSTRUÇÃO DO MITO

"Essa é uma realidade, o vírus tá aí. Vamos ter que enfrentá-lo, mas enfrentar como homem, porra. Não como um moleque. Vamos enfrentar o vírus com a realidade. É a vida. Todos nós iremos morrer um dia."

Bolsonaro em 2020 após realizar uma aglomeração durante a COVID-19

CAPÍTULO III

MITO, MESSIAS: AS POSIÇÕES-SUJEITO

“Quem chama o outro de nazista perde a discussão. Daí o abuso da palavra ‘nazista’ foi substituída pela proibição da palavra ‘nazista’.

O que gerou um novo problema: se o seu interlocutor for, de fato, nazista, é pra chamar de quê?”

Gregório Duvivier

Foucault (2002) define discurso como um conjunto de enunciados que vem de uma mesma Formação Discursiva (FD). Esse conceito, por sua vez, aparece pela primeira vez dentro dos estudos discursivos em *Arqueologia do Saber* e trata-se de “um certo número de enunciados, semelhantes de dispersão, e no caso em que outros objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade” (Foucault, 2008, p. 43) serão chamadas de Formação Discursiva.

Dessa forma, o autor acredita que o discurso parte de um conjunto finito e ilimitado de uma sequência de enunciados que foram ditos anteriormente, determinando, assim, que nenhum discurso é novo, mas é moldado e reestruturado pelo contexto em que o sujeito está inserido. Por sua vez, Foucault (2008) nos mostra que o enunciado existe por meio do campo da memória ou, ainda, pelo campo da materialidade. Por conta disso, dessa materialidade – que não é meramente evocada pela situação, mas, principalmente, pela modalidade –, ela é capaz de definir uma regularidade e, quando isso acontecer, chamaremos de FD. Em suma, partiremos da concepção de que a materialidade discursiva é a linguagem em uso, é a forma concreta da linguagem, é o processo de sair da abstração e, de fato, se tornar algo palpável. Isso é incorporado e se constrói a partir da história, das condições sociais e, assim, produzem um determinado sentido de acordo com o contexto em que está inserida.

Pêcheux (1988) também traz o conceito de Formação Discursiva em seus estudos. O autor acredita que, além de ela ter essa regularidade, ela é responsável por determinar o que pode e deve ser dito em uma conjuntura dada. Logo, o sujeito possui a ilusão de que é dono dos seus dizeres, no entanto ele, na verdade, foi

condicionado a proferir tais dizeres a partir do momento que assume um lugar social e ideológico.

Apesar de cada teórico trazer uma característica diferente para o mesmo conceito, percebemos também que eles perpassam por algo em comum: as palavras não são capazes de produzir um sentido de forma isolada, pelo contrário, elas precisam, obrigatoriamente, estarem atreladas a uma Formação Discursiva e inseridas dentro de um contexto específico para produzirem e gerarem efeitos de sentido. Logo, para essas palavras possuírem um sentido, elas precisam se materializar pelo processo discursivo. Além disso, Pêcheux (1988), ao contrário de Foucault, mostra-nos que a FD não é uma estrutura fechada, pois ela é constantemente interpelada, podendo, inclusive, ser “invadida” por outros discursos e, a partir dela, gerar outras formações discursivas.

Desse modo, partimos do princípio de que a língua é a base comum de processos discursivos (Pêcheux, 1988). Assim, quando nos referimos ao processo da discursividade, não estamos falando, de fato, sobre a *parole*, mas da base concreta da língua, de habitar em sua abstração. Ou seja, no discurso. A linguagem, por sua vez, está relacionada como uma prática social e histórica.

De forma geral, a linguagem vai além de ser instrumento da comunicação. Afinal, seguindo os pressupostos de Pêcheux (1988), a linguagem, ao ser constituída pelo meio social, é atravessada constantemente por instâncias ideológicas as quais são essenciais para o processo de constituição de sujeito. Assim, quando falamos de sujeito, ele também faz parte da linguagem como parte de um elemento social. Ademais, são esses pontos que procuraremos discutir ao longo deste capítulo.

Portanto, para este capítulo, nossa proposta é, primeiramente, apresentar o contexto do governo Bolsonaro com o intuito de compreendermos como se deu a materialização do discurso anti-Bolsonarista e do discurso pastoral. A partir disso, traremos os principais conceitos advindos da Análise do Discurso que servirão como base para a fundamentação desta pesquisa, bem como para a análise de charges a ser feita na tese. Assim, discutiremos as concepções de ideologia e de sujeito (Pêcheux, 1988; 2014) adotadas para este trabalho. Atrelado a isso, buscaremos entender um pouco mais sobre a constituição do *ethos* discursivo (Maingueneau, 2008; Amossy, 2015) e como esse processo nos auxilia a compreender a construção e a desconstrução da figura de Bolsonaro nos trabalhos gráficos. Por fim, aprofundaremos a discussão sobre poder, direito e verdade (Foucault, 1999; 2019) e

os atravessamentos discursivos que perpassam e determinam não só a figura do ex-presidente, mas também do seu governo e dos seus apoiadores, de como esses discursos acabam constituindo a sociedade.

3.1 IDEOLOGIA E SUJEITO

Antes de falarmos sobre os conceitos adotados sobre ideologia e sujeito, é essencial abordarmos sobre outros conceitos que são de extrema importância na Análise do Discurso e que, conseqüentemente, aparecerão ao longo desta pesquisa. Primeiramente, abordaremos de forma mais aprofundada a Formação Discursiva, a Formação Ideológica, as Condições de Produção, a Memória Discursiva e o Pré-construído.

Assim como já foi abordado, a Formação Discursiva é um conjunto de enunciados que seguem uma regularidade discursiva, a qual, segundo Pêcheux (1988), pode ser invadida por outras formações. Pois, dentro de uma formação podem existir outras, adotando, então, o termo no plural, formações discursivas. Para exemplificarmos como se dá esse processo, podemos observar a charge a seguir:

Charge 10 – Manifestação do dia 08 de janeiro

BOLSONARISMO



Fonte: Página do *Twitter* de Benett, 2023.⁵⁰

⁵⁰ Disponível em: https://twitter.com/Benett_/status/1613158957660471297?ctx=HHWWgoC82c3hi-MsAAAA

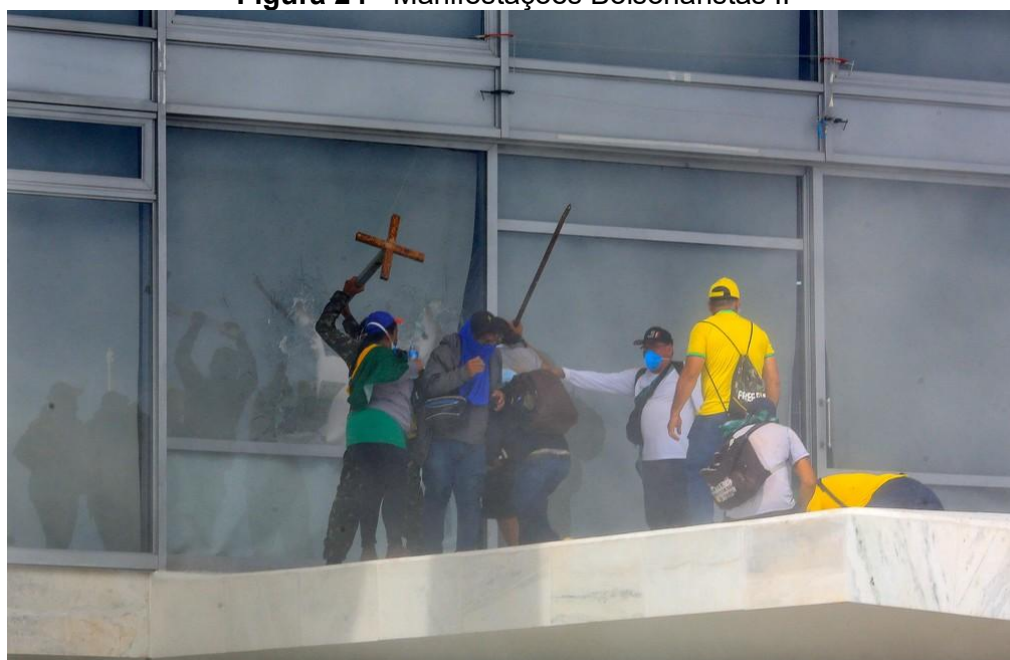
A charge de Benett foi publicada em 11 de janeiro de 2023 pelo jornal on-line *O Plural*. Para compreendermos do que se trata, precisamos recuperar o contexto sócio-histórico em que o texto foi produzido. No dia 08 de janeiro de 2023, oito dias após a posse do presidente do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva, os apoiadores do, agora, ex-presidente Jair Messias Bolsonaro compareceram aos prédios dos Três Poderes, Congresso Nacional, Supremo Tribunal Federal e Palácio do Planalto, e os invadiram, destruindo diversas obras de arte valiosas, além de deixarem os locais com várias marcas de destruição, como mostram as imagens a seguir.

Figura 23 – Manifestações Bolsonaristas I



Fonte: G1, 2023.⁵¹

⁵¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/df/noticia/2023/01/08/vandalos-radicais-invadem-congresso-stf-e-planalto-em-brasilia-fotos.ghml>

Figura 24 - Manifestações Bolsonaristas II

Fonte: G1, 2023.⁵²

Figura 25 - Manifestações Bolsonaristas III

Fonte: G1, 2023.⁵³

⁵² Disponível em: <https://g1.globo.com/df/noticia/2023/01/08/vandalos-radicais-invadem-congresso-stf-e-planalto-em-brasilia-fotos.ghtml>

⁵³ Disponível em: <https://g1.globo.com/df/noticia/2023/01/08/vandalos-radicais-invadem-congresso-stf-e-planalto-em-brasilia-fotos.ghtml>

Figura 26 - Manifestações Bolsonaristas IV

Fonte: G1, 2023.⁵⁴

Após tal ato, cerca de 1,5 mil apoiadores de Bolsonaro foram presos. Porém, mesmo com essa consequência, surgiram novas convocações por meio das redes sociais, como *Twitter* (renomeado depois como *X*), *Facebook* e *WhatsApp* para mais manifestações as quais foram consideradas, por partes do meio social, como atos golpistas, uma vez que esse grupo não respeitou a decisão democrática de quem seria o novo representante da República. Na chamada, há a seguinte frase “pela retomada do poder”, conforme ilustra a próxima figura:

⁵⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/df/noticia/2023/01/08/vandalos-radicais-invadem-congresso-stf-e-planalto-em-brasilia-fotos.ghml>

Figura 27 – Chamada para a Retomada do Poder

Fonte: *Correio Braziliense*, 2023.⁵⁵

No domingo, 08 de janeiro de 2023, quando as ações começaram, o Ministro do Supremo Tribunal Federal, Alexandre de Moraes, determinou o afastamento do Governador do Distrito Federal, Ibaneis Rocha, alegando ações de descaso e de omissão dos atos bolsonaristas nos Três Poderes, afinal, Ibaneis era o responsável pela segurança do local. Além disso, criou-se a suspeita da conivência por parte da Polícia Militar, pois não houve nenhum tipo de interferência dos policiais durante a invasão. Por conta desses acontecimentos, o presidente Lula assinou um decreto que

⁵⁵ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2023/01/5065291-bolsonaristas-marcam-novos-atos-golpistas-ao-longo-do-pais-nesta-quarta.html>

determinava a intervenção federal dentro do Distrito Federal e que foi aprovado pelo Congresso no dia 10 de janeiro de 2023. Afinal, a possibilidade de intervenção está prevista no artigo 34 da Constituição Federal, que registra que o presidente pode decretar a intervenção com objetivo de ‘pôr termo a grave comprometimento da ordem pública’ (Constituição Federal de 1988).

Podemos observar, na charge, os seguintes elementos:

1. Personagens com as cores verdes e amarela;
2. Uma espécie de bandeira feita de um homem sem calças com a bandeira do Brasil nas costas.

Durante o ato, do dia 08 de janeiro de 2023, um dos manifestantes defecou no congresso e teve a ação gravada e circulada nas redes sociais. A oposição e a mídia, por sua vez, viram a ação de forma negativa, justamente por se tratar de algo configurado como desrespeito. Assim, sendo, vemos que a charge tece uma crítica a postura do apoiador de Bolsonaro que, ao invés de aceitar a decisão eleitoral, a democracia exercida em nosso país, optou não só por invadir o Planalto, mas de degradar o ambiente. Ressaltamos, ainda, que o ato é uma cena degradante para qualquer indivíduo, além de nos mostrar um desrespeito com a Constituição. Algo que, em teoria, os bolsonaristas deveriam apoiar e respeitar, já que pregam o discurso de serem “patriotas”.

Ao recuperarmos o conceito de Pêcheux (1988) sobre Formação Discursiva, notamos que, nessa charge, há a predominância de um discurso, a do bolsonarismo. Isso se dá, principalmente, pela construção das cores. Assim, mesmo se não tivesse a presença do título, o verde e o amarelo, automaticamente, já fazem essa construção do processo discursivo. Afinal, ao longo dos anos (a partir de 2016), criou-se essa instância ideológica de que quem veste essas cores está relacionado com a direita, já os que não a utilizam são parte da esquerda, mas abordaremos mais a fundo sobre essa questão no Capítulo IV. De todo modo, percebemos a presença de uma FD que determina não só os dizeres, mas um grupo social. Contudo, além da FD, podemos, ainda, compreender como se dá esse processo de construção e de materialização do discurso por conta da Formação Ideológica (FI) que, segundo Pêcheux (1988), são instâncias ideológicas que também não são algo físico, mas algo que parte do abstrato e se materializa, como a família, a religião, a política. Assim, a FI determina, dentro de um discurso, o que pode e como deve ser visto/imaginado tal discurso. Por isso, temos, de forma inconsciente, como cada figura social deve se portar na sociedade.

À figura presidencial, por exemplo, tem-se a projeção imagética de alguém que deve governar e pensar em ações benéficas para a população. Algo que é diferente do papel de um apresentador, pois, nesse caso, é esperado que ele faça a ação de entreter os espectadores. Dessa forma, a partir da “divisão” dada pelas regularidades discursivas, as quais foram determinadas pela Formação Discursiva, temos a materialidade desse processo pela Formação Ideológica. Assim, de acordo com Courtine (2014), são dois conceitos distintos, mas que se complementam, pois:

Se uma FD é o que, em uma dada FI e em uma conjuntura, determina “o que pode e deve ser dito” (o que equivale a dizer que as palavras, expressões, proposições recebem seu sentido da FD na qual são produzidas); convém acrescentar que *essa característica não é isolada* das relações contraditórias que uma FD estabelece com outra FD (Courtine, 2014, p. 73).

Desse modo, podemos voltar para o pressuposto apresentado por Pêcheux (1988) de que dentro de uma FD podem existir outras, além de que nessa FD haverá também uma FI que será responsável por materializar o discurso, a parte abstrata do processo linguístico. No caso da charge apresentada, a FI se dá pelas cores e pelas disposições dos personagens que materializaram o discurso bolsonarista, bem como o próprio contexto que está associado com o enunciado produzido. É crucial pontuarmos que não é necessária a presença de falas para a construção de sentidos, uma vez que o elemento não verbal por si só é capaz de realizar o processo de materializar um discurso. Em suma, tanto a regularidade discursiva quanto o processo de materialização se deram pelo não dito, ou, como é apontado por Orlandi (2018), pelo silêncio.

Ressaltamos que isso não se dá só pela ausência de falas, mas pelo fato de a imagem carregar um sentido por si só. Assim, o silêncio, aqui, ocorre por meio da linguagem não verbal, mas sabemos que, para AD francesa, esse fator não é o determinante para entendermos o valor do silêncio. Afinal, conforme Orlandi (2018), o não dito ocorre na ausência de um elemento discursivo, mas que conseguimos compreender mesmo sem estar presente. Podemos elencar a própria cor das roupas da personagem. O dito se trata de um apoiador do Bolsonaro e o não dito é o outro, o que não está presente, o que tece a crítica a manifestação é a oposição de Bolsonaro.

Para a autora, é difícil ter essa percepção de que o silêncio também fala, porque fomos condicionados a pensar dessa forma pelos atravessamentos ideológicos presentes na sociedade. Afinal, “espera-se que se estejam produzindo signos visíveis

(audíveis) o tempo todo. Ilusão de controle pelo que ‘aparece’: temos de estar emitindo sinais sonoros (dizíveis, visíveis) continuamente” (Orlandi, 2018, p. 35). Mas, o silêncio também é carregado de sentidos e nem sempre precisamos de palavras, de fato, pronunciadas para compreendermos ou associarmos com algum tipo de significado. Para exemplificar, podemos citar as expressões faciais: um revirar de olhos durante um processo de comunicação pode nos indicar o descontentamento do outro, ou uma discordância de algo. De todo modo, não foi necessária a presença de uma palavra, de um dizível para termos essas possibilidades de sentidos, apenas foi preciso recuperarmos uma verdade social que foi dada, justamente, pelas instâncias ideológicas. Assim sendo, essas formações discursivas e ideológicas acontecem tanto no discurso dito quanto no não dito, e nos dois casos teremos a formação de efeitos de sentido.

Ainda pensando na charge mencionada e na questão do não dito, mesmo sem ter uma menção direta – um dizível –, podemos associar pela forma como as personagens foram dispostas e pelo cenário a um outro discurso, mais especificamente, a uma fotografia de Iwo Jima:

Figura 28 – A liberdade guiando o povo, Delacroix



Fonte: *National Geographic Brasil*, 2020.⁵⁶

⁵⁶ Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2020/03/fotografia-segunda-guerra-mundial-iwo-jima-bandeira-americana-rosenthal>

A fotografia de Joe Rosenthal, tirada na ilha de Iwo Jima, em 23 de fevereiro de 1945, mostra seis fuzileiros navais dos Estados Unidos ao hastearem a bandeira estadunidense no topo de uma colina no Japão. Colina essa que era considerada uma espécie de fortaleza, a qual era defendida de forma violenta. É possível realizarmos tal associação por conta da memória discursiva. De acordo com Pêcheux (1988, p. 51), a “memória deve ser entendida aqui não no sentido diretamente psicologista da ‘memória individual’, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador”, em outras palavras, trata-se da estabilidade, da repetição de um discurso. Assim sendo, para o teórico:

A memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relativos, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita (Pêcheux, 1988, p. 52)

Pêcheux (1989), ao formular esse conceito, parte dos pressupostos de Achard sobre a possibilidade de uma certa regularidade dos “implícitos” que aparecem no discurso por meio de uma paráfrase, de remissões ou de retomadas. Dessa forma, para o autor, a memória tende a “absorver” os acontecimentos e colocá-los dentro dessa regularidade que, em teoria, já existe. Por conta disso, Pêcheux (1988) nos mostra que há uma espécie de jogos de força dentro do campo da memória:

- um jogo de força que visa manter uma regularização pré-existente com os implícitos que ele veicula, confortá-la como “boa forma”, estabilização parafrástica negociando a integração do acontecimento, até absorvê-lo e eventualmente dissolvê-lo;
- mas também, ao contrário, o jogo de força de uma “desregulação” que vem perturbar a rede dos “implícitos” (Pêcheux, 1988, p. 53).

Podemos dizer, então, que o processo de regularidade consiste na repetição que pode apresentar algumas variações, mas, em suma, trata-se de um jogo entre o passado e a atualidade que visa à repetição das mesmas palavras ou às mesmas ideias em uma Condição de Produção semelhante e/ou idêntica. Assim sendo, ao olharmos para a charge e para a fotografia de Rosenthal, conseguimos associar, como já foi dito, pela forma como as personagens foram dispostas, nos dois casos, a posição e a luta por algo, e, para isso, as personagens levantam uma bandeira. Porém, na

charge, temos algo diferenciado. As personagens estão carregando um dos manifestantes. Dessa forma, os efeitos de sentido são diferentes, apesar de termos uma regularidade, uma repetição do discurso que gera essa memória. Na fotografia, os fuzileiros erguem a bandeira para simbolizar uma conquista, já na charge, o símbolo de patriotismo seria, justamente, a presença de um apoiador de Bolsonaro, que está com uma parte do corpo exposta, com o intuito de simbolizar a ação do homem durante o manifesto. Então, o ato de “conquista”, de mostrar o poder da pátria, se dá por meio de destroços que os manifestantes causaram ao destruírem os três poderes. Assim sendo, apesar de termos uma regularidade discursiva, cada um possui atravessamento e instâncias ideológicas distintas, as quais geram efeitos de sentido diferentes. Desse modo, temos uma FD em comum que poderia ser a questão do patriotismo, mas cada uma traz outras formações discursivas e, conseqüentemente, formações ideológicas diferentes, mesmo perpassando pela mesma regularidade dada pela construção das personagens.

Essas construções de sentido, por sua vez, também se dão por intermédio do pré-construído que, de acordo com Pêcheux (1988), é a verdade construída dentro do discurso. O autor, por sua vez, ao refletir sobre o conceito, traz a seguinte indagação: “não deveríamos, ao invés disso, considerar que há *separação, distância ou discrepância* na frase entre *o que é pensado antes, em outro lugar ou independentemente*, e *o que está contido na afirmação global da frase*?” Em outras palavras, o teórico nos diz que o pré-construído é o processo de remeter a uma construção já dada, produzida anteriormente, mas que funciona de forma independente, pois “trata-se, em suma, do efeito discursivo ligado ao *encaixe sintático*” (Pêcheux, 1988, p. 99). Assim sendo, partiremos do princípio de que o pré-construído se dá por meio de todo conteúdo de pensamento existente na linguagem, o qual se dá pela forma de discurso. Para entendermos como se dá esse conceito, o aplicaremos na charge a seguir:

Charge 11 – Exemplo de recuperação discursiva na charge



Fonte: Página do *Twitter* de Toni D'Agostinho, 2023.⁵⁷

A charge de Toni D'Agostinho foi publicada no *Twitter* (X) no dia 16 de janeiro de 2023 e segue o mesmo contexto da Figura 4 em que os apoiadores de Bolsonaro invadem os Três Poderes. Assim como no outro trabalho gráfico, aqui também temos a presença do verde e amarelo, que, pelas instâncias ideológicas, determinam um grupo social específico: os bolsonaristas. No cenário, por sua vez, temos a presença de várias roupas penduradas e uma em um manequim com uma etiqueta, mostrando, assim, que se trata de uma loja de roupas. O ponto em questão é, justamente, a presença do manequim centralizado, o que nos direciona para um discurso específico, uma formação discursiva, da Ku Klux Klan (KKK - movimento antinegros). É possível termos essa recuperação por meio da materialidade do discurso dado pela roupa branca que contém uma espécie de capuz. E essa materialização só se dá pela memória discursiva, pois se trata da repetição de um discurso que já existiu dentro da nossa história. Logo, a regularidade estabelece tal efeito de sentido. Além disso, só é possível criarmos novos efeitos de sentido pelo pré-construído.

⁵⁷ Disponível em: <https://twitter.com/tonidagostinho/status/1614987037966323714>

Nesse caso, pela personagem estar vestida de verde e amarelo, temos como verdade de que, dentro da FD central, progressista, existe uma outra, a bolsonarista. Assim sendo, há outras instâncias ideológicas interligadas, as quais são responsáveis por determinar os sentidos. O fato de se ter essas cores na personagem determina que se trata de um brasileiro, especificamente, de um apoiador de Bolsonaro. Afinal, como já foi dito, é algo que foi construído pela sociedade, a partir de uma repetição em diversos contextos. Em suma, na charge, essas cores, por meio de um pré-construído – uma verdade discursiva que não pode ser questionada devido à ideologia presente – são responsáveis por materializarem os discursos presentes.

Por sua vez, tendo essa verdade dada, percebemos que se trata de algo recente na sociedade e, pelo próprio contexto, sabemos que está relacionado com as manifestações bolsonaristas contra o governo Lula. No entanto, não é a primeira vez que a imagem e o discurso de Bolsonaro são vinculados com a KKK. Mas por que isso acontece?

Se partirmos do pressuposto de Pêcheux sobre Formação Discursiva, que se trata de um conjunto de enunciados que possui uma regularidade discursiva, quando olhamos os enunciados de Bolsonaro desde o processo eleitoral, nota-se uma regularidade com os dizeres preconceituosos. Além disso, só conseguimos realizar essa associação por conta da memória discursiva, desse jogo entre o passado – movimento antinegros – com o presente – governo Bolsonaro. Os dois perpassam, nessa charge anti-Bolsonaro, por conta da FD, por instâncias ideológicas similares e é isso que nos faz recuperar e associar o discurso bolsonarista com o discurso progressista, o qual pretendia, em um contexto pós-Guerra Civil, impedir a reconstrução do país pós-abolição da escravização. Dessa forma, a charge materializa essa crítica. De que, assim como ocorreu nos Estados Unidos, o Brasil também atravessaria esse processo de retrocesso, tentando retomar discursos e pensamentos considerados conservadores.

No caso da charge, então, os efeitos de sentido foram possíveis de serem construídos por meio da Formação Discursiva e do pré-construído. Por fim, quando temos, então, a presença de um manequim com um traje da Ku Klux Klan, recupera-se o discurso preconceituoso e, ao ter um personagem de verde e amarelo, recupera-se o discurso anti-bolsonarista. Ao juntar os dois em um discurso, constrói-se a verdade de que o discurso preconceituoso e o discurso bolsonarista são similares (ou até mesmo iguais), pois seguem as mesmas construções/instâncias ideológicas.

Dados os conceitos fundamentais da AD, abordaremos, a partir daqui, sobre outros pontos de suma importância para esta pesquisa: sujeito e ideologia. Pêcheux (1988) parte dos pressupostos teóricos de Althusser para abordar que o Sujeito não é o produtor dos seus próprios dizeres, mas sim atravessado por formações discursivas e posicionado, dentro da sociedade, pelas formações ideológicas. Para compreendermos esse processo, é necessário voltarmos para a teoria de Althusser (1985). Para o autor, sujeito seria um efeito ideológico elementar, afinal, é a ideologia que transforma indivíduos concretos em sujeitos concretos por intermédio do processo de interpelação, ou seja, pela função ideológica dos Aparelhos Ideológicos de Estado. Assim:

Sugerimos então que a ideologia <age> ou < funciona> de tal forma que <recruta> sujeitos entre os indivíduos (recruta-os a todos), ou <transforma> os indivíduos em sujeitos (transforma-os a todos) por esta operação muito precisa a que chamamos de *interpelação*” (Althusser, 1985, p. 99).

Em suma, partimos da ideia de que, para a Análise do Discurso, é impossível existir um sujeito sem ideologia e uma ideologia sem sujeito. Logo, segundo Althusser (1985), os indivíduos são “sempre-já sujeitos”, porque há uma constante interpelação e a ideologia é eterna, por isso que não é possível desvincular o sujeito da ideologia, nem a ideologia do sujeito. O teórico enfatiza, ainda, que o sujeito já é interpelado desde antes do seu nascimento, afinal:

Todos sabemos quando e como uma criança que vai nascer é esperada. O que equivale a dizer muito prosaicamente, se pusermos de lado os <sentimentos>, isto é, as formas da ideologia familiar, paternal/maternal/conjugal/fraternal, nas quais a criança que vai nascer é esperada: está previamente estabelecido que terá o Nome do Pai, terá portanto uma identidade, e será insubstituível. Antes de nascer, a criança é portanto sempre-já sujeito, designado a sê-lo na e pela configuração ideológica família específica em que é <esperada> depois de ter sido concebida (Althusser, 1985, p. 102-103).

E é por isso que a AD parte do princípio de que os dizeres e as ações de um sujeito acontecem de forma inconsciente, afinal ele está condicionado a (re)produzi-los desde que nasceu, por conta da constante interpelação e, principalmente, pela ideologia. Desse modo, notamos que o sujeito não é formado a partir de suas escolhas pessoais, mas o seu processo de constituição depende do assujeitamento ao qual é submetido por meio dos Aparelhos Ideológicos de Estado.

A partir, então, desses pressupostos de Althusser (1985), Pêcheux (2014) inicia o processo de inserção da concepção de sujeito assujeitado dentro da Análise do Discurso. Assim sendo, o teórico dividiu a AD em três fases e é na primeira que começa a discutir sobre o sujeito. Durante a AD-1 (primeira fase da AD), o teórico parte da ideia de uma maquinaria do discurso, o qual estabelece o processo discursivo como algo fechado, por isso, essa fase é “restrita teórica e metodologicamente a um começo e um fim predeterminados, e trabalhando num espaço em que as ‘máquinas’ discursivas constituem unidades justapostas. A existência do *outro* está, pois, subordinada ao primado do *mesmo*” (Pêcheux, 2014, p. 309). Logo, nesse momento, o *outro* é resultado do processo do *eu*, pois, segundo o teórico, ao determinar o *eu*, automaticamente, estamos condicionando o *outro*. Desde as manifestações de 2016 contra Dilma Rousseff, por exemplo, criou-se uma divisão social visível por meio das cores que as pessoas utilizavam nas ruas: os de verde e amarelo pertenciam a um grupo social e quem não estava com essas cores, conseqüentemente, pertencia a outro grupo. Nesse caso, temos a determinação de um *eu* pelo uso do verde e amarelo e, de forma automática, do *outro*, a oposição, por não se utilizarem dessas mesmas cores. Dessa forma, “o outro da alteridade discursiva ‘empírica’ é reduzido seja ao *mesmo*, seja ao resíduo, pois ele é o fundamento combinatório da identidade de um mesmo processo discursivo” (Pêcheux, 2014, p. 309).

A segunda fase da AD, por sua vez, se dá por meio das relações entre as máquinas discursivas que tornam um objeto dentro da Análise do Discurso. Pêcheux (2014), então, traz a concepção de que na AD-2:

[...] estas relações são relações de força desiguais entre processos discursivos, estruturando o conjunto por “dispositivos” com influência desigual uns sobre os outros: a noção de *formação discursiva*, tomada de empréstimo de Michael Foucault, começa a fazer explodir a noção de máquina estrutural fechada na medida em que o dispositivo da FD está em relação paradoxal com seu “exterior” (Pêcheux, 2014, p. 310).

É nesse momento que o teórico reformula a concepção de um processo discursivo fechado, como era na AD-1 e como Foucault definia a Formação Discursiva. Afinal, uma FD é constantemente “invadida” por outras FDs que irão, de acordo com Pêcheux (2014), fornecer evidências discursivas fundamentais por meio do pré-construído. Um outro ponto importante dessa fase é, ao determinar o discurso e a FD como um espaço aberto, Pêcheux (2014, p. 310) traz a concepção de interdiscurso, o qual designará “‘o exterior específico’ de uma FD enquanto este irrompe nesta FD

para construí-la em um lugar de evidência discursiva, submetida à lei da repetição fechada”. Em suma, é como se o interdiscurso “quebrasse” a máquina discursiva fechada para dar abertura a novos processos discursivos, ou seja, aos atravessamentos de outras formações discursivas a partir de uma específica, um “resultado paradoxal da irrupção de um ‘além’ exterior e anterior” (Pêcheux, 2014, p. 310).

Ao contrário da AD-1, em que o sujeito era, meramente, uma instituição, aqui, na AD-2, o sujeito pode ocupar e desempenhar diversas funções em diferentes práticas sociais, dependendo, exclusivamente, das diferentes posições em que se encontra. Assim sendo, o que determinará a posição que o sujeito está ocupando é a FD com a qual ele foi assujeitado ou, como é posto por Pêcheux (2014, p. 310), “com a qual ele se identifica”. De forma geral, o sujeito irá ocupar a posição de onde enuncia. Caso esteja inserido dentro de um FD familiar, por exemplo, e escutar “arrume o quarto” ou “lave a louça”, esse sujeito ocupará a posição de “filho”, determinado, pelas relações de força, como um submisso nessa construção, afinal, esse deverá cumprir e respeitar os dizeres vindos de alguém superior, nesse caso, podendo ser qualquer responsável, como pai, mãe, avó, avô, enfim, as posições de superioridade dentro de uma FD familiar.

Na terceira fase da AD, Pêcheux já traz, logo no título, *A emergência de novos procedimentos da AD, através da desconstrução das maquinarias discursivas: AD-3*, a necessidade de uma reformulação, de novos procedimentos, por meio da desconstrução das maquinarias discursivas presentes nas outras fases. Um dos pontos centrais e mais importantes da AD-3 é o fato de o sujeito não ser visto mais como uma posição que deverá assumir a partir de uma FD, mas, além desse processo, é a constante luta do sujeito entre o consciente e o inconsciente. E é nesse ponto que, por influência dos pressupostos teóricos de Lacan, Pêcheux traz a concepção de que o sujeito não tem consciência de suas falas, apesar de acreditar que é dono dos seus dizeres, ele está condicionado a (re)produzir enunciados e ações determinados pelas FDs em uma conjuntura dada.

Para chegar a essa conclusão, Pêcheux (1988) faz uma articulação entre ideologia e inconsciente:

Contentar-nos-emos em observar que o caráter comum das estruturas-funcionamentos designadas, respectivamente, como *ideologia* e *inconsciente* é o de dissimular sua própria existência no interior mesmo do seu funcionamento, produzindo um tecido de

evidências “subjetivas”, devendo entender-se este último adjetivo não como “que afetam o sujeito”, mas “nas quais se constitui o sujeito” (Pêcheux, 1988, p. 152-153).

Ao fazer essa relação entre ideologia e inconsciente, percebemos que o processo de constituição de sujeito, na verdade, se dá por meio de uma materialidade discursiva. Em suma, não é uma instituição (AD-1), nem apenas uma posição ocupada (AD-2), mas o sujeito irá se constituir a partir do momento em que assume, se assujeita, (n)os processos discursivos dados pela materialidade, saindo da abstração e perpassando pela forma concreta da linguagem, ou seja, pelo próprio discurso.

Para formular essa percepção, bem como essa relação, Pêcheux (1988) partiu do conceito marxista de ideologia atrelado a perspectiva freudiana sobre o inconsciente, a fim de nos mostrar o processo de constituição de um sujeito ideológico que é formado a partir da materialidade do discurso dada pelos Aparelhos Ideológicos de Estado. Se voltarmos aos pressupostos teóricos de Lacan sobre o inconsciente, fica ainda mais evidente o processo que Pêcheux aponta de o sujeito não ser o dono dos seus dizeres. Afinal, em Lacan, o inconsciente é, na verdade, o discurso do *outro*, e é nele que acontece o recalque, bem como o assujeitamento ideológico, os quais serão responsáveis por determinar o significante dentro da interpelação e na identificação. Na charge a seguir, procuraremos ilustrar como se dá, de fato, essa percepção de sujeito ideológico proposto por Pêcheux.

Charge 12 – Exemplo de construção do sujeito discursivo na charge



Fonte: Página do *Twitter* de Benett, 2023.⁵⁸

A charge de Benett, publicada no dia 18 de outubro de 2022, materializa o discurso polêmico que circulou nas redes sociais em que Jair Bolsonaro, durante uma entrevista, disse “pintar um clima” com venezuelanas de 14 anos. Na entrevista em questão, o ex-presidente afirmou que as meninas se arrumavam para “ganhar a vida”, dando indícios de que eram exploradas sexualmente. Porém, elas participavam de uma atividade em uma ONG, a qual lhes proporcionava um curso de estética. Na época, o líder do Senado Federal, Jean Paul Prates, entrou com um pedido de *impeachment* de Bolsonaro, alegando que:

Ao admitir realizar abordagem libidinoso com adolescentes venezuelanas de projeto social e ao associá-las, de forma discriminatória e xenofóbica, à exploração sexual comercial, o presidente da República, Jair Bolsonaro, atentou contra a dignidade, a honra e o decoro do cargo que ocupa, rebaixando a função pública que exerce, em total violação à Constituição Federal e ao povo brasileiro (Sakamoto, 2022, [p.i.]).

Após alguns dias da circulação nas mídias nacionais e internacionais, Bolsonaro, ao ser questionado por jornalistas antes do debate presidencial pela rede Bandeirantes, afirmou:

Se você pegar esse pintar um clima, na mesma entrevista daquele blogueiro, eu falo que não pintou um clima com o Parlamento para

⁵⁸ Disponível em: https://twitter.com/Benett_/status/1582356603223027712/photo/1

revogar um decreto ambiental sobre a Baía de Angra. Essa história de pintar um clima é muito comum em mim, uso muito isso aí, e naquele momento foi exatamente para mostrar que pintou oportunidade, um clima, para entrar na casa das venezuelanas, e como eu fiz, a live, mostrar o que nós não queremos para o Brasil (Estado de Minas, 2022, [p.i.]).

Mesmo com essa alegação, segundo dados da CNN que averiguaram a veracidade do fato, foi comprovado que o ex-presidente nunca utilizou essa expressão em seus discursos oficiais. Atrelado ao contexto, é possível visualizarmos/identificarmos a presença de Bolsonaro por conta do formato caricato da personagem. Ao seu lado, também há a retratação de Moro⁵⁹, que dá para identificá-lo tanto pela fala, quanto pelos traços que remetem às suas feições.

Ao pensarmos nos pressupostos de Pêcheux, vemos que o que constrói essa verdade de as personagens remeterem às figuras políticas em questão é, justamente, pela Formação Ideológica, a qual determinou, no meio social, em suas constantes aparições, uma espécie de regularidade no modo de se vestir e de se comportar que, também, são determinadas pelas formações discursivas (FDs). Além da regularidade na imagem (no visual), há, também, uma constância em seus processos discursivos ao longo de todo o seu governo – desde a eleição. Isso é notório quando a personagem diz “eu passei de moto”. Em diversos momentos de seu mandato, o ex-presidente realizou passeatas – intituladas como “motociadas” – com os seus apoiadores de moto. E a presença de Moro se dá, também, por essa repetição discursiva, em que, assim como se criou um vínculo, uma ligação dos eleitores de Bolsonaro, criou-se uma associação da imagem direta de Moro com Bolsonaro.

Dessa maneira, o discurso, nessa charge, foi materializado trazendo discursos de diversos momentos do governo, mas que, de uma certa forma, estabelecem uma relação por conta da construção de sujeito. Mesmo existindo, ali, três possíveis contextos distintos, todos eles estão ligados pela FI, afinal, Bolsonaro não teve uma atitude polêmica apenas nessa situação. Assim sendo, os discursos materializados na charge, associados com os discursos que atravessam e determinaram Bolsonaro ao longo da história, constroem a figura do ex-presidente como sujeito pedófilo – por conta da primeira fala – ao repetir o “pintando um clima” e, também, como um sujeito autoritário ao trazer a presença de Moro, pois, independentemente de suas atitudes,

⁵⁹ Foi Ministro da Justiça e Segurança Pública em 2018. O pedido veio de Bolsonaro e configurou-se como uma certa legitimidade na pauta anticorrupção, uma vez que Sérgio Moro foi juiz do caso da Lava Jato que levou Lula à prisão.

a figura de Moro, autoridade de uma FD jurídica, sempre está ao lado e atrelada com a de Bolsonaro. Ademais, por estar sempre ao lado do ex-presidente, podemos entender que Moro partilha dos mesmos atravessamentos discursivos de Bolsonaro, assim ambos compartilham de uma FD em comum e, por conseguinte, acabam figurativizando a pedofilia, isto é, promovem discursos que remetem à pedofilia.

Ainda pensando na materialidade discursiva presente na charge, notamos que a constituição de sujeito da figura de Bolsonaro acontece por conta do inconsciente (algo que o Sujeito não tem controle, é apenas condicionado). Afinal, a materialização, ali, não é meramente a cópia de uma fala da pessoa Jair Bolsonaro, mas se dá, principalmente, pelo discurso do *outro*. Em outras palavras, é a representação, a construção ideológica dada pelos atravessamentos discursivos e ideológicos de como a pessoa é na realidade e como ela se materializa pela figura, no caso, determinando esse sujeito ideológico.

Assim como foi dito, Pêcheux (1988), ao trazer a concepção de sujeito ideológico, apresenta os pressupostos teóricos da psicologia e de Marx. Dessa maneira, quando o autor fala sobre o recalque que, pelo inconsciente, o sujeito irá “criar” os seus discursos, a forma como ele ocupa uma “posição” de sujeito se dá pela luta de classes. A construção do sujeito ideológico se dá pela junção desses dois conceitos. Na charge em questão, é perceptível essa luta por meio do pré-construído e da memória discursiva. Afinal, a presença do “pintou um clima”, “andando de moto” e a própria presença de Moro só são possíveis de criar efeitos de sentido por conta das instâncias ideológicas que moldaram e materializaram aquele discurso. A luta se dá pelo “quem está certo”: a figura de Bolsonaro ou a pessoa Bolsonaro, pois a charge foi publicada quando ele ainda ocupava o cargo de presidente. É claro que, nesta pesquisa, não estamos analisando a pessoa física, mas como tais discursos são produzidos e que efeitos podem produzir, e, especificamente, como esses discursos se materializam nas charges. Porém, em alguns casos, vemos que, por meio dessa materialidade, o discurso da pessoa acaba emergindo, principalmente por conta das verdades construídas dentro e pelo meio social.

Ainda com base em Pêcheux (2014) e nessa questão do inconsciente, na AD-3, o autor passa a trazer a percepção de que a construção do sujeito ideológico se dá, também, pelo processo do esquecimento. O esquecimento, para a Análise do Discurso de linha francesa, não trata da perda de memória, mas do ato inconsciente, o recalque, em seus processos discursivos. Logo, o teórico divide esse processo em:

- Esquecimento nº 1: o sujeito tem a ilusão de que tem controle da origem dos seus dizeres, como se fosse a “fonte” daquilo que está sendo produzido.
- Esquecimento nº 2: o sujeito tem pré-consciência de que os seus dizeres não são seus, mas tem a ilusão de controle dos seus dizeres, podendo reformulá-los caso cometa um “erro”, um deslize, por exemplo.

Em suma, para Pêcheux (2014), os dizeres do sujeito serão formulados e dados a partir do esquecimento, o qual irá, de forma inconsciente, nos fazer admitir a concepção do papel exercido pela memória, afinal, só é possível passar por esse processo do esquecer quando o discurso perpassou pelo campo da memória. A memória na AD não é algo psicológico, mas é social e se dá dentro e pela Formação Discursiva. Atrelado a isso, Pêcheux e Fuchs (2014) nos mostram que:

[...] é preciso não perder de vista que o recalque que caracteriza o “esquecimento nº 1” regula, afinal de contas, a relação entre o dito e o não dito no “esquecimento nº 2, onde se estrutura a sequência discursiva. Isto deve ser compreendido no sentido em que, para Lacan, “todo discurso é ocultação do inconsciente” (Pêcheux; Fuchs, 2014, p. 178).

Em outras palavras, a constituição do sujeito se dá, então, pelos esquecimentos que irão determinar os seus discursos. Além disso, não podemos desconsiderar que a ideologia é o ponto-chave para esse processo de assujeitamento e, conseqüentemente, de construção do sujeito discursivo e ideológico. Ademais, Pêcheux (2014) também apresenta a concepção de sujeito assujeitado, o qual faz referência ao processo de ser dominado; a ideologia, por sua vez, é responsável por garantir que essa dominação, de fato, aconteça para que, de uma certa forma, as coisas ocupem o seu devido lugar. Voltamos, aqui, para a concepção marxista supracitada por Pêcheux, em que o sujeito e o *outro* irão “lutar” pelo seu lugar, ou seja, estabelecer uma relação de força, no sentido de quem ou qual discurso é visto/determinado como uma verdade. A charge, a seguir, irá nos mostrar esse processo de luta de classes, ou, como é conceituado por Pêcheux (1988), as relações de força:

Charge 13 – Exemplo dos conceitos de esquecimento e de Relação de Força



Fonte: *Folha de S. Paulo*, 2022.⁶⁰

O trabalho de Jean Galvão, publicado em 25 de setembro de 2022 pela *Folha de S. Paulo*, nos traz, mais uma vez, a materialização de um discurso religioso que, como foi dito e é um dos elementos importantes para considerarmos nessa tese, predomina no governo Bolsonaro, inclusive como um ponto de campanha eleitoral. De acordo com o Censo de 2022⁶¹, 56,7% das pessoas se declaram católicas, 26,9%, evangélicas, 9,3%, sem religião, 1,8%, espírita. Assim, predomina-se a religião cristã, o que é ressaltado pela charge ao trazer o título “disputa pelo voto cristão” e o próprio símbolo religioso, a cruz. Algo interessante e que deve ser enfatizado aqui é, mesmo sem ter a presença caricata dos políticos, Bolsonaro e Lula, apenas os braços, os símbolos da segunda vinheta (quadro) são suficientes para realizar os efeitos de sentido e determinar quais discursos seriam por trás dos braços. No caso, a parte da cruz que forma o “L” refere-se à pessoa que compartilha dos discursos de Lula, enquanto a outra parte que formou uma arma, à de Bolsonaro.

A construção desses sentidos, por sua vez, se dá por conta do pré-construído que formou essa verdade dentro da sociedade ao estabelecer uma regularidade dessas ações durante campanhas e discursos eleitorais. Tanto os candidatos quanto os seus apoiadores repetiram e repetem os gestos, o que, mais uma vez, irá determinar os diferentes posicionamentos e os grupos sociais presentes na

⁶⁰ Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1742729785725597-charges-setembro-de-2022>

⁶¹ Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/43593-censo-2022-catolicos-seguem-em-queda-evangelicos-e-sem-religiao-crescem-no-pais>

sociedade. Assim sendo, o pré-construído foi dado por conta das instâncias ideológicas que atravessaram as formações discursivas e constituíram os processos discursivos e ideológicos que cada grupo deveria (re)produzir.

Além disso, a parte imagética é relevante para a construção de sentido. Podemos observar isso logo na primeira vinheta, em que as personagens, em um primeiro momento, parecem ser a mesma pessoa por conta da roupa, porém, na sombra, é perceptível que, ao lado esquerdo, trata-se da figura de Lula, devido à ausência de um dedo. Um outro ponto importante a ser considerado é o lado em que cada parte da cruz aparece: o “L” no lado esquerdo e a arma no direito, que, pelo pré-construído e pela memória discursiva, é possível construir a verdade discursiva e retomar que se trata da dualidade política, bem como o posicionamento de cada político.

Como já foi mencionado, os símbolos também reforçam a ideia de que o não dito carrega diversos efeitos de sentido e é capaz de trazer essa memória discursiva, a qual foi construída e determinada pelo meio social. Atrelado a isso, considerando o conceito de Pêcheux sobre esquecimento, é possível notarmos a presença do esquecimento nº 2, quando as personagens tentam “reparar” e retomar a cruz, a fim de adaptá-la para o formato ideal, no caso, a do símbolo de cada candidato. É perceptível, ainda, como se dá a luta de classes ou, como é elencado por Pêcheux, as relações de força ao ter essa materialidade da busca pelo divino como uma forma de ganhar votos, bem como a tentativa de ser “o mais forte” nesse processo discursivo.

Em suma, os símbolos são capazes de produzir a materialidade do discurso e os efeitos de sentido por conta da memória discursiva. Afinal, a memória, aqui, é vista como algo social, logo, foi o meio social e o contexto que determinaram os sentidos. Consequentemente, ao recuperar esse discurso pela memória discursiva, constrói-se uma verdade inquestionável, a qual é dada pelo pré-construído. Além de gerar a relação de força, essa constante busca pelo discurso superior e correto.

Ao pensarmos no objetivo geral desta pesquisa, é possível questionarmos: será que a construção de sujeito mito permanece ao longo dos quatro anos de governo? Quais discursos predominam nesse tempo? Como se dá a materialidade desse mito? Quais são as disputas de poder existentes entre esse ser e não ser mito? São esses questionamentos que procuraremos averiguar ao longo do trabalho.

3.2 CONSTITUIÇÃO DO ETHOS DISCURSIVO

Ainda considerando os processos e as determinações discursivas, os quais condicionam os dizeres do sujeito, Amossy (2015, p. 09) salienta que, “para tanto, não é necessário que o locutor faça seu autorretrato, detalhe suas qualidades nem mesmo que fale explicitamente de si”. Podemos associar essa afirmação com os próprios pressupostos mencionados anteriormente, de como somos fadados a (re)produzir discursos e ações que foram determinadas pelas instâncias ideológicas dentro de uma conjuntura dada. Inclusive, é possível voltarmos para o princípio de como ficou a divisão da sociedade por conta dos ideários políticos. Mesmo que a pessoa não fale explicitamente qual candidato apoiava, existiam crenças implícitas que se manifestavam, de forma inconsciente, em seus dizeres e, também, em suas ações, como a questão das cores, dos símbolos e, nas redes sociais, dos *emojis*.

Para a autora, na Antiguidade, o *ethos* estava relacionado com a construção de uma possível imagem que garantia o sucesso na oratória, assim como era apontado por Aristóteles (apud Amossy, 2015, p. 10), o qual afirmava que a Retórica era “o caráter moral que o discurso deve, eu diria, quase todo seu poder de persuasão”. A partir dessa questão, segundo a autora, a Análise do Discurso, a Pragmática e a Nova Retórica, atualmente, retomam esse conceito de Aristóteles como “a arte de persuadir”. Na primeira parte desse capítulo, inclusive, Foucault nos mostrou como se dá o processo de convencimento dos dizeres em relação ao outro. Como o foco da pesquisa envolve o discurso político e o religioso, percebemos que essa questão do persuadir é forte, afinal, relacionar os dois tipos de discurso como uma forma de consolidar a verdade discursiva foi uma maneira encontrada pelos candidatos de reafirmar uma posição dentro da sociedade e de convencê-los de que estariam corretos, pois como contrariar as regras, os preceitos religiosos dentro de uma sociedade predominantemente cristã?

É claro que a AD e a Pragmática reformularam o conceito da Retórica, mas, ainda assim, as teorias concordam que a persuasão, o processo de convencimento, faz parte do inconsciente do sujeito, o qual tenta, a todo momento, convencer o outro de que o seu discurso, as suas ações estão corretas. E é a partir desse processo que formam as relações de força apresentadas por Pêcheux, pois, se o discurso do sujeito é visto como correto e o do outro como errado, consequentemente temos a relação de dominante/dominado.

De acordo com Amossy (2015), Benveniste já havia introduzido a noção de *quadro figurativo*, o qual, por meio de um enunciado, formavam-se duas figuras como forma de discurso. Assim sendo, mesmo que ocorra de forma implícita, sempre que um sujeito pronunciar qualquer tipo de enunciado, sempre haverá o outro e, a partir disso, será construída uma relação discursiva entre o sujeito e o Outro. Ainda com base na autora, Pêcheux já falava sobre a construção da imagem entre os interlocutores, os quais se davam da seguinte maneira:

[...] para quem *a* e *b*, nas duas pontas da cadeia de comunicação, fazem uma imagem um do outro: o emissor *a* faz uma imagem de si mesmo e de seu interlocutor *b*; reciprocamente, o receptor *b* faz uma imagem do emissor *a* e de si mesmo. Retomando esse princípio, Kerbrat-Orecchioni sugere incorporar “na competência cultural dos dois parceiros da comunicação [...] a imagem que eles fazem de si mesmo, do outro e a que imaginam que o outro faz deles” (Amossy, 2015, p. 11).

Em suma, sempre que o *a* se definir, automaticamente definirá o *b*. Ou, como é colocado por Pêcheux (1988), o sujeito sempre definirá o outro. Dessa forma, segundo o autor, o emissor, por meio de seu discurso, (re)produz um *ethos*, ou acredita reproduzi-lo, já que essa imagem não o depende apenas dele, mas também dos conhecimentos do receptor para que ela também seja construída.

Além disso, ressaltamos que o *ethos* não é fixo, nem determinado de forma concreta, uma vez que é determinado, constituído por diversos fatores discursivos, sendo eles corpóreos e/ou verbais. A partir dessa percepção de *ethos* e de tentativa de determinação, abordamos que, segundo Maingueneau (2008):

Um posicionamento não implica apenas a definição de uma situação de enunciação e certa relação com a linguagem: devemos igualmente levar em conta o investimento imaginário do corpo, a adesão “física” a certo universo de sentido. As “ideias” são apresentadas através de uma maneira de *dizer* que é também uma maneira de *ser*, associada a representações e normas de disciplina do corpo (Maingueneau, 2008, p 53).

Sendo assim, toda apreensão de sentidos e de construção de imagens do emissor pelo receptor, e vice e versa, possui como base um *ethos* pré-discurso, que já é determinado socialmente com base nos conhecimentos dos sujeitos. Porém, é a partir do discurso que se cria o *ethos* discursivo, o qual é contrastado com o anterior para verificação de veracidade social. Pensando diretamente dentro do cenário

político, por exemplo, os representantes sociais já possuem imagens pré-determinadas, sendo elas positivas ou negativas, imagens essa que são “fixadas” ou não no receptor por meio dos discursos e da formulação que os sujeitos determinam do *ethos* a partir deles, conforme afirma Maingueneau (2008). Portanto, a partir do momento que um candidato faz as amarrações com um discurso completamente voltado para os pressupostos cristãos, ele afirma que o outro, a oposição, não segue esses preceitos. Logo, há duas imagens distintas que formam o discurso e determinam a figura, a imagem de *a* e de *b*, como postulado por Pêcheux (1988), como é possível observar na charge a seguir:

Charge 14 – O Sujeito e o Outro exemplificados na charge



Fonte: *Folha de S. Paulo*, 2022.⁶²

A charge de Triscila Oliveira e de Leandro Assis, publicada no dia 1º de abril de 2022 pela *Folha de S. Paulo*, traz diversas frases que foram produzidas tanto por Bolsonaro quanto por pessoas relacionadas ao seu governo, a começar pela “conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”, que foi constantemente repetida pelo ex-presidente em seu mandato e é parte de um versículo da Bíblia em João 8:32. De acordo com Quintela (2019), essa constância se dá pela crença de que todos os dizeres serão automaticamente vistos como verdadeiros, como se fosse um selo que comprovasse a veracidade dos fatos.

Ao retomarmos o conceito de *ethos* e a própria questão da Retórica como um processo de convencimento, de persuasão, notamos, por meio da repetição desse versículo, essa tentativa de convencer o outro, no caso, os apoiadores e toda a

⁶² Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1728936629020177-charges-abril-2022>

população brasileira de que as suas falas, os seus discursos são verdadeiros. Uma vez mais, temos a junção do discurso político e do religioso, o qual reforça a ideia de uma verdade inquestionável por conta do vínculo com a Bíblia e com o fato de, pela crença cristã, não poder questionar o que está descrito ali, pois é uma verdade absoluta, algo que deve ser seguido sem hesitar. Ainda com base em Quintela (2019), o jornalista nos traz um comentário retirado da Bíblia de Cambridge⁶³ sobre o versículo apresentado:

“a verdade” – tanto a doutrina divina (João 17, 17) como Cristo mesmo (João 14, 6), cujo serviço é a perfeita liberdade.
 “vos libertará” – livres da escravidão moral do pecado. Compare com o que diziam os estóicos: “o homem sábio, em si, é livre”.
 [...] A verdade à qual se refere Jesus é tão infinitamente superior a qualquer discurso humano que o uso do versículo para indicar algo como “estamos falando a verdade, e por isso estamos libertando vocês” é de uma prepotência sem limites. De modo semelhante, a libertação do pecado é um evento tão impactante na vida de um homem ou mulher que equipará-lo a qualquer libertação da ignorância sobre fatos mundanos só faz reforçar esse desrespeito com a sacralidade das escrituras (Quintela, 2019, [p.i.]).

O jornalista reforça a questão da persuasão e do processo de convencimento presentes no discurso de Bolsonaro ao trazer o versículo bíblico. Assim como foi apresentado, também enfatiza a concepção do *ethos* de que o sujeito não precisa falar abertamente quais são os vínculos, as suas crenças, porque isso é dado de forma implícita ou, ainda, por parte do inconsciente. Ademais, quando a figura presidencial traz essa construção de que “a verdade libertará”, temos o pré-construído, a verdade discursiva de que o outro não traz essa verdade, ou seja, todos os seus dizeres são errôneos. Assim, a constância do versículo carrega: a persuasão e a determinação do outro.

Além disso, precisamos levar em consideração a parte não verbal da charge: a imagem, a representação visual da figura de Jesus, que, pela crença cristã, seria o Salvador da nação e alguém que sofreu com a condenação dos homens por não acreditarem em suas palavras e em suas ações. Atrelado a isso, dentro da Bíblia, em diversos momentos, há passagens que mostram Jesus pregando sobre a concepção do amor e que os homens deveriam, acima de tudo, amar o próximo.

⁶³ Edição da Bíblia feita pela Universidade de Cambridge.

As demais falas, por outro lado, fazem uma quebra do discurso religioso, principalmente com a figura do divino representado na charge, que direcionam para um contexto em específico, a Ditadura Militar. De forma geral, elas falam sobre a questão da tortura que, assim como Jesus, diversas pessoas acabaram sofrendo durante essa época. Assim sendo, ao termos esses dois discursos, religião e ditadura juntos, há uma quebra dos ideários mencionados previamente com o versículo, afinal, pela concepção ideológica moldada pelo meio social, a tortura e a religião – especificamente o discurso bíblico sobre amar o próximo – não atravessam as mesmas formações ideológicas e discursivas. Por isso, ao ter esse atravessamento de duas FDs e FIs completamente distintas, forma-se a crítica da charge: como um governo vinculado aos pressupostos religiosos pode pregar e aclamar a ditadura e as pessoas que foram os torturadores?

Além disso, temos tanto pela parte imagética quanto pela parte escrita a constituição do sujeito e do outro. Ao trazer as falas que, de uma certa forma, demonstram um apoio e festejo (“pela memória de Carlos Alberto Brilhante Ustra”) das pessoas que foram a fonte da tortura durante a Ditadura Militar no Brasil, acabam formando/constituindo um sujeito X – que chamaremos de sujeito ditatorial – e outro, que seria, justamente, a oposição, nesse caso, as pessoas que sofreram a tortura. Atrelado a isso, voltamos, também, para o conceito de relações de força de Pêcheux (1988), o qual reforça a ideia de dominador/dominado, nesse caso, torturador/torturado. A forma sujeito torturador era “bem-vista” e “aceita” na sociedade por conta da posição social que ocupavam, por conseguinte os demais que possuíam e tinham outros atravessamentos ideológicos e discursivos eram vistos como a minoria, logo não tinham domínio, nem lugar para se defenderem, afinal, eram submissos de uma outra instância ideológica predominante, a própria ditadura. Assim sendo, caso tentassem “lutar” contra essa ideologia ou esse discurso, seriam punidos, porque não ocupavam a posição adequada dentro da sociedade. E, por conta disso, os seus dizeres e ações não eram aceitos.

Enfatizamos, uma vez mais, que a presente pesquisa não estuda a pessoa empírica, o sujeito falante, mas o sujeito discursivo, isto é, a figura constituída pela ideologia e pelo discurso. Ao retomarmos os conceitos de Amossy (2015), a autora nos mostra a importância de não confundir as instâncias internas de um discurso com a questão empírica que está na parte de fora da linguagem. E é nesse ponto – a instância interna do discurso – que se forma a noção de *ethos*, em que o enunciador

(o sujeito discursivo) legitima o seu dizer a partir de uma instituição e marca essa sua relação como um saber (Amossy, 2015). Ao associar, assim, o conceito de *ethos* advindo da pragma-semântica com a Análise do Discurso, podemos dizer, com base em Amossy (2015), que:

A noção de *ethos* estabelecida pela análise do discurso encontra, assim, a sociologia dos campos, mas privilegia “o imbricamento de um discurso e de uma instituição”, ou seja, recusando a concepção de uma sociologia extrema. Ela também encontra a retórica a partir da qual Maingueneau retoma a idéia de discurso eficaz, recusando-se totalmente a considerá-lo como uma “coleção de procedimentos a serviço de um conteúdo que procura encontrar uma forma” (Amossy, 2015, p. 11).

Atrelado a isso, de acordo com Charaudeau (2008, p. 115), “o sujeito aparece, portanto, ao olhar do outro, com uma identidade psicológica e social que lhe é atribuída, e, ao mesmo tempo, mostra-se mediante a identidade discursiva que ele constrói para si”. Em outras palavras, o autor defende a ideia de que a construção do sentido depende tanto do que somos, quanto do que dizemos e, a partir dessa soma, forma-se o *ethos* discursivo. Além disso, o teórico ainda nos traz o seguinte questionamento: “quando os indivíduos falam, não se toma o que eles dizem pelo que eles são? Como aceitar que a imagem que o sujeito falante faz dele próprio não corresponderia ao que ele é como indivíduo?” (Charaudeau, 2008, p. 116). E é a partir desse ponto que a AD francesa desconsidera a identidade social (o autor) da identidade do discurso. Afinal, o social pode tentar, muitas vezes, mascarar quem é, mas os seus atravessamentos discursivos acabam relevando quem, de fato, o sujeito é.

Tal processo ocorre porque o *ethos* é “o resultado de uma encenação sociolinguageira que depende dos julgamentos cruzados que os indivíduos de um grupo social fazem uns dos outros ao agirem e falarem” (Charaudeau, 2008, p. 117). O que é comum de ocorrer em um discurso político. Durante um debate, por exemplo, a figura política tenta, a todo custo, convencer o(s) outro(s) de que o seu discurso é o mais próximo da verdade, como podemos observar no seguinte trecho do debate das Eleições de 2022:

Luiz Inácio Lula da Silva: Eu só esperava que em um debate entre pessoas que querem ser presidente da República, o atual presidente tivesse um mínimo de honestidade, um mínimo de seriedade. Ele falar que eu montei quadrilha? Com a quadrilha da “rachadinha” dele, que

ele decretou sigilo de 100 anos, com a rachadinha da família, sabe, do Ministério da Educação, com barras de ouro? Ele falar de quadrilha comigo? Ele precisava se olhar no espelho e saber o que está acontecendo no governo dele. Ele sabe o que foi a quadrilha da vacina. O que foi o oferecimento de US\$ 1 por cada vacina importada. Isso não fui eu que disse não, isso é a CPI [Comissão Parlamentar de Inquérito da Covid] que está dizendo. Se quer pedir direito de resposta, peça para a CPI, não peça aqui no debate, não. Você quando vier no microfone, **você se comporte como presidente**. Respeite quem está assistindo, não minta. **Não minta, que é feio um presidente da República mentir como você mente toda hora, descaradamente, não é possível!**

Jair Bolsonaro: **Mentiroso! Ex-presidiário! Traidor da Pátria!** Que “rachadinha”? “Rachadinha” é seus filhos roubando milhões de empresas após a tua chegada ao poder. Que CPI é essa? Da farsa? Que você vem defender aqui. O que achou a meu respeito? Nada. Que dinheiro de propina? Não teve propina, propina teve o seu Carlos Gabas, do Consórcio do Nordeste. Dos governadores amigos teus. Que foi descoberto em R\$ 50 milhões e nada foi apurado. O seu governo, através de Carlos Gabas, e do Consórcio do Nordeste, fez muitos nordestinos morrerem por falta de ar porque foi desviado o dinheiro da compra de respiradores. Nada tem contra o meu governo. Nada. **Deixe de mentir e tome vergonha na cara, Lula** (Portal 360, 2006, [p.i.], grifo nosso).

O primeiro ponto que devemos levar em consideração nesse debate é a maneira como o candidato se porta por meio de seu processo de convencimento. Lula acusa Bolsonaro de ser mentiroso e pede, inclusive, para que ele se comporte como presidente ao assumir o microfone. Assim, podemos trazer, *a priori*, o seguinte questionamento: qual é a posição, a imagem de um presidente?

Charaudeau (2008) nos diz que, nesse processo de identidade social e de identidade discursiva, o outro (no caso, o destinatário) também constrói uma imagem do sujeito (do locutor). Ao associarmos com a concepção dada por Pêcheux (1988), as instâncias ideológicas são responsáveis por determinar a forma como as imagens são projetadas no meio social. Logo, há uma expectativa, uma imagem pré-definida do que se espera do sujeito presidente: integridade, empatia, inteligência, sociabilidade, justiça, postura... Assim sendo, quando Lula pede para que Bolsonaro aja como presidente, vemos que ele quebra com o *ethos* do que se é esperado. Ou seja, vemos que a identidade discursiva presente em Bolsonaro, por essa fala, não é a de um representante da república, mas de um mentiroso.

Em contrapartida, Bolsonaro, ao realizar a réplica, o chama de mentiroso, de ex-presidiário e de traidor da pátria. Logo, vemos que a imagem que um tem do outro é completamente contrária ao que a identidade social tenta transmitir. Afinal, se ambos são mentirosos, quem possui a verdade?

Dessa maneira, vemos, justamente, a ideia dada por Charaudeau (2008). A tentativa constante, no discurso político, do processo de mascarar a identidade discursiva. Afinal, não é um elemento isolado, um discurso isolado, um contexto isolado que determinará a sua construção de sujeito e, conseqüentemente, seu *ethos*. Ademais, o autor nos mostra que, no campo político, é preciso ter, no discurso, o crível e o suporte de identificação. “Crível porque não há político sem que se possa crer em seu poder de fazer; suporte de identificação porque para aderir às suas ideias é preciso aderir à sua pessoa” (Charaudeau, 2008, p. 118). Logo, o autor nos mostra que a figura política precisa atravessar dois *ethos*: o de credibilidade e o de identificação.

No princípio do *ethos* de credibilidade, o teórico diz que o sujeito precisa “fabricar” uma imagem que corresponda a essa qualidade. Logo, quando pensamos na representação de um presidente da república, é notório que os candidatos buscam, a todo custo, fabricar, em suas campanhas eleitorais, em seus debates, a imagem adequada que a população procura.

No caso de Bolsonaro, ainda com base naquele trecho, ao chamar Lula de ex-presidiário, nos mostra, pelo não dito, o que a população, teoricamente, não quer de um presidente: alguém que foi condenado criminalmente. O mesmo processo ocorre com a fala “traidor da pátria”. Ao trazer tal indicativo, entendemos que o então candidato Lula não cumpriu o seu dever com o Brasil. Tendo, inclusive, “abandonado” o país. Seja por conta da corrupção (pela qual foi acusado), seja por ter sido preso.

Porém, a palavra que mais chama a atenção na fala, tanto de Bolsonaro quanto de Lula, é o uso de mentiroso. Na ocasião, Lula acusa Bolsonaro de ser mentiroso, durante o debate, por acusá-lo de ações que, supostamente, não fez. Conforme ilustra o seguinte trecho:

Jair Messias Bolsonaro: [...] É um governo que quis impor uma agenda de ideologia de gênero, ensinando crianças em sala de aula a se interessar por sexo precocemente. É um governo que, todos sabem, que quer a liberação das drogas. Ou seja, esse governo do PT, que nos deixou há pouco tempo, parece que desconhece a dor de uma família que tem um filho no mundo das drogas. Esse governo do PT, ou melhor, desgoverno de há pouco tempo (Poder 360, 2022, [p.i.]).

Durante a fala de Bolsonaro, vemos que ele busca criar uma imagem de Lula, alegando que o seu partido, ao longo do governo, tentou “doutrinar” as crianças por meio de ideologia de gênero, de educação sexual, da liberação das drogas, sentenças

essas que, como já foi apontado ao longo dessa tese, não possuem legitimação. Porém, em um debate político, em uma emissora televisa, pode ser que Bolsonaro tenha, de fato, convencido parte da população a partir dessa fala.

Segundo Charaudeau (2008):

De maneira geral, um indivíduo pode ser julgado digno de crédito se houver condições de verificar que aquilo que diz corresponde sempre ao que ele pensa (condição de sinceridade ou de transparência), que ele tem os meios de pôr em prática o que anuncia ou promete (condição de *performance*), e que o que ele anuncia e aplica é seguido de efeito (condição de eficácia). No caso oposto, revelar-se mentiroso, incapaz de honrar suas promessas ou de realizar os objetivos perseguidos, só pode desacreditar o sujeito. Essas condições variam em importância de acordo com o que está em jogo em cada situação de comunicação (Charaudeau, 2008, p. 119).

Desse modo, ao considerarmos a figura de Bolsonaro (já que é parte do nosso objeto de pesquisa), podemos pensar nas imagens que o ex-presidente tentou fabricar durante a eleição e ao longo de seu governo. O slogan de campanha girava em torno de um discurso religioso, vendendo a percepção de que seria um presidente focado nos bons costumes, prezando a família e, principalmente, os valores cristãos. Porém, não foi o que ocorreu na prática. Lula, no trecho do debate apresentado, fala sobre um ato de corrupção envolvendo o Bolsonaro (“Com a quadrilha da ‘rachadinha’ dele, que ele decretou sigilo de 100 anos, com a rachadinha da família, sabe, do Ministério da Educação, com barras de ouro? Ele falar de quadrilha comigo?”). Em março de 2022, o jornal *Estado de S. Paulo* revelou a existência de um gabinete paralelo dentro do Ministério da Educação (MEC), composta por pastores, os quais controlavam tanto a agenda do Ministério, quanto a destinação dos recursos públicos. Tudo isso em reunião fechadas. Após alguns dias, a *Folha de S. Paulo* trouxe à tona um áudio de Milton Ribeiro, ex-ministro da Educação, dizendo atender pedidos feitos por Bolsonaro para repassar a verba para os municípios indicados pelos pastores. Por sua vez, quando Lula chama Bolsonaro de mentiroso, vemos que há provas concretas para tal ato. Afinal, devido a tais ações, como essa do escândalo do MEC, quebrou-se a concepção do *ethos* de credibilidade da figura política presente em Bolsonaro, passando a ser visto, nesse contexto, não como um simples candidato à presidência, ou como um possível salvador do PT (como era visto durante as eleições de 2018), mas sim como alguém que fez parte de atos de corrupção.

Ademais, Charaudeau (2008, p. 120) fala sobre o *ethos* de “sério”, o qual “depende, evidentemente, das representações que cada grupo social faz de quem é sério e de quem não é”. Para o autor, a construção desse *ethos* se dá por meio dos índices corporais e mímicos, como a questão de se portar “com autocontrole diante das críticas, sangue-frio diante da adversidade, não se entregar a acessos de cólera nem mostrar que esta é contida com objetivos táticos”. Além de demonstrar uma certa onipresença em questões políticas e sociais, principalmente diante daqueles que sofrem. Já em relação aos índices verbais, é preciso possuir um tom firme, sem efeitos oratórios, nem frases de efeito.

Essa postura, por sua vez, é perdida e quebrada em Bolsonaro e em Lula, ao se chamarem de mentirosos durante um debate que, por sua vez, exigia uma seriedade. Só nesse exemplo, conseguimos perceber que a construção do *ethos* é, na verdade, parte do inconsciente do sujeito. Logo, mesmo que Bolsonaro tenha tentado construir uma imagem de político perfeito, alguém que seria, realmente, o salvador do Brasil, vimos que a identidade discursiva desmascarou esse processo e nos mostrou que, na verdade, mesmo encobrendo por meio de discursos pastorais, o seu *ethos* se revelou com um sujeito divergente às concepções vindas do cristianismo. A grande questão que nos fica: como esse processo ocorreu? Isso já estava presente desde o processo eleitoral de 2018? Ou foi se desconstruindo com o passar de seu governo. São essas questões que pretendemos analisar.

Em suma, o *ethos*, para a AD, não parte da ideia de que o sujeito possui consciência de seus dizeres e de suas ações, mas que eles partem e são constituídos a partir do inconsciente, o qual é concretizado a partir de uma instituição – algo que era abstrato e se materializa pelo discurso, como a família, a religião, a política etc. Assim sendo, é a partir da imbricação do *ethos*, das formações ideológicas e discursivas, e da memória discursiva que o sujeito discursivo tentará convencer o outro de que é o “dono” da verdade; que os seus dizeres são corretos.

3.3 PODER, DIREITO E VERDADE

De acordo com Foucault (2019), há dois possíveis intelectuais: o específico e o universal. O primeiro se deu a partir da Segunda Guerra Mundial, quando o físico atômico, Robert Oppenheimer, desenvolveu uma posição específica na ordem de saber. Por conta disso, passou a ser visto como uma ameaça política, não por conta da sua função dentro da sociedade, mas pela construção do saber que possuía. Por

outro lado, o universal é uma derivação de uma figura histórica, o da justiça, visto por Foucault como um ser que é oposto à universidade da justiça e a uma equidade de algo que seria o ideal ao poder, ligado às relações de abuso, de arrogância e de riqueza (Foucault, 2019).

Ao recuperarmos alguns pronunciamentos da figura presidencial, notamos que há marcas, justamente, dessa perspectiva do intelectual universal, pois há uma constante luta pelo que é correto e por quem seria o mais forte. Durante o processo eleitoral de 2022, no debate do segundo turno realizado no dia 16 de outubro de 2022 pela Rede Bandeirantes, podemos observar o seguinte diálogo em relação às vacinas da Covid-19:

Luíz Inácio Lula da Silva: [...] O Brasil tem 3% da população mundial. E o Brasil teve 11% das mortes da pandemia no mundo. Por que houve tanta demora para se comprar vacina? O senhor não se sente responsável? O senhor não carrega nas costas um pouco do sofrimento dos brasileiros de ser responsável pelo menos por 400 mil mortes nesse país?

Jair Bolsonaro: Primeiramente, Sr. Lula, falam que atrasei a vacina em 2020. Não existia vacina à venda em 2020. A 1ª vacina no mundo foi aplicada em dezembro de 2020. Em janeiro do ano seguinte, um mês depois, o Brasil começou a vacinar. Nós compramos mais de 500 milhões de doses de vacina. E todos aqueles que quiseram tomar vacina, tomaram. E o Brasil foi um dos países que mais vacinou no mundo e em tempo mais rápido. Então o senhor se informe antes de fazer acusações levianas e mentirosas. Porque, afinal de contas, se o senhor não mentir o senhor deixa de...

Luíz Inácio Lula da Silva: Eu não faço acusações mentirosas. São dados científicos. O senhor atrasou a vacina, depois tendo um processo inclusive de corrupção definido e denunciado pela CPI [...] (Poder, 360, [p.i.]).

O papel da figura de um político, ideologicamente, é convencer o outro de que aquele seu discurso é o mais próximo da “verdade”. Desse modo, ele precisa que uma parcela da sociedade “compre” aquilo que está sendo enunciado, a fim de estabelecer a relação de poder e assumir o papel de autoridade absoluta dentro do meio social. Logo, o debate é o local em que os candidatos podem realizar esse processo de convencimento. Na conversa em questão, Lula questiona Bolsonaro sobre as vacinas que não foram compradas durante o ano de 2020, época em que a pandemia perpassava o mundo e já apresentava um número preocupante de mortes, principalmente no Brasil. Na fala dos dois, notamos uma tentativa de convencer a população, mas, principalmente, uma luta pelo poder. Isso se dá pela constante busca

pelo discurso correto e pela verdade. E é esse processo que gera tanto a construção ideológica da oposição política, como a construção ideológica da divisão social.

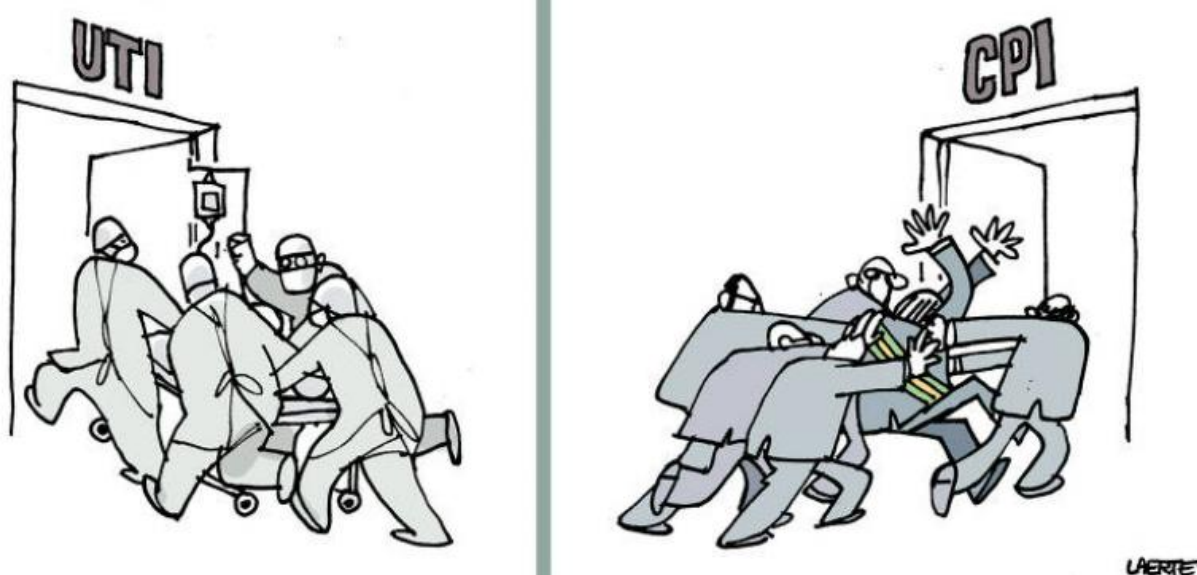
Atrelado ao conceito de intelectual proposto por Foucault (2019), percebemos que nas duas falas há esse processo, no entanto, na de Bolsonaro, fica mais evidente, principalmente ao considerarmos que, na época do debate, era o representante da república e estava no cargo durante a pandemia. O presidente negou, pelos dados da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), onze vezes a compra da vacina, além de debochar do vírus e ser contra, em diversos momentos, à única forma de prevenção cientificamente comprovada. Além das falas já mencionadas, temos o questionamento da aplicação em crianças. Após estudos, segundo o *site* oficial do Governo (Gov.br), a Anvisa aprovou a vacinação pelo laboratório da Pfizer. Apesar de ser vista pelo meio social como uma autoridade em questões da saúde, Bolsonaro não aceitou o posicionamento e não incentivou que os pais/responsáveis buscassem a imunização:

Eu pergunto: você tem conhecimento de uma criança de 5 a 11 anos que tenha morrido de Covid? Eu não tenho. Na minha frente tem umas dez pessoas aqui, se alguém tem levante o braço. Ninguém levantou o braço na minha frente. Você vai vacinar o teu filho contra algo que o jovem, por si só, uma vez pegando o vírus a possibilidade dele morrer é quase zero? O que que está por trás disso? Qual o interesse da Anvisa por trás disso aí? Qual o interesse daquelas pessoas taradas por vacina? (Jornal Nacional, 2022, [p.i.]).

A fala realizada durante o processo de vacinação só reforça o intelectual universal presente na figura de Bolsonaro, uma vez que demonstra ser “portador da lei e militante da equidade; mas alimenta seu discurso com uma referência nosológica, evolucionista, que acredita ser científica e que, inclusive, domina muito mal, cujos efeitos políticos sobre seu próprio discurso são bastante ambíguos” (Foucault, 2019, p. 50). Em outras palavras, notamos essa disparidade enunciativa nos dizeres do ex-presidente de acordo com o contexto. Na fala sobre a vacina em crianças, Bolsonaro era considerado a autoridade máxima do país, logo, todos os seus dizeres tinham um efeito e um impacto direto no meio social. Agora, quando há essa alteração de seu papel, de seu funcionamento na sociedade, a forma como é produzido seu discurso também se altera. Afinal, no debate, assumia a posição de candidato à presidência e precisava convencer os demais a permanecer no cargo. Sendo assim, necessitava que o outro comprasse a ideia de que se importava e que fez algo durante um momento difícil do país. Porém, há diversas evidências que comprovam o processo

contrário. Apesar dessa fala (durante o debate), nesse contexto em específico, não há uma quebra de sua posição sujeito, pois há uma constância discursiva predominante que o determina como contrário a qualquer meio científico. A não ser, como é mostrado nessas duas falas, que seja conveniente para o seu processo de poder. Pensando nisso, podemos observar a materialidade desse discurso na seguinte charge:

Charge 15 – Coronavírus, vacina, CPI e Bolsonaro



Fonte: *Folha de S. Paulo*, 2021⁶⁴.

Na charge de Laerte publicada no dia 30 de abril de 2021 pela *Folha de S. Paulo*, vemos pessoas, com trajes que se assemelham aos de médicos, correndo para a Unidade de Terapia Intensiva (UTI) com uma maca que, aparentemente, está com um paciente. Pela data de publicação, tem-se o pré-construído de que se trata do contexto da pandemia, assim, a pessoa levada para UTI estaria com a doença. A cena seguinte, por sua vez, aparece de forma espelhada, mas, dessa vez, pela faixa com as cores verde e amarela, e pelas personagens de terno, percebemos que se trata da figura presidencial, no caso, Bolsonaro. A relação espelhada pode representar o processo de negligência em relação à vacina e ao próprio vírus, com a investigação sobre os possíveis motivos que levaram o governo a negar a compra da vacina, assim como o que aconteceu com o dinheiro destinado a ela.

⁶⁴ Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/charges>

Essa dualidade dada pelas Condições de Produção que atravessam dois momentos da pandemia materializam os discursos proferidos por Bolsonaro sobre a vacina e sobre a Covid-19. Mesmo sem aparecer o rosto da figura do ex-presidente, é construída essa verdade por meio das cores presentes na faixa, além da legenda indicando “UTI” e “CPI”, os quais dão o contraste da negação, considerado e determinado pelo meio social, por um atravessamento ideológico, como um ato negligente, uma vez que, também pela ideologia construída e determinada pela sociedade, um presidente deveria cuidar de seu povo. Logo, se há uma doença que está percorrendo todo o mundo e há uma forma de combatê-la, espera-se que esse representante vá, de fato, realizar algo para evitá-la. Além, é claro, da própria imagem que Bolsonaro “vendeu” em sua campanha eleitoral de 2018 e que prevaleceu com os seus apoiadores: a percepção de messias, de salvacionista da nação. Dessa forma, é como se fosse esperada duplamente essa questão de combater o vírus. Porém, voltamos para o ponto do intelectual universal.

Bolsonaro, tanto em seu discurso, como na charge, materializa a ambiguidade de seu posicionamento como representante da república. Afinal, pela maneira como a personagem aparece, dá indícios de que está sendo praticamente arrastada até a CPI, como se não quisesse passar pelo questionamento, pela investigação do que aconteceu durante o auge da pandemia. Assim sendo, notamos que o discurso materializado na charge se dá a partir dos posicionamentos de Bolsonaro durante a campanha de vacinação – que aconteceu com diversas falhas no Brasil. Essa materialidade, por outro lado, reforça a quebra de uma forma sujeito. Em outras palavras, a figura de Bolsonaro assume uma nova forma durante a campanha eleitoral, tendo, assim, outros atravessamentos discursivos e ideológicos que o determinam como um candidato à Presidência da República. Ao assumir essa posição, é perceptível em sua fala que há uma tentativa de acobertamento da situação para que pudesse realizar o processo de convencimento. Em suma, de tentar mostrar à população que em seu período de governo fez o que estava ao seu alcance em relação à vacina e à Covid-19.

Segundo o *Dicionário de Política* (Bobbio, Matteucci e Pasquino, 1998, p. 993), a palavra *poder*, de forma geral, seria a capacidade de agir ou de produzir efeitos. Porém, partindo do ponto de vista social, ela passa a adquirir uma nova carga discursiva. Nesse caso, “pode ir desde a capacidade geral de agir, até a capacidade do homem em determinar o comportamento do homem: poder do homem sobre o

homem". A partir dessa perspectiva, percebemos que o homem não é apenas o responsável pela ação (um sujeito empírico), mas também assume o papel de objeto do poder social, ou seja, aquele que sofre essa ação. O poder social definido por esse dicionário é similar com a concepção da Análise do Discurso, a qual vê a sociedade sendo movimentada por diferentes relações de poder. Assim, sempre haverá alguém visto/determinado como superior e outro que será o submisso desse poder. Ao pensarmos em um ambiente escolar, por exemplo, o professor é atravessado por uma ideologia que o faz ter autoridade dentro daquele ambiente, logo ele tem mais poder do que o seu aluno. É isso que o faz um ser superior naquele contexto. Porém, esse professor, fora da sala de aula, responde a uma outra autoridade, a coordenação e a direção, assim as relações de poder acabam se alterando. Desse modo, um sujeito pode assumir diferentes posições de poder de acordo com a condição em que está inserido.

Ainda com base no dicionário, há uma distinção entre o poder sobre o homem e o poder sobre a natureza ou sobre coisas inanimadas. Segundo Bobbio, Matteucci e Pasquino:

Uma determinada empresa extrai petróleo de um pedaço do solo terrestre porque tem o Poder de impedir que outros se apropriem ou usem aquele mesmo solo. Da mesma forma, um Governo pode obter concessões de outro Governo, porque tem em seu Poder certos recursos materiais que se tornam instrumentos de pressão econômica ou militar. Todavia, em linha de princípio, o Poder sobre o homem é sempre distinto do Poder sobre as coisas (Bobbio; Matteucci; Pasquino, 1998, p. 934).

Para o autor, é necessário enfatizar a diferença entre esses dois tipos de poder para compreender o poder social, pois, quando nos referimos a essa palavra, não estamos adotando o princípio da posse de um grupo, de um lugar ou de uma coisa, mas da força que esse sujeito possui em relação ao outro. Sendo assim, "não existe Poder, se não existe, ao lado do indivíduo ou grupo que o exerce, outro indivíduo ou grupo que é induzido a comportar-se tal como aquele deseja" (Bobbio, Matteucci e Pasquino, 1998, p. 934). Desse modo, a relação de poder só irá acontecer se existir o outro, caso contrário, não é possível gerar o processo de convencimento, como foi apontado anteriormente por Foucault.

É claro que esse convencimento não acontece de forma consciente por parte do indivíduo. Pelo contrário, isso se dá pelos atravessamentos discursivos e

ideológicos em que aquele ser está inserido, os quais são responsáveis por determinar o que pode e deve ser dito, e o que pode e deve ser pensado em uma conjuntura dada. Lembrando que esses fatores não são físicos, mas são algo que parte do imaginário social e se materializa na sociedade, como a política, a religião, a família. Esses princípios são conceituados de Formação Discursiva e Formação Ideológica por Pêcheux (1988).

Ao partirmos desse princípio, percebemos que o processo de poder e de presença de mito em Bolsonaro só se dão porque há um outro. Ou seja, houve um processo de convencimento social em que um grupo possui e atravessa as mesmas ideologias (formações ideológicas). Podemos citar, por exemplo, a percepção de família. Em diversos momentos, o ex-presidente traz em seu enunciado a visão ideal do que seria uma família: pai, mãe e filhos, que seguem os preceitos advindos da religião cristã. Por ser um país predominantemente cristão, o discurso acabou convencendo uma parcela social de que ele seguia os mesmos princípios, conseqüentemente, a oposição não seria favorável a isso. Sendo assim, entendemos que esse grupo social possui atravessamentos discursivos similares aos da figura de Bolsonaro, por isso, de forma inconsciente, foram interpelados pelo bolsonarismo.

Atrelado a isso, Foucault (1999) nos traz a concepção de verdade, direito e poder. Para o teórico, o poder precisa ser estudado seguindo as regras de direito que será responsável por delimitá-lo do ponto de vista formal e, por sua vez, deve ser investigado por meio dos efeitos da verdade produzidos pelo poder, que irão revesti-lo e reconduzi-lo a uma potência. Assim, os conceitos funcionam como uma espécie de triângulo em que cada um acaba se encontrando em seu vértice. Segundo o autor, essa concepção pode partir de um questionamento filosófico:

Como o discurso da verdade ou, pura e simplesmente, como a filosofia, entendida como o discurso por excelência da verdade, podem fixar os limites de direito do poder? Essa é a questão tradicional. Ora, a que eu queria formular é uma questão abaixo desta, uma questão muito factual em comparação a essa questão tradicional, nobre e filosófica. Meu problema seria de certo modo este: quais são as regras de direito de que lançam mão as relações de poder para produzir discursos de verdade? Ou ainda: qual é esse tipo de poder capaz de produzir discursos de verdade que são, numa sociedade como a nossa, dotados de efeitos tão potentes? (Foucault, 1999, p. 28).

Percebemos, então, que dentro de uma sociedade há múltiplas relações de poder que irão caracterizar/determinar o meio social e estas só funcionam com uma

produção, uma circulação, um funcionamento do discurso verdadeiro (Foucault, 1999). Desse modo, só é possível exercer uma relação de poder diante de uma verdade. Por sua vez, Foucault (1999) enfatiza como somos forçados a produzir a verdade por meio do poder que irá, como foi dito, exigir a presença dessa verdade discursiva, afinal, o poder só existe pela verdade, e a verdade só existe pelo poder. Em suma, o poder irá a todo momento questionar, inquirir e buscar pela verdade. Por outro lado, “somos igualmente submetidos à verdade, no sentido de que a verdade é a norma; é o discurso verdadeiro que, ao menos em parte, decide; ele veicula, ele próprio propulsa efeitos de poder” (Foucault, 1999, p. 29).

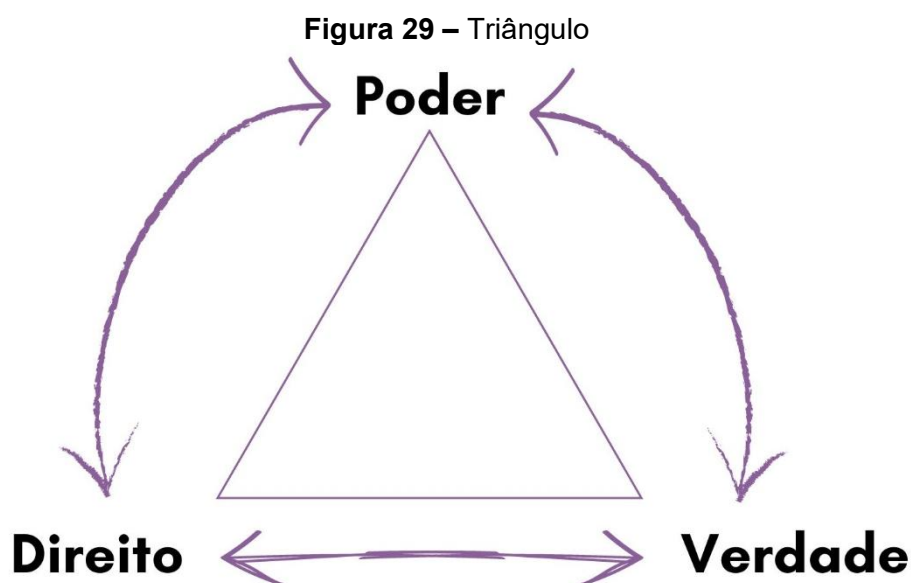
Ainda com base no autor, desde a Idade Média o processo de elaboração do pensamento jurídico se dá em torno do poder régio. De forma geral, Foucault (1999) nos mostra que a personagem central do edifício jurídico ocidental é o rei. Assim, tanto o rei possuía um sistema de regras que deveria respeitar, como a própria sociedade precisava respeitar e se submeter às regras impostas pelo rei. Porém, a construção do direito vai um pouco além disso. Como já foi dito, há múltiplas sujeições que podem acontecer dentro do meio social, logo, mesmo existindo um campo judiciário permanente, haverá técnicas de sujeição polimorfas (Foucault, 1999).

Por isso, Foucault (1999) acredita que o direito deve ser analisado a partir dos procedimentos de sujeição. Portanto, o direito e o poder devem ser lidos em seu centro, por meio de mecanismos gerais e/ou por seus efeitos gerados em conjunto. O autor nos mostra também que o poder não deve ser estudado com o objetivo de verificar/entender o que o indivíduo procura com o seu poder, mas estudá-lo com o intuito de compreender

[...] como as coisas acontecem no momento mesmo, no nível, na altura do procedimento de sujeição, ou nesses processos contínuos e ininterruptos que sujeitam os corpos, dirigem os gestos, regem os comportamentos. Noutros termos, em vez de perguntar-se como o soberano aparece no alto, procurar saber como se constituíram pouco a pouco, progressivamente, realmente, materialmente, os súditos, o súdito, a partir da multiplicidade dos corpos, das forças, das energias, das matérias, dos desejos, dos pensamentos, etc. (Foucault, 1999, p. 33).

Ademais, o poder deve ser visto como um processo em cadeia que não está concentrado apenas na mão de um ser ou de uma coisa. O poder, de acordo com Foucault (1999), simplesmente funciona. Ele circula não só entre os indivíduos, afinal estes podem ser tanto submetidos como podem exercer a função de poder. De forma

geral, “o poder transita pelos indivíduos, não se aplica a eles” (Foucault, 1999, p. 35). A fim de sistematizarmos, a figura, a seguir, representa justamente o triângulo estabelecido por Foucault:



Fonte: Elaboração da autora a partir de Foucault (1999).

Foucault, como dito anteriormente, não criou uma teoria de poder, mas buscou estudar o funcionamento do poder de um sujeito atuando sobre o outro sujeito. Nessa tríade, então, temos o poder como direito que irá mostrar as formas como a sociedade se coloca e se movimenta. Assim como foi ilustrado pelo autor, se temos a presença de um rei, consequentemente, haverá os súditos. Já o poder como verdade acontece tanto pelos processos discursivos que o rei é obrigado a produzir quanto pelos movimentos os quais se torna “vitimado” pela sua organização. Afinal, para o autor, o poder é ação sobre ação. Dentro dessa concepção, Foucault ainda apresenta sobre as relações de poder postas, seja pelas instituições (casa, escola, igreja etc.), seja pela disciplina. Por sua vez, é mais fácil notarmos essa relação de poder por meio da disciplina, pois fica mais nítida a posição do opressor-oprimido.

A partir desses pressupostos teóricos, podemos associar a figura de Bolsonaro e o funcionamento de seu discurso dentro do meio social. De acordo com Barros II (2020), no curso de 1º fevereiro de 1978, Foucault traz a metáfora do navio por meio da salvação, em que, ao governar um navio, é preciso se atentar à salvação da embarcação e das pessoas que estão nela, mesmo que seja de maneira indireta. Já

nos cursos de 1977-1978, o teórico se dedica à análise do poder pastoral e da própria figura do pastor.

Para Foucault, o pastor, acima de tudo, cuida de cada indivíduo visando a sua singularidade. A partir disso, Barros II (2020) nos mostra uma associação desse exemplo com o poder pastoral também apresentado por Foucault. Assim como a concepção “geral”, aqui, esse poder também não é algo físico e estático, mas algo que se dá em movimento. Nesse caso, será visto o poder exercido sobre um conjunto de indivíduos em movimentos, não em um território. Afinal:

O poder do pastor é um poder que não se exerce sobre um território; é um poder que por definição se exerce sobre um rebanho, mais exatamente sobre um rebanho no seu deslocamento, no movimento de ida de um ponto a outro. O poder do pastor se exerce essencialmente sobre uma multiplicidade em movimento. [...] E se nessa direção que Deus assume em relação à multiplicidade em movimento há uma referência ao território, ela se dá na medida em que o Deus pastor sabe onde estão as pradarias férteis, quais são os caminhos apropriados para chegar a elas e quais os lugares favoráveis para o descanso (Foucault, 2004, p. 130 apud Barros II, 2020, p. 24).

A partir dessa citação, percebemos que a concepção de Foucault sobre o poder pastoral está atrelada com o conceito de população, como algo central para o processo de governo do Estado (Barros II, 2020). Desse modo, o pastor, partindo dos pressupostos foucaultianos, seria a figura intermediária entre Deus e o seu povo, nesse caso, o seu rebanho. Por ter essa função, o pastor deve, então, conduzir e guiar o rebanho para o “bom caminho”, indicando quais caminhos deve seguir e como fazer isso. Uma vez mais, voltamos para o discurso cristão. Segundo Foucault, trata-se de um paradoxo que envolve a questão da existência de um salvador e de alguém que precisa da salvação. Ou seja, “o primeiro seria considerado como conjunto de indivíduos administrado segundo suas regularidades específicas. Somado a isso, estaria o conhecimento minucioso de cada particularidade individual das ovelhas” (Barros II, 2020, p. 25).

Ainda pensando nessa concepção de poder pastoral atrelado com o discurso cristão, é notório que o pastor, apesar de cuidar do seu rebanho, pode ter que sacrificar alguém em prol dos outros. Assim, caso uma ovelha seja um risco, ela será afastada ou eliminada do grupo. Agora, caso todo o rebanho esteja bem, sem necessidade de um cuidado constante, o pastor poderá abandoná-lo e ir atrás da

ovelha perdida, daquela que precisa de mais atenção. Conforme mostra o versículo do Evangelho de São João:

Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem, assim como o Pai me conhece e eu conheço o Pai; e dou a minha vida pelas ovelhas. Tenho outras ovelhas que não são deste aprisco. É necessário que eu as conduza também. Elas ouvirão a minha voz, e haverá um só rebanho e um só pastor. Por isso é que meu Pai me ama, porque eu dou a minha vida para retomá-la. Ninguém a tira de mim, mas eu a dou por minha espontânea vontade. Tenho autoridade para dá-la e para retomá-la. Esta ordem recebi de meu Pai (João, 10: 14-18).

Ao partir desse princípio, podemos atrelar o poder pastoral cristão conceituado por Foucault com o discurso de Bolsonaro. Como já foi dito, em diversos momentos, o ex-presidente associou a sua imagem com a percepção religiosa de ser o possível messias, de ser alguém que salvaria o Brasil. Nesse caso, então, por meio dessas repetições discursivas, podemos colocar Bolsonaro como o pastor e os seus apoiadores, como o rebanho. A função, então, do presidente, nesse ponto de vista, não é a de apenas governar o país, mas, acima disso, salvar a população – os que seguiam os seus dizeres, o seu rebanho – do que a oposição “ditava”. Durante a campanha eleitoral de 2018, por exemplo, Jair Messias Bolsonaro afirmou que o seu concorrente, Fernando Haddad, havia criado o *kit gay* e que seria distribuído aos colégios. Porém, tratava-se de uma cartilha que visava promover a não discriminação por conta da orientação sexual. De acordo com Figueiredo (2018):

Diversos especialistas em educação já se manifestaram favoravelmente ao material e entidades da sociedade civil avaliam o conteúdo como adequado para as faixas etárias indicadas. Além disso, não é possível atribuir a Fernando Haddad responsabilidade sobre a autoria do material, porque o projeto surgiu do poder Legislativo e não foi desenvolvido diretamente pelo MEC, mas por ONGs contratadas pelo ministério. Quando a cartilha foi vetada pela presidente Dilma Rousseff (PT), os materiais do kit ainda estavam sob análise da pasta (Figueiredo, 2018, [p.i.]).

Na época, a fala repercutiu nas redes sociais e serviu como base argumentativa dos apoiadores de Bolsonaro, mesmo sendo caracterizada como *fake news*. Apesar disso, percebemos exatamente a relação do poder pastoral conceituada por Foucault aqui. A oposição⁶⁵, ao trazer esse *kit gay*, seria contrária ao que o brasileiro – chamado

⁶⁵ A oposição, aqui, é Bolsonaro. Pois, ele ia contra os discursos do governo da época, no caso o PT.

por Bolsonaro como cidadão de bem, aquele que segue os mandamentos cristãos – quer e deve prezar em sua casa, em sua família. E, por ser algo taxado como ruim, deveria ser eliminado. Nesse caso, então, a oposição e os seus respectivos apoiadores seriam as ovelhas que deveriam ser abandonadas pelo pastor, uma vez que essas são vistas como o problema dentro da sociedade. Logo, o pastor, o salvador, deve salvar as demais ovelhas desse tipo de discurso. Portanto, desde a campanha eleitoral de 2018, Bolsonaro traz aspectos do discurso religioso a fim de gerar o processo do convencimento de seus eleitores e formar, assim, a sua rede de apoiadores. A charge, a seguir, traz exatamente esse tipo de discurso:

Charge 16 – Poder pastoral



Fonte: *Folha de S. Paulo*, 2018⁶⁶.

A charge de Renato Machado, publicada no dia 14 de julho de 2018 pela *Folha de S. Paulo*, nos mostra um rebanho sendo guiado por pastores que, na verdade, são lobos. Partindo das concepções ideológicas sociais, a figura de um lobo tem um sentido negativo, principalmente ao ser associado com a ovelha, pois, enquanto a ovelha traz a carga de sentidos de ser inocente, de alguém que requer cuidados e, de uma certa forma, perdida, precisando ser guiada, o lobo traz e carrega a imagem de ser o predador, alguém que irá se aproveitar dessa ovelha, podendo, inclusive, devorá-la. Ele pode criar armadilhas, a fim de direcioná-las para um caminho que seria o “ideal”, mas, na verdade, estaria levando-as para o “abocanhamento”. O cenário

⁶⁶ Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/charges>

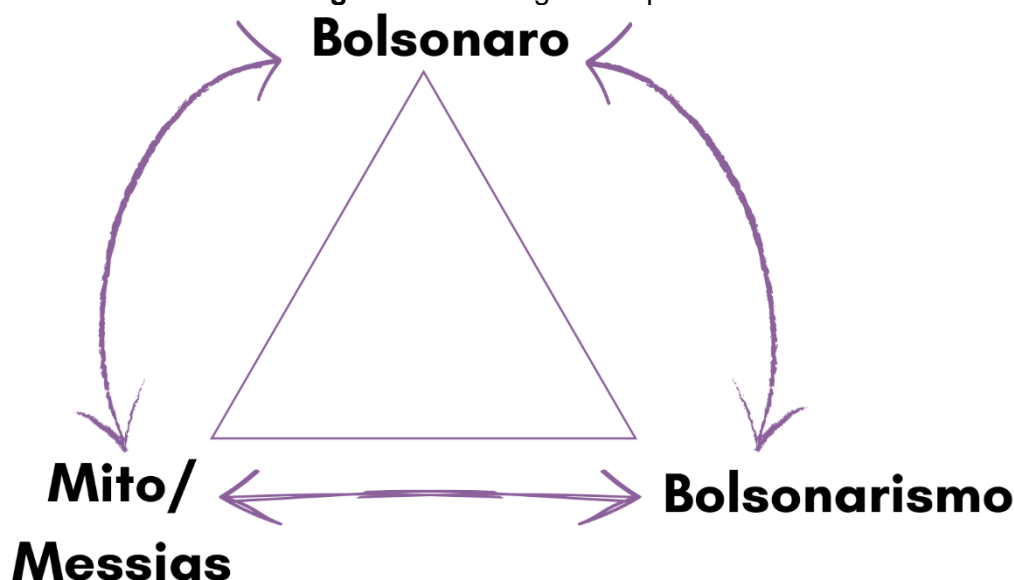
presente na charge, por sua vez, revela que essa possível armadilha ou o caminho pelo qual essas ovelhas estão sendo guiadas trata-se, na verdade, da urna eletrônica. Atrelado a isso, temos também a presença de um paratexto, o qual indica “política e religião”. Movidos pela construção ideológica social, há a percepção de que não devemos misturar os dois conceitos. Porém, durante o processo eleitoral de 2018, notou-se, justamente, a junção desses dois elementos, principalmente nos discursos de Jair Bolsonaro. Como já foi apresentado, uma de suas falas da campanha continha os seguintes dizeres: “Deus acima de tudo, Brasil acima de todos”. Em suma, o lema do então candidato faz exatamente esse processo de unir a política (Brasil acima de todos) com a religião (Deus acima de tudo).

Ao recuperarmos, então, o conceito de Foucault sobre o poder pastoral, percebemos que a charge materializa esse processo discursivo, trazendo, inclusive, a presença das ovelhas. Todavia, o diferencial é a quebra do que se espera da imagem do pastor, de quem estaria guiando o rebanho. Pela teoria, esperamos a presença de uma pessoa que traga a sensação de bondade, principalmente, porque temos a ideologia cristã como norte. Contudo, ao trazer a figura de um lobo, tem-se a construção de sentido de que o pastor pode não ser aquela imagem que está sendo “vendida” durante a campanha, podendo guiar o rebanho para um mau caminho.

De todo modo, sabemos que Bolsonaro, de fato, conseguiu conquistar o seu rebanho por meio de seus discursos e convenceu uma parcela da sociedade de que os seus dizeres eram verdadeiros. Ao ser eleito, percebemos que houve um aumento dessa crença por parte dos apoiadores de Bolsonaro ser, de fato, o messias, o mito, o salvador do Brasil. Como resultado, essas pessoas receberam o nome de bolsonaristas, ou seja, são aqueles que seguem e levam como uma verdade os dizeres de Bolsonaro.

A partir disso, podemos associar e adaptar a tríade proposta por Foucault (1999), por meio desses processos discursivos mencionados, o poder pastoral cristão ao lado do discurso religioso, o qual gera o seguinte triângulo: Bolsonaro, mito e bolsonaristas, conforme mostra a próxima figura:

Figura 30 – Triângulo adaptado



Fonte: Elaboração da autora.

Os atravessamentos discursivos e ideológicos constituíram a figura de Bolsonaro não só como uma autoridade pelo seu cargo público, mas por uma materialização do seu discurso pastoral. Em outras palavras, o fenômeno Bolsonarismo passou a ser mais do que, simplesmente, apoiadores de um possível presidente, tornou-se um processo discurso, o qual determinou Bolsonaro como messias cujos dizeres se configuraram como uma verdade absoluta, quebrando e indo de encontro, inclusive, ao discurso científico. Logo, assim como há esse triângulo estabelecido por Foucault (1999), também é possível recriarmos/adaptarmos essa concepção pela seguinte tríade: Bolsonaro, mito e bolsonarismo⁶⁷, em que cada vértice também terá uma ligação. Em outras palavras, é como se cada um desses pontos dependesse um do outro para funcionar e para produzir uma relação/um efeito de sentido no meio social. E é a partir disso que gera a construção da figura de Bolsonaro como “mito”.

Além disso, do mesmo modo como Foucault apontou que o poder, o direito e a verdade só acontecem ao estarem conectados, aqui esse processo também acontece. Afinal, a figura de Bolsonaro só ocorre com o apoio dos bolsonaristas, e os bolsonaristas só existem porque há essa figura; a percepção de mito se dá por meio do discurso de Bolsonaro e ela só funciona pelo aceite dos bolsonaristas. Cada um

⁶⁷ Entendemos Bolsonarismo como um fenômeno social, marcado por discursos pró-Bolsonaro em diferentes manifestações públicas, sejam nas ruas, sejam nas redes sociais. Tal fenômeno, por sua vez, tornou-se um tipo de discurso, o qual determinou a fala e as posições de sujeito no meio social.

dos pontos depende do outro para ter um funcionamento dentro do meio social. Voltamos para o que Foucault (1999) fala sobre o poder e o direito, pois não estamos questionando neste trabalho o pensamento dos apoiadores, nem da pessoa física Bolsonaro, mas do funcionamento desse poder que constrói e, ao mesmo tempo, desconstrói o mito. Em outras palavras, compreender esse processo por meio de mecanismos e efeitos dados em conjunto, não como algo isolado e intacto. Afinal, um indivíduo, um ser, uma figura não domina todo o poder. Em um dado momento, por exemplo, a figura de Bolsonaro pode ser o centro desse poder, como em outro pode ser submisso a ela. Assim, partiremos do princípio das relações de poder que variam de acordo com a conjuntura dada. A questão é: será que nas charges a materialização do discurso vista nesse triângulo permanece?

CAPÍTULO IV

A MATERIALIDADE DISCURSIVA E A CONSTRUÇÃO DO MITO

*O destino é a ordem suprema, a que os
próprios deuses aspiram,
E os homens, que papel vem a ser o dos
homens,
Perturbar a ordem, corrigir o destino,
Para melhor,
Para melhor ou para pior, tanto faz, o que é
preciso é impedir que o destino seja destino*

Saramago

Assim como dito, durante a época das eleições de 2018, houve, por parte dos apoiadores de Jair Messias Bolsonaro, uma certa aclamação, chamando-o de *mito*, de *messias*. A nossa grande questão de discussão, nesta tese, é justamente compreender o que é esse ser *mito*. A princípio, estamos analisando tal conceito por meio dos conceitos linguísticos, os quais trazem a percepção, a partir de Foucault (2016), de que se trata de um ser salvacionista, de alguém que salvará a população e a guiará para o bom caminho. Porém, será que essa percepção se mantém ao longo dos cinco anos? Será que é a mesma concepção de quando Bolsonaro ainda era candidato com a de quando ele assumiu o cargo de presidente? Se sim, quais são os processos discursivos que determinam isso? Se não, quais são as materialidades discursivas que mostram essa quebra de ser o mito, de ser o salvador? São esses questionamentos que procuraremos abordar com mais profundidade ao longo deste capítulo.

4.1 O MITO ELEITORAL X O MITO ELEITO

De acordo com Lynch e Cassimiro (2022), a Nova República, iniciada em 1985, teve um enorme benefício do ciclo de ideologia progressista e cosmopolita. Os autores ressaltam, ainda, que ela atingiu o seu auge em 1990. Por sua vez, com o fim do regime militar, surgiu a necessidade de uma reorganização do sistema constitucional e de um modelo chamado “presidencialismo de coalizão”, o qual seria responsável por estabilizar os poderes executivo e legislativo.

Assim como apontado por Moura e Corbellini (2019), o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) eram as grandes novidades dessa fase, principalmente ao final da década de 1980. Mesmo possuindo as suas diferenças:

os dois partidos disputavam projetos de um futuro moderno para o Brasil. De um lado, um partido de esquerda com vínculos com movimentos sociais e sindicatos, que propunha modernizar as relações entre Estado, capital e trabalho no Brasil; do outro um partido liberal progressista, disposto a reformar o Estado e abrir a economia para o mercado global. Ambos se baseavam ideologicamente em críticas às orientações que haviam balizado o sistema partidário da Terceira República (1946-1985) (Lynch e Cassimiro, 2022, p. 32).

Ainda com base nesses autores, o PT buscava superar o atraso do populismo que foi atribuído ao antigo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), enquanto o PSDB queria superar o patriotismo atribuído ao antigo Partido Social Democrático (PSD). Entre os dois, havia o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), que era uma espécie de fiador dessa redemocratização, porém, mesmo com Ulysses Guimarães e Orestes Quécia⁶⁸, não possuía uma liderança necessária para levar o partido adiante, não possuía um líder que pudesse conduzir as eleições e chegar, de fato, à vitória.

Apesar da vitória à presidência de Fernando Collor de Mello em 1989, pelo Partido da Reconstrução Nacional (PRN), a promessa de que haveria um Brasil com um partido político estável e moderno ainda permanecia. Aliás, o candidato da época não eleito pelo PSDB, Mário Covas acabou declarando apoio a Lula durante o segundo turno. Porém, o resultado foi a eleição de Collor e a derrota do petista. Com esse resultado, houve uma união entre PSDB, PMDB e PT, a fim de comandarem a oposição a Collor e encabeçarem, positivamente, o *impeachment* no Congresso Nacional. Com tal ação, Collor é afastado do cargo e quem assume a presidência é seu vice, Itamar Franco. O objetivo central dessa ação era desbancar a antiga frente e catalisaram a esquerda os possíveis motivos que levavam a população ao estado de insatisfação, além, é claro, de “poupar” Lula de uma candidatura durante um governo em crise (Lynch e Cassimiro, 2022).

⁶⁸ Ulysses Guimarães ficou conhecido como “Senhor Diretas” e teve um papel fundamental contra o regime militar, além de presidir a Assembleia Nacional Constituinte, a qual promulgou a Constituição Federal de 1988. Já Orestes Quécia foi governador de São Paulo entre 1987 e 1991 e, assim como Guimarães, foi uma peça crucial para lutar contra o regime militar.

Assim, na próxima eleição, em 1994, o PSDB escolhe Fernando Henrique Cardoso para concorrer ao cargo de Presidente da República e ser o nome que disputaria frente a frente com Lula, enquanto o PMDB traz Oreste Quércia, um adversário historicamente marcado pelos tucanos. Por sua vez, o PT assumia uma enorme coalização de centro-esquerda, já o PSDB fizera uma aliança com Partido da Frente Liberal (PFL) e Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), os quais ficaram socialmente determinados como o “atraso da política” (Lynch e Cassimiro, 2022).

Tal contexto nos mostra algo importante: o quão é relevante ter um “cabeça” dentro do partido, alguém para ser reconhecido pela sociedade e que marque essa dualidade política. Além disso, Lynch e Cassimiro (2022) apontam que, mais do que ter partidos com esses líderes, é preciso ter os que não possuíam uma força, nem uma identidade, mas que ocupassem grande parte da bancada do Congresso para, assim, serem a maioria dentro do parlamento.

Após a conquista do PT no poder, com Lula ocupando o cargo de presidente, já em 2010, houve uma certa degradação do partido, o qual estava marcado por escândalos de corrupção. Ademais, os autores afirmam que havia um certo desgaste já na forma de governo petista, que, em 2013, foi tomado pelas crises políticas e levou a população ao estado, novamente, de insatisfação. Por sua vez:

depois de 30 anos, o conservadorismo político retornou com força, potencializado por dois motivos. Em primeiro lugar, no plano externo, devido à crise da globalização e ao fim do ciclo cosmopolita, ferido desde os ataques às Torres Gêmeas (2001) e enterrado pelas sucessivas crises financeiras desde 2008. A ressaca da globalização abriu em diversos países ciclos conservadores, inclusive do tipo autoritário. Em segundo lugar, no plano interno, pela sobreposição de duas crises: a do modelo de governabilidade, aprofundada pelos sucessivos escândalos de corrupção, e da situação social-democrata, que ganhou sobrevida formal, apesar de substantivamente exaurida (Lynch e Cassimiro, 2022, p. 35).

Dessa forma, para Lynch e Cassimiro (2022), a volta dos conservadores se tornou uma novidade dentro do meio social. Além disso, aproveitando a crise política, houve uma certa culpabilização do estado social com os casos de corrupção que estavam sendo reportados de forma constante nas mídias, colocando que os problemas que o país enfrentava eram por conta dessas situações. A partir desse ponto, então, em 2015, houve uma nova dualidade política, marcada por liberais e por conservadores. Ademais, como não era possível realizar uma contrarreforma no sistema político, houve uma espécie de “vanguarda” dentro do sistema judiciário, que

possuía juízes federais e procuradores com o intuito de derrubar o PT, realizando, assim, a investigação contra a corrupção (Lynch e Cassimiro, 2022).

A partir disso, materializou-se a Operação Lava Jato, dando ainda mais força para essa vanguarda jurídica e aumentando a sua força, bem como a imagem social do lado conservador, marcando, dessa forma, a mudança do social-democrata para a liberal conservadora, a qual, pelo processo histórico, ascendeu com o *impeachment* de Dilma Rousseff em 2016. Ainda com base em Lynch e Cassimiro (2022), mesmo não sendo configurado oficialmente como um golpe de Estado, na prática, acabou funcionando dessa forma, afinal o objetivo central era o de retirá-la do cargo de representante e justificar as acusações anteriores.

Dado esse contexto, é necessário pontuar, ainda, o que entendemos, nesta tese, de conservadorismo. Para Lynch e Cassimiro (2022), trata-se de uma ideologia atravessada por duas características maiores. Em um primeiro ponto, ele sustenta uma espécie de caráter “extra-humano” do que ocorre no meio, normalmente, no social, e os seus pressupostos, a sua base, os seus valores se dão a partir da concepção divina, de Deus, da natureza, da biologia, da nação e, até mesmo, do mercado. Logo, há uma certa trava quando tentam barrar ou mudar essas percepções. Em um segundo ponto, o conservadorismo possui uma certa plasticidade, pois tem, como característica, o fato de ser observador, de especular o contexto ao seu redor. Assim, podem existir mudanças em relação ao seu “inimigo”. Ou seja, “se o inimigo for o liberalismo, ele se torna estatista; se for o socialismo, ele se torna neoliberal” (Lynch e Cassimiro, 2022, p. 73).

Por conta disso, ainda com base nos autores, o que nós, teoricamente, temos, e que parte de uma instância ideológica que atravessa e que determina a sociedade, é o fato de acreditarmos que há uma liberdade de expressão, porém é nesse momento que, muitas vezes, acontece o processo da censura. Em outras palavras, quando se há uma luta social pelos direitos dos negros e dos homossexuais, por exemplo, há, do outro lado, uma luta para defender os brancos e os heterossexuais. Dessa forma, ao relacionarem esses conceitos com a figura de Bolsonaro, Lynch e Cassimiro (2022) afirmam que, dentro desse espírito conservador, há, na imagem do ex-presidente, uma espécie de culturalismo que vai de encontro com o conservadorismo liberal, pois não irá conservar a sociedade com o intuito de melhorá-la, nem o de realizar um progresso na ordem social. No caso de Bolsonaro, percebemos que há uma materialidade de um discurso que busca chamar o lado conservador ao mostrar que,

na atualidade, não há mais as tradições do passado e, por isso, a sua missão governamental é fazer justamente isso: reviver e restaurar esse mítico do passado, como se fosse a melhor época da vida dos brasileiros. “Ele age assim movido não por um anelo de conservação da herança passada, mas por uma utopia regressiva de restauração” (Lynch e Cassimiro, 2022, p. 74).

Segundo os autores, essa postura de Bolsonaro é chamada de ideal político reacionário, o qual tem como objetivo o de “retornar a um suposto estado de natureza anterior à existência do estado nacional” (Lynch e Cassimiro, 2022, p. 74). Não tem, por sua vez, relação com o que se entende de civilização desde o século XVIII, pois é anti-iluminista e antirrenascentista, inclusive, nega os valores ligados ao pluralismo, à tolerância, ao Estado de Direito e à laicidade. Assim sendo, o que se tem, na verdade, é parte do imaginário e da crença de uma possível república cristã. Época a qual se refere aos nobres cavaleiros que deixavam as suas famílias nos castelos e, junto com as suas milícias de servos, lutavam contra os mouros. De acordo com Lynch e Cassimiro (2022), é por conta desse fato que os reacionários não gostam do Estado e, conseqüentemente, teriam-no destruído em nome da secularização da vida pública, bem como da centralização política. Ademais:

Essa obra de destruição dos supostos liames naturais da sociedade pelo absolutismo teria prosseguido com o liberalismo, cujo individualismo pluralista e tolerante confundiria todas as hierarquias, minando a autoridade da família e favorecendo a proliferação do pecado e da heresia. O comunismo seria o destino lógico do demoníaco tobogã da modernidade, promovendo abertamente o ateísmo, a supressão da propriedade privada e a confusão dos gêneros. Era assim toda a marcha da modernidade atravessada por uma contínua decadência moral, acompanhada pela dissolução da civilização centrada na autoridade dos sacerdotes e dos patriarcas (Lynch e Cassimiro, 2022, p. 75).

Por sua vez, devido a esses fatores, os reacionários abandonaram o modelo em vigor do elitismo da Igreja e aderiram ao fascismo, que dominava os preceitos políticos a fim de combater os seus inimigos liberais e socialistas, além de tentar restaurar a antiga ordem. Segundo Lynch e Cassimiro (2022), um fascista católico explicou que apenas a ressubmissão do Estado às autoridades advindas da Igreja seria capaz de pôr fim a essas séries de revoltas, de traições, de abandonos, dentre outros.

Um outro aspecto a ser considerado é o modelo de “comunidade política natural”, que os reacionários desejam. Os autores afirmam que é por conta disso que

essa parte social atrai toda a herança negativa da sociedade brasileira, como o culto da morte e da violência, bem como o autoritarismo, a exploração devastadora da natureza, o patriotismo...

Lynch e Cassimiro (2022) ilustram essa herança por meio do filósofo Olavo de Carvalho⁶⁹ que, por meio das mídias digitais, assumiu um lugar significativo na sociedade, sendo associado, muitas vezes, como mestre desse movimento reacionário, tendo, inclusive, algumas características relacionadas à direita radical, como o discurso apocalíptico do fim dos tempos - o medo das elites cosmopolitas - ou seja, do globalismo; uma tentativa de diferenciar, constantemente, os amigos dos inimigos, como é o caso da luta pela vida, e a luta política pela cultura. Os autores ressaltam que Carvalho acreditava apenas na filosofia e que ela era a única verdade presente no meio social, além disso:

A filosofia de Olavo é caracterizada por uma concepção petrificada de cultura, concebida como um saber verdadeiro e eterno de origem divina, cujo inimigo seria o progresso e a revolução, associadas ao casuísmo e à subversão: 'A natureza humana de cada um dos membros da sociedade não depende da sociedade em que vive, mas é um dado anterior e fixo'. Todos os fenômenos do mundo são apresentados como sendo, em última análise, uma luta entre o bem – a tradição, o clássico, os mortos, a filosofia – contra o mal – a revolução, o moderno, os vivos (Lynch e Cassimiro, 2022, p. 78).

Percebemos, dessa maneira, que essa construção de *mito* associada à figura de Bolsonaro não é algo isolado, ou que, simplesmente, ocorreu em 2018 durante o processo eleitoral. Na verdade, trata-se de algo muito maior. É algo que foi construído com o passar dos anos a partir de várias Condições de Produção, as quais foram moldando, dadas as instâncias ideológicas, os pensamentos da sociedade, enfatizando constantemente essa dualidade. Como se cada indivíduo, realmente, pertencesse a um lado, a um pensamento. E o outro, o qual não compartilha desse mesmo olhar, automaticamente, já é visto como inimigo. No caso do contexto eleitoral de 2018, pensando nessa visão da política dos reacionários, o “bem” eram os que compartilhavam esse ideal de voltar às tradições brasileiras, de um tempo que já não existe, pregando que os “novos pensamentos”, como a luta pela escolha de gênero, a luta pelos direitos dos negros, a luta das mulheres fossem algo que não pertencem de

⁶⁹ Ganhou um grande destaque a partir dos anos 2000, principalmente por volta de 2010 por promover os ideários da nova direita e por, consequentemente, influenciar figuras que envolvessem a imagem de Jair Bolsonaro.

forma natural à realidade, logo são o lado “mal” da sociedade. Definindo-se, assim, que a extrema-direita é o ideal, é o lado do bem, enquanto a esquerda já está pedante e trazendo, apenas, aspectos negativos, que fogem do tradicionalismo da época de ouro.

Atrelando ao que os autores defenderam e ao próprio exemplo, podemos relacionar tais concepções a algumas falas proferidas por Bolsonaro durante o seu processo eleitoral de 2018. De acordo com *G1* (2018. [p.i.]), o ex-presidente realizou diversas falas que fazem menção a essa volta do tradicionalismo e dessa suposta época de ouro em que, supostamente, o bem prevalecia na sociedade:

- "Criaria a carreira de estado e, logicamente, com a criação da carreira o médico teria estabilidade quando estivesse naquele município. Não podemos deixar que cubanos, onde você não faz qualquer teste pra saber minimamente se ele entende algo de medicina, ficar atendendo os mais pobres. Nós entendemos que isso estaria enganando os mais pobre." – Entrevista ao *Jornal Nacional*, 19/10/2018;
- "Invadiu, não interessa se a propriedade é urbana ou rural, você armado, fogo neles, com excludente de ilicitude, com retaguarda jurídica. Afinal de contas, a propriedade privada é um dos pilares da democracia" - Presidente Prudente, 22/08/2018;
- "Vamos buscar retaguarda jurídica, não só para nossos policiais civis e militares, mas para o cidadão de bem também poder reagir à tentativa de alguém surrupiar seu patrimônio ou atentar contra sua vida. Ele poderá reagir e não será processado, muito pelo contrário, será condecorado por ação de bravura." - Jaci, 24/08/2018;
- "Reformular o Estatuto do Desarmamento para garantir o direito do cidadão à legítima defesa sua, de seus familiares, de sua propriedade e a de terceiros!" - Plano de governo;
- "Pretendo sim, no que depender de mim, pois isso passa pelo parlamento, fazer com que todo cidadão de bom, homem ou mulher, caso queiram ter uma arma dentro de casa, cumprindo alguns critérios, possam tê-la. Quanto ao porte, ele não pode ser tão rígido como temos no momento" - entrevista à *Rede TV*, 11/10/2018;

- "Por que eu sempre defendi a posse de arma de fogo? É você, cidadão de bem, com algumas poucas exigências ter uma arma dentro da tua casa, do teu apartamento, da tua chácara, da tua fazenda. Isso chama posse de arma de fogo, é você poder reagir" – *live no Facebook*, 14/10/2018;
- "[Dizem] que eu vou distribuir armas para toda a população. Não é verdade. Nós queremos fazer valer o referendo de 2005, onde o cidadão de bem optou, naquela época, deu quase 2/3 dos eleitores brasileiro, dizendo que quer sim o direito de comprar armas e munições com critérios. E não jogar para cima armamento e quem pegar pegou", *live no Facebook*, 24/10/2018;
- "Várias lideranças LGBT estiveram na minha casa, outras estão por vir, isso aí potencializa essa questão em cima de mim. Em 2010, o governo tinha um plano de, ao combater a homofobia, levar um conteúdo para a sala de aula que os pais não podiam concordar com aquilo. Então a minha bronca é com o material escolar. Escola é um lugar onde a criança vai aprender algo que vai ser útil para sua formação profissional no futuro e não se preocupar precocemente com o sexo. O direito que está garantido até o momento é a questão da união civil [entre pessoas do mesmo sexo], queriam até punir padres e pastores que por ventura se negassem a unir pessoas do mesmo sexo, temos que respeitar as religiões. No tocante a adoção de crianças [por casais homossexuais], isso não existe ainda, no que depender de mim, isso não será possível" - Entrevista à *TV Globo*, 18/10/2018.⁷⁰

Em todas as falas é possível percebermos um atravessamento discursivo em comum: a violência, independentemente do grupo social. Além, é claro, de, em diversos pontos, voltar, de forma constante, ao “cidadão de bem”. E é nessa questão que reforçamos a concepção dessa dualidade dada pela materialidade discursiva de uma possível divisão entre “amigo” e “inimigo”, sendo, pelo ponto de vista do discurso bolsonarista, o lado bom (o do amigo) pertencente ao cidadão de bem, e é esse lado que precisa ser defendido e restaurado, bem como ser o que precisa prevalecer e ser protegido da violência, mesmo que, para isso, use da própria violência. Enquanto o

⁷⁰ Todas as falas foram retiradas da mesma matéria publicada pelo *site* G1 durante as eleições de 2018. Disponível no seguinte link: < <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/11/jair-bolsonaro-as-promessas-do-candidato-do-psl-a-presidencia.ghtml> >.

outro é visto como o ruim (o do inimigo), sendo associado como aquele que deve ser combatido, pois é a “praga” da sociedade.

Na charge a seguir, podemos notar exatamente a materialização desse processo discursivo de violência:

Charge 17 – Materialização do discurso de bem



Fonte: *Folha de S. Paulo*, 2018.⁷¹

Em março de 2018, o então pré-candidato à presidência pelo Partido Social Liberal (PSL), durante uma entrevista em Curitiba, antes de seu almoço com cerca de dois mil apoiadores, diversos deles fardados e armados, ao falar sobre a sua ideia de extinguir o Ministério da Cultura, afirmou que “a arma, mais que a defesa da vida, é a garantia da nossa liberdade” (UOL, 2018, [p.i]). É claro que, assim como mostram os excertos das outras falas, isso não foi um caso isolado. Pelo contrário, esse tipo de discurso foi algo que perpassou grande parte de seu governo. Pensando nisso, na charge de Benet, publicada na *Folha de S. Paulo*, no dia 29 de março de 2018, exatamente no dia em que ocorreu tal entrevista, percebemos que o destaque central é um revólver e, dentro do gatilho, há a figura de uma pessoa que, pelos traços caricatos, como o cabelo de lado, o próprio terno, podemos notar que se trata de Bolsonaro. Ali, ainda, o gatilho torna-se um microfone, como se o pré-candidato, de fato, estivesse discursando os seus ideais para o futuro do país.

Ao retomarmos as concepções da Análise do Discurso, pela memória discursiva e pelo pré-construído, percebemos que, pela forma como a arma foi disposta em

⁷¹ Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1593691037905190-charges-marco-2018>

relação à personagem, ela traz como verdade discursiva que a posse de arma é algo que está atrelado aos discursos eleitorais do possível candidato à presidência. Além disso, por ela aparecer destacada junto dos dizeres “discurso perigoso”, notamos que há uma evidência muito forte da violência, materializando, assim, que a figura de Bolsonaro é parte dessa violência.

Logo, voltamos, mais uma vez, para a materialidade do discurso do bem e do mal, em que a jogada discursiva pela luta para conseguir o cargo ao tentar convencer a população de que os seus dizeres estão mais próximos da verdade, é mostrar a volta “dos bons costumes”, reforçando que a escolha de ter a arma faz parte da liberdade do ser humano e que ela é necessária para que o cidadão possa se defender.

Segundo Ribeiro e Oliveira (2021), o alto índice de criminalidade e de homicídios no Brasil é assunto preocupante e urgente da atualidade. Por sua vez, é fato que a população é alimentada por um medo constante de ser vítima de tal ação e isso, por sua vez, foi um grande definidor de Bolsonaro nas eleições. Até 1990, o Estado era o responsável por regulamentar o acesso às armas de fogo, além de conceber o direito, a licença para que as pessoas pudessem usá-las. Porém, em duas décadas, cresceu significativamente o número de homicídios no país, ultrapassando 27 mortes por 100 mil habitantes, o que mostrou, na época que o porte era um dos fatores para esse resultado (Ribeiro e Oliveira, 2021).

Já em 1997, surgiu a campanha *Sou da Paz*, organizada pelos estudantes de direito da Universidade de São Paulo. Tal movimento foi importante, pois foi um dos primeiros a conscientizar a população sobre o índice de violência causada pelo uso inadequado das armas, principalmente ao dar a posse para os civis. Ainda com base nas autoras, movimentos como esse já ocorreram em outros países, como Camboja e Libéria, mas, aqui, não seria tão fácil de convencer os parlamentares, uma vez que o Brasil é um dos maiores produtores de armas pequenas. Além disso, vários membros do congresso eram importantes financiadores, inclusive Bolsonaro, tornando, assim, qualquer medida mais restritiva quase impossível. Porém, mesmo assim, ao final de 2003, aprovou-se o Estatuto do Desarmamento. A nova Lei, dessa forma, dita que:

- apenas pessoas com mais de 25 anos podem realizar a compra de arma;

- necessidade de mostrar o porquê da obrigatoriedade de precisar ter a posse da arma;
- obrigatoriedade de testes psicológicos e de capacidade técnica;
- proibição do porte, de modo a não poder andar armado;
- criação de um banco de dados nacional de posse de armas;
- controle de munição por meio de identificação a fim de que facilite o rastreamento.

Nos anos subsequentes da lei, foi perceptível que o número de vendas legais de arma caiu em todo território nacional, causando um prejuízo na indústria armamentista e, ao mesmo tempo, registrando uma diminuição significativa na taxa de homicídios do Brasil, chegando a uma margem de 5.563 mortes evitadas após a instituição do novo regimento.

Porém, 2017 foi marcado como o ano sangrento, mostrando que a lei precisa de mudanças, mas não, de fato, de uma extinção, como a bancada da bala defende. Para eles, o país deveria seguir o exemplo de outros países que já tinham o porte de armas, como o caso dos Estados Unidos, mas, ainda com base em Ribeiro e Oliveira (2021), os onze estados estadunidenses que abriram exceções, colocando ordens mais acessíveis, tiveram aumento de 3% e de 4% no número de morte violentas por meio de armas. As autoras ressaltam que o acesso às armas torna fatais as brigas, como a violência contra mulheres, os próprios ataques nas escolas, assim como em outros locais públicos. Além disso:

Na América Latina, apesar do gargalo da qualidade de acesso aos dados sobre armas e munições, os resultados são muito semelhantes. Relatório produzido pelo Ministério da Defesa de El Salvador aponta que, na capital do país, as vítimas de crime têm quatro vezes mais chances de morrer quando estão armadas (Ungar, 2020). Dificultar o acesso às armas de fogo contribui para evitar mortes mesmo em situações de “legítima defesa” (Sanjurjo, 2020), o que inclui a vida de policiais, que correm mais risco quando lidam com um civil armado (Donohue; Aneja; Weber, 2019) (Ribeiro; Oliveira, 2021, p. 331).

Em suma, percebemos que, mesmo com a lei, o Brasil ainda apresenta falhas na questão de violência, mas, sem ela, conforme pesquisas realizadas em diversos países, há uma chance altíssima de o problema só aumentar. Contudo, Ribeiro e Oliveira (2021) dizem que os bolsonaristas não acreditam na ciência, nem nas

pesquisas de opinião pública que, no DataFolha de 2019, indicaram que a maioria dos brasileiros são contra a flexibilização do Estatuto de Desarmamento.

Apesar disso, já eleito, Bolsonaro enfatizava a violência no país, o que despertava ainda mais o sentimento de insegurança, logo tanto a figura presidencial quanto seus apoiadores bradavam pelo porte de arma, alegando que “colocariam medo em qualquer bandido” (Ribeiro; Oliveira, 2021) e, consequentemente, diminuiriam o número de criminalidade. Na tabela a seguir é ilustrada as mudanças percebidas em relação ao acesso de armas e de munições antes do governo Bolsonaro e durante os seus primeiros anos de governo (2020 até fevereiro de 2021):

Tabela 9 – Comparação do porte de arma antes e durante governo Bolsonaro

Medida	Antes do governo Bolsonaro	Depois do governo Bolsonaro
Idade mínima para comprar arma	25 anos.	Permanece a mesma.
Critérios de aprovação do porte de armas	• Demonstração de efetiva necessidade, idoneidade, ocupação lícita, aptidão física e mental; • Máximo de duas armas, cujo registro era válido por dois anos; • Mudança de cinquenta unidades por ano, por arma registrada.	• Não é necessário comprovar a efetiva necessidade; • Máximo de seis armas, cujo registro será válido por dez anos; • Munição de duas mil unidades por mês, por arma registrada.
Porte e posses de armas para Caçadores, atiradores e colecionadores (CAC)	• Laudo de capacidade técnica, emitido pela Polícia Federal; • Atiradores: dezesseis armas, sessenta mil munições e doze quilogramas de pólvora; • Caçadores: doze armas, seis mil munições e dois quilogramas de pólvora; • Colecionadores: uma arma e uma munição por modelo.	• Atestado de habitualidade, emitido pelos clubes de tiro; • Atiradores: sessenta armas, cento e oitenta munições por ano e vinte quilogramas de pólvora; • Caçadores: trinta armas, noventa mil munições e vinte quilogramas de pólvora; • Colecionadores: cinco armas, mil munições para cada arma de uso restrito e cinco mil de munições para cada de uso permitido.
Permissão à posse de armas	Categoria de segurança pública especificadas no artigo 6º da Lei nº 10.826 de 2003.	Inclui agentes operacionais da Agência Brasileira de Inteligência e do Gabinete de Segurança Institucional, além de diversos funcionários públicos (incluindo os do Ministério Público)

Fonte: Ribeiro e Oliveira (2021, p. 333).

Segundo o Brasil de Fato (2024), entre 2019 e 2022, registrou-se mais de um milhão de armas, somando, no total, 1.354.751 novos armamentos em circulação. Pela tabela, notamos que houve mudanças significativas em relação às munições, triplicando a quantidade de armas por indivíduo. Mas algo que chama mais a atenção

nos novos dados é a questão de não precisar mais de uma justificativa, de uma comprovação sobre adquiri-la. Se a ideia era, de acordo com as falas do ex-presidente e dos próprios apoiadores diminuir a violência, munindo as pessoas para se defenderem, como, então, qualquer indivíduo pode escolher se quer ou não ter? Sem ter algo para comprovar a sua necessidade? Afinal, essa brecha dá a oportunidade para que qualquer um – tendo a intenção de autodefesa ou de agir de má fé – tenha o porte. Dessa forma, percebemos que há uma quebra discursiva da concepção de que a arma traria mais segurança, uma vez que não saberíamos ao certo quem poderia ter acesso a elas, intensificando, na verdade, o medo e a insegurança.

Além disso, antes do governo Bolsonaro, cabia ao Exército realizar o processo de autorização das armas das autoridades. Já durante o governo Bolsonaro, as forças policiais podiam apenas sinalizar/informar as compras. O que, segundo Ribeiro e Oliveira (2021), minava qualquer tipo de voto contrário à quantidade excessiva de compras dessas instituições. Ademais:

A política armamentista alinha-se à chamada de “bancada BBB” (sigla para referir-se às bancadas da bala, do boi e da bíblia) que, apesar das diferenças, estão unidas em torno da necessidade de reforço da hierarquia social de uma sociedade “dividida em mercedores e indignos, em que as “pessoas boas” são coletivamente protegidas das “pessoas más”, através do que a lei e o *lobby* da linha dura chamam de “defesa social” sob o *slogan* “o único criminoso bom é o morto”, algo que não é em essência novo (Ribeiro; Oliveira, 2021, p. 335).

Logo, voltamos mais uma vez à concepção dada por Lynch e por Cassimiro (2022) de que há essa divisão entre o bem e o mal na sociedade. Mais do que isso, podemos voltar aos conceitos de poder, de direito e de verdade de Foucault, ao materializar verdades discursivas de que há, de fato, esses dois lados dentro do meio. No caso do porte de armas, assim como mencionado por Ribeiro e por Oliveira (2021), as pessoas boas precisam se defender das más, mas a única maneira de acontecer, no caso, é por meio da própria violência. Contudo, pelos atravessamentos discursivos que perpassam a figura de Bolsonaro e de seus apoiadores, esse tipo de violência seria justificado por eles fazerem parte do grupo do bem, das pessoas boas, por isso não se enquadrariam como parte do criminoso.

Além disso, uma outra reflexão que podemos ter é sobre o fato de os policiais terem um aumento significativo no número de porte de armas, pois não precisam mais de uma autorização prévia e podem comprar quantas quiserem e apenas informarem

o número de aquisição. No dia 08 de abril de 2019, militares, de acordo com o G1 (2025), deram oitenta tiros em um carro de uma família por engano no Rio de Janeiro, matando Evaldo dos Santos Rosa. O delegado, ao ser questionado sobre tal ação, alegou que os policiais se confundiram com o carro de bandidos que havia passado um pouco antes do incidente. Já no dia 12 de abril, Jair Bolsonaro, durante a inauguração de um aeroporto em Macapá, segundo Brasil de Fato (2025, p.i.), disse que “o exército não matou ninguém, não”, “o exército é do povo, e não pode acusar o povo de ser assassino, não. Houve um incidente, uma morte”. Atrelado a tal contexto, observemos a charge a seguir:

Charge 18 – 80 tiros



Fonte: Montanaro, 2019, p.i.⁷²

Apesar de a situação, em si, não parecer ser uma “culpa” do ex-presidente, precisamos compreender dois fatores: ele autorizou a mudança na lei e, em diversos processos discursivos, mostrou-se favorável à tortura, à morte do outro; como representante da república, esperava-se uma fala de solidariedade à família que sofreu com a perda do músico, bem como um posicionamento desse suposto abuso de autoridade, mas houve o processo contrário, pois, novamente, Bolsonaro posicionou-se defendendo o lado da violência, quebrando as instâncias ideológicas de uma figura salvacionista seguindo os princípios do discurso cristão. No caso da charge, percebemos a figura caricata de Bolsonaro - pela roupa, pelo cabelo de lado, pelas sobrancelhas grossas e pela papada – que está numa espécie de rio de sangue, de cor vermelha, assim como as suas mãos e parte de sua roupa. Tal cor, por sua

⁷² Disponível em: <https://nanu.blog.br/repudio-hq/>

vez, assim como o paratexto “80 tiros” nos traz a memória discursiva de que, na verdade, se trata de sangue. Ao associar, assim, a figura do ex-presidente com esse sangue nos dá a entender de que ele seria o responsável por tal ação, mesmo que de forma indireta. Porém, algo importante a se destacar é a fala presente: “lavo as minhas mãos”. Também pelo processo da memória discursiva e do pré-construído, remete-se a uma expressão famosa do discurso bíblico de Pôncio Pilatos após determinar a sentença de morte de Jesus Cristo, como se não tomasse a responsabilidade daquele fato, pois foi o povo quem votou por aquela ação. Nesse caso, Bolsonaro estaria lavando as suas mãos, pois quem cometeu o ato foram os militares, porém, pela cor vermelha, percebemos que, mesmo tentando se livrar dessa responsabilidade, é algo que estará marcado ali. No caso, ele lava as mãos com o próprio sangue de quem morreu naquele carro, pois também carrega parcela daquela culpa.

A partir desse ponto, podemos refletir sobre a própria concepção das relações de força e de poder dadas por Foucault. Ao considerarmos as Condições de Produção e as próprias instâncias ideológicas, conforme Pêcheux, que são responsáveis por determinar como as imagens são projetadas no meio social, a figura policial é vista tanto como um ser superior diante dos civis quanto alguém que deveria, realmente, lutar pelos direitos desses civis e de protegê-los. Porém, será que, sem esse controle, haveria mesmo esse sentimento de segurança? Ou eles também entrariam na bolha de serem pessoas de bem e, por isso, justificaria a compra excessiva de armas e, caso necessário, o uso delas em prol das outras pessoas de bem?

De acordo com Ribeiro e Oliveira (2021):

Em agosto de 2020, o Brasil acumulava dois títulos vergonhosos: o segundo lugar de mortes por covid-19 e um dos primeiros lugares em óbito por homicídios. Somente no primeiro semestre de 2020, as mortes violentas letais e intencionais cresceram 7,1% em relação ao mesmo período em 2019 (FBSP, 2020). Mesmo durante medidas de isolamento para contenção do coronavírus, a cada dez minutos uma pessoa foi assassinada, um indicador similar ao de países em guerra (Ribeiro; Oliveira, 2021, p. 335).

Ainda com base nas autoras, tem-se como principal grupo desse número de homicídio – principalmente nesse contexto de pandemia – homens, jovens, negros e periféricos. Além desse nicho (bem específico), houve um aumento significativo nos casos de violência doméstica, principalmente por armas de fogo legalizadas.

Apenas para fins comparativos, a próxima tabela, serão ilustradas as mudanças realizadas durante o governo Lula no ano de 2023 em relação ao porte de armas em território nacional.

Tabela 10 – Mudança do porte de arma durante o governo Lula

Redução da quantidade de armas e de munições para civis	Critério	Como era	Como fica
	Defesa pessoal	- Máximo de quatro armas, sem necessidade de comprovação e com possibilidade de ampliação do limite; - Até duzentas munições por arma.	- Até duas armas com comprovação da necessidade; - Até cinquenta munições.
	Porte e posse de armas para Caçadores, atiradores e colecionadores (CAC)	Atiradores: sessenta armas, cento e oitenta mil munições por ano e vinte quilogramas de pólvora; Caçadores: trinta armas, noventa mil munições e vinte quilogramas de pólvora; Colecionadores: cinco armas, mil munições para cada arma de uso restrito e cinco mil de munições para cada de uso permitido.	Atiradores: Nível 1: oito treinamentos a cada doze meses, até quatro armas, até quatro mil cartuchos por ano; Nível 2: doze treinamentos a cada doze meses, até oito armas, até dez mil cartuchos por ano. Nível 3: vinte treinamentos a cada doze meses, até dezesseis armas, sendo doze permitidas e quatro restritas, até vinte mil cartuchos por ano. Caçadores: seis armas, quinhentas munições por ano, necessitam de autorização do Ibama; Colecionadores: uma arma de cada modelo, vedadas as automáticas e as longas semiautomáticas de calibre de uso restrito cujo 1º lote de fabricação tenha menos de 70 anos.
	Permissão à posse de armas	Armas que antes eram apenas de uso restrito da segurança, passaram a ser permitidas para o cidadão comum.	Retomada aos parâmetros de 2018 para limites de armas curtas e uso restrito.

Fonte: Adaptação da autora a partir dos dados do Governo Federal de 2023.

Percebemos que, no ano de 2023, aconteceram algumas mudanças a partir do que foi estabelecido ao longo do governo Bolsonaro. A mais perceptível e, provavelmente, a de maior impacto, é o retorno da restrição de acesso às armas por parte dos civis. Além, é claro, de diminuir o número de armas permitidas por indivíduo, bem como o de voltar à necessidade de uma autorização para o seu porte. Segundo

o Brasil de Fato (2024), já durante o primeiro ano de mandato do presidente Lula, foi possível verificar um declínio no número de pessoas com armas, registrando uma queda de 71,5% em relação ao ano de 2022.

4.2 O MITO EM BOLSONARO

Assim sendo, voltamos mais uma vez à nossa pergunta de pesquisa: como se dá a concepção de *mito* na figura de Bolsonaro? Principalmente, nessa circunstância de processos discursivos que materializam os atos de violência. Será, então, que o fato de ser *mito*, de ser o *salvador* dá o direito de tais falas e de tais ações no meio social?

Para Barthes (2019), mito é parte do sistema de comunicação, assim sendo trata-se de uma mensagem. Dessa forma, por ser parte de uma fala, “tudo pode constituir o mito, desde que seja suscetível de ser julgado por um discurso” (Barthes, 2019, p. 199). Além disso, o mito não é definido como objeto da mensagem, mas pela maneira como é proferido dentro do processo discursivo. Atrelado a isso, o autor afirma que:

[...] é a História que transforma o real em discurso; é ela que comanda a vida e a morte da linguagem mítica. Longínqua ou não, a mitologia só pode ter um fundamento histórico, visto que o mito é uma fala escolhida pela História: não poderia de modo algum surgir da “natureza” das coisas (Barthes, 2019, p. 200).

Partindo desse pressuposto de Barthes (2019) e alinhando com a teoria da Análise do Discurso, percebemos que não podemos desassociar a concepção de mito com a história, uma vez que os sentidos se dão a partir dos contextos, ou, como a AD conceitua, a partir das Condições de Produção e da Memória Discursiva, que constroem e determinam a verdade do discurso ao longo da história. Dessa maneira, o mito é parte do meio social e pode ser modificado com o passar dos anos, porque, assim como a língua, é algo mutável e maleável, pois faz parte da mensagem.

Barthes (2019), então, recupera os conceitos de Saussure sobre significado e significante ao apontar que toda semiologia parte desse ponto. Porém, para o autor, quando se trata de objetos de ordens diferentes não há uma igualdade, mas, sim, equivalência, afinal “o que se apreende não é absolutamente um termo, um após o outro, mas a correlação que os une” (Barthes, 2019, p. 203) e, dessa forma, temos o

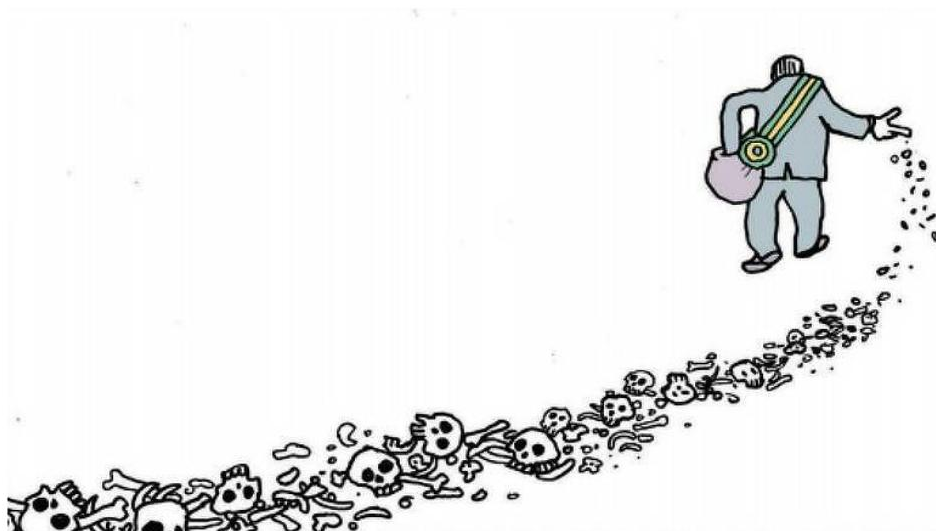
significante, o significado e o signo, que, para o autor, seria o total associativo dos dois primeiros termos.

Para exemplificar, Barthes (2019) menciona as rosas para significar a sua paixão:

Não existem aqui um significante e um significado, as rosas e a minha paixão? Nem sequer isso: para dizer a verdade, só existem rosas “passionalizadas”. Mas, no plano da análise, estamos perante três termos; pois estas rosas carregadas de paixão deixam-se perfeita e adequadamente decompor em rosas e em paixão: esta e aquelas existiam antes de se juntar e formar este terceiro objeto, que é o signo (Barthes, 2019, p. 203).

Em outras palavras, o significante é vazio, já o significado é pleno, é parte do sentido. Logo, um mesmo discurso pode se materializar em diferentes sentidos, tudo irá depender do contexto de produção. Podemos, por sua vez, observar esse processo na charge a seguir:

Charge 19 – Significante, significado e signo



Fonte: Laerte, 2019, [p.i.]⁷³

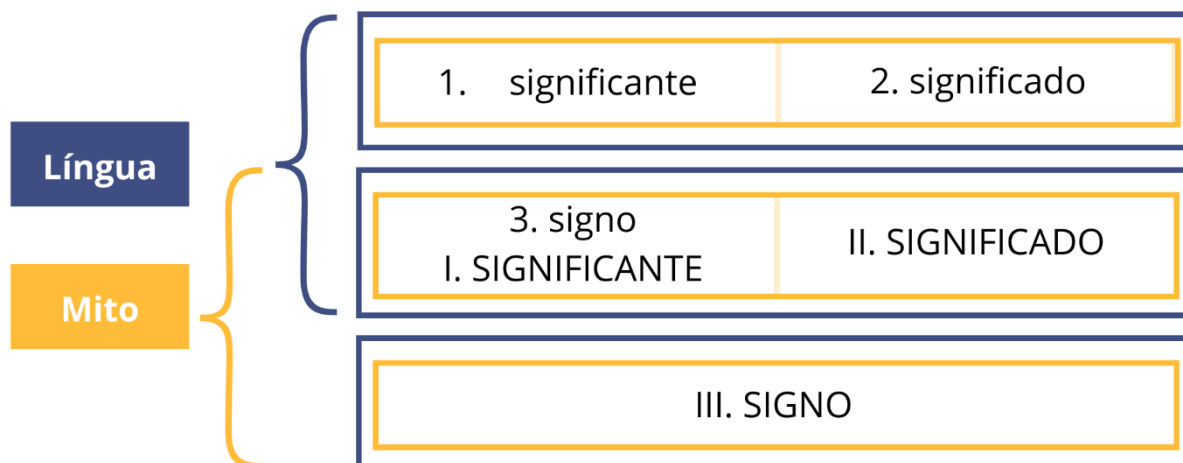
Na charge de Laerte, publicada pela *Nexo Jornal* em 2019, a partir do conceito de Barthes, percebemos que, pela própria história, a concepção de mito, aqui, foi

⁷³ Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2019/09/16/qual-o-papel-da-charge-politica-hoje-segundo-laerte>

alterada, já que ela está fugindo da concepção ideal de presidente da República ao estar espalhando corpos pelo chão ao invés de, no caso, ajudar para que isso não acontecesse mais. Nesse caso em particular, na época de publicação da charge, segundo o *G1* (2025), Bolsonaro falou no dia 29, duas vezes, sobre o desaparecimento de Fernando Augusto de Santa Cruz Oliveira durante a Ditadura Militar. Na declaração em questão, o ex-presidente afirmou que Adélio Bispo é inimputável, pois sofre de transtorno delirante persistente, logo não pode ser condenado criminalmente por um suposto crime. Além disso, algo que é interessante observarmos é a forma como se dá a materialidade desse discurso, porque, por se tratar apenas de uma linguagem não verbal, a produção do significante e do significado se dá pela própria imagem e pela recuperação da história. Nesse caso, se partirmos da concepção de Pêcheux, a construção de sentido se dá, justamente, pela memória do discurso.

Nesse caso, se tivéssemos só a presença de Bolsonaro andando de costas, poderíamos ter como materialização de um mito que se preocupa com a população, pois poderia carregar um ar de preocupação, de estar caminhando em busca de algum tipo de solução. Se, por outro lado, tivéssemos apenas os cadáveres, poderíamos ter como materialização o fato de um número crescente de mortes ou, até mesmo associado a este acontecimento, de que há muitos mortos, mas que não há, ainda, um responsável por trás. Em suma, não existiria essa quebra da concepção do mito salvacionista de Bolsonaro. Apenas o deslocamento de sentido, assim como é proposto por Barthes, mas em outras palavras.

Logo, para esta tese, partiremos do mesmo princípio adotado por Barthes, conforme ilustra a tabela a seguir:

Tabela 11 – Concepção de Barthes

Fonte: Barthes, 2019, p. 205.

De forma geral, para o teórico, mito é o deslocamento do sistema formal das primeiras significações. Logo, na charge, por exemplo, pudemos ter aquela materialização discursiva, pois ocorreu, justamente, esse processo do deslocamento do signo linguístico. Deixemos, por enquanto, essa definição de lado.

Dentro do aspecto da linguagem, podemos encontrar a conceitualização de mito como uma ideia falsa ou algo que, simplesmente, foge da realidade. Miguel (1998), em sua pesquisa sobre mito político, menciona a pesquisa de Barthes de 1989 sobre a presença de mitos modernos na imprensa, nas artes e nas propagandas comerciais francesas de 1950. Nessa teoria, Barthes defende a transformação da história em natureza, algo semelhante ao que falamos. Porém, Miguel (1998) traz esse conceito aplicado ao mito político.

Para o autor, a ideia de que o mito se refere a algo falso vem da pré-história, a partir das lendas dos povos selvagens e, por isso, compreendemos, hoje, como se fosse uma espécie de narrativa explicativa. Segundo Eliade:

[...] o mito conta uma história sagrada; ele retrata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do 'princípio'. [...] É sempre, portanto, a narrativa de uma 'criação': ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que *realmente* ocorreu, do que se manifestou plenamente (Eliade, 1986, p. 11 *apud* Miguel, 1998, p.i.).

Dessa forma, percebemos, já nesse primeiro momento, que se trata de uma vertente diferente da de Barthes, pois, nesse caminho, mito é visto apenas como uma narrativa, a história da origem, mesmo que seja de forma idealista. Partindo desse

ponto, Miguel (1998) afirma que há uma imagem de um “princípio fabuloso” bem comum e nítido em algumas cenas políticas, as quais ficam mais marcadas em datas comemorativas ou em épocas partidárias. Para ilustrar, o autor menciona o *founding fathers* nos Estados Unidos (líderes e intelectuais políticos que participaram da Independência dos EUA) a Revolução de Outubro (liderado por Lenin, foi o evento responsável por transformar Rússia em uma nação socialista) na antiga União Soviética, em que, nos dois casos, houve não só um certo momento heroico, mas também determinou o início de um novo tempo, “dota a nação de instrumentos que serão capazes de guiá-la com previdência para todo o sempre” (Miguel, 1998, p.i.). O autor, ainda, mostra que isso é um fato que ocorre de tempo em tempo, como se seguisse uma tradição dos povos primitivos.

No Brasil, por sua vez, Miguel (1998) fala que os republicanos brasileiros de 1889 indicaram a importância dessa sensibilização e da disseminação de mitos de origem, um possível fator de estabilidade para um regime político. Inclusive, “a aura mítica que envolve a figura de Tiradentes foi deliberadamente construída a partir desse período, quando o mártir mineiro foi convocado para suprir a falta de elo heróico dos proclamadores do 15 de novembro” (Miguel, 1998, p.i.).

A partir desse ponto, o autor diz que muito mais do que se basear no passado, o político passa a ver um futuro fabuloso. Ou seja, o político, em seu discurso, utiliza do passado para construir o seu processo de convencimento do outro. Afinal, o seu maior objeto é projetar um futuro ambicioso, redesenhando-o:

Mesmo quando fala sobre o passado, para resgatar uma tradição ou reverenciar a memória de um grande homem, está de olhos voltados para o porvir. A tradição é invocada na esperança de sua continuidade (ou daquilo que se apresenta como sendo sua continuidade), a evocação do grande homem é um argumento de autoridade em favor dessa ou daquela proposta (Miguel, 1998, p.i.).

Voltamos mais uma vez para um ponto já discutido ao longo desta tese, mas que, de fato, é algo importante. No início deste capítulo abordamos que uma das estratégias políticas de Bolsonaro foi, justamente, esse processo de recuperar o passado, de tentar restaurar os anos dourados, argumentando que aquele tempo era bom. Porém, sempre dando a entender que seria a continuidade daquele passado, assim como é apontado por Miguel (1998). Para refletirmos mais sobre esse ponto, observemos a charge a seguir:

Charge 20 – Eleições 2018

Fonte: Zappa, 2018, [p.i.].⁷⁴

Durante o processo eleitoral, assim como já mencionado, Bolsonaro levou uma facada na cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais, enquanto fazia sua campanha eleitoral. É claro que não podemos afirmar que esse fato levou o então candidato à presidência, porém não é possível negarmos que esse foi um fator decisivo para mudar o rumo da campanha. Na charge de Zappa, por sua vez, vemos exatamente esse processo de construção de uma figura resistente, de alguém que irá “vencer” todas as atrocidades, os empecilhos que atravessam o seu caminho para chegar/alcançar o seu objetivo final. Isso é notório pelo olhar da figura de Bolsonaro que, apesar de estar em uma cama de hospital, não aparenta estar doente, pelo contrário, demonstra estar bem, forte e saudável. Algo importante, ainda, a ser destacado nessa charge é o fato de termos a personificação do Brasil dando o seu sangue para o Bolsonaro, como se o país estivesse ao seu lado e desse o apoio necessário nesse momento.

⁷⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/cartunistazappa/>

Ao associarmos com a concepção dada por Miguel (1998), percebemos que tal acontecimento acabou acelerando ainda mais essa percepção de mito político. Nesse caso, podemos ir um pouco mais longe na pesquisa do autor, pois, para ele, há casos que não são meramente uma ficção, uma narrativa sobre a origem de algo, mas, sim, a realidade viva, algo que ocorreu e que continua a se repetir. Em suma, o mito seria uma forma controle social, uma disputa de poder e da constante tentativa de provar que seu discurso é o mais próximo da verdade.

Ainda com base em Miguel (1998), o processo eleitoral é parte de um instrumento de coesão social. Aliás, para ele, seria mais do que isso. Trata-se de uma evidência da igualdade de todos os cidadãos, afinal todos os votos possuem o mesmo peso e o mesmo valor. Contudo, “tal igualdade é, quando muito, incompleta, já que a disparidade de recursos e de capacidade de influência é gritante. Ela desempenha, aqui, o papel de um mito político” (Miguel, 1988, p.i.).

Ademais, voltando para a percepção de Barthes, do ponto de vista da linguística do significante, mito é formado por um sentido que já foi constituído e, por isso, só pode se dar por meio da matéria, ao contrário do que se tem na língua em que o significante permanece no psíquico. Ademais, o conceito de mito se dá, principalmente, por ser, na essência, uma relação de deformação. Isso ocorre porque o mito deforma o sentido, algo que não pode ser visto, por exemplo, na língua por seu sentido ser vazio e arbitrário. Por sua vez, dentro do aspecto da linguística, o significante possui dois lados: o pleno, que é o sentido, e o vazio, que é a forma.

Assim sendo, adotaremos nesta pesquisa tanto a percepção de Barthes quanto a de Miguel sobre mito. De forma simplificada, partiremos do ponto de vista da linguística, que traz a ideia de o significante ter o lado pleno, o qual seria o sentido pré-determinado pelo aspecto social e histórico, como a questão de se esperar que a figura de Bolsonaro seja um ser salvacionista, mas também um aspecto vazio, o qual será preenchido e determinado pela Condição de Produção, ou seja, por atravessamentos de outros contextos e de outras instâncias ideológicas.

4.3 AS CORES, A MEMÓRIA DISCURSIVA E O PRÉ-CONSTRUÍDO

De acordo com Ramos (2016, p. 84), “há uma série de informações nos quadrinhos que são transmitidas por meio de signos plásticos, indicadores de cor”. O autor apresenta, por sua vez, alguns exemplos desses signos plásticos, como é o caso de o Lanterna Verde ser verde; o Capitão América ter as cores da bandeira dos

Estados Unidos em seu uniforme e em seu escudo. Dessa forma, podemos ver o quanto as cores são cruciais para determinar uma verdade discursiva. A cor é um elemento importante dentro da linguagem dos quadrinhos mesmo aqueles que são compostos apenas em preto e branco.

Ramos (2016) nos mostra que o uso do preto e do branco vem desde o início da história dos quadrinhos, em parte por limitação de recursos, por economia de custos de quem irá publicar ou, simplesmente, por estilo. Porém, é fato que o emprego das cores vem se aprimorando. “Inicialmente, os jornais e as editoras usavam cores primárias, vermelho, azul e verde, e as combinações que elas permitem. Hoje, com os avanços possibilitados pela informática, as produções passaram a ser colorizadas por computador” (Ramos, 2016, p. 84). Por consequência, ainda com base no autor, essa nova proporção de cores gera “um novo volume de informações visuais a ser trabalhado pelos artistas e interpretado pelos leitores” (Ramos, 2016, p. 84). Podemos fazer um adendo a afirmação de Ramos: com o avanço da tecnologia, as cores não trazem apenas uma nova “bagagem” de interpretação, mas novos efeitos de sentido, mais instâncias ideológicas que irão determinar uma verdade no discurso, como é o que temos nas charges.

Ademais, segundo Barbieri (2017), as cores também podem ser separadas em conjuntos claros e em conjuntos escuros. Criou-se, no meio social, devido a Formação Ideológica, uma verdade sobre esses conjuntos, pois:

Sabemos bem que *tipo de efeito* pode produzir uma história desenhada escura-escura, e não clara. Nesses casos, não é a nitidez visual produzida pelo contraste o objetivo do preenchimento, mas os efeitos emotivos que dependem dos valores culturais – valores simbólicos – que o *claro* e o *escuro* têm em nossa cultura (Barbieri, 2017, p. 53).

Além dessa parte emotiva, também devemos levar em consideração a questão de que há o uso simbólico de determinadas cores devido às Condições de Produção. Em outras palavras, há aquelas que foram pré-determinadas pelo contexto a produzir um efeito de sentido específico. É o que temos com as cores verde e amarela, e com a vermelha. Em uma manifestação, por exemplo, se virmos pessoas trajadas com camisetas da seleção (verde e amarela), sabemos a qual partido, pessoa política essas pessoas estão defendendo. Assim como dizemos, a charge irá recriar um acontecimento real, logo as cores também são fundamentais para realizar essa produção e esse efeito de sentido, conforme ilustra a charge a seguir:

Charge 21 - Cores como efeito de sentido



Fonte: Laerte, 2020, [p.i.].⁷⁵

A charge foi publicada em 15 de março de 2020 no dia em que ocorreu um protesto convocado pelo presidente, a fim de que os manifestantes se posicionassem a seu favor e fossem contra o Congresso e o Supremo Tribunal Federal (STF). Em 11 de março, assim como já apontamos, a Organização Mundial de Saúde declarou pandemia de coronavírus no Brasil, com 52 casos confirmados, sendo 6 por transmissões locais e 46 vindas de fora do país. O Ministério da Saúde, ainda, já monitorava cerca de 907 casos suspeitos. As pesquisas na área da saúde já indicavam que a tendência do número de infectados e mortos, nas próximas semanas, aumentaria drasticamente. E, por isso, na mesma semana, o Ministério regulamentou os critérios de isolamento e de quarentena. De acordo com Paduan (2020, [p.i.]), o presidente Jair Bolsonaro, no dia 07 de março, em seu discurso em Boa Vista, capital de Roraima, convidou seus eleitores para participarem de “um movimento de rua espontâneo. E o político que tem medo de movimento de rua, não serve para ser político. Então, participem não é um movimento contra o Congresso, contra o Judiciário. É um movimento pró-Brasil”. A pauta principal do movimento era uma crítica ao Congresso e uma defesa aos militares e ao atual governo Bolsonaro. Apesar de, por conta da declaração do Ministério da Saúde, de cancelarem os atos do dia 15, diversos manifestantes foram às ruas para mostrarem apoio ao presidente e para

⁷⁵ Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/questao-de-opinio-por-laerte-coutinho/>

contestar o Congresso e o STF. O presidente, mesmo tendo feito um pronunciamento desaconselhando as manifestações, em uma rede social realizou postagens apoiando os atos. Inclusive, no dia 15, Bolsonaro foi às ruas para tirar fotos e para cumprimentar seus eleitores.

Para compreendermos o uso das cores presentes na charge, bem como o emprego da bandeira do Brasil, precisamos voltar para os discursos e para as imagens discursivas que se tornaram um símbolo para “demarcar” os eleitores de Jair Bolsonaro. Nas manifestações de 2013:

A onda de insatisfação reverberou na presidente Dilma Rousseff, que tinha aprovação de 57% e viu sua popularidade cair à metade naquele mês. As ruas, historicamente ocupadas pela esquerda, também passaram a ser disputadas por grupos que se opunham tanto ao Partido dos Trabalhadores (PT) quanto aos demais movimentos esquerdistas que faziam oposição aos governos petistas. Diferentes analistas consideram que as megamobilizações pró-impeachment de 2016 foram gestadas naqueles dias de junho (Floresi, 2018, [p.i.]).

Durante as manifestações de 2013, pôde-se, pela primeira vez, ver as diferenças entre esquerda e direita pelas roupas que as pessoas escolheram ir às ruas: os de direita com a da seleção brasileira; os de esquerda com trajes vermelhos. Isso perdurou e perdura até o presente momento. Nas imagens, a seguir, é possível observarmos como a repetição da camiseta do Brasil permanece ao longo dos anos:

Figura 31 – Manifestação de 2013

Fonte: Camargo, 2013, [p.i.].⁷⁶

Figura 32 - Manifestações de 2020

Fonte: Folha de São Paulo, 2020, [p.i.].⁷⁷

Na charge de Laerte, vemos a personagem com a camiseta do Brasil. Segundo Pêcheux (1998), temos um pré-construído - uma verdade que foi construída ao longo da história - por intermédio da repetição do uso de um mesmo símbolo ao longo dos anos, especificamente para retratar um grupo social, no caso, a direita. Já em 2018,

⁷⁶ Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/ao-vivo-manifestantes-voltam-%C3%A0s-ruas-no-brasil/a-18374611>

⁷⁷ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/na-paulista-apoiadores-de-bolsonaro-atacam-congresso-e-stf-e-chamam-coronavirus-de-mentira.shtml>

durante as eleições, tal símbolo designou/caracterizou os eleitores do ex-presidente, Jair Bolsonaro, e isso permanece para representar essas pessoas. Assim, quando olhamos para a charge, temos uma materialidade discursiva pela construção da personagem. Em outras palavras, já se constrói uma verdade discursiva pelo uso da camiseta do Brasil junto da bandeira. A personagem, por sua vez, está repleta de vírus que, pela data de publicação, também se remete ao pré-construído de que se trata da Covid-19. A charge, então, faz uma crítica aos manifestantes que foram às ruas no dia 15 de março, apesar de o Ministério da Saúde declarar estado de pandemia no país.

Como dito anteriormente, Barthes (2002) parte do princípio do mito não como algo relacionado à lenda ou a um relato simbólico, mas para tratar de algo visto como uma mentira, uma *mitificação*, ou seja, trata-se de uma espécie de denúncia, por meio da linguagem, daqueles que anseiam em ser aquilo que não são. Dessa forma, podemos ver, aqui, como a concepção de mito se dá a partir de um deslocamento do signo de um contexto, fazendo que o significante possua, dentro dessa Condição de Produção, um outro significado.

Podemos, ainda, ir um pouco mais a fundo e retomar os conceitos de Pêcheux (1988). Para o autor, como também já dito, ao nos significarmos, significamos também os outros. Assim sendo, como foi determinado que a direita veste verde e amarelo, automaticamente, significamos aqueles que não utilizam dessa vestimenta, nesse caso, são os de esquerda. Isso é uma característica dominante nas charges, não só nas de Laerte, mas essa percepção atravessa aquelas remetentes ao discurso de Bolsonaro, bem como de seus eleitores. Pêcheux (1988, p. 160), ainda nos mostra que “é a ideologia que fornece as evidências pelas quais ‘todo mundo sabe’ o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado ‘queiram dizer o que realmente dizem’”. Logo, voltamos para essa concepção de como as imagens e as cores se tornam uma materialidade discursiva, a partir de uma ideologia construída dentro do meio social. E são essas ideologias que determinam os dizeres de cada sujeito, seja pela construção da personagem, seja pela sua fala.

A memória discursiva, dentro da Análise do Discurso de linha francesa, conforme Courtine (2014), é completamente diferente do que temos dentro das pesquisas históricas e da memorização advinda da psicologia. Para o autor, “a noção de memória discursiva diz respeito à *existência histórica do enunciado* no interior de

práticas discursivas regradas por aparelhos ideológicos” (Courtine, 2014, p. 106). Dessa forma, parte-se do princípio de Foucault (2017) sobre discursos que originam novos, a partir de palavras que fazem esse processo de retomada, que os transformam para além de sua formulação, “são ditos, permanecem ditos e estão ainda a dizer”. Na charge de Laerte, por exemplo, temos a retomada e a repetição de um discurso, o que irá, por sua vez, determinar um efeito de sentido específico a partir da memória discursiva. Ao trazemos a concepção de que a charge atravessa a FD anti-Bolsonaro, a existência da memória discursiva remete a questões políticas, a uma crítica, nesse caso, à população que descumpriu uma ordem vinda de uma autoridade (Ministério de Saúde).

Porém, pelas cores, vemos que se trata de uma parte específica da população, não é toda, mas os que apoiam Bolsonaro. Da mesma maneira, é nesse ponto que se inicia, também, a quebra de mito na figura de Bolsonaro. Pois, espera-se que o presidente vá seguir os conselhos de uma autoridade da saúde, mas não é isso que acontece. Pelo contrário, como dito, o próprio presidente faz a ação de se aglomerar. Logo, apenas podemos recuperar esses discursos e termos tais produções de sentido devido a memória discursiva.

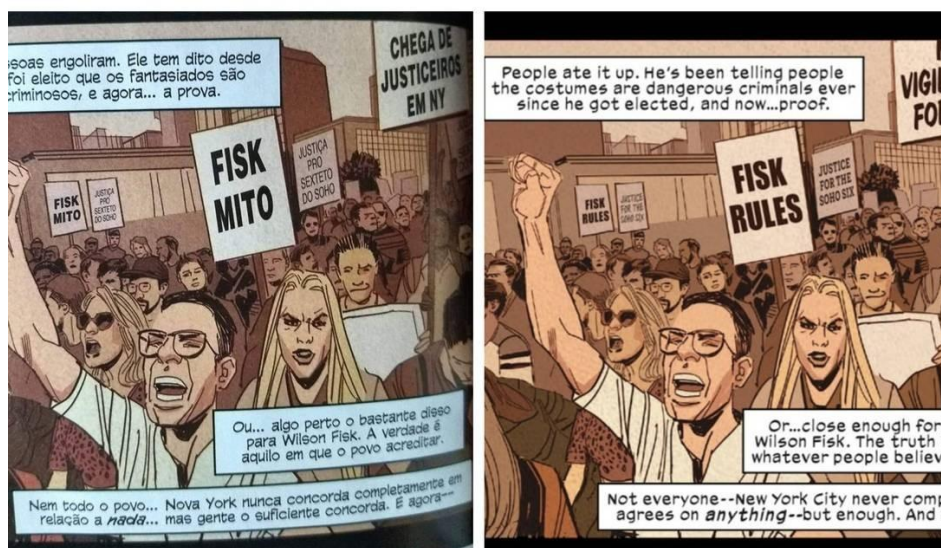
Courtine (2014), ainda, fala sobre os discursos políticos em que:

[...] a existência de uma memória discursiva remete a questões familiares à prática política, como esta que veremos a seguir: do que nos lembramos e como nos lembramos, na luta ideológica, do que convém dizer e não dizer, a partir de uma determinada posição em uma conjuntura dada, ao escrever um panfleto, uma moção, uma tomada de posição? Em outras palavras: como o trabalho de uma memória coletiva permite, no interior de uma FD, a lembrança, a repetição, a refutação, mas também o esquecimento desses elementos de saber que são os enunciados? Enfim, sobre que modo material existe uma memória discursiva? (Courtine, 2014, p. 106).

Para responder a todas essas questões, o autor nos leva a refletir sobre os efeitos de memória que partem da pluralidade dos tempos históricos, ou seja, de objetos que chamamos de enunciados, “na formação dos quais se constitui o saber próprio a uma FD, existem no *tempo longo de uma memória*, ao passo que ‘as formulações’ são tomadas no *tempo curto da atualidade de uma enunciação*” (Courtine, 2014, p. 106). Em suma, a memória discursiva é o jogo entre o passado e a atualidade. As cores que determinaram os diferentes lados políticos foram concebidas em um momento específico da nossa história e a memória acaba

recuperando esse acontecimento para determinar e produzir novos efeitos de sentido. É o que acontece, também, com a própria palavra mito. Por meio de uma formulação-origem, retorna na atualidade por meio de uma conjuntura dada para produzir efeitos de memória. Assim, se ouvirmos alguém dizendo a palavra “mito”, automaticamente somos direcionados a associar a uma figura em específico, no caso Bolsonaro. E, para isso acontecer, não interessa o lado e a posição política. O que pode mudar e que vai determinar se a palavra está sendo vista/empregada com um teor favorável ou desfavorável é a FD e a Condição de Produção dada, como podemos ver na imagem a seguir de uma edição de *Demolidor*, a qual foi publicada durante o período eleitoral de 2018:

Figura 33 -Tradução de *Demolidor*



Fonte: Giannini, 2019, [p.i.].⁷⁸⁷⁹

Segundo Giannini (2019),

Em primeiro lugar, o número da revista, 17, é o mesmo da candidatura à presidência de Bolsonaro, pelo PSL. Depois, há a conjuntura da história, que mostra o herói, Matt Murdock, alter-ego do Demolidor, voltando a Nova York para retomar o trabalho como advogado. E, por fim, o fato de que o novo prefeito da cidade, Wilson Fisk, também conhecido como o Rei do Crime, elegeu-se com uma plataforma populista, espalhando *fake news* entre os eleitores. Fisk é inimigo mortal do Demolidor (Giannini, 2019, [p.i.]).

⁷⁸ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/hq-de-demolidor-de-janeiro-traz-suposta-referencia-bolsonaro-23382766>

⁷⁹ No inglês, “rules” pode ser tanto uma gíria, quanto para designar alguém que comanda, que dita as regras.

Na imagem, então, vemos a versão original da história, publicada nos Estados Unidos, e a versão traduzida lançada no Brasil. A Panini, editora responsável, recebeu diversas críticas a menção da palavra *mito* ao referenciar um inimigo do herói dos quadrinhos da Marvel, o Demolidor. Notamos, assim, que não só as cores, mas a própria palavra *mito* tornou-se uma associação direta ao presidente, uma materialidade discursiva por meio de uma relação de poder-saber, bem como uma possível construção de uma verdade discursiva. Dessa maneira, percebemos que, dentro dessa Condição de Produção, construiu-se, dentro do meio social, essa percepção, a imagem de ser *mito* com a figura presidencial do Brasil. E, assim como na charge, no recorte dessa história em quadrinhos, o fato de ser *mito* não é algo positivo, já que se remete ao inimigo do protagonista da narrativa; e são apoiadores de Fisk os responsáveis por chamá-lo de *mito*, assim como acontece com os eleitores de Jair Bolsonaro. Logo, nesse primeiro momento, percebemos a existência de duas possíveis verdades ao se tratar desse ser *mito* e isso variará de acordo com a Condição de Produção.

Além disso, é importante trazermos a concepção de pré-construído, pois, assim como a memória discursiva, é um termo importante para compreendermos como se dá a produção dos efeitos de sentido. Dessa maneira, partiremos da ideia de que pré-construído é o que se deduz de uma materialidade discursiva, a qual parte de uma instância inconsciente de uma verdade, reafirmando, assim, uma verdade que já foi dada/construída. Para Courtine (2014, p. 74), “o pré-construído remete assim às evidências pelas quais o sujeito se vê atribuir os objetos de seu discurso: ‘o que cada um sabe’ e simultaneamente ‘o que cada um pode ver’ em uma dada situação”. Para compreendermos mais esse conceito, observaremos a charge a seguir:

Charge 22 - Exemplo de pré-construído



Fonte: Zé Dossilva, 2022, [p.i.].⁸⁰

A charge de Zé Dossilva, publicada no dia 24 de julho de 2022 pelo *NCS Total*, remete à visita de Bolsonaro a Vitória, onde participou da Marcha para Jesus organizada por setores da igreja evangélica. De acordo com Brasil de Fato, “a manifestação religiosa contou com uma réplica gigante de uma arma, esculpida por um apoiador do presidente. Um motociclista desfilou com um caixão pintado com as cores e bandeira do PT”. Antes de analisarmos a charge, é importante considerarmos um ponto crucial da notícia que estamos abordando ao longo desta seção: “um caixão pintado com as cores e bandeira do PT”. Vemos, assim, como as cores são fundamentais para a produção e para os efeitos de sentido e quanto ela já criou uma verdade discursiva. Mesmo sem dizer a cor, pela verdade construída pelo meio social, o pré-construído, sabemos que se trata da vermelha.

Agora, na charge, há diversos elementos importantes para considerarmos. Começando, justamente, pela cor. Mais uma vez vemos pessoas com a camisa da seleção. Assim como já falamos, o verde e o amarelo determinam, pela memória discursiva e pelo pré-construído, um grupo específico: os apoiadores de Bolsonaro.

⁸⁰ Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/charge-do-ze-dossilva-marcha-para-jesus>

Segundo ponto: a presença da arma. Nesse caso, para que a memória discursiva realmente aconteça, ela depende de uma memória coletiva. Ou seja, que haja um conhecimento social sobre tal acontecimento. Por isso que vamos, mais uma vez, reforçar da importância da Condição de Produção para a promoção de sentido dentro da charge, pois, sem ela, sem entendermos o contexto que atravessa tal discurso, não conseguimos apreender toda a materialidade discursiva presente no quadrinho.

Assim como apontado pela notícia de Brasil de Fato, durante a Marcha para Jesus, existia uma réplica de uma arma, conforme figura:

Figura 34 - Arma gigante durante a Marcha para Jesus



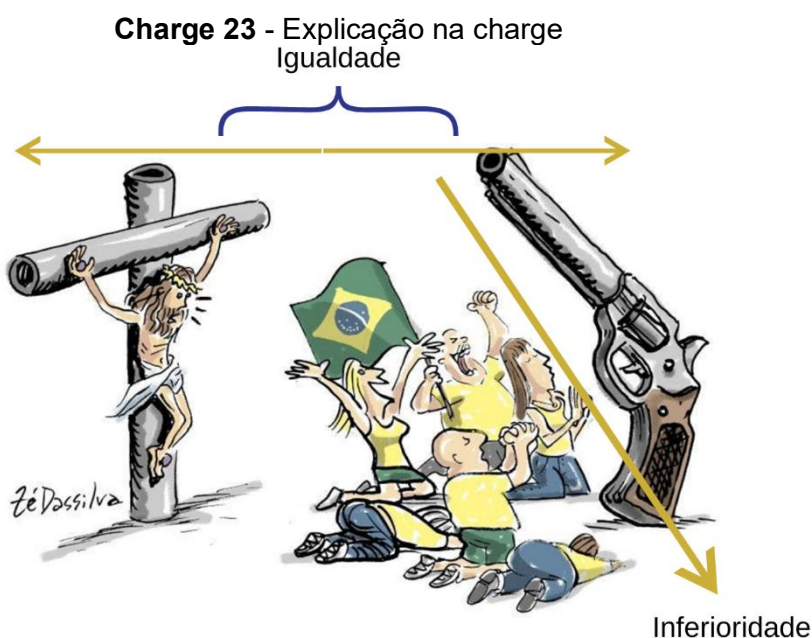
Fonte: *Brasil de Fato*, 2022, [p.i].⁸¹

A charge traz, justamente, a arma gigante ao lado da representação da figura de Jesus Cristo crucificado. Mais uma vez, vemos a presença de dois discursos que atravessam a FD anti-Bolsonaro: o religioso e o bolsonarista. O religioso se dá por meio de duas materializações: a cruz e as personagens ajoelhadas, como se estivessem em sinal de adoração, algo que só sabemos e conseguimos formular tais efeitos de sentido devido ao pré-construído, a verdade construída de que na religião cristã ocorre a ação de adoração, de contemplação ao divino. Por outro lado, também pelo pré-construído, gerou-se a verdade de que a arma faz parte do discurso bolsonarista,

⁸¹ Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/07/23/ato-de-bolsonaro-no-es-tem-replica-de-arma-gigante-durante-marcha-para-jesus/>

determinando, conseqüentemente, tanto a figura de Bolsonaro quanto de seus apoiadores.

É notória, ainda, a quebra desse discurso cristão na charge ao termos os apoiadores ajoelhados, ao invés aos pés de Cristo, estão aos pés da arma. Dessa forma, a materialidade discursiva se dá pela inversão das ações que eram esperadas. Tendo a arma como o divino, como o objeto de adoração. Ademais, podemos ir um pouco mais além.



Fonte: Alterações realizadas pela autora a partir da charge de Zé Dossilva, [p.i.], 2022.

Por meio dessa modificação, conseguimos observar que tanto a imagem de Cristo quanto a da arma estão em posições semelhantes. Podemos, assim, ter como efeito de sentido que ambos são iguais, possuem a mesma importância e relevância. Porém, apenas em um dos dois símbolos vemos a presença da genuflexão. Dessa forma, apesar de serem representados em igualdade, o fato de as personagens estarem adorando a arma, não a Cristo, nos mostra que o valor desse objeto é maior, tem mais poder do que o próprio Jesus. Em outras palavras, a figura de Bolsonaro chega a ser superior à de Cristo crucificado; o discurso bolsonarista é superior ao cristão.

Além disso, não podemos deixar de mencionar o fato de que, mais uma vez, vemos a presença de Bolsonaro sendo colocado como mito na concepção de messias. Mesmo sem termos a representação imagética da figura do ex-presidente,

ele se materializa por meio da arma, uma vez que, como já foi apontado, faz parte do discurso bolsonarista. Por fim, também é possível percebermos que a forma como as personagens foram dispostas na charge determinam um efeito de inferioridade à arma e, conseqüentemente, a esse messias, ao Bolsonaro.

O que quisemos mostrar por meio dessa charge, portanto, é o fato de só podermos ter esses efeitos de sentido e a materialidade do discurso devido ao pré-construído e à memória discursiva.

PARTE III

BOLSONARO É O MESSIAS DO BRASIL?

“É uma honra ser o líder de milhões de brasileiros que, como eu, defendem a liberdade econômica, a liberdade religiosa, a liberdade de opinião, a honestidade e as cores verde-amarela da nossa bandeira”.

Bolsonaro em 2022 após perder as eleições de 2022

CAPÍTULO V

MITO SALVADOR?

E, no entanto, se há uma coisa de que o Brasil necessita hoje, não é de nenhum Messias, mas de alguém que reorganize o país, faça avançar de verdade sua economia, ofereça trabalho digno aos 13 milhões de desempregados, não restrinja a criatividade nem sepulte a cultura, e não pretenda humilhar nem militarizar a educação. Alguém que trace um plano sério, científico, sem messianismos, para relançar um novo pacto social capaz de frear a hemorragia de uma sociedade que está resvalando para novos tipos de pobreza que a humilham e envenenam política e espiritualmente.

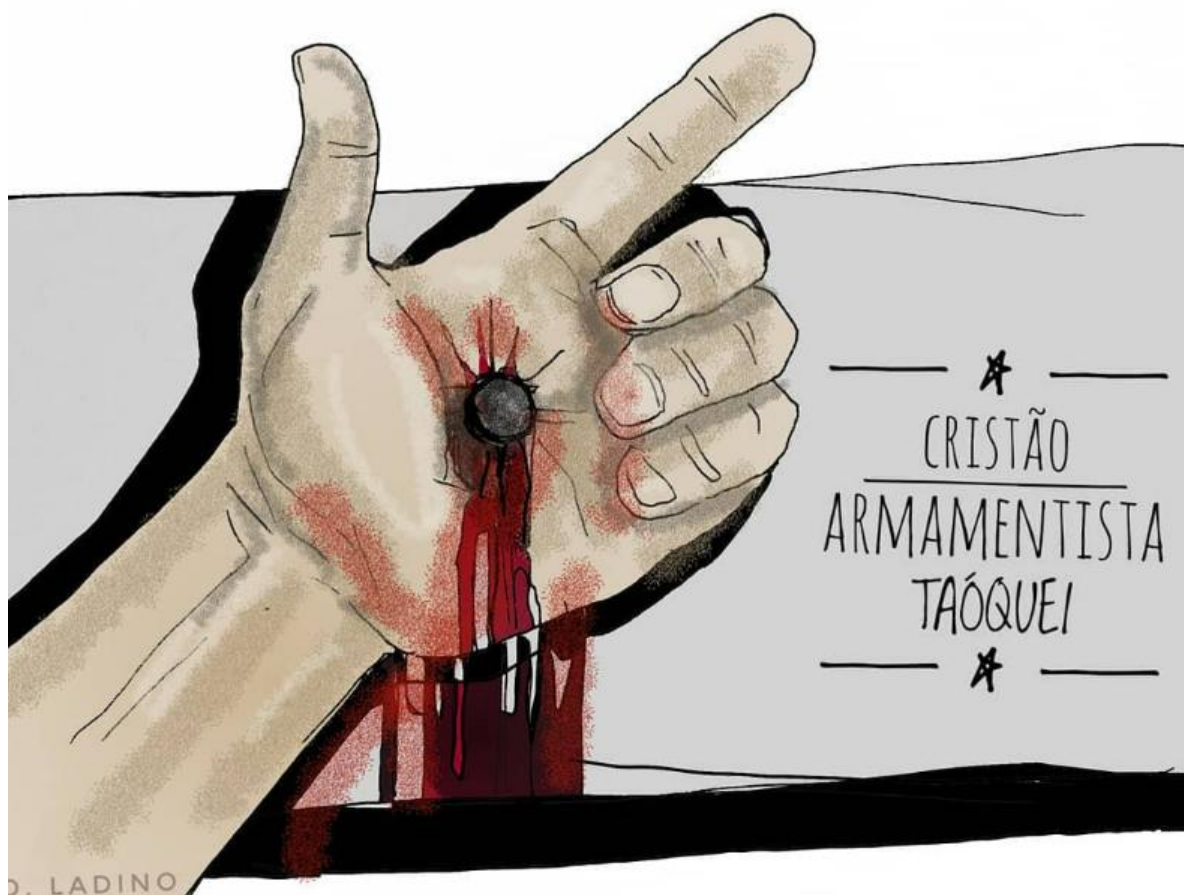
Juan Arias

Neste capítulo, faremos a análise do *corpus*. Assim como apresentado no Capítulo I, para fins metodológicos, escolhemos realizar esse processo por meio de série enunciativas. Portanto, realizamos as subseções de acordo com cada recorte do *corpus*. Ao final, ainda, promovemos uma discussão geral levando em consideração cada resultado obtido para, de fato, respondermos a nossa pergunta de pesquisa: o mito é messias?

5. 1 SÉRIE ENUNCIATIVA I: *DEUS, PÁTRIA E FAMÍLIA*

A série *Deus, pátria e família* reúne quatro charges que atravessam diferentes Condições de Produção, mas que possuem, de alguma forma, uma regularidade discursiva. Nesse caso, a regularidade se dá com os três preceitos que envolvem o governo Bolsonaro: a ideia da religião (Deus acima de tudo), da pátria (Brasil acima de todos) e família (cidadão de bem). Todas possuem a mesma FD anti-Bolsonaro. Nessa série, porém, temos como hipótese de que elas, mesmo que de forma indireta e mínima, há o processo de construção do mito.

Charge 24 - Série enunciativa I – Deus, pátria e família I



Fonte: Bruno Struzani, 2019, [p.i.].⁸²

A charge de Bruno Struzani, publicada no dia 25 de junho de 2019 em seu perfil do *Instagram*, traz dois discursos centrais: o cristão e o bolsonarista. É possível recuperarmos ambos por meio da memória discursiva e do pré-construído os quais determinaram como verdade que a mão com o símbolo de arma refere-se à figura de Bolsonaro, demarcado, inclusive, pelo item verbal “táoquei”, já a ideia de crucificação (o cravo na mão com o sangue escorrendo) à imagem de Cristo.

De acordo com Mendonça, em junho de 2019, Bolsonaro havia revogado o decreto de armar após derrota no Congresso, porém fez edições em outros decretos com um teor semelhante.

O presidente não desistiu, no entanto, dos pontos mais polêmicos do pacote pró-armas, uma de suas principais promessas de campanha. [...] Além de permitir que jornalistas, caminhoneiros e outras categorias

⁸² Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BzIUt3Qn3BR/>

profissionais andassem armados, o texto de maio tinha uma brecha que permitia o porte de fuzis semiautomáticos com alto poder de fogo (Mendonça, 2019, [p.i.]).

A partir dessa Condição de Produção, podemos ver dois efeitos de sentido produzidos pela charge. O primeiro se dá pelo seguinte questionamento: como o discurso cristão pode estar relacionado ao armamentista? Voltamos, mais uma vez, para a discussão que já tivemos ao longo da tese. Espera-se, de uma figura de representante da República faça o possível para proteger os cidadãos. Porém, não podemos deixar de levar em consideração a FD bolsonarista aqui, a qual parte das seguintes verdades discursivas:

- Cidadão de bem: apoiadores de Bolsonaro, aqueles que prezam pelos bons costumes e pelo conservadorismo da sociedade brasileira;
- Armamento: parte da campanha de Bolsonaro. Visava proteger o cidadão de bem. Tanto é que tivemos a repetição enunciativa em diversas situações do “Bandido bom é bandido morto”⁸³. Nesse caso, podemos associar com a própria concepção de Pêcheux (1988) de que quando definimos o “eu” automaticamente temos o “outro”. Aqui, o “outro”, o que precisa ser defendido do cidadão de bem é da oposição;
- Cristo: além de materializar o discurso cristão, também podemos entender, por meio dessas Condições de Produção que envolvem a figura de Bolsonaro, que há, de certa forma, uma aproximação da imagem de Cristo com a de Bolsonaro. Como se os dois possuem um sentido equivalente. Se formos partir desse ponto, é possível entendermos que, aqui, ocorre o processo de construção de mito.

Em contrapartida, não podemos deixar de levar em consideração que, mesmo com essa aproximação, há uma quebra do mito visto como messias, como salvador. Segundo Foucault (2004, p. 169), “certos profetas são vistos como tendo recebido das mãos de Deus o rebanho dos homens, que a ele devem devolver; e, por outro lado, os maus reis, os que são denunciados como tendo traído sua missão, são designados como maus pastores”. A quebra de Bolsonaro como salvador se dá, justamente, pelos

⁸³ Em um evento particular em 2016, por exemplo, Bolsonaro disse que a polícia servia para matar. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SthiUdn0Cbo>

outros atravessamentos discursivos que envolvem a sua imagem: o rebanho que deve ser protegido, segundo os seus enunciados, são, apenas, os seus apoiadores.

Porém, ainda com base em Foucault (2004), o poder pastoral visa a proteção de todo o rebanho, do território, não dos homens como seres isolados. O pastor, visto como um representante de Deus, deve cuidar de suas ovelhas para, posteriormente, devolvê-las em bom estado para que, após o período necessário, o rebanho possa seguir o seu caminho e/ou ser cuidado por um próximo pastor.

Na charge, por sua vez, quando vemos a mão de Cristo com a arma, percebemos que não há essa proteção de todo o rebanho, no caso, de todos os brasileiros. O cuidado, a proteção, o acolhimento seriam apenas destinados aos apoiadores. Além disso, pela parte verbal, vemos que há uma certa aproximação do discurso cristão com o armamentista e, conseqüentemente, com o bolsonarista, colocando, assim, mais uma vez, uma aproximação entre eles, conforme mostra a figura a seguir:

Charge 25 - Charge modificada para análise



Fonte: Adaptações da autora a partir da charge de Bruno Struzani, 2019, [p.i.].

Dessa forma, vemos que, apesar de ser uma FD anti-Bolsonarista, há, de certa forma, uma aproximação do discurso religioso com o bolsonarista, o que faz tanto o processo de construção quanto do de desconstrução.

1. Construção: o discurso bolsonarista ser visto como equivalente ao cristão (o símbolo de arma sendo pregada na cruz);
2. Desconstrução: a posse de armas ser defendida para uma parcela da sociedade, descumprindo, assim, o papel de um pastor de cuidar de toda a população. Além disso, partindo do discurso cristão, há como verdade discursiva que Cristo foi pregado na cruz para salvar os pecados do mundo. Dessa forma, podemos questionar: nesse caso, Bolsonaro foi pregado para salvar a população, ou é a população quem foi pregada por consequência das ações de seu representante?

Considerando a Condição de Produção da charge, vemos que ela recaiu para a nossa segunda análise. Com a posse de armas liberada, todos podem sofrer as consequências e, assim como Cristo, “ser crucificado”, ser morto devido às ações de outros.

Além disso, não podemos deixar de mencionar o uso da cor vermelha, a qual, aqui, simboliza a ideia de sacrifício. Ao ser associada, por sua vez, com a imagem de Bolsonaro, podemos ter como efeito de sentido que, da mesma forma que Cristo se sacrificou pelo homem, a possível figura presidencial também passaria por esse processo. Logo, vemos vestígios do discursivo religioso relacionados ao político.

Charge 26 - Série enunciativa I – Deus, pátria e família II



Fonte: Toni D'Agostinho, 2020, [p.i.].⁸⁴

A charge de Toni D'Agostinho foi publicada no dia 14 de maio de 2020 em seu perfil do *Instagram*. Antes de realizarmos a análise, iremos, primeiramente, recuperar o contexto que atravessa a história em quadrinho. Assim como já abordamos em alguns momentos da tese, 2020 foi marcado pela pandemia da Covid-19 e por diversas polêmicas envolvendo a figura de Bolsonaro.

De acordo com Barreto (2020, [p.i.]), “Bolsonaro disse, nesta manhã [maio de 2020], que ‘o Brasil está quebrando’, chamou de ‘absurda’ a medida de fechar tudo e voltou a defender a reabertura comercial no país. O presidente ainda afirmou que

⁸⁴ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CAK-JL2n9_L/

‘lamenta as mortes’, mas que ‘a economia está sendo destruída’”. Além disso, conforme Jiménez (2020, [p.i.]), “alinhados ao discurso e à gestão diversionista do presidente, deixam claro que endossam cada ato irresponsável do mandatário em plena pandemia de coronavírus”. Ainda com base na jornalista, o Brasil, em maio de 2020, já registrava 200.000 infectados e quase 14.000 óbitos. Ademais, o ex-presidente não só proferia discursos querendo a volta do comércio e o fim da quarentena, também “fez alarde de churrasco e passeio espalhafatoso de jet ski quando o Brasil somava então mais de 10.000 vítimas, tem no corpo militar seu cúmplice. Um desprezo com valores humanos e um código de honra que a própria instituição prega” (Jiménez, 2020, [p.i.]).

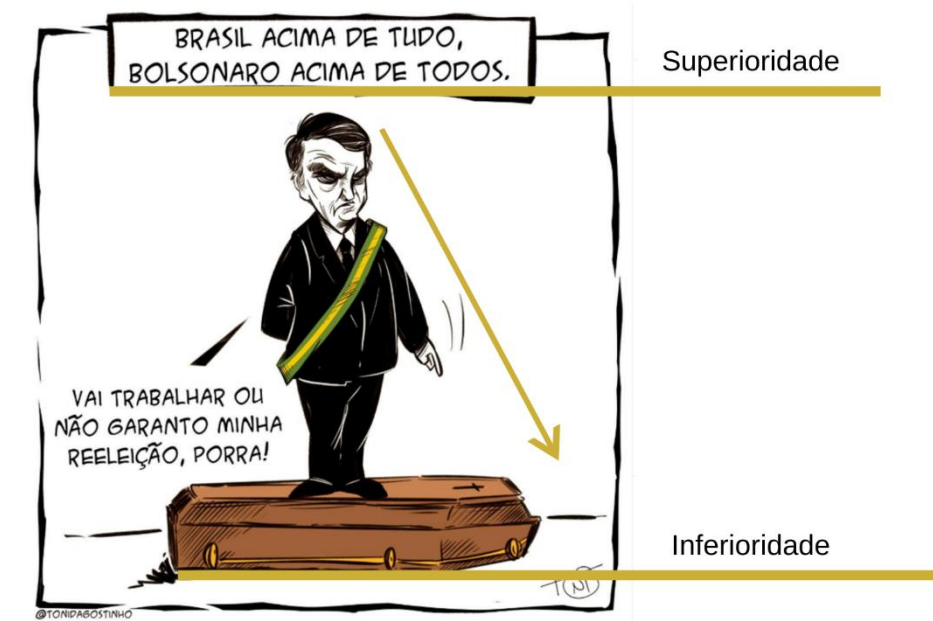
Assim como na charge de Struzani, vemos que há a repetição de um discurso que envolve a morte. Em uma, isso é retratado com Cristo na cruz, aqui, por sua vez, isso é materializado por meio do caixão. Porém, diferente da primeira charge analisada, é possível verificarmos que nesta há um distanciamento maior do discurso bolsonarista com o cristão.

O primeiro vestígio discursivo que comprova isso é a parte verbal “Brasil acima de tudo, Bolsonaro acima de todos”. Há uma alteração do *slogan* de campanha do ex-presidente. Não se trata mais de “Deus acima de tudo”, como se fosse a figura divina como o centro do país, como quem guiasse o governo Bolsonaro, pelo contrário, agora é o *Brasil* quem deve estar acima, especificamente a sua economia. Porém, acima de toda a população e acima do país, estaria a figura de Bolsonaro.

A charge traz, ainda, a personagem em cima de um caixão, a qual reafirma essa concepção do líder estar acima das mortes, acima da população brasileira, como se fosse, de fato, o messias. Não o messias como salvador, mas quem está no “comando”, quem “controla” o indivíduo e as suas ações. Nesse caso, a morte não é viável para ele, pois precisa da pessoa para o seu *bem próprio*, para que, futuramente, pudesse ser reeleito. E isso só aconteceria se conseguisse provar que seu plano de governo, de fato, funciona.

Ademais, podemos, ainda, verificar a tríade dada por Foucault, poder, direito e verdade, conforme mostra a charge modificada a seguir:

Charge 27 - Charge alterada para análise II



Fonte: Adaptações da autora a partir da charge de Toni D'Agostinho 2020, [p.i.].

De acordo com Foucault (1999), a sociedade é movimentada a partir de uma relação de poder. Dessa forma, se há um rei, sempre haverá os súditos. Ou como, o autor diz, a partir do poder pastoral, se há um pastor, haverá ovelhas que necessitam de seu cuidado. De todo modo, na charge, vemos que esse processo é materializado pelas posições entre a personagem Bolsonaro e o túmulo, além, da fala “Bolsonaro acima de todos”, o que nos mostra, por essas relações de poder, que, nessa Condição de Produção, a figura presidencial está em teor de superioridade em relação à população brasileira, especificamente àqueles que morreram devido à Covid-19.

Arelado a isso, é possível, pelo pré-construído, vermos, aqui, uma nova quebra na construção de Bolsonaro como mito. Não pela posição social, afinal, como apontado por Foucault (1999), toda a sociedade é movimentada dessa forma. A desconstrução se dá pela forma como foi materializado o discurso dessa posição. A personagem aparece acima do túmulo, o que, pela verdade discursiva construída pelo meio social, determina como um sinal de desrespeito. Podemos, mais uma vez, ir além e questionar a posição Sujeito esperada de um representante da República: será que cabe a um presidente e um possível candidato a reeleição estar acima dos mortos por uma doença que ele desdenhou? Será que cabe a essa figura se colocar como superior (Bolsonaro acima de todos) dentro dessa Condição de Produção?

Isso, por sua vez, é ressaltado pela própria mão da personagem, a qual traz a sensação de comando junto de sua fala “vai trabalhar”, como se nem morto, nem em busca de um possível “descanso eterno”, o ex-presidente respeitasse, pois tudo precisa girar em torno de sua autoridade e de sua superioridade.

Se puxarmos o discurso pastoral, a quebra do mito como messias fica ainda mais evidente. Afinal, Foucault (2004) nos diz que o papel do pastor é o de representar Deus. Então, será que é papel desse Deus pisar em um túmulo? De “acusar” que, por sua condição de morto, de não poder mais trabalhar, atrapalharia a sua imagem de governo. Assim sendo, nessa charge, vemos que já se inicia o processo de quebra da concepção de mito como salvador. Aqui, por sua vez, temos, na verdade, não um Sujeito Messiânico, mas um Sujeito Opressor. Um sujeito que não preza por seu rebanho, nem com as condições que deverá devolver para Deus; trata-se de um pastor, de um messias que se preocupa apenas com a sua condição, com a sua posição de poder diante dos súditos (submissos a esse poder e a essa relação de poder, como pontuado por Foucault (1999)).

Charge 28 - Série enunciativa I – Deus, pátria e família III



Fonte: Gilmar, 2021, [p.i.].⁸⁵

A charge de Gilmar, publicada no dia 24 de junho de 2021, em sua rede social *Instagram*, atravessa a Condição de Produção de pandemia, mas, agora, com as investigações acerca do número de mortes e sobre a demora da produção de vacina (Comissão Parlamentar de Inquérito sobre a Covid-19). Segundo a Agência Senado (2021):

Quantas das mais de 500 mil mortes por covid-19 poderiam ter sido evitadas no Brasil? De acordo com Pedro Hallal, epidemiologista e pesquisador da Universidade Federal de Pelotas, quatro em cada cinco mortes pela doença no país eram evitáveis caso o governo

⁸⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/cartunistagilmar/>

federal tivesse adotado outra postura — apoiando o uso de máscaras, medidas de distanciamento social, campanhas de orientação e ao mesmo tempo acelerando a aquisição de vacinas. Ou seja, de acordo com suas estimativas, pelo menos 400 mil pessoas não teriam morrido pela pandemia. Ele fez a afirmação nesta quinta-feira (24) durante audiência na Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Pandemia, da qual também participou Jurema Werneck, diretora-executiva da Anistia Internacional no Brasil e representante do Grupo Alerta (Agência Senado, 2021, [p.i.]).

Em abril de 2021, durante o inquérito, descobriu-se que o Brasil recusou onze ofertas de fornecimento de vacinas contra o coronavírus. Conforme aponta Guedes (2021), a forma de o Ministério da Saúde negar foi a de ignorar. Ademais, o jornalista aponta que esses são apenas os números confirmados por meio de documentos. Desses onze, seis foram em relação à Coronavac. “O primeiro, datado em 30 de julho de 2020, e o segundo, de 18 de agosto, ficaram sem resposta. O terceiro documento foi entregue pessoalmente em 07 de outubro por Dimas Covas, ao ministro da saúde, o general Pazuello” (Guedes, 2021, [p.i.]). Por falta de resposta, o instituto Butantan realizou três videoconferências com os responsáveis pelo Ministério da Saúde para conversarem sobre a proposta da vacina, porém, mesmo assim, o Butantan não obteve sucesso.

Outro laboratório recusado foi a Pfizer. Em abril, havia registro de mais de três ofertas formais feitas, tendo a primeira em agosto de 2020. Nesse documento, o laboratório, ainda conforme Guedes (2021), deixava à disposição do Brasil 70 milhões de doses que seriam entregues em dezembro de 2020. Porém, [...] como o Ministério ignorava as propostas, exatamente como fez com o Butantan, ele próprio abriu as portas do Palácio do Planalto para uma negociação formal com o presidente da República e o ministro da Economia, Paulo Guedes. Também não andou” (Guedes, 2021, [p.i.]). Já em junho, com o avanço da CPI, de acordo com Brasil de Fato, o governo Bolsonaro recusou a proposta da Pfizer pela metade do preço pago pelos Estados Unidos, pelo Reino Unido e pela União Europeia. “À CPI, Pazuello qualificou a proposta da Pfizer como ‘agressiva’, apontou entraves em cláusulas do contrato e disse ter considerado muito elevado o preço de US\$10 por pote” (Brasil de Fato, 2021).

Por fim, também houve recusa da Covax Facility, conforme Guedes (2021):

O senador Randolfe Rodrigues, autor do requerimento da CPI, acrescenta à contagem as duas vezes que o governo Jair Bolsonaro se recusou a participar consórcio da Covax Facility. Segundo o diretor-

geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Adhanom, o Brasil só aderiu no terceiro convite para aquisição de 212 milhões de doses. O acordo era visto pelo Ministério das Relações Exteriores como uma atitude globalista, portanto nociva ao país. O número de doses foi reduzido a pedido do governo brasileiro (Guedes, 2021, [p.i.]).

Assim sendo, percebemos que a charge foi publicada em um outro momento delicado da sociedade. Pois, com a CPI, notamos o quanto as consequências do vírus poderiam ter sido minimizadas caso o governo tivesse cumprido a sua parte de representante e não tivesse negado tantas vezes a vacina. O resultado foi um número crescente de mortes que poderia ser evitado com o tratamento adequado: uso de máscara, isolamento social e vacina. Segundo Agência Senado, o senador Eduardo Gião, na investigação, afirmou que:

Nós fizemos uma análise que estimou que especificamente o atraso na compra das vacinas da Pfizer e da CoronaVac resultou em 95,5 mil mortes. E, logo depois, outros pesquisadores analisaram os dados não especificamente dessas vacinas, mas o ritmo da campanha de vacinação que teria sido, caso tivéssemos adquirido [a tempo], e eles estimaram 145 mil mortes especificamente pela falta de aquisição de vacinas tempestivamente pelo governo federal (Agência Senado, 2021, [p.i.]).

A contextualização e o entendimento total da Condição de Produção da charge são fundamentais para os efeitos de sentido, bem como para a análise de como se deu a materialização do discurso. Para essa análise, especificamente, dividiremos em partes devido a quantidade de enunciados referentes a diferentes momentos do governo Bolsonaro, além da sequencialidade comum das histórias em quadrinhos (divido em quatro quadros).

Primeiramente, as personagens presentes. Temos a presença de um rato e da figura do ex-presidente. Podemos, assim, levantar o primeiro questionamento: por que o uso do rato? Pela memória discursiva e pela Formação Ideológica, é possível encontrarmos alguns efeitos de sentido:

1. o rato é visto como uma praga pela sociedade, a qual deve ser punida e morta;
2. por ser uma praga, é associado com a ideia de sujeira, de um animal que vive de restos e, por conta disso, pode propagar doenças;

3. o buraco na parede também traz o local de moradia do rato, visto comumente em desenhos, como em *Tom and Jerry*, em que o *Jerry*, o rato, se escondia/vivia escondido nas paredes da casa;
4. Bolsonaro ocuparia um lugar próprio a ratos, gerando uma associação entre o animal e o então presidente.

Além desses elementos que constituem a figura do rato, devemos observar a posição das personagens, a forma como os traços de ambos é próxima. Isso é perceptível principalmente pelas mãos/patas. Dessa forma, vemos que há uma desumanização de Bolsonaro, sendo colocado, inclusive, como próximo ao rato, com os mesmos trejeitos. Assim, vemos que a primeira materialidade se dá, justamente, no fato de o Sujeito Presidente ser assujeitado como Rato, ao sugerir que Bolsonaro se esconda em sua própria toca, assim como ilustra a próxima figura:

Charge 29 - Charge adaptada para análise III



Igualdade

Fonte: Adaptações da autora a partir da charge de Gilmar, 2021, [p.i.].⁸⁶

Apesar de a figura de Bolsonaro aparecer minimamente maior que o rato, vemos que estão quase no mesmo patamar. Ao contrário da Charge II dessa série enunciativa, o ex-presidente não é mais visto como um ser superior, mas como um

⁸⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/cartunistagilmar/>

animal, especificamente, como uma praga da sociedade. Dessa forma, só pela forma como a personagem é construída, já temos a primeira quebra do mito como messias. Afinal, Bolsonaro, aqui não é colocado em posição de presidente; é um rato. Pelas instâncias ideológicas, temos como verdade que esse animal não possui um teor positivo, pois está geralmente associado à sujeira, à doença, assim como já apresentamos.

Um outro ponto para compararmos com a segunda charge é o fato de que, aqui, por estar nessa posição de igualdade com o rato, não vemos a presença da faixa presidencial, elemento crucial para demarcar a sua imposição diante da sociedade, bem como de figura de autoridade máxima. Assim, ao ser colocado em tom de semelhança ao do rato e sem a sua faixa, vemos que há uma desconstrução de sua imposição como presidente.

Agora, daremos um destaque maior para os elementos verbais.

No primeiro quadro, há o seguinte enunciado: “o grande messias, eleito para acabar com a corrupção”. No início da tese, trouxemos exatamente essa discussão, os possíveis motivos para Bolsonaro ser visto e associado como messias, pois, para a direita, especificamente para os bolsonaristas, ele seria o responsável por acabar com a corrupção, um mal vindo do Partido dos Trabalhadores.

Ao longo do governo, por sua vez, saíram diversas especulações e comprovações de ações corruptas envolvendo Bolsonaro. Porém, nos ataremos à Condição de Produção da charge. Como dito, ela foi publicada durante a CPI da Covid-19. Em 04 de junho de 2021, segundo Muratori (2021), o senador Randolfe Rodrigues afirmou que o governo federal ignorou 53 e-mails do laboratório da Pfizer. Nas redes sociais, Rodrigues chegou a lamentar a situação:

“Essa omissão na aquisição de vacinas da Pfizer acontecia ao mesmo tempo que o nosso Itamaraty⁸⁷ pressionava a Índia para liberar cargas de hidroxocloroquina a uma empresa brasileira. A atuação do Ministério das Relações Exteriores se assemelha, claramente, à advocacia administrativa, em outras palavras: lobby! É isso mesmo, o governo brasileiro fazendo lobby para uma empresa. Isso é crime de acordo com o Artigo 321 do Código Penal”, completou Randolfe, também em afirmações nas redes sociais (Muratori, 2021, [p.i.]).

⁸⁷ Nome popular para se referir ao Ministério das Relações Exteriores.

Ao longo da pandemia, Bolsonaro incentivou a população a tomar cloroquina, medicamento que, no início, chegou a ser vendido em alguns países, porém, a partir de evidência científicas, o remédio não faria nenhum efeito em relação a doença. Outros países foram deixando de adquirir a cloroquina, com exceção do Brasil e dos Estados Unidos. Segundo Idoeta (2021), o presidente Bolsonaro manteve-se firme em sua defesa do medicamento, alegando ser um tratamento precoce. Dessa forma, quando o senador alega que o governo estava fazendo um *lobby*, isso quer nos dizer que Bolsonaro (junto de pessoas do seu governo) estaria priorizando os seus interesses para influenciar/manipular em certas tomadas de decisão. Nesse caso, na recusa da vacina.

Além de negar e de ignorar as propostas de vacina, Roberto Ferreira Dias, diretor de logística do Ministério da Saúde, pediu propina em cima da vacina. De acordo com Rezende (2021, [p.i.]), o valor seria de US\$1 por dose, “dariam 200 milhões de doses de propina que eles queriam, com R\$1 bilhão”.

Partindo desse ponto, o messias, na fala da personagem, não enaltece a figura de Bolsonaro – como vimos por parte de seus apoiadores -, pelo contrário. Além do tom irônico, há uma quebra da percepção do que seja esse messias: acabar com a corrupção, pois ele mesmo fez parte desse esquema. Algo que é enfatizado no segundo quadro com a fala “Lazarento, foi por isso então que recusava as outras vacinas?”. Pela memória discursiva, percebemos que houve uma razão por trás das recusas dos laboratórios. Não se tratava *apenas* de um negacionismo, ou seja, de uma descrença que a vacina não funcionaria, mas sim de um possível lucro com ela, a partir, nesse caso, de propina, ação corrupta.

Assim como na segunda charge, vemos que o processo de desconstrução do mito começa quando não se é mais visto como a figura de pastor, de messiânico, de alguém que esteja realmente preocupado com o seu rebanho – incluindo os bolsonaristas -, mas sim de um processo oposto. É um falso messias, se partimos do discurso religioso, especificamente o cristão. De acordo com Foucault (2004):

Como é que o pastorado cristão pretende conduzir os indivíduos para a salvação? [...] Se o chefe envolve o povo e aquele que é o seu chefe ou guia. Se o chefe deixa seu rebanho se desgarrar ou se o magistrado não dirige bem a cidade, ele perde a cidade, ou o pastor perde o rebanho, mas eles se perdem junto. Eles se salvam com eles, eles se perdem com eles (Foucault, 2004, p. 224).

Logo, se há um falso messias, ou um mal pastor, ele fará o seu rebanho se perder. Porém, ao contrário do que se pensa (ou do que o pastor comumente espera), só o rebanho, a população seria “punida”, sofreria as consequências. No entanto, Foucault (2004) nos mostra que, se o líder perde a população, se o pastor perde o rebanho, eles, juntos, se perderão. Ao associarmos com o discurso presente na charge, vemos que é isso que acontece. A figura de Bolsonaro, como dito, “perdeu” a sua forma humana, perdeu o seu direito de se defender, de ter voz diante de toda a situação. Mas é preciso refrisarmos que não foi só ele quem sofreu. A fala da personagem deixa evidente, pelo não-dito, o qual é possível recuperarmos pela memória discursiva, que se houve uma recusa das vacinas, os brasileiros (sejam eles a oposição, sejam bolsonaristas) tiveram uma consequência: a morte.

No terceiro quadro, há a seguinte fala: “agredir jornalista, trocar ministro, ordenar ameaças...”. De acordo com SINTFUB (2021), em 21 de junho de 2021, Bolsonaro fez uma entrevista a diversos veículos jornalísticos, falando, pela primeira vez, sobre a marca de 500 mil mortos por Covid-19. O ex-presidente perdeu o controle, xingou à imprensa e agrediu verbalmente Laurene Santos, repórter da TV Vanguarda, filiada da *Rede Globo*. Segundo o *G1* (2021), o Brasil teve quatro Ministros da Saúde durante a pandemia: Luiz Henrique Mandetta, ortopedista, esteve no cargo até abril de 2020, pois apresentava ideias contrárias as do ex-presidente; Nelson Teich, oncologista, ficou no cargo entre abril e maio de 2020, assim com Mandetta, também foi contra algumas posições de Bolsonaro, como o uso da cloroquina; Eduardo Pazuello, general do Exército, assumiu em maio de 2021 e permaneceu até março de 2021. Durante esse período, as atualizações sobre os casos diminuiram, o número de mortos aumentou e o plano de imunização só voltou a ser pauta após pressão social; Marcelo Queiroga, cardiologista, passou a ocupar o cargo em março de 2021, compartilhava de ideias semelhantes a Bolsonaro, como o negacionismo científico.

Segundo Cruz (2021), em junho de 2021, Bolsonaro batia recorde de rejeição, mas, mesmo assim, continuava a realizar ameaças:

Os ataques de Jair Bolsonaro ao sistema eleitoral brasileiro são uma constante desde a campanha de 2018. Mas o presidente redobrou a carga neste início de julho de 2021: passou uma semana inteira falando mal das urnas eletrônicas, colocando em xeque a segurança da apuração e fazendo ameaças de ruptura democrática caso o voto impresso não seja adotado no Brasil nas disputas nacionais de 2022, quando ele tentará reeleição (Cruz, 2021, [p.i]).

Dessa forma, na fala da personagem vemos que há Condições de Produção diferentes, mas que são cruciais para construir a posição de Sujeito de Bolsonaro, principalmente pensando no nosso objetivo geral. Pelas CPs, percebemos que, de fato, há um processo de desconstrução do Sujeito Messias. Mais uma vez, temos outros atravessamentos, os quais o determinam como Sujeito Opressor e Sujeito Negacionista. Assim sendo, a partir da concepção de Barthes, o mito, do ponto de vista da linguística, traz um significante pleno, tendo seu sentido pré-determinado pela história e pelo social, algo que na AD francesa se aproxima da concepção de memória discursiva. Se levarmos esse ponto em consideração, vemos que a charge, por ser da FD anti-Bolsonarista, preenche o vazio (que seria preenchido pelas CPs, conforme apontamos ao longo da tese). Em suma, é como se houvesse uma expectativa de que a figura de Bolsonaro como mito fosse se manter ao longo de todo o seu processo de governo, porém, devido às novas Condições de Produção, às novas instâncias ideológicas – sem deixar de lado a repetição da história pela memória discursiva –, vê-se o oposto. A desconstrução do mito como salvador é muito rápida. Nessa terceira charge, já estamos em um terceiro ano de governo, contudo, desde a primeira, já começamos a ver vestígios desse processo. Mas o que precisamos levar em consideração é a diferença entre a charge publicada em 2019 e a de 2021: a Condição de Produção foi crucial para mudar essa posição de sujeito. Na primeira, por exemplo, há uma quebra, mas ela já era “esperada”, pois apenas seguiu o plano de governo de Bolsonaro (a promessa de posse de arma). Este, por outro lado, escancara que a figura de Bolsonaro não é vista (e nem deve) como messias. Seja por conta da corrupção, seja pelo negacionismo, seja pelos milhares de mortes ocasionados por descaso de sua posição de autoridade.

Ainda no terceiro quadro, temos a fala “cortinas de fumaça que não funcionam mais”. Pelo pré-construído, sabemos que se trata de uma tentativa de “esconder” o que, de fato está acontecendo. No caso, novamente pela CP, essa cortina não teria mais funcionalidade devido à CPI, que deixou mais visível, com evidências e com provas do que estaria acontecendo dentro do governo.

Por fim, voltando para a linguagem não verbal, é possível acompanharmos, quadro a quadro, mudanças na postura da personagem Bolsonaro. Notamos que ele vai se encolhendo e se escondendo cada vez em sua toca, além de se alterar/se transfigurar (a cor vermelha dos olhos), algo que é realçado com o rato o chutando para a “toca da tua mãe”. Assim sendo, aqui, mais uma vez, percebemos a

desconstrução de Sujeito Messias e a construção do Sujeito Rato (que traz diferentes efeitos de sentido).

Charge 30 - Série enunciativa I – Deus, pátria e família IV



Fonte: Quinho, 2022, [p.i.].⁸⁸

A charge de Quinho, publicada em 15 de dezembro de 2022, em seu perfil do *Instagram*, já faz parte do período pós-eleição de 2022, em que marcou a derrota de Bolsonaro e a definição de Lula como novo presidente. O resultado das eleições saiu em outubro e Bolsonaro, por sua vez, ficou em torno de quarenta dias em silêncio. No dia 09 de dezembro de 2022, em um discurso para os apoiadores no Palácio da Alvorada, o ex-presidente, de acordo com Soares (2022), disse:

"Se estou aqui é porque, primeiro, acredito em Deus. Segundo, devo lealdade ao povo brasileiro. Ao longo de quatro anos nós despertamos o patriotismo no Brasil. O povo voltou a admirar a sua bandeira, o povo voltou a acreditar que o Brasil tem jeito. Não é fácil enfrentar todo um sistema. A missão de cada um de nós aqui não é criticar, é unir", apontou aclamado ao som de "Eu autorizo", "Nós amamos o senhor" e "Ou ficar a Pátria livre ou morrer pelo Brasil" [...] O presidente falou ainda em "dar a vida" pelo Brasil. "Nada está perdido. O ponto final é

⁸⁸ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CmM7Gruuu-k/?img_index=1

somente com a morte. Nunca saí de dentro das quatro linhas da Constituição e acredito que a vitória será também dessa maneira. Dou a minha vida pela minha pátria." (Soares, 2022, [p.i.]).

Vale enfatizar que a fala de Bolsonaro ocorreu no mesmo dia em que Lula anunciou os ministros que fariam parte de seu governo. A fala, presente na charge, traz o seguinte enunciado: "Por 40 dia e 40 noites fiquei em silêncio no deserto da minha mansão". Pelo pré-construído, tem-se como verdade discursiva, a partir do discurso cristão, que Jesus passou 40 dias no deserto em jejum, sendo tentado pelo diabo⁸⁹. Dessa forma, observamos, novamente, a aproximação do discurso bolsonarista com o cristão, sendo proferido pela personagem Bolsonaro. Tal processo, nos traz dois efeitos de sentido:

1. vitimização por parte de Bolsonaro;
2. Bolsonaro como imagem de Cristo.

Isso é reforçado pela segunda fala: "Sangrei por vós em Juiz de Fora e quase ascendi aos céus, junto ao Pai...". Pela memória discursiva, sabemos que Bolsonaro foi esfaqueado, durante a campanha eleitoral, em 2018. Ademias, novamente pelo pré-construído, vemos vestígios do discurso religioso. O ato de sangrar, para o cristão, está associado a Cristo na cruz, onde morreu para salvar os pecados do mundo e ascendeu aos céus para estar junto de Deus. Há passagens bíblicas e orações tradicionais que mencionam essa ação, como a do Creio/do Credo ("subiu aos céus, está sentado à Direita de Deus Pai todo-poderoso"). Atrelado à parte verbal, a posição da personagem diante dos bolsonaristas também simboliza a ideia de Cristo como centro, quando proferia seus discursos para os seus discípulos, algo comum nas igrejas católicas e evangélicas, em que o padre/o pastor fica ao centro e de frente aos fiéis. Um outro detalhe relevante para a análise está na cabeça de Bolsonaro, um objeto que pode representar tanto a auréola (um círculo de luz associado à santidade nas artes), quanto a coroa de espinhos colocada na cabeça de Cristo antes de crucificado. Podemos, ainda, ir um pouco mais além. Os braços da personagem estão para trás e há uma espécie de linha abaixo desse círculo. Assim, podemos também

⁸⁹ 1 Então Jesus foi levado pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo. Depois de jejuar quarenta dias e quarenta noites, teve fome (Mateus 4:1,2). Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/nvi/mt/4>.

ter como efeito de sentido a possibilidade de ser o próprio Bolsonaro segurando a auréola/a coroa de espinhos.

Na primeira charge dessa série, o discurso cristão era extremamente direto, assim como vemos nesta última charge. Ambas trazem à tona a presença de dois discursos: o cristão e o bolsonarista sendo vistos como um. Isso se dá, justamente, por conta da verdade discursiva que foi determinada na figura de Bolsonaro, sendo construído e assujeitado não só como um presidente ou como político, mas como messiânico. Mesmo sendo uma FD anti-bolsonarista, isso ainda é aparente por conta das instâncias ideológicas. Logo, mesmo que ocorra uma desconstrução da figura do mito como messias, ainda assim a presença de discursos messiânicos está presente e faz parte da construção de Sujeito de Bolsonaro, bem como de seus apoiadores. Tanto é que os bolsonaristas representados na charge respondem aos seus discursos com falas também comuns do discurso religioso cristão, presente como resposta aos padres e aos pastores: “Louvado seja”, “ô glória!”, “ungido”.

Do mesmo modo como ocorre na segunda charge, aqui conseguimos visualizar, novamente, a posição de superioridade em relação aos seus apoiadores, conforme ilustra a figura a seguir:

Charge 31 - Charge modificada para análise IV



Fonte: Adaptações da autora a partir da charge de Quinho, 2022, [p.i.].⁹⁰

A charge nos mostra um processo, realmente, de endeusamento da figura de Bolsonaro, o colocando ao centro e sendo aclamado por parte de seus apoiadores,

⁹⁰ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CmM7Gruuu-k/?img_index=1

algo que fica ainda mais nítido com os celulares apontados para ele, como se não quisessem perder aquele momento. Dessa forma, voltamos mais uma vez para a concepção de funcionamento da sociedade, em que sempre haverá um líder e seus súditos. Porém, pela fala, destacamos como há um reforço da ideia desse líder, desse superior, ser visto como uma figura divina, como um messias; enquanto os bolsonaristas são colocados em posição de submissão, de inferioridade, como se tivessem que seguir os passos e os comandos de seu salvador, de seu messias.

Outro ponto para considerarmos nessa charge são as roupas que a personagem Bolsonaro está usando. Ao contrário das charges II e III, em que aparece de terno, aqui está com trajes comuns. Algo também visto como parte do discurso religioso, em que a figura de Cristo é associada como homens porque é, também, um homem comum. Ademais, temos ainda a presença forte de três cores: verde e amarelo, como já mencionamos, tornaram-se parte para designar/construir os bolsonaristas. Porém, também temos a presença do azul (que também compõe a bandeira do Brasil. Ao relacionarmos as três, vemos como há, de forma indireta, a materialização de um discurso patriota. Pelo pré-construído, enfatiza-se, mais uma vez, a separação da sociedade brasileira.

Pêcheux (1988) nos falou sobre a ideia do *outro*. Aqui isso se dá pelo uso das cores. Uma vez que, na charge, há apenas a presença de personagens e de um discurso, o patriota, que seria pró-Bolsonaro (mesmo a FD sendo anti-bolsonarista). Dessa forma, o *outro*, o que não concorda com a posição messiânica, nem que vê a figura de Bolsonaro como um salvador, seria os que não estão sendo materializados nessa charge, no caso a oposição, comumente sendo representada pela cor vermelha (ligada ao PT).

Nessa charge, houve a menção da facada sofrida por Bolsonaro em 2018. Na próxima série enunciativa, aprofundaremos essa discussão.

5.2 SÉRIE ENUNCIATIVA: *ELE DEU UMA FACADA E RODOU*

Durante a campanha eleitoral de 2018, em Juiz de Fora, Minas Gerais, Bolsonaro “era carregado nos ombros por apoiadores quando um homem se aproximou e o feriu na barriga” (G1, 2018, [p.i.]). De acordo com o G1, o ex-presidente chegou ao hospital com pressão baixa devido à perda de sangue, com lesões nos intestinos delgado e grosso, além de passar por uma cirurgia de quase duas horas. Ainda com base no *site* de notícias, o comandante do 2º Batalhão da Polícia Militar de Juiz de Fora, Marco Antônio Rodrigues de Oliveira, afirmou que o suspeito, André Bispo, tentou ferir Bolsonaro por possuir divergências de ideias e de pensamentos.

Assim como exposto, vale enfatizar que a facada foi um momento importante no período das eleições, uma vez que acabou mudando e impactando no resultado. Aliás, mais do que isso. Foi o momento que concretizou a imagem de Bolsonaro como mito. A imagem a seguir ilustra como ocorreu a facada:

Figura 35 - Facada



Fonte: G1, 2018.⁹¹

⁹¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2018/09/06/ato-de-campanha-de-bolsonaro-em-juiz-de-fora-e-interrompido-apos-tumulto.ghtml>

A ação da facada ocorreu no dia 06 de setembro de 2018. Por sua vez, como essa sequência enunciativa acaba atravessando a mesma Condição de Produção, não faremos, aqui, a retomada integral do contexto de cada charge, pois elas foram publicadas em datas próximas ao ocorrido, com exceção da última, a qual introduziremos a CP daquele momento específico.

Charge 32 - Série enunciativa II - Facada I



Fonte: Santiago, 2018, [p.i.].⁹²

A charge de Santiago, publicada por *Brasil de Fato*, em 18 de setembro de 2018, traz pontos cruciais para a nossa análise. Por isso, separaremos em elemento verbais e não verbais. Na verbal, temos a presença de dois períodos:

1. “Ausência de sangue porque o cara odeia vermelho”;

⁹² Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/09/18/gilmar-mendes-quem-diria-tem-razao/>

2. “Quem semeia pistolas colhe lâmina de aço”.

No primeiro período, é notória, mais uma vez, a importância da Condição de Produção para a apreensão de sentido. Pois, ao voltarmos para a figura 35, a qual ilustra o momento da facada, é possível observarmos que, nas imagens, não há vestígios de sangue, como se o ato não tivesse, de fato, acontecido. Afinal, quando se é ferido, de alguma forma, esperamos que ocorra o sangramento. Principalmente se consideramos que a facada ocasionou lesões nos intestinos ao ponto de necessitar de um processo cirúrgico. Isso é materializado pelo discurso “ausência de sangue”. Porém, o que proporciona o humor como um ato crítico é a possível justificativa para o sangue não ter escorrido: “porque o cara não gosta de vermelho”. Aqui, é possível termos a produção de sentido por meio de dois elementos: tanto pela memória discursiva quanto pelo não dito.

A memória discursiva porque ela recupera outros discursos da nossa história, como é o caso da cor vermelha estar associada à oposição, especificamente ao Partido dos Trabalhadores, nos mostrando, assim, que Bolsonaro não sangrou, não derramou uma gota de sangue por não gostar da cor. Mas não por considerá-la feia, por exemplo, e sim por ela despertar/estar associada ao imaginário social de que se trata desse partido, por materializar determinadas figuras políticas, como Lula e Fernando Haddad.

O não dito, por sua vez, aparece através da palavra “o cara”. Não é necessário aparecer o rosto de Bolsonaro, nem mencionar seu nome, pois, pelo contexto e pela parte não verbal, já conseguimos recuperar o discurso a quem se refere. Isso ocorre pelo uso da cor amarela na camiseta, sendo a mesma cor que o ex-presidente estava durante a campanha política em Minas Gerais.

O segundo período nos remete, também pela memória discursiva, a um provérbio: “quem semeia vento, colhe tempestade”. O imaginário social determinado pelas instâncias ideológicas traz como sentido a ideia de que as ações negativas praticadas no presente podem resultar em consequências piores no futuro. No caso, há uma troca dos substantivos vento e tempestade para pistolas e lâminas de aço. Mais uma vez, os efeitos de sentido só acontecem ao recuperarmos as Condições de Produção:

- ➔ Pistolas: campanha eleitoral de Bolsonaro ➔ símbolo de arma com as mãos + posse de armas para o cidadão comum ou “de bem”;
- ➔ Lâminas de aço: facada que Bolsonaro recebeu durante a campanha em Minas Gerais.

Assim sendo, ao associarmos que esse enunciado recupera um discurso dado, substituindo dois substantivos para produzir um novo efeito de sentido – além de causar uma provocação por meio do humor –, percebemos que esse período associa o ato do presente (vento/pistolas) com o fato de Bolsonaro ter “plantado” o ato de violência e, por conta disso, no futuro (tempestade/lâminas de aço), “colheu” um ato de violência, no caso, a facada.

Já em relação aos elementos não verbais, temos a presença da cor amarela, a qual, como já dito, vai se relacionar com a parte verbal para definir quem seria o “cara”. Assim sendo, o não dito acaba tendo uma materialização de sentido mais significativa por conta do elemento visual, o qual também reforça a ideia de se tratar da figura de Bolsonaro. Temos, também, a representação da arma, porém ela aparece de um jeito não convencional, como ilustra o recorte da charge a seguir:

Charge 33 - Recorte da charge



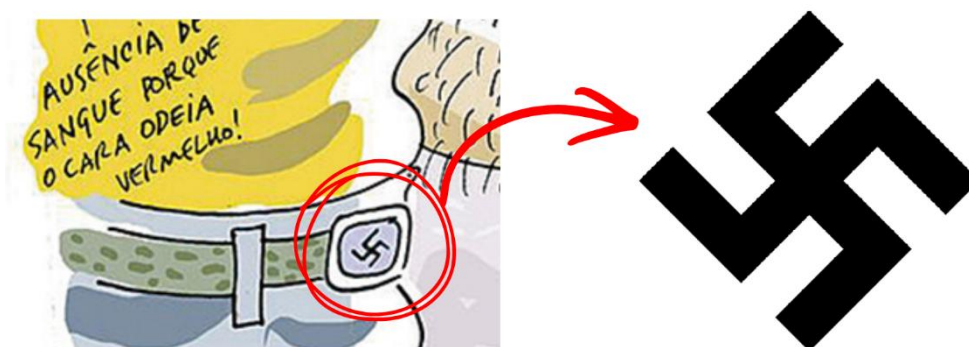
Fonte: Modificado de Santiago, 2018, [p.i.].⁹³

Olhando de forma isolada, sem considerar a parte verbal, temos como produção de sentido o efeito reverso. Em outras palavras, como se ao invés de o tiro atingir o outro, acaba atingindo a própria pessoa. Mas não se dá por meio da bala, e

⁹³ Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/09/18/gilmar-mendes-quem-diria-tem-razao/>

sim por uma lâmina. Agora, levando em consideração o período “quem semeia pistolas colhe lâminas de aço”, a materialização da arma e da faca acabam, mais uma vez, intensificando o sentido dado pela escrita. Afinal, por intermédio do movimento reverso, mostra-se como seria a ação de semear e de colher as ações de violência. Ademais, há um outro recurso visual presente em torno da arma, como se simbolizasse o disparo da arma. Porém, ao contrário do que é esperado, é disparada uma faca. Tal símbolo, então, também serve para intensificar essa mesma ideia dada pelo verbal (semear e colher).

Charge 34 - Recorte e modificação da charge para análise



Fonte: Modificado de Santiago, 2018, [p.i.].⁹⁴

No cinto da figura de Bolsonaro (o cara), é possível percebermos que há o símbolo da suástica. Tal símbolo não precisa de palavras, nem de uma explicação explícita na charge, pois as instâncias ideológicas já materializaram, ao longo da história, o discurso e os atravessamentos discursivos que atravessam esse contexto. No caso, a suástica está associada ao Nazismo, que recupera a ideia de grupos sociais nacionalistas, da extrema-direita alemã, os quais possuíam como verdade a de que deveria existir uma soberania racial pura. Ademais, também pela memória discursiva, sabemos que o símbolo se tornou parte das propagandas nazistas de Adolf Hitler, figura responsável pelo genocídio de milhares de pessoas durante a Segunda Guerra Mundial. Dessa forma, quando vemos a presença da suástica sendo posta como elemento da roupa do ex-presidente somos conduzidos, devido à instância ideológica, a pensar/a imaginar que Bolsonaro compartilha dos mesmos ideários do nazismo.

Sendo colocado, então, em uma posição de sujeito similar a de Hitler, a de genocida. Vale lembrar que essa charge foi publicada em 2018, antes mesmo da

⁹⁴ Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/09/18/gilmar-mendes-quem-diria-tem-razao/>

Pandemia da Covid-19. É importante reforçarmos isso, porque a propagação de falas destinadas a Bolsonaro como Hitler se intensificou nesse período específico. Porém, por meio dessa charge, vemos que, na verdade, já existiam vestígios discursivos que realizavam essa comparação, o que nos mostra que, mesmo em campanha eleitoral, mesmo Bolsonaro sendo ovacionado como *mito*, na concepção de ser o salvador do Brasil, já existia a percepção contrária de que ele, na verdade, era o “vilão”, alguém que poderia levar o país à ruína e que poderia arruinar/matar a própria população. E isso se dá, na charge de Santiago, pela presença da arma e da adaptação do provérbio, os quais determinam, junto do símbolo, que o ex-presidente é visto como o responsável pelos próprios atos de violência e de morte. Tanto em relação à dele (por ter recebido a facada) como à da população (pelo símbolo nazista). Afinal, nessa concepção, não é só a sua figura que estaria associada ao discurso genocida, mas também todos os seus apoiadores que compartilham do mesmo pensamento, do mesmo discurso. Em outras palavras, aqueles que compartilham da mesma Formação Discursiva, a bolsonarista, que, nessa charge, é colocada em posição similar à FD nazista.

A charge, a seguir, é de João Montanaro e foi publicada pela *Folha de S. Paulo* no dia 18 de setembro de 2018.

Charge 35 - Série enunciativa II - Facada II



Fonte: João Montanaro, 2018, [p.i.].⁹⁵

Temos como parte de uma verdade social – algo que foi determinada pelo contexto sócio-histórico - de que, quando um indivíduo passa por uma quase morte

⁹⁵ Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1610368173022699-charges-setembro-2018>

(um acidente de carro, algum ato de violência física, por exemplo) costuma proferir os dizeres “vi minha vida inteira passar diante dos meus olhos”, algo que ocorre na charge. Ao olharmos para a personagem Bolsonaro deitada em um leito de hospital, com os olhos fechados, os braços apoiados no corpo, temos a percepção, em um primeiro momento, de que ele correu risco de vida, sendo colocado, até mesmo, em uma posição de vítima de um ato de violência da sociedade, sendo a vítima de uma atrocidade que poderia tirar a sua vida. Em contrapartida, a outra fala acaba quebrando essa imagem da personagem ao trazer os dizeres “exijo direito de resposta”.

Sem considerar a Condição de Produção, o efeito de sentido de ele ser uma vítima pode até permanecer. Porém, ao recuperarmos acontecimentos próximos aos do dia da facada, essa materialização discursiva acaba se alterando. Em janeiro de 2018, Camila Mattoso e Italo Nogueira, pela Folha de S. Paulo, divulgaram uma reportagem cuja manchete trazia os seguintes dizeres: “Bolsonaro emprega servidora fantasma que vende açaí em Angra”⁹⁶. O texto fala sobre Welderci Santos da Conceição, moradora da comunidade Mambucaba (Angra dos Reis), que fez parte do quadro de funcionários do gabinete parlamentar de Bolsonaro na cidade de Brasília de 2003 a 2018. “Segundo moradores da região, Wal, como é conhecida, também presta serviços particulares na cada de Bolsonaro, mas tem como principal atividade um comércio, chamado ‘Wal Açaí’” (Mattoso; Nogueira, 2018, [p.i.]). Os jornalistas chegaram a questionar Bolsonaro sobre a situação da funcionária:

A reportagem pediu ao presidente algum exemplo de serviços parlamentares prestados pela funcionária.

"Peraí, ela fala com o chefe de gabinete", se limitou a dizer.

"Como é que eu vou saber? Se eu mantiver um contato diário com meus 15 funcionários, eu não trabalho".

Bolsonaro foi questionado sobre as diversas movimentações salariais que fez para Walderice ao longo dos quase 15 anos de trabalho prestado.

"O que de vez em quando acontece: um funcionário é demitido. Aquela verba que "sobra" então a gente destina para um [outro] funcionário, por pouquíssimo tempo. Tem uma verba fixa para pagar funcionários. Ganha tão pouco, por que não posso dar uma ajuda por dois, três meses?. Em vez de pagar R\$ 1.300, paga R\$ 1.500 ou R\$ 2.000" (Mattoso; Nogueira, 2018, [p.i.]).

⁹⁶ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/01/1949719-bolsonaro-emprega-servidora-fantasma-que-vende-acai-em-angra.shtml>

Em agosto de 2018, por sua vez, Bolsonaro pediu o direito de resposta e a exclusão das reportagens da *Folha de S. Paulo* que falavam sobre a funcionária fantasma. No dia 24 de agosto de 2018, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) notificou o jornal para apresentar uma defesa sobre o caso.

Após a publicação de reportagem na Folha, Bolsonaro anunciou a sua exoneração. Os advogados do presidencialismo afirmam ao TSE que as informações sobre Wal são caluniosas e difamatórias. Segundo eles, a função de Wal como secretária parlamentar era fazer a ligação entre o gabinete do deputado, em Brasília, e a comunidade de Mambucaba, onde ela mora e Bolsonaro tem uma casa de veraneio (Folha de S. Paulo, 2018, [p.i.]).

Os advogados de Bolsonaro, ainda, chegaram a alegar que os jornalistas estavam perseguindo Wal desde a publicação da reportagem, além de afirmarem que a manchete “induz ao entendimento de que a contratação seria fraudulenta e que não haveria a contraprestação correspondente à remuneração percebida pela contratada” (Folha de S. Paulo, 2018, [p.i.]). Porém, a *Folha* diz que pediu tanto a Bolsonaro quanto a seus assessores que apresentassem documentos indicativos do trabalho legislativo realizado pela suposta funcionária, a qual foi paga por 15 anos como se ocupasse o cargo de secretária parlamentar de Bolsonaro. No início de setembro, o TSE divulgou a negativa do pedido de Bolsonaro em relação ao pedido de resposta e à exclusão das reportagens.

Ao termos contato com a Condição de Produção, vemos a idealização e a própria materialização visual de Bolsonaro como vítima, sendo até possível ser colocado como papel de salvador, de alguém que lutou bravamente para tentar ser o líder da nação, para salvar o Brasil, mas que foi impedido pela facada e, por isso, viu a vida diante dos próprios olhos. Porém, o direito de respostas da mídia sobre a publicação de um caso comprovado de que o até então deputado e presidencialismo Bolsonaro havia uma funcionária fantasma quebra essa imagem de mito salvador. De alguém que resistiu ao crime, à facada e que faria de tudo por seu país. Pois, a fala evidencia que, na verdade, ele daria o máximo para encobrir os seus próprios crimes e para proteger os que estão ao seu lado (seus apoiadores).

A charge a seguir foi produzida por Renato Machado no dia 15 de setembro de 2018 e publicada pela *Folha de S. Paulo*.

Charge 36 - Série enunciativa II - Facada IV



Fonte: Renato Machado, 2018, [p.i.].⁹⁷

Nesta charge, vemos a presença de três vice-presidentes que chegaram a ocupar o cargo de Presidente da República. Da esquerda para a direita, temos José Sarney, que assumiu a posição em 1985 após a morte de Tancredo Neves (que adoeceu na véspera de sua posse); Itamar Franco, em 1992, assumiu o lugar de Fernando Collor, que se envolveu em um escândalo de corrupção com o tesoureiro, Paulo César Farias, que seria o responsável por mediar negociações ilegítimas, como o caso de transações fraudulentas, com o objetivo de ocultar quem fez a transição, o que resultou em seu impeachment; Michel Temer, em 2016, ocupou o cargo de Dilma Rousseff, que foi acusada de pedaladas fiscais para maquiar as contas públicas, o que, assim como Collor, gerou o seu impeachment.

Na sequência dos ex-presidentes, temos a presença de dois candidatos ao cargo de representante da República: Fernando Haddad e Jair Bolsonaro. Vale lembrar que Haddad assumiu a possibilidade de se tornar presidente após Lula ser condenado e, consequentemente, se tornar ilegível ao cargo. Porém, ao contrário de Sarney, de Franco e de Temer, a figura do petista, que era para ser vice de Lula, aparece modificada. O vemos com uma espécie de barba falsa, a qual, pela memória discursiva, nos faz associar com a imagem de Lula.

Ao longo de toda a campanha de 2018, criou-se uma verdade discursiva de que o então candidato Haddad era o Lula, verdade essa que se tornou slogan de

⁹⁷ Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1610368173022699-charges-setembro-2018>

campanha (Haddad é Lula, Lula é Haddad). Assim sendo, é possível notarmos que a forma como essa associação, esse discurso proferido tantas vezes na sociedade foi materializado na charge se dá pela presença da barba. Porém, também podemos ter como efeito de sentido que há um processo de mascarar a figura de Haddad, trazendo a concepção de que, já que o PT não pode colocar de forma direta a figura de Lula como possível presidente, ele aparecerá de forma indireta, por meio de slogans, de fotos em que o substituto está sempre relacionado/associado ao ex-presidente Lula. Como se ainda fosse o vice.

Bolsonaro, por sua vez, também aparece de forma diferenciada. Ele é materializado após o momento da facada, possivelmente, com seu vice, Hamilton Mourão, atrás, segurando uma outra faca. No dia 11 de setembro de 2018, alguns dias após a facada, de acordo com o *G1*, Mourão trouxe o seguinte pronunciamento: "Esse troço já deu o que tinha que dar. É uma exposição que eu julgo que já cumpriu sua tarefa. Ele [Bolsonaro] vai gravar vídeo do hospital, mas não naquela situação, não propaganda. Vamos acabar com a vitimização, chega". Tal Condição de Produção nos mostra que o então vice "apunhalou" Bolsonaro pelas costas, ao reforçar que a situação vivida por ele, em grande parte, era apenas uma vitimização, que não chegava a ser tão séria como deixava transparecer na mídia.

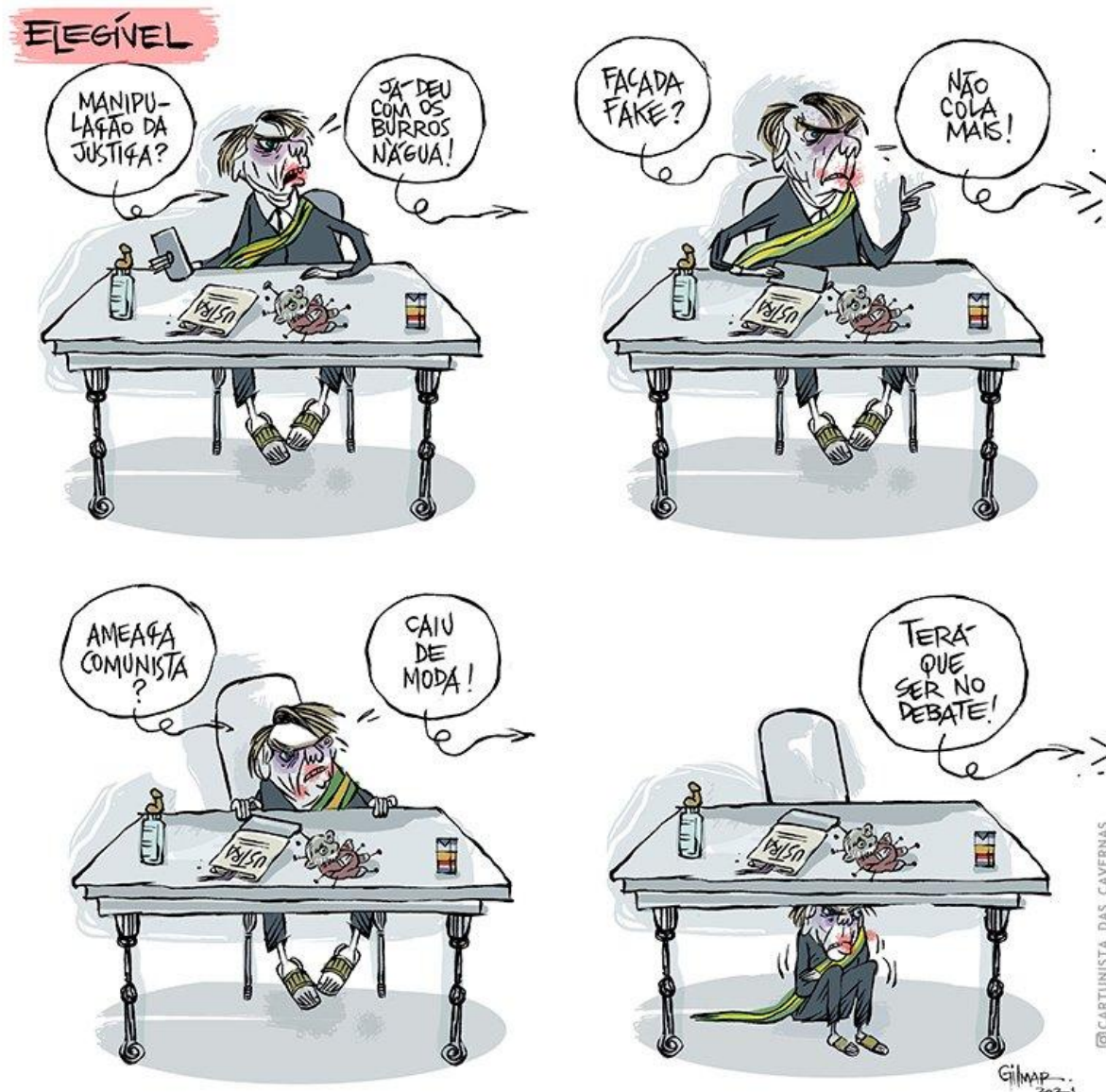
Assim, vemos que essa charge faz dois processos: tanto de humanizar a figura de Bolsonaro, ao colocá-lo como posição de inferioridade (sofrendo a facada e recebendo uma outra de seu vice, alguém que, em teoria, precisava ser de confiança), como o de vítima, quando olhamos com mais atenção ao contexto de produção. Em ambos, por sua vez, notamos uma quebra no papel de mito. Afinal, que mito se coloca em um papel de inferioridade? Que mito seria atacado pelo vice?

Porém, se levamos em consideração o discurso pastoral, vemos que a ideia do mito como salvador acaba sendo reforçada. Pois ele é colocado em uma posição de alguém que sofreu um ataque pela população, lutando ali, durante a sua campanha, para promover o seu discurso, as suas ações e o que poderia fazer para melhorar o país; além de, apesar de estar frágil, após uma cirurgia, de continuar tentando esse contato com os apoiadores, o seu próprio vice o apunhala.

Contudo, mesmo com esse olhar do discurso pastoral, vemos que essa visão de Bolsonaro como mito, como salvador ainda prevalece *apenas* para os apoiadores. Podemos destacar que, por meio dessa charge e da própria CP, nem mesmo o vice o vê dessa forma. Pelo contrário. Coloca a figura de Bolsonaro como um possível

manipulador, que está usando da facada para se promover e, assim, conseguir os seus votos. Logo, vemos que há um processo de desconstrução do mito como salvador desde o seu nascedouro (campanha eleitoral de 2018).

Charge 37 - Série enunciativa II - Facada V



Fonte: Gilmar, 2021, [p.i.].⁹⁸

A última charge dessa série, de Gilmar, foi publicada em 16 de abril de 2021 pela *Rádio Peão*. Bolsonaro, aqui, ao contrário das anteriores, já era presidente do Brasil e pensava em se recandidatar ao cargo em 2022. Nesse mesmo dia, o Supremo

⁹⁸ Disponível em: <https://radiopeaobrasil.com.br/charge-do-gilmar-241/>

Tribunal Federal anulou as condenações de Lula e o tornou elegível para concorrer ao cargo em 2022, palavra essa que aparece como parte do título.

Ao longo do texto, vemos algumas perguntas sendo feitas pela personagem:

1. Manipulação da justiça?
2. Facada *fake*?
3. Ameaça comunista?

Durante o governo, Bolsonaro questionou em diversos momentos as eleições de 2018, alegando, segundo *CNN Brasil*, que teria ganhado no primeiro turno se não tivesse ocorrido uma fraude nas urnas eletrônicas, o que coloca a Justiça Eleitoral, responsável pelo sistema democrático do nosso país por meio das eleições como uma instituição duvidável. Inclusive, logo após o primeiro turno, Bolsonaro chegou a postar um vídeo, no qual dizia que, se perdesse, seria por conta de uma fraude nas urnas. Na ocasião, o TSE determinou a exclusão da postagem.

Em relação à facada, conforme os anos se passaram, começaram os questionamentos sobre a veracidade desse ato. Algumas pessoas, inclusive, defendem a ideia de que se tratou de uma manipulação para ganhar votos. Porém, pelos registros e pelos dados que temos, não é possível chegarmos a uma conclusão concreta. Um dos motivos para gerar esse questionamento é pelo fato de que, no vídeo, não é possível vermos o sangue após a facada. Quando a charge foi publicada, por exemplo, com os primeiros murmúrios sobre os candidatos à presidência em 2022, a facada voltou à pauta de discussão, principalmente nas redes sociais. Segundo Aggio (2021), se partirmos da ideia de que, sim, foi tudo parte de um plano de Bolsonaro e de seu filho, Flávio Bolsonaro, para fraudar as eleições, teríamos que assumir que nós, brasileiros, fomos vítimas desse ato. Por consequência, precisaríamos fazer algumas concessões, como questionar sobre a democracia do nosso país e concordar com teorias conspiratórias.

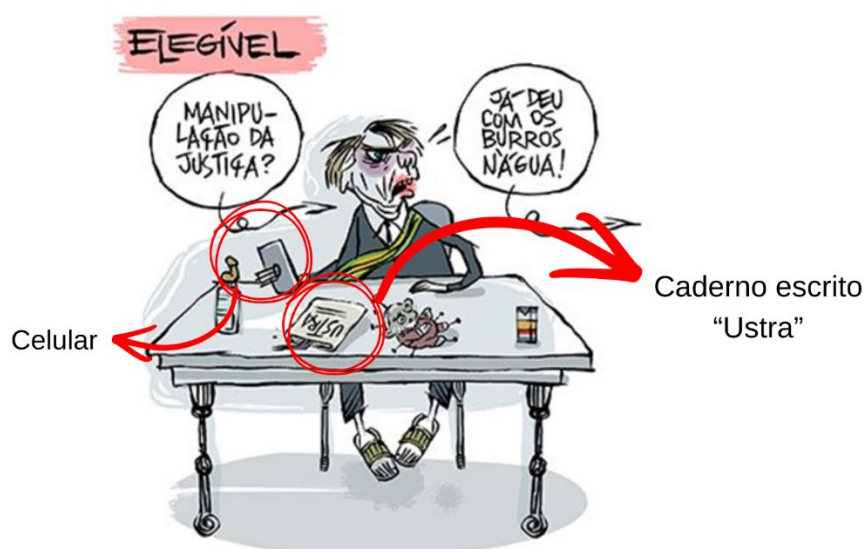
Ao longo da campanha eleitoral de 2018, vimos que Bolsonaro tentou manipular a população, alegando que o Partido dos Trabalhadores estava associado com o discurso comunista – visão essa que foi estabelecida como uma verdade discursiva dentro da Formação Discursiva bolsonarista e da direita.

Na charge, por sua vez, esses discursos são colocados como um recurso para “voltar os olhos” para o próprio Bolsonaro, colocando-o como uma posição de poder em relação ao concorrente que havia sido considerado como elegível para o próximo

ano. Porém, as respostas são todas relacionadas a como se fossem clichês da campanha e da imagem de Bolsonaro dentro da mídia, como se já tivesse esgotado aqueles recursos como uma tentativa de ser o mito, o messias da população novamente. No último quadro, vemos, ainda, a presença da fala “terá que ser no debate”. Algo que, nas eleições de 2018, não aconteceu, justamente por conta da facada.

Agora, vamos dar uma atenção maior para alguns detalhes visuais presentes na charge.

Charge 38 - Charge modificada para análise



Fonte: Modificado de Gilmar, 2021, [p.i.].⁹⁹

⁹⁹ Disponível em: <https://radiopeaobrasil.com.br/charge-do-gilmar-241/>

1. Celular: pode ser visto aqui como o recurso de propagação de *fake news* por meio das redes sociais e/ou como recurso que Bolsonaro utilizava para se comunicar com seus apoiadores;
2. Caderno com a palavra “Ustra”: Carlos Brilhante Ustra, coronel, foi um dos nomes vinculados aos torturadores durante a Ditadura Militar. Vale enfatizar que é uma figura adorada por Bolsonaro, sendo mencionada, inclusive, em seus discursos;
3. Mamadeira de piroca: foi uma das *fakes news* divulgadas ao longo da campanha eleitoral de 2018. A suposta notícia dizia que o PT estaria distribuindo mamadeiras de piroca para crianças em creches pelo país;
4. Boneco de vodu do Lula: no Ocidente, criou-se como uma verdade discursiva de que o vodu está associado a algo negativo, visto como assombro, uma forma mística de controlar o espírito de um indivíduo;
5. Cloroquina: medicação indicada pelo governo Bolsonaro para tratamento e prevenção da Covid-19. Algo que foi comprovado como ineficaz.

Como qualquer discurso, nada é por acaso e nada é neutro. Dessa forma, os elementos visuais presentes na mesa de Bolsonaro fazem muito mais do que meramente “decorar” o ambiente, como é comum de se fazer nas mesas de escritório. Aqui, ela materializa diversos momentos do governo e, principalmente, determina os dizeres e o posicionamento da figura do ex-presidente: como um manipulador, um propagador de notícias falsas, como idolatra de um torturador e, conseqüentemente, apoiador dos atos realizados durante a Ditadura Militar, como alguém que não acredita na ciência. Assim sendo, vemos que há, mais uma vez, uma quebra na construção de sujeito visto como mito associada a percepção de messias. Essa charge mostra que o ex-presidente, na verdade, é fraco e só chegou ao poder por conta de suas mentiras.

Ademais, é possível vermos como a posição de dominador de Bolsonaro vai se tornando a de dominado ao longo dos quadros, como é possível ver a seguir:

Charge 39 - Charge modificada para análise II



Fonte: Modificada de Gilmar, 2021, [p.i.].¹⁰⁰

Conforme a personagem percebe que “enfraqueceu”, que perdeu o seu controle de manipulação diante da nova conjuntura (o fato de Lula ser considerado como elegível), Bolsonaro passa a se esconder e a diminuir, se fazer menor na mesa, chegando, até mesmo, a tremer. Algo simbólico para materializar a transição de uma figura de poder para um que se tornou subordinado. Dessa forma, mesmo sendo representante da República, nesse contexto, ele passa a temer o outro, o que nos mostra, mais uma vez, a quebra dessa figura de mito como messias. Pois, pela própria construção do discurso bolsonarista, era esperado que ele fosse imbatível, como um ser que jamais se abalaria, independentemente da circunstância, do contexto. Percepção associada, dentro do discurso pastoral, da ideia do divino, de que nada é páreo, nada consegue enfrentar essa divindade.

5.3 SÉRIE ENUNCIATIVA IV: *PINTOU UM CLIMA*

Em 2022, ano de eleição, Bolsonaro, além de ser o presidente, estava concorrendo à reeleição do cargo. Em época de campanha, durante uma entrevista a um *PodCast*, realizada no dia 14 de outubro de 2022, disse ter “pintado um clima” com meninas estrangeiras e menores de idade. As charges dessa série seguem essa Condição de Produção. Por possuírem datas de publicação parecida, não nos ataremos a todo momento a volta dessa contextualização, apenas se o texto pedir por conter um discurso diferente e, consequentemente, ter uma o atravessamento de uma outra CP.

¹⁰⁰ Disponível em: <https://radiopeaobrasil.com.br/charge-do-gilmar-241/>

Charge 40 - Série enunciativa IV - Pintou um clima I



Fonte: Quinho, 2022, [p.i.].¹⁰¹

Publicada em 15 de outubro de 2022 no perfil do *Instagram* de Quinho, vemos a presença do real, a fala da personagem “pintou um clima” ao lado das materializações desse discurso de forma ficcional. Vemos Bolsonaro sendo construído de forma relativamente maior do que a garota, como uma forma de retratar a parte da realidade (Bolsonaro ser um adulto enquanto a menina ser uma criança). Além disso, percebemos que a garota aparece com um vestido branco, algo que, pelo pré-construído, traz como verdade o símbolo de alguém puro e inocente, conceito normalmente associado às crianças, que não possuem maldade, nem malícia. Em contrapartida, a figura de Bolsonaro é representada como algo maligno. Vimos isso acontecer na primeira série enunciativa, em que o ex-presidente foi desumanizado ao aparecer como rato. Aqui, assim como na outra, temos vestígios desse processo: o rabo e o fogo, os quais, também pelo pré-construído e associado ao discurso religioso, nos remete ao diabo.

As gotas saindo de seu rosto, a forma como seu corpo e as suas mãos estão posicionadas também trazem o sentido de que se trata de alguém sedento, podendo

¹⁰¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CjwLdPWOPjs/>

também ser associado com a ideia de um animal e a menina, por sua vez, como sua presa.

Infelizmente, as instâncias ideológicas criaram uma verdade em nossa sociedade: mulheres são vítimas de assédio e de violência sexual todos os dias, independentemente da idade. De acordo com uma pesquisa realizada pelo G1, três a cada quatro mulheres sofrem assédio no Brasil e metade dos casos ocorreram em transporte público ou nas ruas, como o caso das venezuelanas por Bolsonaro.

Charge 41 - Série enunciativa IV - Pintou um clima



Fonte: Bruno Struzani, 2022, [p.i.].¹⁰²

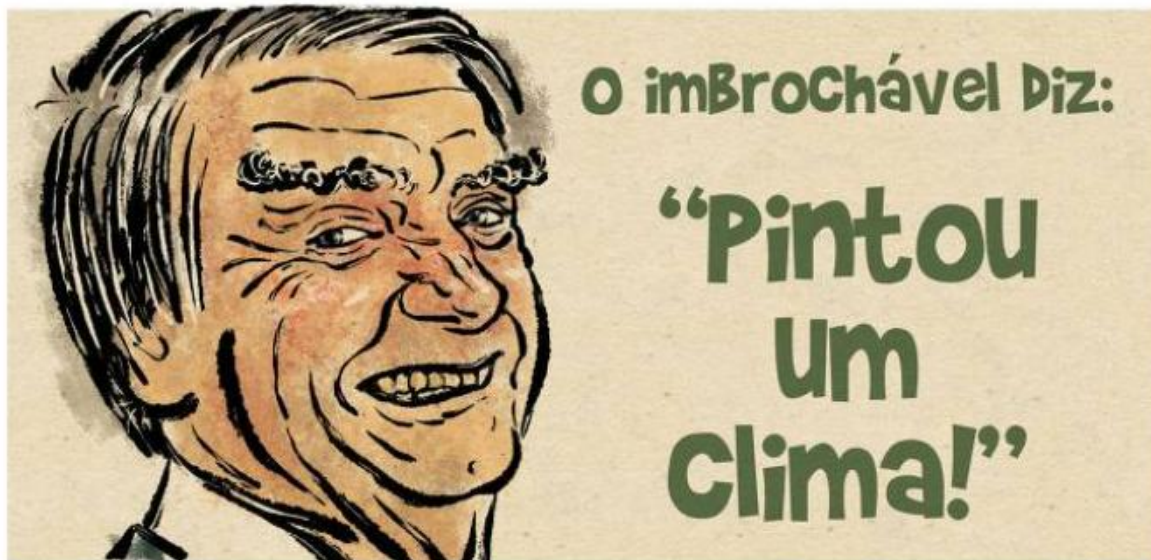
Assim como a anterior, a de Struzani também foi publicada em 15 de dezembro de 2022 pela rede social *Instagram*. Apesar de, nessa, não termos a caracterização completa da figura de Bolsonaro, há vestígios discursivos que o determinam: o terno, a faixa presidencial e a fala “pintou um clima”.

Ao contrário da primeira que materializa o ex-presidente como um animal/um diabo, aqui, pelo pré-construído, a personagem é construída como um assediador, o que é comprovado pela posição da mão no órgão sexual. É inegável que na nossa

¹⁰² Disponível em: <https://www.instagram.com/desenholadino/>

sociedade, há predadores sexuais. Atrelado a isso, o fato de ter uma representação de um homem se tocando em órgão revela uma imagem, cujo sentido cristalizado (estereótipo) é de um *ethos* de um abusador/de um assediador.

Charge 42 - Série enunciativa IV - Pintou um clima III



Fonte: Triscila Oliveira e Leandro Assis, 2022, [p.i.].¹⁰³

A charge de Triscila Oliveira e de Leandro Assis, também publicada no dia 15 de outubro de 2022, pela *Folha de S. Paulo*, traz um elemento diferente das outras. A parte verbal “o imbrochável diz”. Durante a celebração do dia 07 de setembro, data que nós, brasileiros, comemoramos a independência de nosso país, de acordo com Senra (2022), Bolsonaro disse cinco vezes a palavra “imbrochável”, palavra essa que não está no dicionário oficial da Língua Portuguesa, mas entendemos que se trata de alguém com um teor sexual inabalável. Porém, de acordo com o jornalista, não foi a primeira ocasião em que o ex-presidente proferiu.

- "Tenho certeza, eu sou 'imbrochável', não vou sair de combate", maio de 2018;
- “Eu sou imbrochável”, setembro de 2019;
- “Não vou brochar para atender vocês (jornalistas) pensando em reeleição. Eu sou imbrochável”, fevereiro de 2020;
- "Com todo respeito, na política, eu sou imbrochável", agosto de 2020;

¹⁰³ Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1737286470261340-charges-outubro-de-2022>

- "Fique tranquilo. Já falei que sou imorrível, imbrochável e também sou incomível", maio de 2021.

A feição da personagem junto das falas traz um teor sexual muito grande para a charge, mesmo que não tenha, ao contrário das outras, a animalização ou a apresentação do órgão sexual. Por meio da memória discursiva, percebemos que os traços da personagem são comuns em suas aparições públicas, principalmente quando faz/fala algo polêmico. Além de trazer um certo desdém sobre o ato. Como se essas falas não produzem, em sua figura, qualquer significância negativa. Pelo contrário, trata-se apenas de algo trivial.

Charge 43 - Série enunciativa IV - Pintou um clima IV



Fonte: João Montanaro, 2022, [p.i.].¹⁰⁴

A última dessa série enunciativa, de Montanaro, também foi publicada pela *Folha de S. Paulo* no dia 15 de outubro de 2022. A charge traz Bolsonaro em teor de igualdade com outras figuras públicas que perpassaram algum tipo de crime:

- Guilherme de Pádua: ator e pastor da igreja Batista. Foi condenado por assassinar Daniella Perez;
- Gabriel Monteiro: ex-vereador, condenado por assédio sexual e estupro; também responde por crimes de vazamento de vídeos íntimos, calúnia e difamação;
- Goleiro Bruno: jogador de futebol. Condenado por homicídio triplamente qualificado, sequestro e omissão de cadáver de Eliza Samudio;

¹⁰⁴ Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1737286470261340-charges-outubro-de-2022>

- Flordelis: ex-deputada e cantora gospel. Orquestrou e assassinou seu marido, pastor Anderson do Carmo.

Com exceção de Flordelis, todos os casos envolvem um crime à mulher. Bolsonaro, ao ser colocado em posição de igualdade, como semelhante, nos mostra que compartilham de um mesmo atravessamento discursivo e de um mesmo assujeitamento, o de Criminoso.

Como já fizemos uma análise parcial de cada charge, por atravessarem a mesma Condição de Produção, realizaremos, agora, uma consideração geral para pensarmos no processo de construção e de desconstrução do mito.

Mesmo que por materializações diferentes, a primeira e a segunda charge sugerem um *ethos*, uma imagem de um tipo de Sujeito: não se trata mais de um Sujeito Presidente, ou de um Sujeito Messias, mas, sim, de um Sujeito Predador. Nesse sentido, percebemos que a figura de Bolsonaro não tem mais nenhum vestígio de salvacionista, daquela concepção inicial de que ele iria proteger a população. Nessa CP, ele é “condenado” por um crime, no caso o de pedofilia e o de assediador.

Cremos que a cena chargística, por sua vez, possui uma conotação sexual não como uma enunciação de uma verdade objetiva, mas como produção de efeitos de sentido determinados pelas CPs. Nessa perspectiva, o discurso acaba por constituir, simbolicamente, sob o atravessamento da ideologia. Desse modo, a articulação entre elementos visuais (gesto corporal) e verbais (o enunciado “pintou um clima”) opera na construção de um *ethos* discursivo específico, que interpreta sujeito-leitor a reconhecer determinada imagem da personagem representada, vinculada a valores de ordem moral e social. Tal *ethos* não é inerente ao indivíduo empírico, mas resulta de processos discursivos inscritos em formações ideológicas que orientam a interpretação. Mais do que afirmar uma verdade, a charge produz efeitos de sentido/evidências que podem ser neutralizados como verdadeiros por determinados sujeitos, a depender de seus posicionamentos (ou lugares ocupados).

Ao longo de seu governo, o ex-presidente já havia sido colocado nessa posição durante a pandemia da Covid-19, por, assim como já apontamos, ter negado a existência da doença e do seu respectivo tratamento adequado, no caso, as vacinas. Dessa forma, vemos uma repetição dessa verdade. Aliás, mais do que isso. A maneira como as charges materializam o discurso descontroem totalmente a imagem e a

instância ideológica de uma possibilidade de Bolsonaro ser visto e construído como messiânico.

De acordo com Amossy (2015), não devemos confundir as instâncias internas de um discurso com a parte empírica. Afinal, é nessa internalidade que se determina o *ethos* discursivo. Lembrando que, para a AD, o sujeito não tem consciência dos seus dizeres, nem de suas ações. Pelo contrário, ele é condicionado, pela Condição de Produção, pela Formação Discursiva e pela Formação Ideológica a produzir certos dizeres. No caso dessa série, vemos que a concretização desse processo se dá por meio da animalização da figura de Bolsonaro, sendo colocado como:

1. Predador: pronto para a sua caça;
2. Assediador: preparado para atacar a sua vítima; pronto para ter o ato sexual;
3. Imbrochável: na charge, não há a instância e a verdade de ser viril, mas, sim, de crítica a isso;
4. Criminoso/Assassino: está em igualdade com figuras que foram condenadas por crimes.

De acordo com Foucault (2015):

A necessidade de salvar o todo implica que é necessário aceitar, se preciso, sacrificar uma ovelha que possa vir a comprometer o todo. A ovelha que escandaliza, a ovelha cuja corrupção ameaça corromper todo o rebanho deve ser abandonada, deve ser, eventualmente, excluída, expulsa etc. (Foucault, 2015, p. 226).

E, quando o pastor é quem faz o escândalo, o que deve ser feito? As charges materializam uma quebra dessa percepção de pastor preocupado (mesmo que só com uma parte da sociedade) de salvar, de se sacrificar pelo rebanho (os bolsonaristas). Aqui, ele assume a posição de um sujeito que ameaça e que compromete todo o restante. Logo, notamos que essa série não apresenta nenhum resquício desse discurso pastoral. Pelo contrário, ela nos mostra que Bolsonaro não é um messias, mas a própria ovelha que deveria ser abandonada.

5.4 SÉRIE ENUNCIATIVA VI: *O 8 DE JANEIRO PREENCHE OS REQUISITOS PARA UM GOLPE DE ESTADO? EU ACHO QUE NÃO*

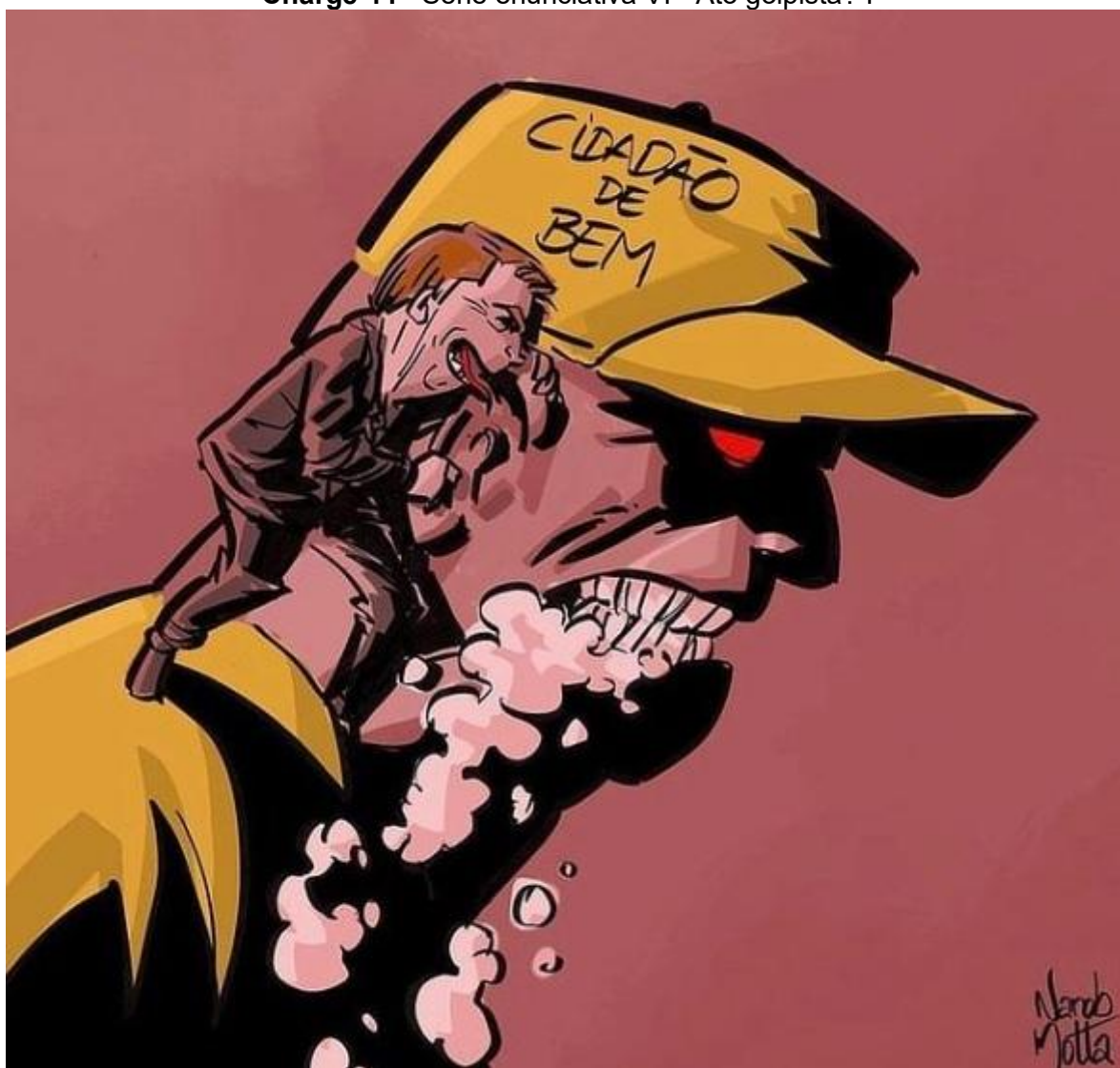
No dia 08 de janeiro de 2023, oito dias após a posse do presidente Luís Inácio Lula da Silva, segundo ANDES (2026):

[...] o Brasil assistiu a uma das mais graves investidas contra o Estado Democrático de Direito desde o fim da ditadura empresarial-militar. Milhares de pessoas, motivadas por discursos golpistas e por uma campanha sistemática de desinformação, invadiram e depredaram as sedes dos Três Poderes, em Brasília (DF), na tentativa de romper a ordem democrática e impedir o funcionamento das instituições republicanas (ANDES, 2026, [p.i]).

O Supremo, por sua vez, já responsabilizou 1.399 pessoas pelo ato. Desses, os casos foram classificados de acordo com o envolvimento da tentativa de golpe (organização criminosa, crimes de maior gravidade e condutas de menor potencial ofensivo). De acordo com ANDES (2026, [p.i]):

[...] 564 pessoas celebraram Acordos de Não Persecução Penal após confessarem culpa, enquanto 420 foram condenadas a penas privativas de liberdade e multas, que somam cerca de R\$ 30 milhões em danos morais coletivos. Outros 415 réus tiveram as penas de prisão substituídas por prestação de serviços à comunidade e restrições de direitos, além do pagamento de R\$ 5 milhões por danos coletivos (ANDES, 2026, [p.i]).

Além dos apoiadores que estiveram presentes no dia 08 e sofreram essas penalidades, Bolsonaro, considerado como um dos integrantes do núcleo central do golpe, em setembro de 2025, foi condenado a vinte e sete anos e três meses de prisão em regime inicial fechado. Ressaltamos, ainda, que é “a primeira vez na história republicana em que um ex-presidente eleito é condenado por crimes contra a democracia” (ANDES, 2026, [p.i.]), envolvido não só na tentativa de um golpe de Estado, mas por ter orquestrado um possível assassinato do presidente eleito (Lula), do vice (Geraldo Alckmin) e do ministro do Supremo Tribunal Federal (Alexandre de Moraes). Essa série, então, atravessa o contexto de quando o ato ocorreu. Assim sendo, todas as charges que constituem a nossa última série enunciativa foram publicadas no dia 08 de janeiro de 2023.

Charge 44 - Série enunciativa VI - Ato golpista? I

Fonte: Nando Motta, 2023, [p.i.].¹⁰⁵

A charge de Nando Motta, publicada em 08 de janeiro de 2018 no *Instagram*, nos mostra uma personagem tomada por fúria, com traços animais, como um cão raivoso ao ponto de espumar pela boca. Tal efeito de sentido só é possível de ser produzido devido às instâncias ideológicas que construíram como verdade discursiva essa imagem do animal bravo. Ainda nessa ideia, podemos observar a cor dos olhos, que também trazem essa concepção de ira. Conseguimos perceber que se trata de um bolsonarista por conta de três fatores:

1. os trajes amarelos (camiseta e boné);

¹⁰⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/desenhosdonando/>

2. o boné com o dizer “cidadão de bem”;
3. a personagem Bolsonaro no pé do ouvido.

Assim como apontamos, as cores possuem um papel importantíssimo para a construção e para a produção de sentido. Aqui, por sua vez, ao contrário de outras charges analisadas ao longo da tese, a vermelha não se refere, não faz menção ou desperta a memória de um grupo social específico (o PT, a oposição), porém ela trabalha com o sentimento, com a sensação que ela traz. Barbieri (2017) nos mostrou que a cor compõe/carrega um efeito emotivo, o qual depende de valores culturais. No caso do vermelho, tem-se como valor a raiva, sendo associada como algo negativo. Isto é, o vermelho nos olhos nos remete ao intradiscurso da ira e à expressão do senso comum: “sangue nos olhos”.

O amarelo, por outro lado, apesar de, em um aspecto emotivo, trazer o efeito contrário (remete à bandeira, ao patriotismo), na charge, ele serve para materializar e conduzir para um sentido específico: que se trata de um bolsonarista. Tal representação é crucial para compreendermos o contexto e a proporção que essa personagem tem diante da conjuntura dada, no caso a de se tratar de um golpe de Estado. Aliás, mais do que isso. Mostrar que o golpe se deu por meio de um patriota, como eles se autodenominam, de um sujeito que diz ser a favor do Brasil e dos bons costumes. Isso é reforçado pela parte verbal.

Já comentamos de forma mais aprofundada na primeira série enunciativa, mas vale a ressalva de que o cidadão de bem parte de dois lados. Para o pró-Bolsonaro, é alguém que luta pela família tradicional, pelo Brasil, pelo conservadorismo da sociedade. Para o anti-Bolsonaro, já se trata de um sujeito opressor, alienado pela figura de Bolsonaro. No caso dessa charge, vemos como há uma espécie de materialização dos dois discursos. Afinal, a FD central desse texto é a anti-Bolsonaro, e a forma como ele expressa essa raiva vem, justamente, a partir das condições que determinam o que esse grupo deve e pode dizer. Porém, ao mesmo tempo, a crítica só é possível de ser entendida por meio da FD pró-Bolsonaro. Em outras palavras, como as instâncias ideológicas construíram uma forma de vermos a figura do bolsonarista, quando ela é materializada seguindo essa percepção há a produção do humor.

Conforme apontado por Possenti (2018), o humor não deve ser associado ao ato de rir, mas ao fato de confrontar um aspecto social, de apresentar um momento

crucial da sociedade. Dessa forma, se voltarmos para a fala do autor, a produção de um texto humorístico é realizada a partir do momento em que há um acontecimento relevante para o meio social. O ataque a democracia, a invasão e a degradação do prédio do Planalto, a ameaça ao presidente eleito, ao vice e ao ministro do STF, principalmente partindo de um ex-presidente, é um assunto mais do que relevante para a nossa história.

Ao contrário de outras charges em que o tamanho/a posição das personagens traziam uma relação de força, um poder sobre o outro, aqui esse processo se dá de uma forma diferente. Na primeira série enunciativa, por exemplo, tínhamos a presença de Bolsonaro maior em relação aos seus apoiadores, o que nos trouxe, como produção de sentido, o fato de a figura do ex-presidente ser vista como uma autoridade, como o messias de seus seguidores. Nessa, por outro lado, notamos que há uma inversão. O bolsonarista é quem aparece dominando quase todo o quadro, enquanto Bolsonaro é colocado em um tamanho bem menor. Contudo, apesar dessa representação, vemos que, ainda, há essa relação de dominância por parte de Bolsonaro aos seus apoiadores. Pela memória discursiva, conseguimos recuperar a filosofia da alma dividida, a qual materializou, com o tempo, o “lado bom” e do “lado ruim” (anjo e diabo) em cima dos ombros de uma pessoa, responsáveis por conscientizar ou por influenciar nas decisões de um indivíduo.

Assim, vemos que a posição da personagem Bolsonaro, mesmo sendo menor, ainda carrega a ideia de superioridade, de poder sobre o outro, especificamente, sobre o apoiador. No caso, nos traz como efeito de sentido essa concepção da alma dividida, em que há um anjo e/ou um diabo conduzindo as ações do sujeito. Pela Condição de Produção e por sabermos que os bolsonaristas não agiram por conta própria, a materialização desse discurso ocorre pela forma como a personagem é representada. Portanto, é como se Bolsonaro tivesse, realmente, comandando cada ação para realizar a invasão e o golpe.

Charge 45 - Série enunciativa VI - Ato golpista? II

Fonte: Clayton, 2023, [p.i.].¹⁰⁶

A charge de Clayton, publicada em 08 de janeiro de 2023 no jornal *O Povo*, traz a ideia da manipulação de um jeito diferenciado. Ao invés de termos a figura de Bolsonaro sussurrando, é possível observarmos uma chave atrás da personagem, algo que é comum de vermos em brinquedos de corda, assim como ilustra a imagem a seguir:

¹⁰⁶ Disponível em: <https://kikacastro.com.br/2023/01/10/charges-bolsonaristas-golpistas/#jp-carousel-31683>

Figura 36 - Brinquedo de corda

Fonte: Márcio Pinho, 2026, [p.i.].¹⁰⁷

É claro que essa associação só é possível pela memória discursiva, responsável por recuperar o elemento da nossa história. O brinquedo de corda, para funcionar, precisa ser girado ao máximo, pois, a partir desse movimento, ele andava. Logo, ele precisava de um comando específico para funcionar. Na charge, o uso dessa “chave” (a parte que dá a corda) materializa o sentido de manipulação, da condução de um outro alguém para as ações do bolsonarista. Além disso, temos como efeito de sentido a ideia do próprio brinquedo, nos mostrando que o apoiador é um objeto usado da forma como o governo (Bolsonaro) quer/deseja. Na Condição de Produção dada, o desejo, a manipulação e a articulação do bolsonarismo era o de aplicar o golpe de Estado.

Ademais, a forma como a personagem foi construída – mesmo parecendo ser inventada -, como mostramos em uma charge similar no capítulo sobre os conceitos bases da Análise do Discurso, essa cena realmente aconteceu. Na linguagem dos quadrinhos, vimos que esse gênero materializa uma situação real de forma ficcional. Mesmo parecendo irreal, o posicionamento da personagem é verídico. O único elemento fictício é a presença da corda atrás dela.

¹⁰⁷ Disponível em: <https://www.marciopinho.com.br/peca.asp?Id=20625382>

Um outro elemento modificado da situação real é o dizer na bandeira. Ao invés de termos a palavra “ordem”, vemos que houve o acréscimo do prefixo “des”, o que, pela Condição de Produção e pela própria FD anti-Bolsonaro, traz como efeito de sentido o ato de criticar a ação do bolsonarista, que defecou no prédio do Planalto, mostrando, assim, um desrespeito ao ambiente e, conseqüentemente, à democracia.

Mais uma vez, observamos, como na charge anterior, que a crítica e o humor se dão devido à imagem que se construiu sobre como é e como age o bolsonarista: manipulado, alienado, oprimindo... Ademais, é importante reforçarmos o quanto a Condição de Produção é crucial para a promover e para construir o sentido. Pois só conseguimos compreender que se trata de uma situação real devido ao contexto. As cores presentes também fazem esse papel, porque foi construído e determinado pelo meio social de que o uso da bandeira, o uso da camiseta da seleção ou de trajes em verde e amarelo são pertencentes à direita, aos bolsonaristas.

A próxima charge, de Helô D'Angelo, publicada em 09 de janeiro de 2023 pelo *X* e pelo *Bluesky*, também traz a mesma cena do ato do dia 08 com o mesmo uso das cores, como é possível observarmos a seguir:

Charge 46 - Série enunciativa VI - Ato golpista? III



Fonte: Helô D'Angelo, 2023, [p.i.].¹⁰⁸

O diferencial já se observa com o primeiro quadro, no qual temos a presença da fala “manifestação violenta é coisa de esquerdista”. Dessa forma, podemos pensar: o que seria de esquerda e o que seria de direita? Pela concepção de Pêcheux (1988) sobre o outro, conseguimos compreender que:

1. Esquerda: manifestação violenta (agressão, degradação do ambiente, pichação);
2. Direita: manifestação pacífica (apenas lutando por seus direitos).

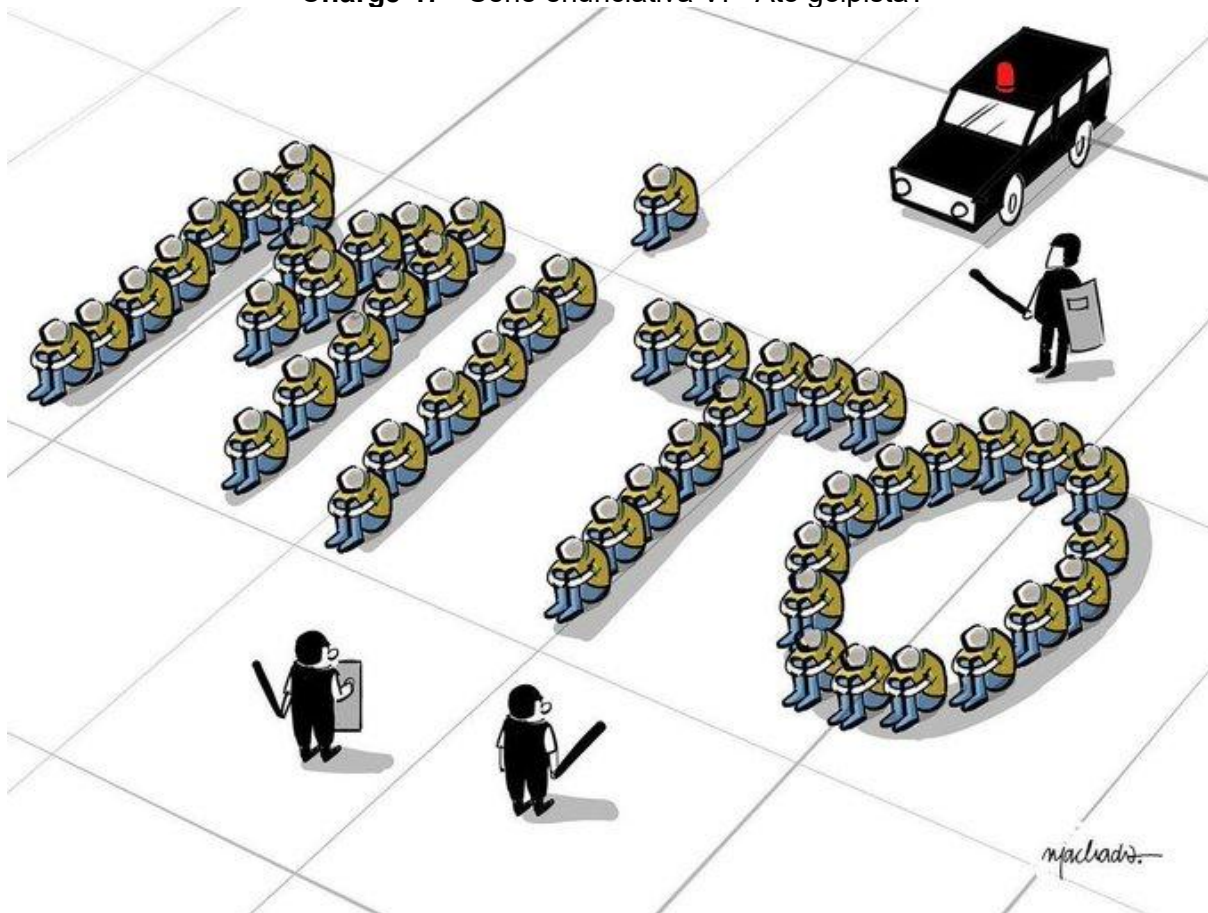
“Nós somos pacíficos e ordeiros”. A continuação da fala só comprova o conceito dado por Pêcheux. Ora, se a esquerda é baderneira, violenta, *nós* (a personagem) somos o oposto a isso. A direita é, então, a quebra dessa violência pregada e vivida pela esquerda. Porém, não é isso que revela o segundo quadro, e é isso que gera o humor. Dessa forma, a construção do humor ocorre tanto como uma provocação para o discurso vindo dos bolsonaristas quanto da quebra da expectativa.

¹⁰⁸ Disponível em: <https://kikacastro.com.br/2023/01/10/charges-bolsonaristas-golpistas/#jp-carousel-31683>

Pois, pela fala, esperamos que a personagem irá protestar exatamente como diz: pacificamente. Contudo, ela acaba degradando o ambiente, algo que, pela sua construção, era para a *esquerda* fazer.

Mais uma vez, vemos como a dualidade da Formação Discursiva é importante para a produção de sentido e para o humor da charge. Ademais, há um outro elemento que também é crucial para realizar a quebra da expectativa e para determinar os efeitos de sentido, o horário. No primeiro quadro, temos a marcação de 23:59 e no outro, 00:00. Teoricamente, seria apenas a mudança de um minuto. No entanto, construiu-se uma verdade na sociedade de que essa alteração configura a disparidade das duas ações: em um momento, a personagem alega que a esquerda quem é violenta; no outro, a direita se releva com essa característica.

Charge 47 - Série enunciativa VI - Ato golpista?



Fonte: Renato Machado, 2023, [p.i.].¹⁰⁹

¹⁰⁹ Disponível em: <https://kikacastro.com.br/2023/01/10/charges-bolsonaristas-golpistas/#jp-carousel-31683>

A última charge, de Renato Machado, publicada no dia 08 de janeiro de 2026 no *Instagram*, também traz as cores da bandeira nas vestes da personagem, sendo elas cruciais para materializar o discurso e o sentido de que se trata, de fato, dos apoiadores de Bolsonaro.

Na série enunciativa anterior, imagem do ex-presidente, dada as FDs e as CPs, foi determinado a uma posição-sujeito criminoso. O mesmo processo ocorre aqui, mas, agora, não se trata do Bolsonaro em si, mas de seus apoiadores. Foucault (2015) nos mostrou que o rebanho segue exatamente o pastor, o líder. Dessa forma, se o líder erra, o rebanho erra junto; se o líder acerta, o rebanho acerta junto. Assim sendo, notamos que esse processo ocorre com as personagens em posição de inferioridade diante dos policiais, como se fossem, de fato, criminosos que estão sendo punidos por seus atos.

Pela Condição de Produção, pelo pré-construído, o qual determinou como verdade que quem infringe as leis da Constituição deve sofrer as consequências e ser punido, sendo, também, sendo levado a ocupar o lugar de bandido. Nas charges I e II desta série, a manipulação foi materializada por meio da presença de Bolsonaro no ombro e na corda atrás da personagem. Nesta, ela ocorre pelo não-dito dado pela palavra “mito”.

Isso acontece porque criou-se como verdade que o mito é Bolsonaro, como se fossem sinônimos. Assim, mesmo sem a sua presença, mesmo sem mencionar o seu nome, por meio do *mito* já temos essa materialização. Pelo não-dito, então, vemos que ocorreu uma manipulação, uma alienação ao termos as personagens devidamente alinhadas formando a palavra mito e sendo punidas pelas ações que foram orientadas a fazer. Dessa forma, podemos entender que há a seguinte relação de poder:

1. polícia superior a Bolsonaro;
2. Bolsonaro superior aos bolsonaristas;
3. bolsonaristas sendo inferiores aos outros.

Por conta dessa posição, os apoiadores estão condicionados a reproduzir e a seguir as ações e os dizeres dados pela FD pró-Bolsonaro. Todavia, como Bolsonaro, nessa Condição de Produção não é mais autoridade máxima do país (ex-presidente), a sua força, o seu poder passa a ser “limitado”. Ou seja, depende da conjuntura dada

para ele assumir essa posição de sujeito. Como se trata de uma invasão ao Planalto e de um ato golpista, a CP determina que a figura de Bolsonaro é inferior à do atual presidente (Lula) e à dos policiais, que devem seguir as ordens do líder.

CONCLUSÃO

*Apesar de você
Amanhã há de ser
Outro dia
Ainda pago pra ver
O jardim florescer
Qual você não queria
Você vai se amargar
Vendo o dia raiar
Sem lhe pedir licença
E eu vou morrer de rir
Que esse dia há de vir
Antes do que você pensa*
Chico Buarque

Mito, messias, salvacionista. Essas foram as palavras que nos inquietaram muito antes da pesquisa se iniciar. Aclamadas e repetidas tantas vezes por tantos; odiadas e repetidas mais tantas vezes por outros. Uma disputa de poder que começou com as eleições de 2018, mas que não teve um fim (e, provavelmente, não terá).

A priori, o nosso objetivo era analisar se esses substantivos iriam se manter ao longo de todo o governo. Porém, percebemos, ao longo do caminho, que, na verdade, o nosso foco era outro. O nosso objetivo era analisar como o discurso anti-Bolsonaro materializava as principais polêmicas que envolveram essa figura chamada de *outsider*, que já acumulava discursos considerados ofensivos, preconceituosos e machistas, mas que, de alguma maneira, conseguiu conquistar uma parcela da população brasileira, o levando ao cargo mais importante da nossa sociedade, o de nos representar, o de promover um bom funcionamento para o nosso país e o de nos auxiliar diante as dificuldades.

Assim como foi exposto ao longo da tese, vimos que isso não ocorreu na prática. Os discursos continuaram, vivenciamos uma pandemia que levou diversas pessoas com ela. Tivemos negligência governamental. Tivemos censura nos quadrinhos e em tantas outras áreas. Tivemos discursos de ódio (inclusive proferidos por essa figura de autoridade máxima). No fim, o que nos restou foi o de compreender o todo. Entender, na verdade, como isso impacta a nossa sociedade.

Para isso, mudamos o nosso objetivo. Partimos de uma Formação Discursiva anti-Bolsonaro, selecionamos charges que pudessem ter tanto a convergência quanto a divergência de um sujeito mito/messias. Dessa forma, pudemos olhar, a partir de

uma desconstrução do Bolsonaro Salvador, como, em diferentes Condições de Produção, a quebra do mito ocorreria.

A primeira série enunciativa, Deus, pátria e família, baseou-se em falas que atravessaram (e que ainda atravessam) o bolsonarismo. A ideia de trazer a figura divina como parte do discurso político, a fim de, como apontou Charaudeau, se “vender” para a população. No entanto, as charges nos mostraram que, na verdade, essa manipulação, esse mascaramento não se mantiveram por muito tempo. Após eleito, a identidade discursiva tomou posse do Sujeito. Assim, mesmo que Bolsonaro tentasse promover uma imagem de ser o salvador do Brasil, mostrou-se, com os anos de governo, que, na verdade, o discurso cristão não se faz presente em suas ações. Defender o armamento, negligenciar vacina, se colocar como posição de vítima... são alguns dos elementos que foram materializados ao longo das charges da primeira série e que já nos revelaram, de forma evidente, a quebra da concepção de Bolsonaro como mito. Isso é reforçado, por sua vez, ao trazer a personagem em figuras em teor de igualdade com a de um rato, por exemplo.

Na segunda série, *Ele deu a facada e girou*, é perceptível, mais uma vez, um processo de mascarar a identidade discursiva. Nesse caso, a convergência do mito como salvador se dá pela ideia do “sofrimento”, da percepção de que foi ferido pelo seu povo. Contudo, as charges nos mostram que, na verdade, a facada evidenciou a própria contrariedade do discurso de Bolsonaro. Como a própria ideia do armamento. “Quem semeia pistolas colhe lâmina de aço”, quem semeia o ódio, a violência, acabou colhendo o próprio discurso. Além de “exigir respostas”. Não só de sua facada, mas também de suas tentativas de esconder as próprias ações. Uma tentativa de mostrar para o outro que ele era apenas uma vítima. Vítima da facada. Vítima das matérias publicadas nos jornais, as quais vinculavam o seu nome “sem evidências”, que tentavam retirá-lo do aspecto de messias. O bolsonarismo, de fato, aceitou o processo discursivo. Por isso, tivemos Bolsonaro como presidente. As charges, no entanto, nos mostram que o *outro*, a oposição, o discurso anti-Bolsonaro, não obteve o mesmo processo de aceitação discursiva.

Isso é reforçado, ainda nessa série, na última charge, a qual mostra um Bolsonaro diminuto em sua mesa presidencial, escondendo-se das verdades que foram comprovadas, das *fakes news* propagadas por ele ao longo da campanha eleitoral (e de seu governo), do medo de ter que enfrentar com o seu maior oponente mais

uma vez. Aliás, pior do que isso. Ter que enfrentar o seu oponente em um debate (elemento esse que não ocorreu nas eleições de 2018).

Na terceira série, *Pintou um clima*, a divergência do *ethos* de um representante salvacionista fica em total evidência. Afinal, como pode um presidente dizer que “pintou um clima” com meninas menores de idade? De colocar a mulher em um papel degradante e reforçar a instância ideológica social machista de que a figura feminina “pede” por certas ações vindas do homem, como a do ato sexual. As charges, aqui, apenas materializaram um discurso que já estava presente na figura de Bolsonaro antes mesmo de ele ser candidato à presidência. Assim, podemos questionar, inclusive, como ele conseguiu se promover como pertencente ao discurso cristão e como um possível salvador do nosso país.

A última série, por sua vez, mostra os vestígios do bolsonarismo no próprio bolsonarista. Mesmo que o governo já tivesse se encerrado, os apoiadores mantiveram a postura de aclamar por Bolsonaro. O *ethos* de mito salvador, por parte deles, manteve-se firme. As charges anti-Bolsonaro, por outro lado, trazem à tona que o problema não é a esquerda e/ou os eleitores de Lula, mas, sim, o próprio Bolsonaro e os seus respectivos apoiadores, os quais foram os responsáveis por danificar um patrimônio público. Aliás, podemos levantar a questão: como os patriotas, os defensores do Brasil podem degradar esse ambiente? A materialização do discurso presente nas charges nos mostrou que o motivo por trás disso é, justamente, a divergência que há entre Salvador e Bolsonaro. Mesmo que haja essa associação por parte deles de que Mito, Salvador, Messias e Bolsonaro sejam substantivos sinônimos, o discurso presente na charge indica o contrário. Bolsonaro não é mito, muito menos salvador do Brasil.

Bolsonaro, na verdade, é e foi apenas um político. Assim como tantos outros que já passaram pelo Brasil e que, provavelmente, ainda vão passar. Ele, apenas, utilizou, de forma inconsciente, o discurso político. O que nos resta, ainda, mesmo ao final da pesquisa, entender é: por que a população continua buscando, incansavelmente, uma figura que pode nos salvar? Podemos, inclusive, ampliar essa pergunta: do que ser salvo? De um partido político?

Iniciamos a pesquisa com certas inquietações. No fim, muitas delas foram respondidas ao longo da tese. Outras, por sua vez, se formaram ao longo do trabalho. Deixamos registradas, nessas considerações finais, para que alguém, um dia, possa continuar e saná-las. Afinal, mesmo com o fim do governo Bolsonaro, vemos que há

muitas questões que cabem aos estudos da linguagem responder, a fim de compreender como os vestígios discursivos desse contexto influenciaram e influenciam em nosso meio social. Em uma tentativa de não só promover reflexão, mas de evitar que a história se repita.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. *O riso e o risível na história do pensamento*. Rio de Janeiro: Zahar/FGV, 1999.

ALTHUSSER, L. *Aparelhos Ideológicos de Estado*: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE). Rio de Janeiro: Graal, 1985.

AMOSSY, R. Da noção retórica de ethos à análise do discurso. In: AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso*: a construção do ethos. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

ANDES. 8 de Janeiro marca três anos da tentativa de golpe contra o Estado Democrático de Direito. *Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições do Ensino Superior*, 2026. Disponível em: <https://www.andes.org.br/conteudos/noticia/8-de-janeiro-marca-tres-anos-da-tentativa-de-golpe-contra-o-estado-democratico-de-direito1>. Acessado em: 06 abr 2026.

BARROS II, J. R. *Poder pastoral e cuidado de si em Foucault*. Foz do Iguaçu: Edunila, 2020.

BARTHES, R. *Mitologias*. São Paulo: Record, 2019.

BBC NEWS BRASIL. 5 vezes em que Bolsonaro disse “e daí?” sobre temas importantes. *BBC News Brasil*, 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52478242>> Acessado em: 06 abr 2026.

BBC NEWS BRASIL. Assista ao pronunciamento de Jair Bolsonaro sobre crise do coronavírus. *BBC News Brasil*, 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zuBs0NVr-70>> Acessado em: 06 abr 2026.

BBC NEWS BRASIL. O que é intervenção federal no DF decretada por Lula e aprovada no Congresso. *BBC News Brasil*, 2023. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-64205789>> Acessado em: 06 abr 2026.

BBC NEWS BRASIL. Quem são os condenados a 76 anos de prisão pelo assassinato de Marielle Franco. *BBC News Brasil*, 2026. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cj6dx1k69nko>. Acessado em: 06 abr 2026.

BRASIL DE FATO. Bolsonaro, sobre os 80 tiros contra músico no Rio: “O Exército não matou ninguém”. *Brasil de Fato*, 2019. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2019/04/12/bolsonaro-sobre-os-80-tiros-contra-musico-no-rio-o-exercito-nao-matou-ninguem/>> Acessado em: 06 abr 2026.

BRASIL DE FATO. Em 20 anos, Brasil instaurou 155 inquéritos usando Lei de Segurança Nacional. *Brasil de Fato*, 2020. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/06/26/em-20-anos-brasil-instaurou-155-inqueritos-usando-a-lei-de-seguranca-nacional/>> Acessado em: 06 abr 2026.

BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. *Dicionário de política*. Trad. João Ferreira. 11. Ed. Brasília: Editora de Brasília, 1998.

CARVALHO, L. M. *O cadete e o capitão: a vida de Jair Bolsonaro no quartel*. São Paulo: Todavia, 2019.

CHARAUDEAU, P. *Discurso político*. Trad. Fabiana Komesu; Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

COURTINE, J. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. 1. reimpr. Trad. Cristina Birck, Didier Martin e Maria Lúcia Meregalli, et al. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2014.

CRUZ, J. D. *Ideologia, história e relações discursivas: uma análise do discurso de posse presidencial de Jair Bolsonaro*. São Paulo, 2020. Dissertação (Mestrado em Letras). 88 f. Universidade Presbiteriana Mackenzie.

CNN. Bolsonaro encontra manifestantes que criticavam STF e Congresso. *CNN Brasil*, 2020. Disponível em: < <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/com-transmissao-online-bolsonaro-encontra-manifestantes-em-brasilia/> > Acessado em: 06 abr 2026.

CNN. “Não será comprada”, diz Bolsonaro nas redes sobre vacina Coronav. *CNN Brasil*, 2020. Disponível em: < <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/nao-sera-comprada-diz-bolsonaro-nas-redes-sobre-coronavac/> > Acessado em: 06 abr 2026.

CNN. O que foi a operação Lava Jato. *CNN Brasil*, 2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/o-que-foi-a-operacao-lava-jato/>> Acessado em: 06 abr 2026.

FIGUEIREDO, P. Bolsonaro mente ao dizer que Haddad criou “kit gay”. *El País*, 2018. Disponível em: < https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/12/politica/1539356381_052616.html > Acessado em: 06 abr 2026.

FOLHA DE S. PAULO. Planos de segurança pública são engavetados a cada novo governo federal. *Folha de S. Paulo*, 2018. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/02/planos-de-seguranca-publica-sao-engavetados-a-cada-novo-governo-federal.shtml> > Acessado em: 06 abr 2026.

FOLHA DE S. PAULO. Bolsonaro estimula população a invadir hospitais para filmar oferta de leitos. *Folha de S. Paulo*, 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/06/bolsonaro-estimula-populacao-a-invadir-hospitais-para-filmar-oferta-de-leitos.shtml>> Acessado em: 06 abr 2026.

FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade: curso no College de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado, 10. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

G1. Jair Bolsonaro leva facada durante ato de campanha em Juiz de Fora. *G1*, 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2018/09/06/ato-de-campanha-de-bolsonaro-em-juiz-de-fora-e-interrompido-apos-tumulto.ghtml>> Acessado em: 06 abr 2026.

G1. Temer assina decreto de intervenção federal na segurança do Rio de Janeiro. *G1*, 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/temer-assina-decreto-de-intervencao-federal-na-seguranca-do-rio-de-janeiro.ghtml>> Acessado em: 06 abr 2026.

G1. Veja como foram os últimos dias de campanha de Jair Bolsonaro no 2º turno. *G1*, 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/27/veja-como-foram-os-ultimos-dias-de-campanha-de-jair-bolsonaro-no-2o-turno.ghtml>> Acessado em: 06 abr 2026.

G1. Jair Bolsonaro: as promessas do candidato do PSL à presidência. *G1*, 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/11/jair-bolsonaro-as-promessas-do-candidato-do-psl-a-presidencia.ghtml>> Acessado em: 06 abr 2026.

G1. Leia a íntegra do depoimento de Sergio Moro à Polícia Federal. *G1*, 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/05/leia-a-integra-do-depoimento-de-sergio-moro-a-policia-federal.ghtml>> Acessado em: 06 abr 2026.

G1. Jair Bolsonaro é alvo de operação da Polícia Federal e passa a usar tornozeleira eletrônica. *G1*, 2025. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/blog/camila-bomfim/post/2025/07/18/jair-bolsonaro-e-alvo-de-buscas-da-pf.ghtml>> Acessado em: 06 abr 2026.

GIANNINI, A. HQ de “Demolidor” de janeiro traz suposta referência a Bolsonaro. *O Globo*, 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/hq-de-demolidor-de-janeiro-traz-suposta-referencia-bolsonaro-23382766>> Acessado em: 06 abr 2026.

GUEDES, O. CPI da Covid: Governo Bolsonaro recusou 11 vezes oferta para compras da vacina. *G1*, 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/blog/octavio-guedes/post/2021/04/27/cpi-da-covid-governo-bolsonaro-recusou-11-vezes-ofertas-para-compras-de-vacina.ghtml>> Acessado em: 06 abr 2026.

JORNAL NACIONAL. Bolsonaro ataca vacinação e questiona honestidade da Anvisa; comunidade médica repudia. *G1*, 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/01/06/bolsonaro-ataca-a-vacinacao-e-questiona-a-honestidade-da-anvisa-comunidade-medica-repudia.ghtml>> Acessado em: 06 abr 2026.

JUNQUEIRA, C. Alexandre de Moraes determina ação imediata para desbloquear rodovia. *CNN Brasil*, 2022. Disponível em: < <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/alexandre-de-moraes-determina-acao-imediata-para-desbloquear-rodovias/> > Acessado em: 06 abr 2026.

LOPES, A. J. Relembre as declarações de Bolsonaro sobre vacinação. *Poder 360*, 2022. Disponível em: < <https://www.poder360.com.br/governo/relembre-declaracoes-de-bolsonaro-sobre-a-vacinacao/> > Acessado em: 06 abr 2026.

LYNCH, C.; CASSIMIRO, P. H. *O populismo reacionário: ascensão e legado do Bolsonarismo*. São Paulo: Editora Contracorrente, 2022.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. Trad. Cecília P. de Souza e Silva. São Paulo: Editora Cortez, 2008.

MATTOSO, C.; NOGUEIRA, I.; BRAGSON, R. Bolsonaro emprega servidora fantasma que vende açaí em Angra. *Folha de S. Paulo*, 2018. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/01/1949719-bolsonaro-emprega-servidora-fantasma-que-vende-acai-em-angra.shtml> > Acessado em: 06 abr 2026.

MIANI, R. A. *Charge: elementos de teoria e subsídios para uma metodologia de análise*. São Paulo: Editora Criativo, 2023.

MIGUEL, L. F. Em torno do conceito do mito político. *SciELO Brasil*, 1998. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/dados/a/wKTJtqBsKZsp7XZzcy5fKNH/?lang=pt> > Acessado em: 06 abr 2026.

MOURA, M.; CORBELLINI, J. *A eleição disruptiva: por que Bolsonaro venceu*. São Paulo: Record, 2019.

ORLANDI, E. *As formas do silêncio: no movimento dos saberes*. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Orlandi. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1988.

PÊCHEUX, M. A análise do discurso: três épocas (1983). In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethania Mariani et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethania Mariani et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

PODER 360. Bolsonaro é recebido no Japão aos gritos de “mito”. *Poder 360*, 2018. Disponível em: < <https://www.poder360.com.br/eleicoes/bolsonaro-e-recebido-no-japao-aos-gritos-de-mito/> > Acessado em: 06 abr 2026.

PODER 360. Lula pauta 1ª parte de debate com covid e vacinas. *Poder 360*, 2022. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/eleicoes/lula-pauta-1a-parte-de-debate-com-covid-e-vacinas/>> Acessado em: 06 abr 2026.

PODER 360. Facada de Bolsonaro completa 7 anos; relembre o impacto político. *Poder 360*, 2025. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/poder-brasil/facada-de-bolsonaro-completa-7-anos-relembre/>> Acessado em: 06 abr 2026.

PORTAL DO GOVERNO FEDERAL. Pandemia. *Gov.br*, 2025. Disponível em: <<https://www.gov.br/pt-br/search?origem=form&SearchableText=pandemia>> Acessado em: 06 abr 2026.

POSSENTI, S. *Cinco ensaios sobre humor e análise do discurso*. São Paulo: Parábola, 2018.

QUINTELA, F. João 8,32. *Gazeta do Povo*, 2019. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/flavio-quintela/joao-8-32-bolsonaro-verdade-vos-libertara/>> Acessado em: 06 abr 2026.

RAMOS, P. *A leitura dos quadrinhos*. 2. reimpr. São Paulo: Contexto, 2016.

RIBEIRO, L.; OLIVEIRA, V. “Eu quero que o povo se arme”. In: *Governo Bolsonaro: retrocesso democrático e degradação política*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

RIANI-COSTA, Camilo Floriano. *Linguagem & cartum... tá rindo do quê?* Um mergulho nos salões de humor de Piracicaba. São Bernardo do Campo, 2001. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). 182 f. Universidade Metodista de São Paulo.

RICHTER, A. “Pintou um clima”: Bolsonaro é condenado por fala sobre venezuelanas. *Agência Brasil*, 2025. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2025-07/pintou-um-clima-bolsonaro-e-condenado-por-fala-sobre-venezuelanas>> Acessado em: 06 abr 2026.

ROMUALDO, Edson Carlos. *Charge jornalística: Intertextualidade e polifonia – Um estudo de charges da Folha de S.Paulo*. Maringá, PR: Eduem, 2000.

SAKAMOTO, L. “Pintou um clima” com meninas gera pedido de impeachment contra Bolsonaro. *UOL*, 2022. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2022/10/28/pintou-um-clima-com-meninas-gera-pedido-de-impeachment-contrabolsonaro.htm>> Acessado em: 06 abr 2026.

SANTOS, M. R. Jair Bolsonaro: algumas razões para explicar o fenômeno do “mito”. *Gazeta do Povo*, 2017. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/jair-bolsonaro-algumas-razoes-para-explicar-o-fenomeno-do-mito-dt0wz8s8agwlmwpz02yia8fnq/>> Acessado em: 06 abr 2026.

SARDINHA, E. As frases polêmicas de Jair Bolsonaro. *Congresso em Foco*, 2020. Disponível em: <<https://www.congressoemfoco.com.br/noticia/40136/as-frases-polemicas-de-jair-bolsonaro>> Acessado em: 06 abr 2026.

SILVA, C. G. C. *O bolsonarismo da esfera pública: uma análise foucaultiana sobre os conceitos de pós-verdade, fake news e discurso de ódio presentes nas falas de Bolsonaro*. Manaus, 2020. Dissertação (Mestrado em Letras). 237 f. Universidade Federal do Amazonas.

SINDICATO DOS JORNALISTAS DE SÃO PAULO. Carta aberta em defesa da liberdade artística e ao direito ao humor. *Sindicato dos Jornalistas de São Paulo*, 2020. Disponível em: <<https://sjsp.org.br/carta-aberta-em-defesa-da-liberdade-artistica-e-ao-direito-ao-humor/>> Acessado em: 06 abr 2026.

SOUZA, D. R. *A reprodução discursiva do poder e o contradiscurso: o “cidadão de bem” em discursos do presidente da República e de antibolsonaristas*. Recife, 2021. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem). 134 f. Universidade Federal Rural de Pernambuco.

TCHAKHOTINE, S. *A violação das massas pela propaganda política*. Trad. Miguel Arraes. Edição Eletrônica: Ed. Ridendo Castigat Mores, 2002.

TEIXEIRA, L. G. S. *Sentidos do humor, trapaças da razão: a charge*. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2005.